



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANDRÉ SILVA OLIVEIRA

MODALIDADE VOLITIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA NOS DISCURSOS DO
PAPA FRANCISCO EM VIAGEM APOSTÓLICA

FORTALEZA

2017

ANDRÉ SILVA OLIVEIRA

**MODALIDADE VOLITIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA NOS DISCURSOS DO
PAPA FRANCISCO EM VIAGEM APOSTÓLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O45m Oliveira, André Silva.
Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica / André Silva Oliveira. – 2017.
310 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.

1. Discurso do Papa Francisco. 2. Gramática Discursivo-Funcional. 3. Modalidade Volitiva. 4. Língua Espanhola. I. Título.

CDD 410

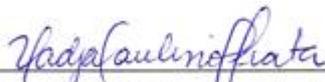
ANDRÉ SILVA OLIVEIRA

**MODALIDADE VOLITIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA NOS DISCURSOS DO
PAPA FRANCISCO EM VIAGEM APOSTÓLICA**

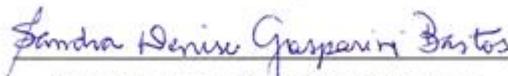
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 09/10/2017.

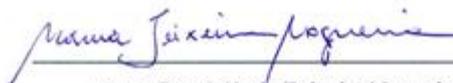
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
Universidade Estadual Paulista (UNESP)



Prof. Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, essa força maior que rege o Universo.
Aos meus pais, meus primeiros educadores, e
aos meus professores pela contribuição na
minha formação profissional e humana.

AGRADECIMENTO

A CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata, que posso considerar como minha referência como pessoa e como profissional, por ela ter acompanhado os meus passos durante a graduação e pelo o apoio e incentivo que me deu para o ingresso no mestrado. Sempre muito atenciosa e dedicada, auxiliou-me durante todas as etapas desta pesquisa. Agradeço pela amizade, pelo carinho, pela atenção, pela excelente orientação e, principalmente, por ter acreditado e depositado confiança em mim. *¡Muchísimas gracias!*

À professora participante da banca examinadora, a Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira que, inicialmente, acolheu-me como orientando no mestrado, ajudando-me na escolha do tema desta pesquisa, assim como pela escolha do *corpus*. Agradeço pelas valiosíssimas contribuições que me foram dadas durante esta pesquisa, tanto na qualificação quanto na disciplina de Seminários, a quem considero uma referência nos estudos funcionalistas no Ceará, meu muito obrigado!

À professora Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos que também compôs a esta banca examinadora, pelas valiosas colaborações e sugestões a esta pesquisa, a quem me sinto honrado pelo tempo que se dedicou a leitura desta pesquisa.

Aos professores do mestrado, pela minha formação em Linguística.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas durante as disciplinas e fora dela.

Ao meu amigo Jaderlano, pelas tardes de sábado que passei em sua casa, pelas conversas que tivemos e pelo apoio que me foi dado nos momentos em que falava a respeito da minha pesquisa.

Às minhas irmãs, Adriana Maria, Francisca Andra e Sara (*la consentida*), pelas nossas conversas, pelo apoio e pela amizade. Adoro vocês!

Aos meus pais, Francisco José e Francisca de Sousa, pelo apoio que me foi dado durante esses meses de preparação e dedicação a minha pesquisa. Agradeço pelos valores morais e éticos que me ensinaram e dos quais levo comigo, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, por haverem acreditado em mim e pelo apoio que me foi dado a seguir em frente naquilo que desejava almejar.

A Deus, essa forma maior que rege o universo.

“Um desejo é sempre uma falta, carência ou necessidade. Um estado negativo que implica um impulso para a sua satisfação, um vazio com vontade de ser preenchido” (MARTINS).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar e descrever a manifestação da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, tendo em vista a relação entre a Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional), a Codificação (Nível Morfossintático) e o Componente Contextual. Conforme a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e partindo do pressuposto de que a modalidade volitiva está relacionada ao que é (in)desejável (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), postulamos que o Nível Morfossintático codifica diferentemente a modalidade volitiva, tendo em vista os elementos do Nível Interpessoal, do Nível Representacional e do Componente Contextual. Para isso, constituímos um *corpus* com 13 discursos proferidos pelo Papa Francisco em quatro viagens apostólicas realizadas entre os anos de 2015 e 2016 aos Estados Unidos, a Cuba, à América do Sul (Equador, Bolívia e Paraguai) e ao México. A análise *quantitativo-qualitativa* dos dados obtidos com o auxílio do SPSS (*Statistical Package for Social Science*) em relação à modalidade volitiva revelou-nos que o Papa Francisco prefere modalizar, volitivamente, para o *Ouvinte 1* (chefes de estados, altas autoridades e sociedade civil) em ambientes *políticos* e, em ambientes *religiosos*, para o *Ouvinte 2* (bispos, sacerdotes e fiéis católicos). Verificamos que o Sumo Pontífice costuma construir-se como fonte de tipo *Enunciador* nos seus discursos, preferindo ilocuições *declarativas* e *optativas* para a instauração dos valores semânticos de *desideração*, *optação* e *intenção*, majoritariamente, sobre o alvo de tipo *Domínio Comum*; utilizando-se de *auxiliares modais*, *verbos plenos* e *construções volitivas* e empregando, preferencialmente, o *presente do indicativo*. Constatamos ainda que as categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático se relacionavam tanto com as categorias de análise referentes ao Nível Representacional, como às do Nível Interpessoal e do Componente Contextual, atestando, dessa forma, a nossa hipótese primária. Por fim, apresentamos as nossas dificuldades na análise e descrição da modalidade volitiva, haja vista que ela pode se apresentar de forma “atípica” (sem o emprego de modalizadores) por meio do *contexto* ou de *orações finais*; além de dissertamos sobre as marcas de *polidez* e *cortesia* empregadas por meio de verbos volitivos, mas sem que configurassem como expressão da volição, bem como os casos de *aspectualidade* do verbo pleno *querer*.

Palavras-chave: Discurso do Papa Francisco. Gramática Discursivo-Funcional. Modalidade Volitiva. Língua Espanhola.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar y describir la manifestación de la modalidad volitiva en lengua española en los discursos del Papa Francisco en viaje apostólico, teniendo en vista la relación entre la Formulación (Nivel Interpersonal y Nivel Representacional), la Codificación (Nivel Morfosintáctico) y el Componente Contextual. Conforme la Gramática Discursivo-Funcional (GDF) y partiendo del supuesto de que la modalidad volitiva está relacionada a lo que es (in)deseable (HENGEVELD y MACKENZIE, 2008), postulamos que el Nivel Morfosintáctico codifica diferentemente la modalidad volitiva, considerando los elementos del Nivel Interpersonal, del Nivel Representacional y del Componente Contextual. Para ello, constituimos un *corpus* con 13 discursos pronunciados por el Papa Francisco en cuatro viajes apostólicos realizados entre los años 2015 y 2016 a Estados Unidos, Cuba, América del Sur (Ecuador, Bolivia y Paraguay) y México. El análisis cuantitativo-cualitativo de los datos obtenidos con la ayuda del SPSS (*Statistical Package for Social Science*) en relación con la modalidad volitiva nos reveló que el Papa Francisco prefiere modalizar, volitivamente, al *Oyente 1* (jefes de estados, altas autoridades y sociedad civil) en ambientes *políticos* y, en ambientes *religiosos*, para el *Oyente 2* (obispos, sacerdotes y fieles católicos). Hemos comprobado que el Sumo Pontífice suele construirse como fuente de tipo *Enunciador* en sus discursos, prefiriendo ilocuciones *declarativas* y *optativas* para la instauración de los valores semánticos de *desideración*, *optación* e *intención*, mayoritariamente, sobre el meta de tipo *Dominio Común*; utilizando los *auxiliares modales*, *verbos plenos* y *construcciones volitivas* y empleando, preferentemente, el *presente* del *indicativo*. Constatamos que las categorías de análisis relativas al Nivel Morfosintáctico se relacionaban tanto con las categorías de análisis referentes al Nivel Representacional, como a las del Nivel Interpersonal y del Componente Contextual, atestiguando de esa forma nuestra hipótesis primaria. Por último, presentamos nuestras dificultades en el análisis y descripción de la modalidad volitiva, ya que puede presentarse de forma "atípica" (sin el empleo de modalizadores) por medio del *contexto* o de *oraciones finales*; además de disertar sobre las marcas de *polidez* y *cortesía* empleadas por medio de verbos volitivos, pero sin que configuraran como expresión de la volición, así como los casos de *aspectualidad* del verbo pleno *querer*.

Palabras-clave: Discurso del Papa Francisco. Gramática Discursivo-Funcional. Modalidad Volitiva. Lengua Española.

ABSTRACT

The main goal of this research is to analyze and describe the manifestation of the volitive modality in Spanish language in the discourses of Pope Francis on apostolic journey, considering the relationship between Formulation (Interpersonal Level and Representational Level), Codification (Morphosyntactic Level) and the contextual component. According to the Discursive-Functional Grammar (FDG) and assuming that the volitive modality is related to what is (in)desirable (HENGEVELD and MACKENZIE, 2008), we postulate that the Morphosyntactic Level encodes the volitive modality differently, considering the elements of the Interpersonal Level, the Representational Level and the Contextual Component. To this end, we have constituted a *corpus* of 13 speeches given by Pope Francis in four apostolic journeys between the years 2015 and 2016 to the United States, Cuba, South America (Ecuador, Bolivia and Paraguay) and Mexico. The quantitative-qualitative analysis of the data obtained with the SPSS (*Statistical Package for Social Science*) in relation to the volitive modality revealed to us that Pope Francis prefers to modify, volitively, to *Listener 1* (heads of states, high authorities and society civilian) in *political* settings and in *religious* settings for *Listener 2* (bishops, priests and Catholic people). We find that the Supreme Pontiff usually builds himself as an *Enunciator* type source in his discourses, preferring *declarative* and *optional* illocutions for the establishment of semantic values of *desideration*, *willness* and *intention*, mostly on the *Common Domain* type target; using *modal auxiliaries*, *full verbs*, and *volitive constructions*, and preferably employing the *present indicative*. We also found that the categories of analysis related to the Morphosyntactic Level were related both to the categories of analysis related to the Representational Level, as well as to the Interpersonal Level and the Contextual Component, thus attesting to our primary hypothesis. Finally, we present our difficulties on the analysis and description of the volitive modality, since it can present itself in an "atypical" way (without the use of modalizers) through the *context* or *final clauses*; in addition to discussing the marks of *politeness and courtesy* employed by means of volitive verbs, but without configuring them as an expression of volition, as well as the cases of *aspectuality* of the full verb *will*.

Keywords: Discourse of Pope Francis. Discursive-Functional Grammar. Volitive Modality. Spanish Language.

RESUMÉ

Le but de cette recherche est d'analyser et de décrire la manifestation de la modalité volitionnelle en espagnol dans les discours du Pape François durant ses voyages apostoliques considérant la relation entre Formulation (Niveau Interpersonnel et Niveau de Représentatif), Codification (Niveau Morphosyntaxique) et Composant Contextuel. Selon la Grammaire Discursive-Fonctionnelle (GDF) et en supposant que la modalité volitionnelle est liée à ce qui est (in)désirable (HENGEVELD et MACKENZIE, 2008), nous postulons que le Niveau Morphosyntaxique encode la modalité volitionnelle différemment, compte tenu de la éléments du Niveau Interpersonnel, du Niveau Représentatif et de la Composant Contextuel. À cette fin, nous avons constitué un *corpus* de 13 discours prononcés par le Pape François dans quatre voyages apostoliques entre 2015 et 2016 aux États-Unis, Cuba, Amérique du Sud (Equateur, Bolivie et Paraguay) et au Mexique. L'analyse quantitative-qualitative des données obtenues avec le SPSS (*Statistical Package for Social Science*) en relation à la modalité volitionnelle nous a révélé que le Pape François préfère modifier, volontairement, l'*Écouteur 1* (chefs d'État, hauts pouvoirs et société civils) dans les environnements *politiques* et, dans les environnements *religieux*, pour l'*Écouteur 2* (évêques, prêtres et fidèles catholiques). Nous avons vérifié que le Pontife Suprême est habituellement construit sur lui comme une type de source *Énonciateur* dans ses discours, préférant des illocutions *déclaratives* et *désidérative* pour l'établissement de valeurs sémantiques de *désidérer*, de *volonté* et d'*intention*, principalement une type de cible *Domaine Commun*; en utilisant des *auxiliaires modaux*, des *verbes complets* et des *constructions volitionnelle*, et employant de préférence le *présent indicatif*. Nous avons également constaté que les catégories d'analyse liées au Niveau Morphosyntaxique étaient liées à la fois aux catégories d'analyse liées au Niveau Représentatif et à celles du Niveau Interpersonnel et de la Composant Contextuel, attestant ainsi de notre hypothèse primaire. Enfin, nous présentons nos difficultés dans l'analyse et la description de la modalité volitionnelle, car elle peut se présenter de manière "atypique" (sans l'utilisation de modificateurs) dans le *contexte* ou les *clauses finales*; en plus de discuter des marques de *politesse* et de *courtoisie* employées par des verbes volitionnels, mais sans les configurer comme expression de volition, ainsi que les cas d'*aspectualité* du verbe *vouloir*.

Mots-clés: Discours du Pape François. Grammaire Discursive-Fonctionnelle. Modalité Volitionnelle. Langue Espagnole.

SOMMARIO

La ricerca ha analizzato e descritto la manifestazione di modalità volitiva in spagnolo nei discorsi del Papa Francesco nel viaggio apostolico, considerando il rapporto tra la Formulazione (a Livello Interpersonale e Livello Rappresentazionale), la Codifica (Livello Morfosintattico) e Componente Contestuale. D'accordo con la Grammatica Discorsiva Funzionale (GDF), e supponendo che il presupposto della modalità volitiva è legata a quello (in)desiderabile (Hengeveld e Mackenzie, 2008), ipotizziamo che il livello morfosintattico codifica in maniera diversa la modalità volitiva, in vista degli elementi a Livello Interpersonale, dal Livello Rappresentazionale e del Componente Contestuale. Per questo, abbiamo istituito un *corpus* di 13 discorsi pronunciati dal Papa Francesco in quattro viaggi apostolici realizzati tra gli anni 2015 e 2016 per gli Stati Uniti, Cuba, America del Sud (Ecuador, Bolivia e Paraguay) e Messico. L'analisi quantitativa e qualitativa dei dati ottenuti con lo SPSS (*Statistical Package for Social Science*) dal modo volitivo ci ha rivelato che il Papa Francesco preferisce modalizzare, in maniera volitiva, per l'*Ascoltatore 1* (capi di stato, alti funzionari e società civile) in ambienti *politici* e in ambienti *religiosi* per l'*Ascoltatore 2* (vescovi, sacerdoti e fedeli cattolici). Troviamo che il Sommo Pontefice è di solito costruito come fonte dell'*Enunciatore* nei suoi discorsi, preferendo illocuzioni *dichiarativi* e *opzionali* per la creazione di valori semantici di *desiderazione*, *volontà* ed *intenzione*, per l'*obiettivo* di tipo *Ambito Colettivo*; utilizzando *ausiliari modali*, *verbi pieni* e *costruzioni volitive*, e preferibilmente utilizzando il *presente indicativo*. Riconosciamo anche che le categorie di analisi di Livello Morfosintattico erano legati sia alle categorie di analisi per il Livello Rappresentazionale, per quanto riguarda il Livello Interpersonale e la Componente Contestuale attestando così la nostra ipotesi primaria. Infine, presentiamo le nostre difficoltà nell'analisi e nella descrizione della modalità volitiva, in quanto può presentarsi in forma "atipica" (senza l'uso di modalizzatori) attraverso il *contesto* o le *clausole definitive*; oltre a discutere i segni di *politezza e cortesia* impiegate nei verbi volitivi, ma senza configurarli come espressione di volontà, siccome i casi di *aspectualità* del verbo *volere*.

Parole chiave: Discorso di Papa Francesco. Grammatica Discorsiva-Funzionale. Modalità Volitiva. Lingua Spagnola.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Arquitetura Geral da GDF	26
Figura 2 – Esquematização geral do Modelo de Interação verbal proposto pela GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008).....	28
Figura 3 – Componente Contextual de Connolly (2014)	65
Figura 4 – Ciclo do processo de análise dos dados	104
Figura 5 – Tela do editor de dados do SPSS	115
Figura 6 – Posição do falante em relação ao enunciador nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva.....	142
Figura 7 – Aspecto <i>realis</i> e <i>irrealis</i> e valor semântico dos modalizadores volitivos nos discursos do Papa Francisco	176

TABELAS

Tabela 1 – Tipos de ambiente dos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	121
Tabela 2 – Tipos de ouvinte para instauração da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola.....	130
Tabela 3 – Posição do falante nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	132
Tabela 4 – Tipos de ilocução nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	142
Tabela 5 – Valores semânticos da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	148
Tabela 6 – Tipos de fonte volitiva nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	157
Tabela 7 – Tipos de alvo volitivo nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	160
Tabela 8 – Tempo verbal dos modalizadores volitivos nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	164
Tabela 9 – Modo verbal dos modalizadores volitivos nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	172
Tabela 10 – Formas de expressão da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	176
Tabela 11 – Alvo da avaliação da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola.....	187
Tabela 12 – Inter-relação entre a posição do falante e o modo verbal nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	200
Tabela 13 – Inter-relação entre a posição do falante e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	201
Tabela 14 – Inter-relação entre o tipo de ilocução e o modo verbal nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	202

Tabela 15 – Inter-relação entre o tipo de ilocução e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	204
Tabela 16 – Inter-relação entre o valor semântico e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	207
Tabela 17 – Inter-relação entre a fonte volitiva e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	209
Tabela 18 – Inter-relação entre o alvo volitivo e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	210
Tabela 19 – Inter-relação entre o tipo de ambiente e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	211
Tabela 20 – Inter-relação entre o tipo de ouvinte e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola	213
Tabela 21 – Cruzamento entre a posição do falante e o tipo de ilocução nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	215
Tabela 22 – Cruzamento entre a fonte volitiva e o valor semântico da volição nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	217
Tabela 23 – Cruzamento entre alvo volitivo e valor semântico da volição nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	220
Tabela 24 – Cruzamento entre o modo verbal e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	224
Tabela 25 – Cruzamento entre tempo verbal e forma de expressão nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	226
Tabela 26 – Cruzamento entre o tipo de ambiente e o tipo de ouvinte nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola	229

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Traços semânticos da modalização volitiva	52
Quadro 2 – Volição nos estudos da modalidade.....	89
Quadro 3 – Cruzamento entre o domínio semântico e o alvo da avaliação	99
Quadro 4 – Parâmetros da modalidade volitiva em relação ao alvo da avaliação e ao domínio semântico.....	100
Quadro 5 – Discurso proferido em ambiente político (DAP).....	111
Quadro 6 – Discurso proferido em ambiente religioso (DAR)	112
Quadro 7 – Categorias de análise do <i>corpus</i>	117
Quadro 8 – Proposta de reformulação dos parâmetros da modalidade volitiva em relação ao alvo da avaliação e ao domínio semântico	198

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem das modalidades volitivas direcionadas para o Ouvinte 1 e para o Ouvinte 2 em ambientes políticos e religiosos	125
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GF	Gramática Funcional
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
DO1	Discurso para o Ouvinte 1
DO2	Discurso para o Ouvinte 2
CIC	Catecismo da Igreja Católica
GRAE	Gramática da Real Academia Espanhola
S1	Sujeito que deseja
S2	Sujeito da ação desejada
AD	Ação desejada
E/LE	Espanhol como Língua Estrangeira
E/LM	Espanhol como Língua Materna
SPSS	<i>Statistical Package for Social Science</i>
NI	Nível Interpessoal
NR	Nível Representacional
NM	Nível Morfossintático
NF	Nível Fonológico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	24
2.1 A arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional	27
2.1.1 O Componente Gramatical	33
<i>2.1.1.1 O Nível Interpessoal</i>	33
<i>2.1.1.2 O Nível Representacional</i>	39
<i>2.1.1.3 O Nível Morfossintático</i>	56
<i>2.1.1.4 O Nível Fonológico</i>	61
2.1.2 O Componente Contextual	63
2.2 A interação entre os componentes e os níveis de organização linguística	71
2.3 Síntese Conclusiva	74
3. MODALIDADE VOLITIVA	76
3.1 As Propostas tipológicas para categoria modalidade em relação à volição	78
3.2 A volição na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional	94
3.3 Síntese conclusiva	101
4. METODOLOGIA	103
4.1 A constituição e delimitação do corpus da pesquisa	104
4.2 Os procedimentos metodológicos da pesquisa	113
4.3 As categorias de análise do <i>corpus</i>	115
4.4 Síntese Conclusiva	118
5. ANÁLISE DA MODALIDADE VOLITIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO EM VIAGEM APOSTÓLICA	120
5.1 A análise qualitativo-qualitativa das categorias de análise	120
5.1.1 As categorias de análise referentes ao Componente Contextual	121
5.1.2 As categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal	132
5.1.3 As categorias de análise referentes ao Nível Representacional	148
5.1.4 As categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático	163
5.1.5 O alvo da avaliação da modalidade volitiva	186
5.2 A inter-relação entre as categorias de análise	198
5.2.1 A inter-relação entre os níveis do Componente Gramatical e o Componente Contextual	199

5.2.2 A inter-relação entre as categorias de cada nível do Componente Gramatical e do Componente Contextual	214
5.3 As dificuldades na análise da modalidade volitiva	231
5.4 Síntese conclusiva	240
6. CONCLUSÃO.....	242
REFERÊNCIAS	254
ANEXO A - O <i>CORPUS</i> CONSTITUÍDO COM 13 DOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO EM LÍNGUA ESPANHOLA PROFERIDOS NAS QUATRO VIAGENS APOSTÓLICAS REALIZADAS PELO SUMO PONTÍFICE ENTRE OS ANOS DE 2015 E 2016 AOS ESTADOS UNIDOS, A CUBA, AO MÉXICO E À AMÉRICA DO SUL (BOLÍVIA, EQUADOR E PARAGUAI).....	266

INTRODUÇÃO

A modalidade, por apresentar um caráter multidisciplinar, tem sido estudada pelos mais variados enfoques teóricos, já que se referem aos mecanismos pelos quais o falante faz suas escolhas linguísticas em relação aos diferentes tipos contextos e situações comunicativas. Ressaltamos que o caráter intersubjetivo dos eventos de fala trata-se do ponto de partida para que o linguista faça a análise dos elementos que compõem o discurso, buscando as “marcas” de subjetividade deixadas pelo falante ao modalizar seus enunciados. Por isso, um dos maiores obstáculos no estudo das modalidades, de acordo com Lyons (1977), Perkins (1983), Palmer (1986), Carretero (1991), Grande Alija (1996), Neves (1996), Olbertz (1998), Bosh (1999), Neves (2006), Casimiro (2007), Topor (2011) relaciona-se a uma grande dificuldade em demarcá-las, pois se sabe que há uma diversidade de áreas preocupadas com esse estudo e, é notório, que essas áreas apresentem diferentes abordagens a respeito desse tema. Mesmo no interior da Linguística, é possível perceber que há uma grande dificuldade tanto em se conceituar a modalidade como em se estabelecer uma “tipologia das modalidades”. Portanto, oferecer uma definição prática para modalidade em Linguística trata-se de algo difícil de fazê-lo. Dependendo da visão de linguagem e da abordagem teórica de cada autor, pode-se atribuir à modalidade uma série de diferentes definições, sendo que essas mesmas definições perpassam desde um ponto de vista mais próximo da lógica, até uma abordagem linguística mais pragmática. No entanto, em meio às diversas formas de definir a modalidade, esta pode ser entendida, segundo Palmer (1986, p. 16), como “a gramaticalização das atitudes e das opiniões do falante” quando interage diretamente ou indiretamente com o(s) ouvinte(s).

Para que pudéssemos fazer uma análise da modalidade, concretamente, da modalidade volitiva, era preciso que optássemos por um modelo de análise linguístico que considerasse não apenas os aspectos sintáticos e semânticos, mas que considerasse também as estruturas linguísticas em uma dada situação comunicativa, fazendo que trabalhássemos com o propósito do evento de fala, seus participantes e o contexto discursivo. Por isso, justifica-se a nossa opção pelo modelo de análise funcionalista, uma vez que a língua é vista como um instrumento de interação social, cuja principal função é a comunicativa. A opção pela orientação funcionalista, especificamente, a linha funcionalista holandesa, justifica-se também pela proposta de descrever as unidades linguísticas a partir de quatro níveis de análise que se situam no Componente Gramatical, que é proposto na Gramática Discursivo-Funcional de

Hengeveld e Mackenzie (2008),¹ o que possibilita que façamos uma análise da modalidade volitiva em diversos níveis de atuação, permitindo-nos também observar as relações com outras categorias, tais como Tempo, Modo, Aspecto, etc. Para a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), a geração de estruturas profundas, bem como a interface entre os vários níveis, pode ser descrita em termos de decisões que o falante faz ao construir seu enunciado. Desse modo, a GDF trabalha com um modelo *top-down*. A característica mais saliente desse modelo é que as decisões de análise das camadas mais altas determinam e restringem as possibilidades de análise das camadas inferiores, contribuindo para que o processo de produção do discurso se dê da intenção para a articulação.

Hengeveld e Mackenzie (2008) ressaltam que o falante primeiro decide qual o seu propósito comunicativo, seleciona a informação mais conveniente e então codifica gramatical e fonologicamente esta informação e a articula. Na GDF, salientamos que a unidade mais básica de análise é o discurso, o que transcende o nível da frase, sendo possível distinguirmos quatro níveis que interagem entre si nesse modelo de gramática funcional, a saber: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico, além dos aspectos contextuais (Componente Contextual) que, apesar de estar à parte do conteúdo gramatical (Componente Gramatical), também influencia no discurso. Apontamos também, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), que esses quatro níveis interagem com o Componente Conceitual (competência comunicativa, conhecimento de mundo e competência linguística) e com o Componente Contextual.

Dentro da GDF, a modalidade é classificada a partir de dois parâmetros: o alvo da avaliação e o domínio semântico. O alvo da avaliação faz referência à orientação modal, ou seja, a parte do enunciado que é modalizada, e é subdividido em três tipos, *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*,² enquanto o domínio semântico distingue os tipos de modalidade, dividindo-a em cinco tipos:³ *facultativa*, *deôntica*, *epistêmica*, *evidencial* e *volitiva*. A modalidade volitiva, foco desta pesquisa, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), refere-se ao que é desejável de realizar-se no que é expresso pelo predicado, sendo, portanto, a modalidade da volição. Segundo Casimiro (2007),

¹ Quando nos referirmos à Gramática Discursivo-Funcional, entenda-se de Hengeveld e Mackenzie (2008).

² Em trabalhos mais recentes sobre a categoria modalidade dentro da GDF, temos que o alvo da avaliação também pode ser *orientado-para-o-episódio*. Cf. trabalhos de Hengeveld (2011) e Hengeveld e Dall'Aglio Hattner (2016).

³ Em trabalhos mais recentes sobre os subtipos de modalidade dentro da GDF, temos que a modalidade evidencial não se trataria mais de um subtipo de modalidade, mas de uma categoria, a Evidencialidade. Cf. trabalho de Hengeveld e Dall'Aglio Hattner (2016).

os estudos relacionados à volição⁴ são, amplamente, discutidos no interior de várias disciplinas das ciências humanas, como a Psicanálise e a Psicologia. No entanto, no interior das ciências da linguagem, como a Linguística, por exemplo, o estudo da volição é ainda pouco explorado e, em muitos casos, aparece, estritamente, relacionado a teorias ligadas à Psicologia e à Psicanálise.

Em Linguística, apesar de a volição ser reconhecida como um campo semântico modal, Casimiro (2007) ressalva que a volição não é algo muito bem delineado quando o assunto diz respeito aos estudos linguísticos acerca da modalidade, pois seu caráter ainda é meio difuso e impreciso, o que dificulta também seu entendimento como valor modal propriamente dito ou como algum subtipo de outro valor modal. Pode-se acrescentar que volição também aparece relacionada a outros valores semânticos que lhe são próximos, haja vista que valores como desejo, vontade, esperança, intenção, promessa, etc., por exemplo, estão muito próximos ou podem aparecer associados, ao passo que designam algum tipo de pretensão que parta do falante com relação a algo que possa ser realizado.

Em trabalhos anteriores, especificamente, em língua espanhola, Lozano (1990), Carretero (1991), Crespo (1992), Grande Alija (1996), Olbertz (1998), Rasmussen (2000), Sedano (2006), García (2009), Topor (2011), García (2013) e Giammatteo (2013), a modalidade volitiva foi abordada considerando apenas o campo semântico das perífrases volitivas, as características desse tipo de modalidade, a manifestação sintática dos verbos volitivos, as fronteiras existentes entre os verbos volitivos, verbos de influência e os verbos psicológicos, a expressão da futuridade e na comparação da manifestação dos verbos volitivos entre o espanhol e outra língua. Em suma, a abordagem da modalidade volitiva tem sido estudada, considerando apenas as tentativas de delimitá-la, buscando fazer uma análise dos aspectos sintáticos e semânticos na própria língua espanhola e/ou em comparação com outras línguas.

Para esta pesquisa, partimos da definição de modalidade volitiva que, para Hengeveld e Mackenzie (2008), está relacionado ao que é desejável ou indesejável. Buscamos em textos efetivamente realizados em língua espanhola (alguns dos discursos proferidos pelo Papa Francisco em viagem apostólica) e fazer uma análise da modalidade volitiva, considerando não apenas os aspectos sintáticos e semânticos, algo que já foi realizado em

⁴ Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola (versão on-line): <<http://www.rae.es/ayuda/diccionario-de-la-lengua-espanola>>, a palavra espanhola *volición* (volição) tem sua origem na palavra latina *volitio*, *-onis*, que derivou, posteriormente, na palavra latina *volo* que deu origem ao vocábulo espanhol *quiero* (quero), por isso a volição relaciona-se, linguisticamente, ao que é desejável. (Acesso em: 16 maio 2016).

trabalhos anteriores,⁵ mas considerando também os aspectos pragmáticos e os aspectos contextuais, o que justifica a adoção da GDF como dito anteriormente; pois, além dos aspectos morfossintáticos (Nível Morfossintático) e semânticos (Nível Representacional), há também a possibilidade de trabalharmos com os aspectos pragmáticos (Nível Interpessoal) e os contextuais (Componente Contextual). Ressaltamos que os aspectos contextuais também influenciam nas operações de Formulação e Codificação que são realizadas dentro do Componente Gramatical, mas não se tratam do foco principal da GDF.

Ao considerarmos os aspectos pragmáticos e os contextuais, pomos em relevo não apenas o tipo de interação que se dá entre o falante (Papa Francisco) e ouvinte (Ouvinte 1 e Ouvinte 2),⁶ mas também o ambiente no qual o discurso religioso é proferido (ambiente religioso ou político), o *ethos*⁷ do qual se reveste o falante quando o discurso é proferido. Salientamos que a análise das relações entre a posição do falante em relação ao tipo de enunciador⁸ por ele constituído na construção discursiva e o tipo de ilocução também são relevantes, pois contribuem para uma melhor caracterização da modalidade volitiva em relação aos contextos discursivos em que se dá o discurso religioso do Papa Francisco para, dessa forma, fazermos uma caracterização e delimitação da modalidade volitiva.

Para conseguirmos caracterizar e delimitar a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; pautamo-nos nos seguintes objetivos que são descrever e analisar: (i) no Nível Interpessoal, a relação entre a posição do falante e o tipo de ilocução utilizada na instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; (ii) no Nível Representacional, a relação entre a fonte volitiva e os valores semânticos da modalidade volitiva instaurados em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; (iii) no Nível Representacional, a relação entre o alvo volitivo e os valores

⁵ Citamos aqui os trabalhos de Lozano (1990), Carretero (1991), Crespo (1992), Grande Alija (1996), Olbertz (1998), Rasmussen (2000), Sedano (2006), García (2009), Topor (2011), García (2013) e Giammatteo (2013).

⁶ Dividimos o Participante 2 proposto pela GDF em dois tipos distintos: (i) “Ouvinte 1”, para as partes do discurso em que o Papa Francisco se dirige aos chefes de estado, as altas autoridades e a sociedade civil de um modo geral; e (ii) “Ouvinte 2”, para as partes do discurso em que o Papa Francisco se dirige aos bispos, sacerdotes e fiéis católicos.

⁷ Para a análise do discurso de linha francesa, o falante (líder religioso) pode estar revestido de um tipo de *ethos* ao pronunciar o seu discurso. Para esta pesquisa iremos considerar *ethos do enunciador* para nos referirmos ao tipo de *ethos* do qual o falante se reveste ao pronunciar os seus discursos. Ressaltamos que o tipo de *ethos* não se trata de uma de nossas categorias de análise, auxiliando-nos apenas na análise e na interpretação da forma como a modalização volitiva é feita pelo Papa Francisco.

⁸ Na construção discursiva do Papa Francisco, é possível identificarmos três tipos distintos de Enunciador: (i) *Enunciador 1*, que nesse caso seria o próprio Papa Francisco; (ii) *Enunciador 2*, que se trataria de um tipo de “enunciador genérico”, que incluiria o Papa Francisco e as demais pessoas de um modo geral; e (iii) *Enunciador 3*, que se trataria de um terceiro-reportado (indivíduo ou instituição).

semânticos da modalidade volitiva instaurados em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; (iv) no Nível Morfossintático, a relação entre a marcação do modo verbal e as formas de expressão utilizadas para a instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; (v) no Nível Morfossintático, a relação entre a marcação do tempo verbal e as formas de expressão utilizadas para a instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; (vi) no Componente Contextual, a relação entre o tipo de ambiente onde o discurso religioso do Papa Francisco é proferido e o tipo de ouvinte para quem o discurso é direcionado; e (vii) o tipo de alvo da avaliação da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica.

Para fazermos uma delimitação e caracterização da modalidade volitiva à luz dos pressupostos da teoria funcionalista, teríamos que trabalhar com dados reais de fala ou escrita. Por isso, optamos pelos discursos religiosos proferidos pelo Papa Francisco em viagem apostólica, pois, além de ser falante nativo da língua espanhola, o Sumo Pontífice exerce um papel de destaque na comunidade internacional, não apenas por se tratar de um Chefe de Estado, mas pela influência exercida sobre os demais governantes no mundo. Isso se deve ao fato de a figura do Bispo de Roma ser entendida como “neutra” em questões relativas à soberania de cada nação; por isso, seus discursos apresentam significativa relevância não apenas para os católicos (1,2 bilhões no mundo), que o veem como o “Representante de Cristo”, mas para os demais chefes de estado, as altas autoridades e a sociedade civil de modo geral, já que o papado possui uma política de cunho universal, buscando difundir a paz e a harmonia entre os povos.⁹

Os discursos do Papa Francisco, em viagem apostólica e como representante da Santa Sé, são entendidos como “discursos religiosos”. Segundo Orlandi (1996), os discursos religiosos dizem respeito a textos de caráter argumentativo no qual o falante (líder religioso) fala em nome de uma divindade, ou “como aquele em que se fala a voz de Deus”¹⁰, sendo, portanto, seu “representante” e “porta-voz” perante o(s) ouvinte(s) (fiéis religiosos). Portanto, ao falar em nome da divindade a qual representa, o líder religioso tende a manifestar o que lhe parece desejável ou reportar aos fiéis o que é desejado pela divindade, corroborando, dessa forma, uma maior incidência de modalizações volitivas.

⁹ Informações coletadas do *site* oficial do Vaticano <http://www.vatican.va/siti_va/index_va_po.htm>. Acesso em: 01 jul. 2017.

¹⁰ Orlandi (1996, p. 243).

A possibilidade de encontrarmos modalizações volitivas nos discursos do Papa Francisco instigou-nos questões sobre as quais hipotetizamos: (i) no que diz respeito à Formulação (Nível Interpessoal), qual a relação entre a posição do falante e o tipo de ilocução utilizada na instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica? (ii) no que diz respeito à Formulação (Nível Representacional), qual a relação entre a fonte volitiva e os valores semânticos da modalidade volitiva instaurados em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica? (iii) no que diz respeito à Formulação (Nível Representacional), qual a relação entre o alvo volitivo e os valores semânticos da modalidade volitiva instaurados em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica? (iv) no que diz respeito à Codificação (Nível Morfossintático), qual a relação entre a marcação do modo verbal e as formas de expressão utilizadas para a instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica? (v) no que diz respeito à Codificação (Nível Morfossintático), qual a relação entre a marcação do tempo verbal e as formas de expressão utilizadas para a instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica? (vi) no que diz respeito ao Componente Contextual, qual a relação entre o tipo de ambiente onde o discurso religioso do Papa Francisco é proferido e o tipo de ouvinte para quem o discurso é direcionado? (vii) qual o tipo de alvo da avaliação modal mais frequente na instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica?

Sustentamos então a hipótese geral de que o Nível Morfossintático (formas de expressão e a marcação de tempo e modo verbais) codifica diferentemente a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica tendo em vista os elementos do Nível Interpessoal (posição do falante em relação ao tipo de enunciador por ele constituído na construção discursiva e o tipo de ilocução), do Nível Representacional (fonte volitiva, alvo volitivo e os valores semânticos da modalidade volitiva) e o Componente Contextual (ambiente onde o discurso é proferido e o tipo de ouvinte).

Para realizarmos a análise e descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, coletamos 13 discursos,¹¹ dos 31 discursos proferidos pelo Papa Francisco nas 4 viagens apostólicas realizadas em países de língua espanhola como idioma oficial pelo Sumo Pontífice, a saber: aos Estados Unidos,¹² a

¹¹ Seleccionamos apenas 13 discursos, pois pretendíamos escolher apenas os discursos proferidos, restritamente, em ambientes políticos e em ambientes religiosos.

¹² No caso dos Estados Unidos por concentrar uma forte comunidade hispânica.

Cuba, à América do Sul (Bolívia, Equador e Paraguai) e ao México entre os anos de 2015 e 2016. Os discursos foram retirados dos 4 *e-books* de divulgação *on-line* das respectivas viagens apostólicas realizadas, pois estes eram direcionados tanto para o Ouvinte 1 quanto para o Ouvinte 2. Após a coleta das expressões da modalidade volitiva, fizemos a relação dessas expressões conforme as categorias de análise estabelecidas referentes ao Componente Contextual, ao Nível Interpessoal, ao Nível Representacional e ao Nível Morfossintático. Optamos também em fazer o cruzamento entre as categorias de análise para que pudéssemos entender os efeitos de sentido pretendidos pelo Papa Francisco ao fazer uso de modalizações volitivas em seus discursos, procurando analisar e descrever as diferenças entre os enunciados modalizados volitivamente, revelando-nos, dessa forma, como a modalidade volitiva se caracteriza e se delimita em relação aos discursos religiosos do Papa Francisco analisados.

A análise desta pesquisa é *quantitativo-qualitativa* das ocorrências da modalidade volitiva, destacando que a parte *qualitativa* se deu com base nos pressupostos teóricos da GDF e em outros trabalhos relativos à modalidade volitiva, tendo em vista o alvo da avaliação modal e a relação entre os níveis que compõem o Componente Gramatical (a exceção do Nível Fonológico do qual não formulamos nenhum tipo de categoria de análise, haja vista que não decidimos trabalhar com discursos orais, apenas escritos), juntamente, com o Componente Contextual. A parte da análise *quantitativa*, por sua vez, deu-se por meio do programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS) para o *Windows* versão 22 para a realização da rodagem dos dados. Optamos por esse programa pela quantidade significativa das categorias de análise selecionadas para a análise e descrição da modalidade volitiva, bem como pela precisão estatística e eficiência no tratamento e cruzamento destas, garantindo-nos uma maior veracidade dos dados para que pudéssemos explicar, com coerência, as modalizações volitivas encontradas nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica. Ressaltamos que a análise *quantitativo-qualitativa* integra tanto a parte qualitativa quanto a quantitativa.

Apesar da proposta de GDF ser bastante pertinente, é preciso verificar, empiricamente, como a modalidade volitiva se manifesta nas línguas naturais (para esta pesquisa, especificamente, a língua espanhola), qual a utilidade desse modelo teórico na elucidação da construção discursiva, tarefa com a qual pretendemos contribuir no que tange à descrição da língua espanhola. Além disso, ao adotarmos um posicionamento funcionalista, vemos que é possível observar a inter-relação entre os modalizadores volitivos e um dado tipo de texto ou outros fatores contextuais que possam influenciar nas formas de expressão em

espanhol, contemplando suas funções discursivas em ocorrências reais de uso, o que nos é de muita valia para posteriores comparações, por meio de estudos contrastivos, entre o português e o espanhol, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil, por exemplo, e/ou do espanhol como língua materna (E/LM).

A escolha da língua espanhola, especificamente, para esta pesquisa, justifica-se, primeiramente, pela relevância que o espanhol representa para a comunidade católica (comunidade religiosa em questão), não apenas pelo fato de o Papa Francisco (autoridade religiosa) ser falante nativo dessa língua, o que contribuiria para que seu discurso nessa língua fosse mais fluido e mais próximo da realidade linguística dos hispanofalantes (haveria uma maior aproximação da língua espanhola com a sua realidade linguística), mas pelo fato dessa comunidade religiosa possuir, em sua maioria, fiéis nativos de língua espanhola, haja vista que a América Latina Hispânica concentra a maior porcentagem de católicos, segundo o Anuário de Estatística da Igreja Católica (2014),¹³ o que contribui para que o espanhol seja uma das línguas de maior divulgação da fé católica (o que é relevante para o aperfeiçoamento e enriquecimento da língua espanhola, não somente no discurso religioso, mas em relação a outros tipos de discursos que dele possam derivar como o discurso de cunho político, econômico, jurídico, científico, etc.). É preciso salientar também que o espanhol, na atualidade, é a segunda língua mais utilizada na comunicação internacional e o terceiro idioma oficial no campo da política internacional, da economia e da cultura, além de ser uma das línguas oficiais do MERCOSUL, o que tem contribuído para a expansão e consolidação dos estudos desse idioma como língua estrangeira no Brasil. Em termos linguísticos, poderíamos justificar nosso interesse na realização desta pesquisa no fato de a língua espanhola, segundo Olbertz (1998), ser rica em perífrases verbais com uma grande variedade de significados, fazendo com que o estudo das perífrases verbais seja um assunto intrigante para a investigação linguística. Ressaltamos que, em relação à forma de modalização dos enunciados feita pelo falante em espanhol, os enunciados modalizados vêm acompanhados, geralmente, por perífrases verbais, sendo o auxiliar modal uma das principais formas de “sinalização” das intenções do falante.

¹³Para melhor certificação dos dados, conferir a página oficial do Vaticano que contabiliza o número de católicos: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2016/03/05/estadisticas.html>>, ou conferir o pdf disponibilizado pela *Agenzia Fides*, órgão católico responsável pelos dados estatísticos sobre a evangelização católica pelo mundo que traz os mesmos dados disponibilizados no site da Santa Sé: <<http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/10/La-Iglesia-en-cifras-141000.pdf>> (Acesso em: 26 ago. 2016).

Nesta pesquisa, dissertamos a respeito de um domínio que, segundo Casimiro (2007), é ainda pouco explorado, o da volição, do qual pretendemos fazer uma abordagem a respeito das características tipológicas relativas à modalidade volitiva. É relevante também fazer a análise dos meios linguísticos específicos pelos quais a volição se manifesta, como auxiliares modais, construções linguísticas, verbos plenos, adjetivos em posição predicativa, substantivos, etc.; descrevendo os possíveis efeitos de sentido decorrentes do uso dessa qualificação modal nesse tipo específico de interação entre Papa Francisco e sociedade civil (Ouvinte 1) e a comunidade católica (Ouvinte 2). Podemos apontar a figura que o Sumo Pontífice representa e os valores que são atribuídos a sua pessoa como autoridade religiosa, além de pormos em relevo a interpretação dos possíveis efeitos de sentido pretendidos pelo Santo Padre na construção de seu discurso religioso, que é amplamente divulgado e na orientação de sua figura religiosa (Papa da Igreja Católica) sobre o que é desejável ou não desejável para o mundo e o ser humano.

Poderíamos ressaltar também como relevância prática deste estudo contribuiria ao ensino de língua, em especial, o ensino de língua estrangeira, pois pode auxiliar os professores a desenvolverem as competências necessárias para que seus alunos cheguem a um nível de interação autônoma e participativa dentro e fora do contexto escolar, fazendo com que eles estejam aptos a desenvolverem as ditas competências em situações comunicativas diversas de interlocução, leitura e escrita (produção textual). Acreditamos que esta pesquisa pode servir como auxílio aos professores de língua espanhola no que diz respeito à categoria da modalidade volitiva e à construção discursiva que se faz por meio dela, além de ser útil para nortear a elaboração de materiais didáticos de espanhol no que tange, essencialmente, ao uso dos termos linguísticos e à função por eles desempenhada nos diferentes tipos de contextos comunicativos.

No que concerne à organização deste trabalho, dividimo-lo em seis capítulos.

O primeiro condiz com o presente capítulo, a *Introdução*, onde apresentamos os nossos objetivos, que consistem em analisar e descrever a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica; bem como a perspectiva teórico-metodológica a qual utilizamos para alcançarmos-los a partir do *corpus* constituído para esse trabalho. Apontamos também as perspectivas da análise dos dados, tendo em vista as categorias de análise que são delimitadas no capítulo 4, explicando que a análise qualitativa se deu com base na GDF e em trabalhos sobre a categoria em questão, e que a análise quantitativa se fez por meio do SPSS. Por fim, ressaltamos neste capítulo a justificativa para a

realização dessa pesquisa e sua contribuição para analisar a modalidade volitiva como um subtipo de modalidade com base na GDF.

O segundo capítulo, intitulado de *Gramática Discursivo-Funcional*, apresenta a teoria de base desse modelo teórico de gramática funcional, que nos fornece um modelo de interação verbal no qual o falante pretende modificar a informação pragmática do seu(s) ouvinte(s) a partir do enunciado modalizado volitivamente, sendo este enunciado analisado em níveis e camadas com base no modelo *top-down* proposto pela GDF. Apresentamos ao leitor o *Componente Gramatical*, assim como os demais componentes que estão fora da gramática, mas que o influenciam, o *Componente Conceitual*, o *Componente Contextual* e o *Componente de Saída*. Em relação ao Componente Gramatical, detalhamos acerca dos quatro níveis que o compõe, o *Nível Interpessoal*, o *Nível Representacional*, o *Nível Morfossintático* e o *Nível Fonológico*. Neste capítulo, detalhamos sobre as nossas categorias de análise com base tanto na teoria da GDF quanto em trabalhos que são relativos à categoria modalidade volitiva.

O terceiro capítulo, *Modalidade Volitiva*, trata a respeito da modalidade volitiva e da volição dentro do aparato teórico da GDF e de como a volição foi sendo apresentada em diferentes tipologias e trabalhos acerca da modalidade.

O quarto capítulo estabelece a *Metodologia* utilizada para esta pesquisa, apresentando ao leitor a constituição e delimitação tanto do *corpus* quanto das categorias de análise consideradas para a análise quantitativa e qualitativa em relação ao Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático) e ao Componente Contextual.

O quinto capítulo traz os resultados obtidos da análise da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica. Na primeira parte, apresentamos a análise *quantitativo-qualitativa* ao explicarmos as categorias de análise encontradas no *corpus* com base na teoria da GDF e em outros trabalhos sobre a categoria modalidade volitiva e com base na frequência de ocorrência das categorias de análise, explicando o emprego delas pelo Papa Francisco e o porquê de elas estarem relacionadas à categoria em questão. Na segunda parte, expomos a inter-relação entre as categorias de análise com base em nossa hipótese primária e em nossas hipóteses secundárias a partir da utilização do programa computacional SPSS, de modo a analisarmos e descrevermos a modalidade volitiva e o uso dos modalizadores volitivos na construção dos discursos do Papa Francisco em língua espanhola. Apresentamos também uma seção sobre as dificuldades por

nós encontradas acerca do que consideramos como expressão da modalidade volitiva e, conseqüentemente, a manifestação da volição, daquilo que não era volitivo, como marcas de polidez e cortesia e aspectualidade.

No capítulo seis, por fim, apresentamos a *Conclusão* dos resultados obtidos nessa pesquisa.

CAPÍTULO 2

GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF) foi desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008), sendo definida pelos próprios autores como uma expansão da Gramática Funcional de Simon Dik. Com base em um modelo de interação verbal no qual o Componente Gramatical se relaciona com o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída. Baseando-se no *top-down* modelo de organização que se assemelha ao processamento da língua do indivíduo, podemos observar que as escolhas linguísticas feitas pelo falante se refletem na estrutura do Componente Gramatical, determinando as escolhas pragmáticas (Nível Interpessoal) que, por sua vez, influenciam nas escolhas semânticas (Nível Representacional) que, posteriormente, serão codificadas no Nível Morfossintático e, finalmente, no Nível Fonológico. Esse modelo de gramática funcional nos proporciona uma análise e descrição da modalidade volitiva, pois a classificação proposta pela GDF e os seus princípios analíticos permitem que analisemos as ocorrências dos modalizadores volitivos em diferentes níveis e camadas, auxiliando-nos na busca de evidências que comprovem os usos específicos e os efeitos de sentido pretendidos pelo Papa Francisco ao fazer uso da modalização volitiva nos seus discursos proferidos em língua espanhola durante suas viagens apostólicas.

O modelo de gramática funcional proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008) integra o que se conhece hoje por *funcionalismo holandês*, ou *funcionalismo da Escola de Amsterdam*, diz respeito a uma vertente do funcionalismo linguístico que foi desenvolvida por Simon Dik¹⁴, que é o autor da Gramática Funcional (GF), publicada em uma primeira versão no ano de 1989 e uma segunda versão no ano de 1997, em dois volumes. Posteriormente, a GF foi expandida por seus seguidores, o que derivou na Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de autoria de Kees Hengeveld e J. Lachlan Mackenzie, publicada no ano de 2008.

A vertente funcionalista da Escola de Amsterdam, assim como as demais vertentes funcionalistas, apresenta alguns pressupostos básicos da perspectiva funcionalista,

¹⁴ De acordo com Lara (2012, p. 28), o funcionalismo holandês teve como fundador o catedrático Simon Cornelis Dik, que lecionava a disciplina de Linguística Geral nessa mesma universidade. Durante vinte e cinco anos, o professor Simon Dik dedicou-se à construção de um modelo de cunho funcionalista, cujas bases teóricas advinham de sua tese de doutorado, tese esta que versava a respeito do papel da coordenação para a teoria da linguística geral.

como o fato de considerar a língua como um instrumento de interação social, cuja principal função é a de estabelecer a comunicação entre os usuários de uma dada língua, e a inclusão da pragmática à análise linguística. Salientamos que, para a perspectiva funcionalista, a pragmática representa o componente mais abrangente, devendo, pois, a sintaxe ser dependente da semântica e a semântica dependente da pragmática. Em razão do fato de a pragmática ser o componente mais abrangente, no qual a sintaxe e a semântica devem ser estudadas.

Além de considerar o componente pragmático a sua análise linguística, o funcionalismo holandês considera também a natureza da comunicação linguística, portanto, apresenta uma análise das situações linguísticas ao considerar a inter-relação entre a expressão linguística e o contexto em que se dá determinada situação comunicativa. Ao considerar a inter-relação entre expressão linguística e a produção do discurso, a GDF passa a considerar como objeto de análise o ato discursivo, diferenciando-se da GF (1989; 1997). A inclusão do discurso¹⁵ no novo modelo de gramática funcional não significa que se trate de uma “gramática do discurso”,¹⁶ como pontua Pezatti (2011), pois esse novo modelo de estrutura de língua se propõe explicar o fato da língua ser um instrumento de comunicação dos falantes para o engajamento deles em suas interações verbais. Apesar de ser apenas um modelo de gramática,¹⁷ a GDF engloba os Componentes *Conceitual*, *Contextual* e *de Saída*, o que facilita sua aproximação com uma teoria de interação verbal mais ampla do que foi proposto no modelo de Simon Dik.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2011),¹⁸ a GDF é uma teoria estrutural-funcional da linguagem, tipologicamente baseada, que toma o Ato Discursivo como unidade básica de análise para alcançar adequação pragmática. Dessa forma, a GDF compõe-se de um *Componente Gramatical* formado a partir de um modelo de interação verbal dentro do qual se assomam outros três componentes, a saber: o *Componente Conceitual*, o *Componente de Saída* e o *Componente Contextual*. Esses três componentes, que não são de tipo gramatical, interagem de diversas formas com o Componente Gramatical, em especial, por meio das operações de Formulação e de Codificação.

¹⁵ Para o funcionalismo holandês e, especificamente, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), entende-se como texto e interação (cotexto e contexto) (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008).

¹⁶ Segundo Souza (2008, p. 03), o discurso é considerado como parte integrante da gramática. Dessa forma, a GDF se preocupa apenas com as informações discursivas que são, literalmente, codificadas na gramática de uma língua. Em outras palavras, são consideradas apenas as informações relevantes para o processo de codificação morfossintática.

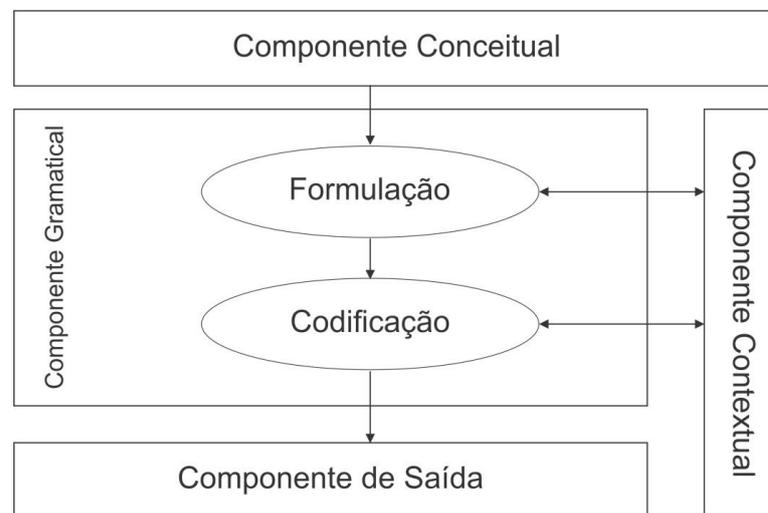
¹⁷ Na teoria da GDF, existe um modelo de produção do ato discursivo que abriga os componentes do modelo de gramática, que é, especificamente, o Componente Gramatical.

¹⁸ Artigo produzido em língua espanhola sobre a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

A Formulação lida com as regras que determinam a constituição tanto das representações semânticas quanto pragmáticas que ocorrem na língua. Já a Codificação se ocuparia das regras que transformam ou codificam essas mesmas representações semânticas e pragmáticas em representações de tipo morfológicas, sintáticas e fonológicas. Tanto a Formulação quanto a Codificação tratam-se de processos específicos em cada língua, haja vista que não é possível que se postule sobre categorias universais referentes à pragmática, a semântica, a sintaxe, a morfologia e a fonologia.

O modelo básico da GDF ficará mais bem explicitado na Figura 1:

Figura 1: Arquitetura geral da GDF



Fonte: Arquitetura geral da GDF traduzida de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 06).

Esses três componentes, segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), são entendidos como: (i) o Componente Conceitual, que é o responsável pelo dinamismo e pelo desenvolvimento da interação comunicativa que se dá entre falante e ouvinte no evento discursivo que se realiza e dos tipos de conceitualizações que se formam na mente de ambos, juntamente, associadas aos eventos extralinguísticos, que é, na verdade, a força motriz do Componente Gramatical; (ii) o Componente de Saída, que está relacionado com a origem das expressões acústicas que surgem a partir da informação que é provida pelo Componente Gramatical. Sua função pode ser entendida como a tradução que se faz da informação digital da gramática. Em outras palavras, essa tradução é categórica e baseada em oposições, a forma analógica, sendo continuamente variável; e (iii) o Componente Contextual, que é o responsável pela descrição da forma e do conteúdo do discurso precedente, assim como daquilo que é perceptível no entorno tanto do falante quanto do destinatário no lugar em que

se realiza o ato discursivo, além, é claro, das relações sociais das quais os participantes estão submetidos. É necessário, também, que se diga que a informação compartilhada entre as pessoas envolvidas no evento comunicativo contribui para outros tipos de processos gramaticais, entre eles o encadeamento narrativo, a reflexividade e a voz passiva.

Na seção seguinte, veremos mais detalhadamente como se estrutura e se organiza a Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

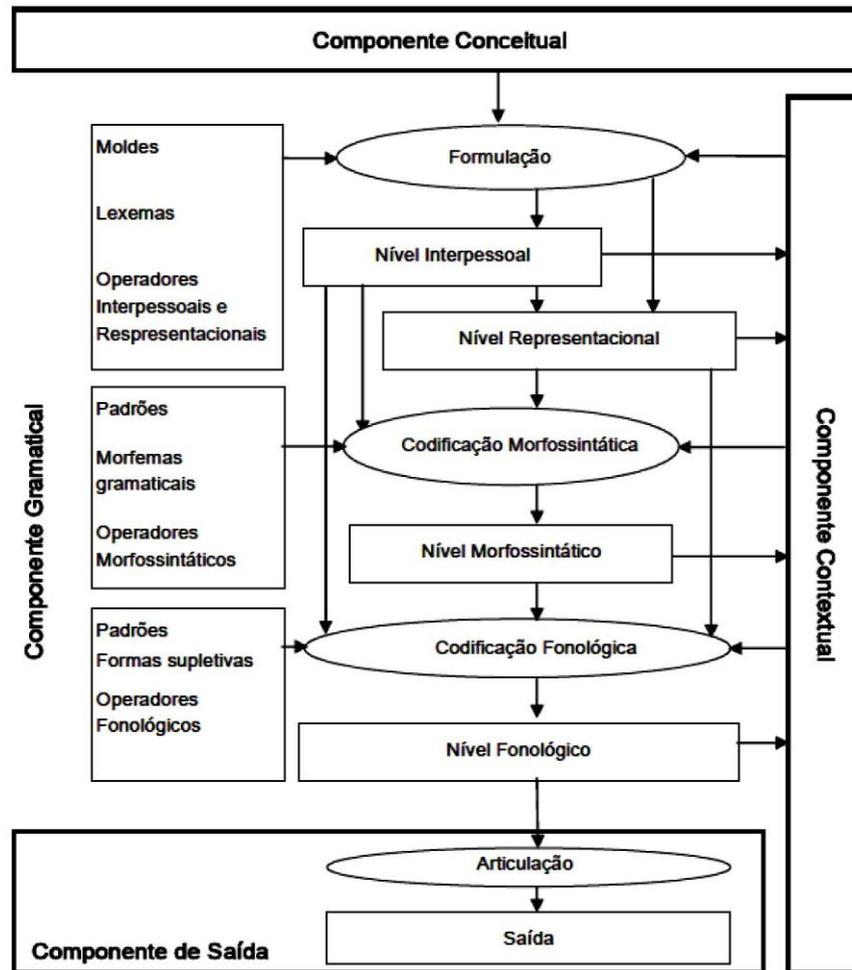
2.1 A arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional

Tomando por base a Figura 1, podemos resumir a arquitetura geral da GDF da seguinte forma: o Componente Gramatical aparece no centro, contendo a Formulação e a Codificação; o Componente Conceitual, na parte superior, relacionado com o dinamismo da interação verbal; o Componente de Saída, na parte inferior, sendo o tradutor da informação digital da gramática; e o Componente Contextual, à direita, responsável pela descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente.

É importante salientar que a GDF foi arquitetada em um modelo, estritamente, de tipo descendente, *top-down*. Isso corrobora a ideia de que a interação deve ser entendida a partir da intenção do falante e estendendo-se até a forma como ele articula seu discurso, fazendo com que a GDF cogite esse processo de interação e se organize de acordo com esse modelo apresentado de interação. No entanto, é necessário compreender que a GDF trata-se, na verdade, não de um modelo do falante, mas em uma teoria sobre a gramática, buscando demonstrar, em sua arquitetura básica, a importância da evidência psicolinguística envolvida no processo de interação. Em outras palavras, a teoria da GDF é um modelo de gramática inserido no quadro da interação, e não um modelo de interação apenas.

Na Figura 2, mostraremos como as operações (representadas pelas elipses), os primitivos usados nas operações (representados pelos quadrados) e os níveis de representação produzidos pelas operações (representados pelos retângulos) interagem no modelo de interação verbal da GDF.

Figura 2: Esquematização Geral da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008)



Fonte: Esquema Geral da GDF traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13).

Podemos exemplificar o Esquema Geral da GDF proposto por Hengeveld e Mackenzie (2011) por meio da seguinte frase:

(1) *Há um touro no campo!*¹⁹

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), na oração acima, percebemos que, no Componente Conceitual prelinguístico, é relevante tanto à intenção comunicativa (no exemplo acima, uma advertência) como as representações mentais que estão relacionadas ao evento que remetem a um perigo iminente, no caso, um touro que se aproxima. No que tange à operação de Formulação, esta traduz essas representações conceituais em representações pragmáticas e semânticas, respectivamente, em um nível interpessoal (pragmática) e em um

¹⁹ Tradução nossa. O original diz: “¡Hay un toro en el campo!” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 08).

nível representacional (semântico). As advertências não formam parte de uma categoria elocutiva no espanhol, no entanto, ao proferir a frase, *Há um touro no campo!*, o falante resolve esse problema ao escolher uma ilocução declarativa combinada com um operador enfático no Nível Interpessoal.

Para Hengeveld e Mackenzie (2011), o Tópico Focal nesse exemplo é retratado com a entidade que causa o perigo. Já no Nível Representacional, o falante opta por designar a entidade que causa o perigo como parte integrante de um marco de predicação locativo, *no campo*. As configurações nos Níveis Interpessoal e Representacional podem ser traduzidas em uma estrutura morfossintática no Nível Morfossintático por meio da operação de Codificação Morfossintática. No exemplo dado, a ordem sintática eleita pelo falante remete a uma construção de ordem existencial, nesse caso, a forma impessoal do verbo *haber*. As estruturas nos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático traduzem-se em uma estrutura fonológica no Nível Fonológico.

No exemplo dado, *Há um touro no campo!*, Hengeveld e Mackenzie (2011) afirmam que a escolha da ilocução declarativa juntamente com o operador enfático é responsável pelo contorno entonativo causado pelo Tópico Focal *touro*. Com base no que foi citado acima, Hengeveld e Mackenzie (2011, p. 09) deixam claro que “... na organização descendente da gramática, a pragmática rege a semântica; a pragmática e a semântica regem a morfossintaxe; e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe regem a fonologia...”.²⁰ Em relação ao Nível Fonológico, podemos dizer que ele é *input* para que a operação de Articulação suceda de modo adequado, lembrando que a operação de Articulação depende das regras fonéticas para que o enunciado seja inteligível e a interação de fato aconteça.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), os diferentes níveis de representação existentes na Gramática são os que nutrem o Componente Contextual, pois permitem que a referência subsequente aos diversos tipos de entidades relevantes em cada um desses níveis seja introduzida no discurso. O Componente Contextual por sua vez alimenta as operações de Formulação e Codificação de tal forma que a disponibilidade de antecedentes pode influenciar na composição dos futuros atos discursivos.

Pontuamos que a GDF tem como objetivo máximo ser capaz de responder aos fenômenos morfossintáticos e fonológicos das línguas que, por meio dessa Gramática, sejam codificadas sem deixar de responder, obviamente, como correlato de aspectos semânticos e

²⁰ Tradução nossa. O original diz: “[...] en la organización descendente de la gramática, la pragmática rige a la semántica, la pragmática y la semántica rigen a la morfosintaxis y la pragmática, la semántica y la morfosintaxis rigen a la fonología [...]” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 09).

pragmáticos da Formulação ou como portadora de propriedades inerentes da Codificação. Para Hengeveld e Mackenzie (2011), a codificação dos fenômenos morfossintático e fonológico seria arbitrária, enquanto os aspectos semânticos e pragmáticos seriam de caráter funcional. Dessa forma, a teoria da GDF coloca ênfase nesta e não naquela, pois:

A abordagem funcionalista implica a suposição de que um grande número de categorias formais pode receber explicação perspicaz por isso, se se colocar em correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas enraizadas na cognição e comunicação entre os seres humanos; GDF mantém a opção de arbitrariedade apenas se tal correlação não pode ser encontrada. Na verdade, pode-se demonstrar que as línguas variam na medida em que suas propriedades formais refletem a pragmática, ou categorias semânticas, ou simplesmente nenhuma das duas. (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 11).²¹

A forma como a GDF se posiciona em relação à análise das línguas, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2011), faz com que alguns linguistas a situem entre os enfoques formalistas e funcionalistas de cunho mais radical. As posições funcionalistas mais radicais negam a existência das estruturas linguísticas e concebem que a forma linguística se trata de uma manifestação muito efêmera da intenção oriunda por parte do falante em alcançar seus propósitos comunicativos. Enquanto os formalistas radicais defendem que os enunciados de um dado texto refletem, de modo perfeito (segundo alguns) ou quase perfeito (segundo outros), “... um sistema subjacente regido por regras que predicam a forma que assumem as unidades linguísticas idealizadas e limita o estudo linguístico à investigação deste sistema oculto com independência dos usos que delas se faz...”.²²

Para Hengeveld e Mackenzie (2011), a GDF pondera que o falante possui o conhecimento das unidades formais que compõem a língua e dos conhecimentos funcionais dela, bem como dos modos como essas unidades podem ser combinadas, como pontuam os autores:

Este conhecimento é, em grande parte estável, de modo que podem ser comparados entre os idiomas, revelando tendências universais na estrutura da linguagem como discutido na tipologia linguística. Conhecimento de unidades e sua combinação são

²¹ Tradução nossa. O original diz: “[...] Como el propio nombre de la teoría sugiere, la GDF pone especial énfasis en el primero. La postura funcionalista acarrea la hipótesis de que un amplio número de categorías formales pueden recibir explicación de modo perspicaz si se ponen en correspondencia con las categorías semánticas y pragmáticas arraigadas en la cognición y en la comunicación entre seres humanos; la GDF mantiene la opción de la arbitrariedad únicamente si una correlación tal no se puede encontrar. De hecho, se puede demostrar que las lenguas varían en la medida en que sus propiedades formales reflejan categorías pragmáticas, semánticas o ninguna de las dos [...]” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 11)

²² Tradução nossa. O original diz: “...un sistema subyacente regido por reglas que predicen la forma que asumen las unidades lingüísticas idealizadas y limita el estudio lingüístico a la investigación de este sistema oculto con independencia de los usos que de ellas se hace [...]” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 11).

fundamentais na comunicação interpessoal; e são o resultado de processos históricos, distinções formais e funcionais que têm servido de forma adequada aos seres humanos ao longo dos tempos e que se instalou no inventário que dispomos na atualidade. As formas das quais dispõem os falantes variam, mas elas não são ilimitadas, mas esses limites são marcados pelo conjunto de objetivos comunicativos dos falantes e das restrições cognitivas a que estão sujeitas²³ (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 12).

Dessa forma, a GDF é uma teoria capaz de oferecer aos estudos linguísticos um marco para a formulação e comparação de universais linguísticos, sejam eles absolutos ou estatísticos. Além de se tratar de um modelo gramatical coerente para o tipo de descrição da linguagem que fomenta as investigações tipológicas. A partir das estruturas de Formulação e Codificação, responsáveis pela definição de um espaço dentro do qual é possível marcar os limites da atividade linguística, a GDF ainda possibilita que se possam fazer comparações mais fidedignas entre os sistemas linguísticos, haja vista que a GDF pode acomodar facilmente o pressuposto funcionalista de que “... a ordem relativa dos elementos morfossintáticos reflita as relações de alcance que mantêm as noções pragmáticas e semânticas subjacentes...”²⁴. Por isso, a GDF:

Oferece um quadro estrutural em que as hipóteses linguísticas podem ser enunciadas e atestadas. Ao mesmo tempo, fornece um quadro para a descrição de fenômenos linguísticos e, desta forma, implica-se no ciclo completo de pesquisa: da observação à previsão; da verificação das previsões existentes às novas observações, retorno de novas previsões e assim por diante²⁵ (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 12).

Hengeveld e Mackenzie (2011) salientam que a GDF em si mesma não pode oferecer todas as explicações necessárias que respondem às questões de “causa e efeito” nas línguas. No entanto, a GDF possui os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída que são capazes de cobrir todos os aspectos linguisticamente relevantes em relação a questões

²³ Tradução nossa. O original diz: “[...] Este conocimiento es en gran medida estable, de manera que puede ser comparado entre las lenguas, lo que revela tendencias universales en la estructura del lenguaje como se estudia en la tipología lingüística. El conocimiento de unidades y su combinación es instrumental en la comunicación interpersonal y surge como resultado de procesos históricos, distinciones formales y funcionales que han servido adecuadamente a los seres humanos a través de los tiempos y que han sedimentado el inventario disponible en la actualidad. Las formas de las que disponen los hablantes varían en las lenguas, pero no lo hacen ilimitadamente, sino que esos límites vienen marcados por el conjunto de objetivos comunicativos de los hablantes y por las restricciones cognitivas a las que están sujetos [...]” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 12).

²⁴ Tradução nossa. O original diz: “[...] el orden relativo de los elementos morfosintácticos refleja las relaciones de alcance que mantienen las nociones pragmáticas y semánticas subyacentes [...]” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 12)

²⁵ Tradução nossa. O original diz: “[...] La GDF ofrece un marco estructurado en el cual las hipótesis lingüísticas pueden ser enunciadas y probadas. Al tiempo, ofrece un marco para la descripción de fenómenos lingüísticos y de este modo se implica en el ciclo completo de investigación: de la observación a la predicción; de la comprobación de las predicciones con observación adicional al retorno a las nuevas predicciones y así sucesivamente [...]” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011, p. 12).

cognitivas, de memória e articulatórias. Isso ocorre por meio das conexões existentes entre esses três componentes que podem explicar os aspectos relacionados com a variação linguística e suas limitações, como reflexo das capacidades gerais de ordem física e mental dos seres humanos.

A GDF trabalha com níveis de organização linguística, são eles: Nível Interpessoal (NI), Nível Representacional (NR), Nível Morfossintático (NM) e Nível Fonológico (NF). Esses níveis, por sua vez, estão estruturados de modo particular. No entanto, todos esses níveis têm em comum o fato de serem organizados em camadas organizadas de forma hierárquica. A estrutura geral das camadas pode ser esquematizada da seguinte forma no Esquema (1):

$$(1) (\pi \ v1: [\text{núcleo} (v1) \ \Phi]: [\sigma (v1) \ \Phi]).^{26}$$

Explicitando a formalização do Esquema (1), temos que $v1$ representa a variável da camada relevante, restringida por um núcleo que toma a variável como argumento e que pode ser adicionalmente restringida por um modificador σ que também toma a variável como argumento. A camada pode ser especificada por um operador π e desenvolver a função Φ . Os núcleos e os modificadores representam todas as estratégias léxicas, enquanto os operadores e as funções representam estratégias de tipo gramatical. A diferença que se estabelece entre os operadores e as funções explica-se no fato de que as funções são de tipo relacional, entre a unidade completa e outras unidades na mesma camada, enquanto os operadores não são e apenas afetam à unidade propriamente (HENGEVELD e MACKENZIE, 2011). Ressaltamos que nem todas as relações que se estabelecem entre as unidades são propriamente hierárquicas, pois há casos em que as unidades formam, conjuntamente, uma configuração não hierárquica (equipolente), aparecendo, pois, rodeadas por colchetes, como vimos na esquematização (1), onde a relação entre o núcleo e o seu argumento foi apresentada entre colchetes.

Para Hengeveld e Mackenzie (2011), os quatro níveis que compõem o Componente Gramatical diferem, especificamente, no que diz respeito às suas características próprias, haja vista que esses níveis são de natureza puramente linguística, expressando, unicamente, as diferenças que encontram reflexo na gramática da língua a ser analisada, como veremos nas subseções seguintes.

²⁶ Esquematização retirada de Hengeveld e Mackenzie (2011).

2.1.1 O Componente Gramatical

No modelo da GDF, é no Componente Gramatical (CG) que se localizam os quatro níveis de análise e descrição das unidades linguísticas. Para as operações da Formulação linguística, temos o NI que está relacionado às motivações pragmáticas, enquanto as motivações semânticas ficam a cargo do NR. Para a Codificação dos enunciados, temos o NM e o NF²⁷ que são os responsáveis, respectivamente, pelos aspectos estruturais e prosódicos.

2.1.1.1 O Nível Interpessoal

Em relação ao Nível Interpessoal (NI), Hengeveld e Mackenzie (2011) estabelecem que, nesse nível, ocorre a apreensão de todas as diferenças da Formulação que concernem à interação estabelecida entre falante e ouvinte. Estas diferenças cobrem, nas camadas superiores, as noções retóricas da estrutura discursiva, de modo generalizado, na medida em que sejam refletidas na forma linguística e, nas camadas inferiores, as diferenças de ordem pragmática que reproduzem como os falantes moldam suas mensagens em função de suas expectativas sobre o estado mental de seu ouvinte, na medida em que isso seja, gramaticalmente, relevante. A estrutura hierárquica surge pela aplicação de um conjunto apropriado de moldes, previamente, selecionados, dentre os que estão disponíveis para o falante.

No Esquema (2),²⁸ vemos uma representação das relações hierárquicas que se estabelecem no NI:

²⁷ Para esta pesquisa, ressaltamos que não iremos trabalhar com o Nível Fonológico (NF) para a análise e descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica.

²⁸ Retirado da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

(2): As camadas de organização do Nível Interpessoal (NI)

$ \begin{aligned} &(\pi M1: [\\ &\quad (\pi A1: [\\ &\quad\quad (\pi F1: ILL (F1): \Sigma (F1)) \\ &\quad\quad (\pi P1: \dots (P1): \Sigma (P1)) S \\ &\quad\quad (\pi P2: \dots (P2): \Sigma (P2)) A \\ &\quad\quad\quad (\pi C1: [\\ &\quad\quad\quad\quad (\pi T1: [\dots] (T1): \Sigma (T1)) \Phi \\ &\quad\quad\quad\quad (\pi R1: [\dots] (R1): \Sigma (R1)) \Phi \\ &\quad\quad\quad\quad] (C1): \Sigma (C1)) \Phi \\ &\quad\quad] (A1): \Sigma (A1)) \Phi \\ &\quad] (M1): \Sigma (M1)) \end{aligned} $	Movimento Ato Discursivo Ilocução Falante Ouvinte Conteúdo Comunicado Subato de Atribuição Subato de Referência Conteúdo Comunicado Ato Discursivo Movimento
---	--

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 49).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), no NI, temos que as unidades são formalizadas em termos de sua função comunicativa no que concerne ao comportamento comunicativo dos falantes. Dessa forma, tendo por base a formalização apresentada no Esquema 2, temos que a unidade mais alta é o Movimento (M), sendo que este pode conter um mais Atos Discursivos (A). Um Ato Discursivo se forma a partir de uma ou mais Ilocuções (F), tendo no mínimo dois participantes, o (P1), que faz referência ao falante, e o (P2), que se refere ao ouvinte, e o Conteúdo Comunicado (C), que, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos de Atribuição (T) e Subatos de Referência (R).

Podemos também apresentar o modelo de formalização do NI, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), como no Esquema (3):²⁹

$$(3) (M1: [(A1: [(F1) (P1) S (P2) A (C1: [(T1) \{ \dots (T1+N) \{ \} (R1) \{ \}] (C1) \{ \}] (A1) \dots (A1+N) \{ \}] (M1))$$

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), o Movimento (M) é a maior unidade de interação significativa para a análise gramatical, podendo ser definida como um tipo de contribuição independente ao desenvolvimento da interação. Salientamos que a complexidade do Movimento (M) pode variar, podendo representar um momento de silêncio entre (P1) e

²⁹ Esquematização retirada de Hengeveld e Mackenzie (2008).

(P2) a um largo discurso entre eles. Dependendo do material linguístico presente no ato comunicativo, o Movimento (M) sempre toma a forma de um ou mais Atos Discursivos (A).

Para Hengeveld e Mackenzie (2011), a relação entre os Atos Discursivos (A) pode ser de equipolência ou de dependência, sendo que as relações de dependência podem ser indicadas a partir de uma função retórica sobre o Ato Discursivo (A). A representação de um Ato Discursivo (A) revelará os componentes que tenham sido realmente utilizados pelo Participante 1 (P1), como a Ilocução (F). Os participantes de uma dada interação comunicativa são o Participante (P1) e o Participante (P2), alternando-se, respectivamente, entre falante e ouvinte, sendo esses papéis representados como funções. O Conteúdo Comunicado (C), por sua vez, contém a totalidade daquilo que o falante deseja evocar ao ouvinte, por isso o Conteúdo Comunicado (C) possui seus próprios operadores e modificadores. Cada Conteúdo Comunicado (C) contém apenas um ou mais Subatos que estão subordinados de forma hierárquica aos Atos Discursivos (A). Lembramos que os subatos estão relacionados com as funções pragmáticas e servem de referência para o Conteúdo Comunicado (C).

Sabendo-se como se compõe e se estrutura o NI dentro da GDF, para a análise e descrição da modalidade volitiva, pautamos algumas categorias de análise relativas a esse nível, especificamente, na teoria da GDF. Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), teríamos então as seguintes categorias de análise: (i) a posição do falante em relação ao tipo de enunciador por ele constituído na construção discursiva; e (ii) o tipo de ilocução.

No que diz respeito à posição do falante (Papa Francisco) em relação ao tipo de enunciador por ele constituído no discurso,³⁰ teríamos duas situações distintas: (i) inclusão; e (ii) não-inclusão. A *inclusão* do falante (Papa Francisco) se daria nos casos em que o enunciador por ele constituído se tratasse, unicamente, do próprio falante, corroborando um maior envolvimento dele no evento volitivo que é manifestado ao ouvinte, e, dessa forma, um maior comprometimento no que diz respeito à volição expressa. O comprometimento do falante dar-se-ia no fato de que a desejabilidade do evento volitivo adviria dele, em outras palavras, o falante faria com que o ouvinte entendesse que o evento volitivo em si é “bom” e “agradável” e que se refere a algo desejado por ele próprio. Vejamos os exemplos (1) e (2):

³⁰ Para esta pesquisa, entender “falante” como “Papa Francisco” (aquele que profere o discurso) e “enunciador” como “a pessoa construída no discurso, a qual o Papa Francisco dá voz ao proferir seu discurso”.

(1) “[...] *He querido que en todo este Viaje Apostólico la familia fuese un tema recurrente.*” (DAP-2).

[Quis que durante toda essa viagem apostólica a família fosse um tema recorrente].

(2) “[...] *donde espero, como un hermano de este País, transmitir palabras de aliento a los encargados de dirigir el futuro político [...]*” (DAP-1)

[Onde espero, como um irmão deste país, transmitir palavras de conforto aos encarregados de decidir o futuro político].

Os casos de *não-inclusão* do falante (Papa Francisco) estariam relacionados às partes do discurso nas quais o falante constituiria um tipo de “enunciador genérico” e/ou um “terceiro-reportado”, a saber: (i) o “enunciador genérico” tratar-se-ia dos casos em que a modalização volitiva expressa adviria da voz da coletividade (domínio comum),³¹ ou seja, há um apagamento do falante, uma diluição da sua pessoa no discurso, para referir-se a uma “coletividade que deseja”, não tendo o falante como “única fonte da atitude volitiva”; e (ii) o “terceiro-reportado” tratar-se-ia dos casos em que a modalização volitiva adviria de um “indivíduo em particular” ou de uma “instituição”, sendo este indivíduo ou esta instituição a fonte da atitude volitiva. Dessa forma, por não se tratar, unicamente, do falante como “fonte da atitude volitiva”, há um maior afastamento e descomprometimento dele, no sentido de que a desejabilidade expressa não o teria como fonte da atitude volitiva, mas um “enunciador genérico” ou “terceiro-reportado”, como em relação ao evento volitivo manifestado, como nos exemplos (3), (4) e (5):

(3) “[...] *¿por qué las armas letales son vendidas a aquellos que pretenden infligir un sufrimiento indecible sobre los individuos y la sociedad?*” (DAP-2)

[Por que as armas letais são vendidas para aqueles que pretendem infligir um sofrimento incalculável sobre os indivíduos e para a sociedade?].

(4) “[...] *Al tercer día, cuando le pregunto cómo estaba, me dice: quiero que vengan ya todos de vuelta*” (DAR-2)

[No terceiro dia, quando lhe perguntei como estava, ele me disse: quero que venham já todos de volta].

³¹ Para os casos *Domínio Comum*, há um apagamento do falante quando ele dá voz à coletividade, por isso consideramos como um caso de *não-inclusão* do falante no tipo de enunciador por ele construído, pois não se refere ao falante como “pessoa única” construída no discurso.

(5) “[...] *Y la Iglesia quiere una sociedad que encuentra su reaseguro cuando valora, admira y custodia también a sus mayores*” (DAP-7)

[E a Igreja quer uma sociedade que encontre seu resguardo quando valoriza, admira e protege também as pessoas idosas].

Em relação aos tipos de ilocução que poderiam ser encontrados no *corpus* por nós delimitado, estes partem da classificação proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) na GDF, dentre os quais acreditamos que estariam mais relacionadas à manifestação ou expressão da modalização volitiva, a saber: (i) declarativa; (ii) interrogativa; (iii) optativa; e (iv) imprecativa. Citamos aqui os exemplos (6), (7), (8) e (9) retirados da GDF:

(6) Eu farei isso. – ilocução declarativa. O falante³² informa o ouvinte acerca do conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado em sua enunciação;³³

(7) Eles nos viram? – ilocução interrogativa. O falante solicita do ouvinte uma resposta para o conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado;³⁴

(8) Que ela esteja lá! – ilocução optativa. O falante indica ao ouvinte seu desejo que a situação positiva evocada pelo conteúdo comunicado ocorra;³⁵

(9) Que ele morra como um cachorro! – ilocução imprecativa. O falante indica ao ouvinte um desejo seu de que a situação negativa evocada pelo conteúdo comunicado ocorresse.³⁶

Ressaltamos que Hengeveld e Mackenzie (2008) fazem uma clara distinção entre a categoria ilocução e a categoria modalidade. A categoria ilocução diz respeito às sentenças identificadas como instâncias de tipos específicos de atos de fala. Em contrapartida, a categoria modalidade se trata da modificação do conteúdo proposicional dos atos de fala. Por isso, acreditamos que a modalidade volitiva possa vir a se manifestar, no *corpus* por nós

³²Hengeveld e Mackenzie (2008) utilizam o termo *speaker*, que para esta pesquisa equivale ao falante.

³³“I will have it.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 87). “Declarative: the Speaker informs the Addressee of the Propositional Content evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

³⁴“Did they see us?” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 88). “Interrogative: the Speaker requests the Addressee’s response to the propositional Content evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

³⁵“Let her be there!” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.73 – exemplo 91). “Optative: the Speaker indicates to the Addressee his/her wish that the positive situation evoked by the Communicated Content should come about.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

³⁶“May he die like a dog!” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.72 – exemplo 92). “Imprecative: the Speaker indicates to the Addressee his/her wish that the negative situation evoked by the Communicated Content should come about.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

delimitado, em tipos de locução que não seja necessariamente optativa (desiderativas),³⁷ como nos exemplos (10), (11), (12) e (13) retirados do nosso *corpus*:

(10) Ilocução declarativa: “[...] *los miembros de la religión mayoritaria que no quiere dejarse envolver por el odio y la locura [...]*” (DAP-3).

[Os membros da religião majoritária que não querem deixar-se envolver pelo ódio e a loucura].

(11) Ilocução interrogativa: “¿*acaso se ha diluido, se ha olvidado, la necesidad de regazo que anhela el corazón del pueblo que se les ha confiado a ustedes?*” (DAR-3).

[Acaso se desfez, esqueceu-se a necessidade de regaço que deseja profundamente o coração do povo que foi confiado a vocês?].

(12) Ilocução optativa: “*Que Paraguay sea fecundo, como lo indica la flor de la pasiflora en el manto de la Virgen*” (DAP-8).

[Que o Paraguai seja fecundo, como indica a “flor do maracujá” no manto da Virgem].

(13) Ilocução imprecativa: “[...] *el diablo quiere que se peleen entre ustedes porque así divide y los derrota y les roba la fe.*” (DAR-5).

[O diabo quer que briguem entre vocês porque dessa forma os divide, derrota-os e tira-lhes a fé].

Ainda em relação aos tipos de locução propostos pela GDF, Marques e Pezatti (2016, p. 179) explicam que as locuções capturam as propriedades formais e também as lexicais da camada do Ato Discursivo, podendo ser atribuídas ao seu uso interpessoal convencionalizado para que o falante alcance a intenção comunicativa; sendo que as intenções comunicativas do falante, tais como “chamar a atenção, afirmar, dar ordem, questionar, alertar, requerer, desejar, etc.”, podem “determinar Ilocuções do tipo Vocativo, Declarativo, Imperativo etc.”. Dessa forma, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o falante utiliza uma variedade de locuções possíveis para atingir seus objetivos. Entretanto, Hengeveld e Mackenzie (2008) chamam a atenção para o fato de não haver uma relação entre uma intenção específica de comunicação e uma locução, haja vista que as línguas diferem os tipos de locuções na medida em que fazem uso de meios linguísticos para diferenciar intenções

³⁷Nomenclatura mais usual em língua espanhola.

comunicativas. Podemos citar um caso no espanhol de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 67). Vejamos o exemplo (14):

(14) *Que você não se vá amanhã!*³⁸

No exemplo, o enunciado exclamativo³⁹ está relacionado a uma ilocução do tipo *imperativa*.

As categorias de análise relativas ao NI não atuam de maneira isolada, mas em conjunto com os demais níveis do Componente Gramatical, como o NR que veremos na subseção seguinte.

2.1.1.2 O Nível Representacional

O Nível Representacional (NR), segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), trata dos aspectos semânticos da unidade linguística. Enquanto o NI se ocupa da evocação, o NR é o responsável pela designação (denotação). A utilização do termo “semântica” se restringe, portanto, ao modo pelo qual a linguagem se relaciona com os mundos possíveis de descrição. Portanto, o NR refere-se aos aspectos semânticos da unidade linguística. No que diz respeito ao termo *semântico*, Hengeveld e Mackenzie (2008) definem-no com base em dois aspectos distintos: (i) a forma como as diferentes línguas descrevem a realidade extralinguística; e (ii) o significado que as unidades linguísticas, sejam elas unidades lexicais ou complexas, apresentam-se no momento do ato discursivo. As camadas relevantes no NR se definem a partir das categorias semânticas, sendo que essas categorias são, especificamente, manifestações de categorias ontológicas linguisticamente relevantes e específicas para cada língua.

³⁸ Tradução nossa. O original diz: “¡Qué no te marches mañana!” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 117). O exemplo citado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 117), era para ilustrar o fato do operador *que* do espanhol atuar na camada do Ato Discursivo.

³⁹ De acordo com Grande Alija (1996), os enunciados exclamativos e os optativos às vezes se confundem em língua espanhola, pois ambos se apresentam como aqueles em que predomina o “mundo psíquico” do falante. Entretanto, Grande Alija (1996) esclarece-nos que os enunciados optativos se limitam a ser uma expressão do desejo, sendo que aquilo que é desejado ou indesejável, geralmente, pertença ao conjunto de estado-de-coisas dos quais o falante entende como não reais ou pouco prováveis; enquanto os enunciados exclamativos caracterizam-se por expressar orientação positiva (não podendo referir-se a uma negação, como os optativos em que se pode não desejar um determinado estado-de-coisas) e por conterem uma dimensão assertiva que reflete a certeza do falante em relação a um estado-de-coisas visto como real e provável.

No Esquema (4),⁴⁰ vemos uma representação das relações hierárquicas que se estabelecem no NR:

(4): As camadas de organização do Nível Representacional (NR)

$ \begin{aligned} &(\pi p1: \\ &\quad (\pi ep1: \\ &\quad\quad (\pi e1: \\ &\quad\quad\quad [(\pi f1: [\\ &\quad\quad\quad\quad (\pi f1: \blacklozenge (f1): [\sigma (f1) \Phi]) \\ &\quad\quad\quad\quad (\pi x1: \blacklozenge (x1): [\sigma (x1) \Phi]) \Phi \\ &\quad\quad\quad\quad \dots \\ &\quad\quad\quad\quad] (f1): [\sigma (f1) \Phi]) \\ &\quad\quad\quad (e1) \Phi]: [\sigma (e1) \Phi]) \\ &\quad (ep1): [\sigma (ep1) \Phi]) \\ & (p1): [\sigma (p1) \Phi]) \end{aligned} $	Conteúdo Proposicional Episódio Estado-de-Coisas Propriedade Configuracional Propriedade Léxica Indivíduo ... Propriedade Configuracional Estado-de-Coisas Episódio Conteúdo Proposicional
---	--

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 140).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), as camadas do NR são definidas com base em categorias semânticas que se designam em Conteúdo Proposicional (p), que são as unidades mais altas do NR, tratando-se, basicamente, de construtos mentais como conhecimentos e crenças, podendo conter um ou mais Episódios (ep). Por Episódio, Hengeveld e Mackenzie (2008) entendem-no como um conjunto de estados-de-coisas tematicamente coerentes (ou composto por um único estado-de-coisas), apresentando unidade e continuidade de Tempo (t), e podendo apresentar também Locação (l) e Indivíduo (x). Os estados-de-coisas (e), por sua vez, designam eventos que se caracterizam pela possibilidade de estarem localizados no tempo e de poderem ser avaliados em termos de seu estatuto factual. Um dado estado-de-coisas (e) caracteriza-se por uma Propriedade Configuracional (f) que apresenta natureza composicional e possui uma combinação de unidades semânticas que não estão relacionadas entre si de forma hierárquica, tais como o Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

O Esquema (5)⁴¹ também apresenta, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), as unidades que compõem o Nível Representacional. Vejamos:

⁴⁰ Retirado da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

⁴¹ Esquemática retirada de Hengeveld e Mackenzie (2008).

(5) (p1: [(ep1: [(e1: [(f1): [(f2) n (x1)... (x1+n)] (f1))... (f1+n) (e1)])... (e1+n) {}] (ep1))... (ep1+n) {}] ((p1))

Para Hengeveld e Mackenzie (2011), o Conteúdo Proposicional (p) pode ser factual, quando corresponder a conhecimentos ou crenças racionais do falante sobre o mundo real, ou não-factual, quando corresponder às expectativas ou desejos em relação ao mundo imaginário. O Conteúdo Proposicional (p) caracteriza-se por ser classificado de acordo com as atitudes proposicionais do falante, tais como certeza, dúvida, descrença, etc., ou ser classificado de acordo com a sua fonte ou origem, tais como conhecimento mútuo compartilhado entre os falantes, evidências sensoriais inferências, etc. Para Hengeveld e Mackenzie (2011), há uma clara distinção entre o Conteúdo Proposicional (p) e o Conteúdo Comunicado (C). Os Conteúdos Comunicados constituem o conteúdo da mensagem de Atos Discursivos (A) e não são, necessariamente, de natureza proposicional. Dessa forma, embora o Conteúdo Comunicado de um Ato possa corresponder a um Conteúdo proposicional, eles não são idênticos. A principal diferença entre o Conteúdo Comunicado e o Conteúdo Proposicional reside no fato de que aquele ser sempre atribuído ao falante, enquanto este não, já que os Conteúdos Proposicionais podem ser atribuídos a outras pessoas que não sejam o falante.

Sabendo-se como está estruturado e como se compõe o NR dentro da GDF, para a análise e descrição da modalidade volitiva, propomos também algumas categorias relativas a esse nível com base tanto na teoria da GDF quanto em trabalhos que são alheios a essa teoria, mas que são relativos à categoria da modalidade volitiva. Com base na teoria da GDF, temos os trabalhos de Hengeveld e Mackenzie (2008), Dall'Aglio-Hattner (2009), Giomi (2010) e Pessoa (2011); no que diz respeito aos trabalhos que contemplam apenas a categoria modalidade volitiva, temos Jespersen (1924), Lyons (1977), Nuñez (1991), Grande Alija (1996), García (2009) e Topor (2011). Baseando-nos nesses autores, propomos as seguintes categorias de análise, a saber: (i) os valores semânticos da modalidade volitiva;⁴² (ii) a fonte volitiva; e (iii) o alvo volitivo.

⁴² De acordo com Topor (2011), a volição (expressão dos desejos e vontades) não apresenta em língua espanhola modalizadores, tipicamente, gramaticalizados, sendo que o elemento do desejo fica restrito ao significado contextual dos verbos modais empregados com significação léxica de desejo (volição), tais como *querer*, *desejar*, *esperar*, etc. Por isso, decidimos, para esta pesquisa, estabelecer, para a modalidade volitiva, valores semânticos com base nos aspectos envolvidos na expressão da desejabilidade que pudessem diferenciar os valores de “desejo”, “vontade” e “intenção”, geralmente, associados a modalização volitiva, tais como: volitividade, controlabilidade do evento volitivo, subjetividade do evento volitivo, performatividade da volição, factualidade do evento volitivo, potencialização do evento volitivo e a relação entre falante e ouvinte.

Em relação à teoria da GDF (nossa teoria de base) sobre a modalidade volitiva, sabemos que esse tipo de modalidade está relacionado ao que é desejável ou indesejável, já que apresenta um estado-de-coisas que é, geralmente, aceito como algo desejável ou indesejável por parte do falante ou do participante expresso no predicado. Dessa forma, o principal valor semântico a ela atribuído é o de *volição*⁴³, já que o elemento linguístico codificado no texto faz-se por meio de modalizadores que expressam a desejabilidade de algum evento volitivo.

No que diz respeito ao que é externo a GDF acerca da volição (desejo), temos que, de acordo com Jespersen (1924), os enunciados modalizados podem conter ou não conter o “elemento do desejo” (volitividade). Em relação aos enunciados que contêm o “elemento do desejo”, Jespersen (1924) classifica-os com base na distinção semântica que os padrões ilocucionais apresentam, dividindo-os em 11 tipos.⁴⁴ Vejamos:

- (1) Jussivo: *Vá.*
- (2) Compulsivo: *Ele deveria ir.*
- (3) Obrigativo: *Nós deveríamos ir.*
- (4) Aconselhativo: *Você deveria sair daqui.*
- (5) Precativo: *Por favor, vá.*
- (6) Exortativo: *Vamos.*
- (7) Permissivo: *Você pode ir, se você quiser.*
- (8) Promissivo: *Vou/Isso será feito.*
- (9) Optativo: *Ele ainda pode estar vivo.*
- (10) Desiderativo: *Ele poderia ainda estar vivo.*
- (11) Intencional: *Ele quer sair.*

Tendo por base a distinção semântica proposta por Jespersen (1924) e a tipologia das modalidades proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), temos que os padrões ilocucionais, a saber: “compulsivo”, “obrigativo”, “aconselhativo” e o “permissivo” enquadram-se na modalidade deôntica (eixo da conduta), estando relacionados aos valores

⁴³ Para esta pesquisa, entender “volição” como sinônimo de “desejo”, “vontade” e/ou “intenção”.

⁴⁴ Tradução nossa. O original diz: Jussive: go (command); Compulsive: he has to go; Obligative: he ought to go | we should go; Advisory: you should go; Precative: go, please; Hortative: let us go; Permissive: you may go if you like; Promissive: I will go|it shall be done; Optative (realizable): may he be still alive!; Desiderative (unrealizable): would he were still alive I; Intentional: in order that he may go. (JESPERSEN, 1924, p. 320).

semânticos de “obrigação”, “proibição” e “permissão”. Em relação aos padrões ilocucionais de tipo “jussivo”,⁴⁵ “precativo” e “exortativo”, de acordo com Grande Alija (1996), estes integram enunciados modalizados deonticamente, pois a modalidade deôntica trata de um conjunto de elementos léxicos relacionados não apenas com as noções prototípicas de “obrigação” e “permissão”, mas também de enunciados modalizados por meio do imperativo, atos diretivos e comissivos. Para Nuñez (1991), a modalidade deôntica se destaca por referir-se a atividades relacionadas como *ordenar, pedir, permitir, advertir, proibir e obrigar*. Essa aproximação entre as modalidades volitiva e deôntica pode ser explicada, pois há uma estreita relação entre elas. Segundo Lyons (1977, p. 826), a modalidade deôntica teria sua origem na função desiderativa da linguagem, o que explicaria o fato da modalidade deôntica também conter o “elemento do desejo” (volitividade), assim como a modalidade volitiva; pois “o que quer dizer, no uso da linguagem, de um lado para expressar ou designar vontades e desejos e, de outro, para conseguir que algo seja feito, impondo a própria vontade a outros agentes”.

No que diz respeito ao padrão ilocucional de tipo “promissivo”, que se relaciona a enunciados modalizados que expressem algum tipo de “promessa”, Lyons (1977) afirma que uma dada promessa pode apresentar duas interpretações não excludentes, permitindo que o ouvinte interprete como uma promessa (volitiva) ou como uma predição (epistêmica). Para Lyons (1977, pp. 817-818), não há uma distinção clara entre *Estará aqui as três em ponto*⁴⁶ (predição) ou *Estarei aqui as três em ponto*⁴⁷ (promessa), já que é possível que a pessoa que promete prediga que o prometido se cumprirá. Na teoria da GDF, uma “promessa” é entendida como uma ação, pertencendo, pois, ao NI. Para a teoria da GDF, há uma distinção entre o que é pragmático, que seria relativo ao NI, do que é semântico, que estaria relacionado ao NR.⁴⁸ Dessa forma, entendemos que o padrão ilocucional “promissivo” não poderia estar relacionado a algum tipo de valor semântico que pudesse atuar no NR.

Dessa forma, restam-nos apenas os padrões ilocucionais: “optativo”, “desiderativo” e “intencional”, estando eles relacionados, de acordo com Grande Alija (1996), Sedano (2006), Casimiro (2007), García (2009), Giomi (2010) e Topor (2011), aos desejos, vontades⁴⁹ e intenções do falante, o que caracterizaria a modalização volitiva. Em relação aos

⁴⁵ Para Grande Alija (1996), o padrão ilocucional de tipo “jussivo” estaria relacionado a um subtipo da modalidade deôntica, que ele chama de *modalidad yusiva* (modalidade jussiva).

⁴⁶ Tradução nossa. O original diz: “You will be here at three o’clock” (LYONS, 1977, p. 817).

⁴⁷ Tradução nossa. O original diz: “I will be here at three o’clock” (LYONS, 1977, p. 818).

⁴⁸ Para maiores detalhes, ver Hengeveld e Mackenzie (2008).

⁴⁹ De acordo com Santos (2015), o “desejo” seria de caráter mais amplo, tratando-se apenas de uma ideia, já que o ato de desejar não vem acompanhado de um movimento, enquanto a “vontade” é “estar agindo”, podendo

padrões ilocucionais “optativo” e “desiderativo”, estes derivam de algum “desejo” ou “vontade” particular do falante, diferenciando apenas, segundo Jespersen (1924), na possibilidade de concretização daquilo que é desejado (optativo) ou na impossibilidade daquilo que é desejado (desiderativo).⁵⁰ O padrão ilocucional “intencional” estaria relacionado às “intenções” do falante que, para Topor (2011), deriva dos “desejos” e das “vontades” ou do falante ou do participante expresso no predicado.⁵¹

Topor (2011) chama a atenção para o fato de que desejos que estejam ao alcance de serem realizados, acarretem na concretização daquilo que é desejado, o que, para a autora, estaria mais próximo do valor semântico de intenção (apresentando mais “marcas” de gramaticalização em língua espanhola). Ainda para a autora, o valor semântico de intenção relacionar-se-ia com a modalidade volitiva, pois “o significado do desejo” (desejo) origina “a disposição em realizar algo (vontade)”, que por sua vez acarreta a “intenção de que aquilo que é desejado se concretize” (intenção). Segundo a mesma autora, a diferença entre os valores semânticos de “desejo” e de “vontade” e o valor semântico de “intenção” consiste, basicamente, a partir de um ponto de vista semântico, ou seja, enquanto os valores semânticos “desejo” e “vontade” ficam limitados ao plano do pensamento,⁵² sem que ocorra a realização do evento volitivo, a “intenção” poderia levar o falante ao plano performativo (fazer com que se realize o que é desejado).

De acordo com Oliveira (2016), a modalidade volitiva está relacionada aos valores de “desejo”, de “vontade” e de “intenção” porque ela envolve, ao mesmo tempo, tanto um processo mental quanto um processo acional. Dessa forma, temos que a modalidade

envolver sentimentos como certeza e responsabilidade. Santos (2015) salienta que o “desejo” pode ser inviável (irrealizável), enquanto a “vontade” pode ser viável (realizável), já que envolve a perspectiva de uma realização daquilo que se “tem vontade”.

⁵⁰ Parafrazeando em termos volitivos os exemplos dados por Jespersen (1924), teríamos as seguintes modalizações volitivas: *Quero que ele ainda esteja vivo* (optatividade) e *Desejaria que ele ainda estivesse vivo* (desideratividade). Para Giomi (2010), se tomarmos por base o alvo da avaliação proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), os desejos do falante apresentam o valor modal *orientado-para-a-proposição*, haja vista que se tratam, geralmente, de conteúdos proposicionais relacionados a não-factalidade ou a contrafactalidade em relação à desejabilidade do estado-de-coisas apresentado pelo falante.

⁵¹ Se parafrazearmos, em termos de modalização volitiva, o exemplo dado por Jespersen (1929), teríamos as seguintes possibilidades: *Ele pretende/quer/deseja/pensa ir*. Segundo Giomi (2010), se tomarmos por base o alvo da avaliação proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), o valor semântico de “intenção” estaria relacionado à modalização volitiva *orientada-para-a-participante*, haja vista que o participante expresso no predicado manifestaria a intencionalidade de que um determinado estado-de-coisas se concretizasse (há uma estreita relação entre o participante e a potencialidade de realização daquilo que é desejado), pois o estado-de-coisas apresentado é mais controlado.

⁵² Salientamos que para a “optação”, há a possibilidade de realização daquilo que se deseja, pois faz referência a estado-de-coisas factuais, enquanto para a “desideração”, não há essa possibilidade, pois se referem a estado-de-coisas contrafactuais ou não-factuais. Por isso, temos que a “desideração” está mais restrita ao plano do pensamento do que a “optação”.

volitiva instaurada pelo falante parte de uma concepção de que aquilo que é desejável poderia estar mais próximo do campo acional (intenções) ou versar apenas de um processo mental (desejo e vontade). Em relação a esses valores, poderíamos assim defini-los com base em Silva (2007), Sousa (2011), Soares (2013), Santos (2015), Oliveira (2016) e Retto (2016):

- *Desejo*: entende-se como um evento volitivo mais *irrealis*, do qual o falante teria um menor grau de certeza quanto à atualização desse evento, tratando-se de condições internas ao falante no que diz respeito à modalidade volitiva instaurada na proposição, estando relacionado a uma ideia restrita ao plano do pensamento (fenômeno mental), de caráter expressivo e, intimamente, ligado à imaginação ou as crenças do falante. O evento volitivo expresso pelo falante apontaria para realidades cuja origem se dá na mente e nem sempre chegam a ser alcançadas ou que sejam possíveis de serem concretizadas (em relação à factualidade), estando restrito ao campo da subjetividade.

- *Vontade*: trata-se de um evento volitivo menos *irrealis*, já que poderia induzir o falante ou o ouvinte a uma performatividade do que é desejado, haja vista que a modalização volitiva expressa funcionaria como um tipo de “fonte” que visa a um determinado objetivo, relacionada a atitudes performativas. A modalização volitiva expressa também marcaria a conceptualização do falante em relação à performatividade daquilo que se almeja ou que se deseja que o ouvinte concretizasse, mas ainda se encontraria no plano do pensamento no momento da fala (fenômeno mental). Entretanto, a modalização volitiva expressa poderia vir a se concretizar, já que envolve eventos volitivos ligados à factualidade, mas sem que o falante interferisse na possível concretização destes (quando a vontade expressa dependesse, exclusivamente, do ouvinte ou de algo externo ao falante). Em outras palavras, faz referência a um poder ativo pelo qual uma modificação na mente é produzida a partir de um ato volitivo, expressando atitude subjetiva e “pré-disposição” de concretização do evento volitivo apresentado.

- *Intenção*: define-se como a pretensão do falante em realizar algo, sendo que o falante teria total controle para que o evento volitivo expresso se tornasse

exequível. O evento volitivo também é menos *irrealis*, no entanto parte de uma maior certeza do falante quanto à sua atualização, apresentando direcionalidade e aproximação da modalização volitiva expressa. Em outras palavras, o próprio falante “pretende” ou “intenciona” fazer alguma coisa, o que acarreta uma maior probabilidade do evento volitivo ocorrer no mundo (factualidade), já que este dependeria apenas do falante. Dessa forma, há um maior comprometimento do falante com a modalização volitiva descrita na proposição, compreendendo, pois, a uma decisão com significação futura que dependeria do falante e que está em seu poder.

Sabendo-se da definição dos valores semânticos de “desejo”, “vontade” e “intenção”, iremos designar, para esta pesquisa, os “desejos” como *desideração*, as “vontades” como *opção* e as “intenções” como *intenção*.

Salvo esses valores semânticos apresentados anteriormente, *desideração*, *opção* e *intenção*, Casimiro (2007) também aponta outro valor semântico para a modalidade volitiva. Segundo o autor, a modalidade volitiva pode apresentar como aspecto semântico o fato do “querer” (volição) funcionar como uma espécie de “dever” (ordem ou mandado). Segundo Casimiro (2007), para que a modalidade volitiva possa apresentar o traço semântico de “ordem” ou “mandado”: (i) é preciso que o complemento do modalizador volitivo se trate de um estado-de-coisas mais controlado; (ii) é necessário que o falante, que instaura a volição, esteja numa posição de superioridade em relação ao(s) seu(s) ouvinte(s); e (iii) é relevante que o falante tenha a autoridade reconhecida pelo(s) ouvinte(s) ao enunciar seu discurso a partir de um lugar de autoridade.

Da mesma forma que Casimiro (2007), García (2009) também faz algumas diferenciações em relação aos aspectos semânticos da modalidade volitiva, podendo os enunciados volitivos⁵³ apresentarem a seguinte classificação semântica: (i) o significado propriamente do desejo; (ii) o desejo como uma exortação; e (iii) desejo irrealizável relacionado ao passado.⁵⁴ Com base na classificação semântica proposta por García (2009), podemos inferir que “o significado propriamente do desejo” se relaciona aos valores

⁵³O autor utiliza o termo optativo.

⁵⁴García (2009) aponta quatro tipos de classificação semântica para os enunciados volitivos tanto para a língua espanhola quanto para a língua russa: (i) o desejo propriamente dito; (ii) o desejo como exortação; (iii) o desejo irrealizável direcionado ao passado; e (iv) o desejo acompanhado de significados de condição, objetivo e comparação, sendo este último exclusivo da língua russa, haja vista que em língua espanhola temos outros tipos de elementos linguísticos para que o falante expresse condições, objetividade e comparações.

semânticos de *optação* ou *desideração*. Por sua vez, “o desejo como uma exortação” estaria relacionado com “o querer como um dever” proposto por Casimiro (2007), que poderíamos classificar como *exortação*. E “o desejo irrealizável relacionado ao passado” se aproxima do valor semântico de *desideração*.

No que diz respeito ao valor semântico de *exortação*, segundo Medrano (2000), os casos de optatividade (desideratividade) em língua espanhola, geralmente, vêm acompanhados do modo subjuntivo, passando pela expressão do “desejo”, depois pela “exortação” (quando o falante quer que algo seja realizado, mas o faz de maneira cortês, mitigando a “ordem” ou o “mandado”), até chegar aos casos em que o falante “ordena” ou “manda” que algo seja feito de forma direta ao ouvinte. Dessa forma, acreditamos que para os casos em que a modalidade volitiva se revista de uma espécie de “ordem” ou “mandado”, seria mais conveniente classificá-la como *exortação*, já que o falante, ao empregar o modalizador “querer”, mitiga a força ilocucionária ao “impor” algum tipo de “ordem” ou “mandado” ao ouvinte, como no exemplo de Bittencourt (2014, p. 249): “*Tu ficas no teu canto e eu vou ficar no meu. Tu fazes o que tu quiseses, e eu faço o que eu quiser. (FLN 03)*”; em que a autora classifica essa ocorrência como uma *exortação*.

Tomando por base os padrões ilocucionais e os aspectos semânticos da volição apontados por Jespersen (1929), Grande Alija (1996), Casimiro (2007), García (2009), Giomi (2010), Topor (2011) e comparando-os com a proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008), é possível apresentarmos os seguintes valores semânticos para a modalidade volitiva, a saber:

- (i) *desideração* (volição irrealizável⁵⁵);
- (ii) *optação* (volição realizável⁵⁶);
- (iii) *intenção* (volição como intenção);
- (iv) *exortação* (volição como ordem ou mandado).

Sabendo-se que a modalidade volitiva pode apresentar os seguintes valores semânticos: *desideração*, *optação*, *intenção* e *exortação*; poderíamos apontar alguns *traços semânticos* que podem diferenciá-los, considerando os participantes (falante e ouvinte) e o evento volitivo manifestado, a saber:

⁵⁵ Para esta pesquisa, entendemos o termo “irrealizável” como um desejo impossível de ocorrer, haja vista que o falante ou o participante expresso no predicado fazem referência a um desejo relacionado a um evento ocorrido no passado, sendo impossível que tal desejo se concretize.

⁵⁶ Para esta pesquisa, entendemos o termo “realizável” como um desejo possível de ocorrer, mas sem que o falante ou o participante expresso no predicado tenha controle sobre o que é desejado.

1. [+ volição] ou [- volição]: o enunciado modalizado conteria ou não conteria “volitividade” (o elemento do desejo);⁵⁷
2. [+ controle] ou [- controle]: o evento volitivo poderia ser mais controlado ou menos controlado se depender apenas do falante, do falante/ouvinte ou apenas do ouvinte;
3. [+ subjetivo] ou [- subjetivo]: o evento volitivo poderia estar mais ou menos restrito ao plano do pensamento (fenômeno mental).
4. [+ diretivo] ou [- diretivo]: a volição expressa implicaria ou não em uma performatividade por parte do falante e/ou ouvinte;
5. [+ factual] ou [- factual]: os eventos volitivos poderiam estar relacionados à factualidade (mundo real), a não-factualidade (mundo imaginário) ou a contrafactualidade (eventos passados ocorridos no mundo real);
6. [+ certeza] ou [- certeza]: a potencialização do evento volitivo poderia ser mais certa ou incerta.
7. [+ hierárquica] e [- hierárquica]: a relação entre falante e ouvinte poderia ser mais ou menos hierárquica.

Vejamos esses aspectos semânticos aplicados aos valores volitivos propostos para esta pesquisa:

1) Para o valor semântico de *desideração*, podemos estabelecer os seguintes traços semânticos:

- O enunciado modalizado conteria volitividade [+ volição];
- O evento volitivo seria menos controlado por parte do falante [- controle];
- O evento volitivo estaria mais restrito ao plano do pensamento [+ subjetivo];
- A modalização volitiva expressa não implicaria em uma performatividade [- diretivo];
- O evento volitivo seria realizável apenas do ponto de vista da contrafactualidade ou da não-factualidade, já que a modalização volitiva estaria

⁵⁷ Segundo Narrog (2012) e Olbertz (2016), há modalidades que contém volitividade, sendo classificadas como modalidades “volitivas”, e há outros tipos de modalidade que não contém volitividade, sendo definidas como modalidades “não-volitivas”. A partir dessa definição, pautamos que alguns enunciados modalizados poderiam ser “volitivos” (o que seria relevante para a modalidade volitiva e os valores semânticos a ela atribuídos para esta pesquisa) ou “não-volitivos”.

relacionada a eventos passados ou que se encontrem apenas na mente do falante [-factual];

- O falante não poderia assegurar a potencialização do evento volitivo [-certeza].
- A relação entre falante e ouvinte poderia ser mais ou menos hierárquica [\pm hierárquica].

Vejamos os exemplos (15) e (16) do nosso *corpus*:

(15) “[...] *Quisiera ahora que mis palabras fueran especialmente como una continuación de las palabras finales del discurso de Pablo VI [...]*” (DAP-3)

[Desejaria agora que as minhas palavras fossem, especialmente, como uma continuação das palavras finais do discurso de Paulo VI].

(16) “*Cuánto quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores.*” (DAR-3)

[Quanto queria que fosse Ela mesma que os levasse, até o profundo de suas almas de pastores].

2) No que diz respeito ao valor semântico de *optação*, podemos estabelecer os seguintes traços semânticos:

- O enunciado modalizado conteria volitividade [+ volição];
- O evento volitivo seria menos controlado por parte do falante, pois dependeria do ouvinte a concretização da volição expressa ou de algo externo ao falante [-controle];
- O evento volitivo estaria mais restrito ao plano do pensamento [+ subjetivo];
- A modalização volitiva expressa implicaria em uma performatividade [+ diretivo];
- O evento volitivo seria concretizável do ponto de vista da factualidade [-factual];
- O falante não poderia assegurar a potencialização do evento volitivo [-certeza].

- A relação entre falante e ouvinte poderia ser mais ou menos hierárquica [\pm hierárquica].

Para exemplificar, citamos os exemplos (17) e (18), retirado do nosso *corpus*:

(17) “[...] *Los indígenas de México aún esperan que se les reconozca efectivamente la riqueza de su contribución [...]*” (DAR-3)

[Os povos indígenas do México ainda esperam que a sociedade mexicana reconheça, efetivamente, a riqueza da sua contribuição].

(18) “*Confío también que la Conferencia de París sobre el cambio climático logre acuerdos fundamentales y eficaces.*” (DAP-3)

[Confio também que a Conferência de Paris sobre as mudanças climáticas consiga acordos fundamentais e eficazes].

3) Em relação ao valor semântico de *intenção*, podemos estabelecer os seguintes traços semânticos:

- O enunciado modalizado conteria volitividade [+ volição];
- O evento volitivo seria mais controlado, já que o evento volitivo dependeria apenas do falante [+ controle];
- O evento volitivo ainda estaria restrito ao plano do pensamento, mas haveria uma “disposição” de concretização da volição [+ subjetivo];
- A modalização volitiva expressa implicaria uma performatividade [+ diretivo];
- O evento volitivo seria realizável do ponto de vista da factualidade [+ factual];
- O falante poderia assegurar a potencialização do evento volitivo [+ certeza].
- A relação entre falante e ouvinte poderia ser mais ou menos hierárquica [\pm hierárquica].

Vejamos os exemplos (19) e (20), também retirados do nosso *corpus*:

(19) “*No quiero terminar sin hacer mención a la Eucaristía.*” (DAR-2)

[Não quero terminar sem fazer menção à Eucaristia].

(20) “*No pretendo decirles lo que hay que hacer*” (DAR-1)

[Não pretendo dizer-lhes o que se deve fazer].

4) Para o valor semântico de *exortação*, podemos estabelecer os seguintes traços semânticos:

- O enunciado modalizado conteria volitividade, ainda que a volição se trate de um tipo de “ordem” ou “mandado”, haja vista que o falante “mitiga” a força ilocucionária ao modalizar volitivamente [+ volição];
- O evento volitivo seria menos controlado pelo falante, pois dependeria do ouvinte a concretização da volição expressa [- controle];
- O evento volitivo não estaria restrito ao plano do pensamento, haja vista que a volição se “reveste” de uma espécie de “ordem” ou “mandado” [- subjetivo];
- A modalização volitiva expressa implicaria em uma performatividade [+ diretivo];
- O evento volitivo seria realizável do ponto de vista da factualidade [+ factual];
- O falante não poderia assegurar a potencialização do evento volitivo [- certeza].
- A relação entre falante e ouvinte seria mais hierárquica [+ hierárquica].

Vejamos os exemplos (21) e (22) retirados do nosso *corpus*:

(21) “*Que vuestras miradas sean capaces de cruzarse con las miradas de ellos, de amarlos y de captar lo que ellos buscan [...]*” (DAR-3)

[Que seus olhares sejam capazes de cruzar-se com os olhares deles, de amá-los e de captar o que eles buscam].

(22) “*En estas situaciones, que nunca falte la paternidad de ustedes, Obispos, para con sus sacerdotes.*” (DAR-3)

[Nestas situações, que nunca falte à paternidade de vocês, bispos para com seus sacerdotes].

O Quadro 1, por nós elaborado, traz um resumo dos traços semânticos estabelecidos que nos poderão auxiliar na classificação dos valores semânticos dos enunciados modalizados volitivamente no nosso *corpus*:

Quadro 1: Traços semânticos da modalização volitiva

Traços semânticos da modalização volitiva	Valores semânticos da modalidade volitiva			
	Desideração	Opção	Intenção	Exortação
Volitividade	[+ volição]	[+ volição]	[+ volição]	[+ volição]
Controlabilidade do evento volitivo	[- controle]	[- controle]	[+ controle]	[- controle]
Subjetividade do evento volitivo	[+ subjetivo]	[+ subjetivo]	[+ subjetivo]	[- subjetivo]
Performatividade da volição	[- diretivo]	[+ diretivo]	[+ diretivo]	[+ diretivo]
Factualidade do evento volitivo	[- factual]	[+ factual]	[+ factual]	[+ factual]
Potencialização do evento volitivo	[- certeza]	[- certeza]	[+ certeza]	[- certeza]
Relação entre falante e ouvinte	[± hierárquica]	[± hierárquica]	[± hierárquica]	[+ hierárquica]

Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação à fonte volitiva, para a modalidade volitiva, Dall’Aglío-Hattner (2009) diz que os valores expressos pelos modalizadores volitivos, em especial, o modal *querer*, pode ser determinado a partir das relações estabelecidas entre a fonte e o alvo volitivos e pela natureza do alvo volitivo. Dessa forma, segundo García (2009), o desejo (volição) pressupõe a existência de um sujeito que deseja (S1), de uma ação desejada (AD), sendo essa ação real ou irreal, e de um sujeito da ação desejada (S2).

Para a desejabilidade expressa nos discursos do Papa Francisco, pautamos que a modalidade volitiva pode ter como fonte volitiva⁵⁸ (o sujeito que deseja – S1) o próprio falante (o Papa Francisco), sendo, portanto, classificado como fonte volitiva do tipo

⁵⁸Para a classificação dos tipos de fonte e alvo volitivos, utilizamos os trabalhos de Pessoa (2011), do qual fizemos uma adaptação para a modalidade volitiva e de Dall’Aglío-Hattner (2009), no qual a autora reforça sobre a existência de fonte e alvo volitivos.

Enunciador. Quando o Papa reportar a volição de outra pessoa,⁵⁹ classificá-la-emos como fonte volitiva do tipo *Indivíduo* e quando reportar a volição de uma instituição⁶⁰ seja ela religiosa, civil, jurídica, etc., iremos designá-la como fonte volitiva do tipo *Instituição*. Para os desejos de âmbito coletivo⁶¹ que forem reportados pelo Papa Francisco, designa-la-emos como fonte volitiva do tipo *Domínio Comum*.⁶²

Dessa forma, para a fonte volitiva teremos:

- (i) Enunciador;
- (ii) Indivíduo;
- (iii) Instituição;
- (iv) Domínio comum.

Vejamos alguns casos de fonte volitiva encontradas em nosso *corpus*, a saber:

(23) Enunciador: “*Yo les voy a proponer algo a todas aquellas mujeres que están embarazadas de esperanza, porque un hijo es una esperanza, que en este momento se toquen la panza*” (DAR-2)

[Vou a propor-lhes algo a todas aquelas mulheres que estão grávidas de esperança, porque um filho é uma esperança, que neste momento toquem a suas barrigas].

(24) Indivíduo: “*Jesús quiere utilizar como espacio de su memorial, una cena [...]*” (DAR-2)

[Jesus quer utilizar como espaço de seu memorial, uma ceia].

⁵⁹Essa outra pessoa, pode tratar-se de outra autoridade religiosa, civil, jurídica, etc., ou de uma deidade ou algum fiel católico canonizado pela Igreja Católica, sendo intitulado nessa instituição religiosa como “santo(a)”.

⁶⁰Baseamo-nos no conceito de Althusser (1970).

⁶¹Os desejos de âmbito coletivo tratam-se daquilo que é visto socialmente como algo desejável, partindo da própria comunidade, seja ela civil ou religiosa, da qual o falante reporta esse desejo (volição) em seu discurso.

⁶²Silva (2013) define o termo ‘domínio comum’ como um conhecimento prévio ou uma verdade, geralmente, conhecida. Dessa forma, além de nos referirmos ao termo em relação à evidencialidade, pautamos também que uma fonte de tipo domínio comum irá reportar a estado-de-coisas desejáveis ou indesejáveis conhecidos pelo(s) destinatário(s). Ainda segundo Silva (2013, p. 89), “no que tange a evidencialidade do domínio comum, sua função é a de ‘preparar o terreno’ para a adesão de um argumento, já que o enunciador demonstra apresentar as mesmas bases epistêmicas que o auditório”. Em outras palavras, podemos dizer que se trata de uma estratégia do falante que visa tentar uma maior proximidade com seu(s) destinatário(s), demonstrando, dessa forma, que há uma ligação entre eles, seja ela cultural, social, ideológica, religiosa ou histórica.

(25) Instituição: “*Y la Iglesia quiere una sociedad que encuentra su reaseguro cuando valora, admira y custodia también a sus mayores*” (DAP-7)

[E a Igreja quer uma sociedade que encontre seu resseguro quando valoriza, admira e protege também os idosos].

(26) Domínio Comum: “[...] *el México que deseamos legar a las generaciones venideras.*” (DAP-5).

[O México que desejamos legar as próximas gerações].

No que diz respeito ao alvo volitivo,⁶³ que remete ao sujeito da ação desejada (S2) sobre quem irá recair aquilo que é desejado, podemos estabelecer os seguintes critérios: para os casos em que a desejabilidade recair sobre o próprio Papa, iremos designar como alvo do tipo *Enunciador*. Nos casos em que a desejabilidade recair sobre uma pessoa em particular, classificá-lo-emos como alvo volitivo de tipo *Indivíduo* e, para os casos em que recair sobre alguma instituição, seja ela religiosa, civil, jurídica, etc., designá-lo-emos como alvo do tipo *Instituição*. Para os casos em que a volição recair sobre os ouvintes a quem o Papa fala diretamente, defini-lo-emos como alvo volitivo de tipo *Coenunciador*.⁶⁴ Nos casos em que a volição recair em âmbito coletivo ou a um grupo de pessoas de compartilham das mesmas características (idade, sexo, *status* social, classe econômica, etc.) designá-lo-emos de alvo volitivo de tipo *Domínio Comum*. Para os casos em que a modalidade volitiva se referir a desejabilidade de realização de eventos, o tipo de alvo volitivo será de tipo *Inexistente*.

Dessa forma, para o alvo volitivo teremos:

- (i) Enunciador;
- (ii) Indivíduo;
- (iii) Instituição;
- (iv) Coenunciador;

⁶³ Em relação ao termo alvo, fazemos uma distinção nesta pesquisa entre alvo da avaliação, que se refere a forma como o enunciado é modalizado, podendo a modalidade ser orientada para o Participante, o Evento e a Proposição de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008); e o alvo volitivo sobre quem recai a desejabilidade expressa segundo García (2009).

⁶⁴ Com base em Pessoa (2011), que analisou a modalidade deontica no discurso midiático, o alvo do tipo coenunciador é aquele com quem o falante dialoga diretamente, tratando-se, especificamente, da 2ª pessoa do singular. No entanto, empregamos aqui o termo “coenunciador” para os casos em que o falante instaurar a modalidade volitiva diretamente para o seu público, ou seja, os destinatários com quem ele dialoga diretamente no discurso ao utilizar a 2ª pessoa do plural, em espanhol, *vosotros*, ou empregar a 3ª pessoa do plural, *ustedes*, para os casos de formalidade, quando o Papa se direciona a altas autoridades, chefes de estados, governadores, etc.

(v) Domínio Comum;

(vi) Inexistente.

Mostremos agora alguns casos de alvo volitivo retirado do nosso *corpus*, a saber:

(27) Enunciador: “[...] *quería yo mismo ser alcanzado por su mirada materna [...]*” (DAR-3)

[Queria eu mesmo ser alcançado por seu olhar maternal].

(28) Indivíduo: “*Nos mueve a ello la certeza de nuestra fe en Dios, que quiso hacerse hombre y, viviendo entre nosotros, compartir nuestra suerte.*” (DAP-8)

[Nos move essa certeza de nossa fé em Deus, que quis fazer-se homem e, vivendo entre nós, experimentar nossa sorte].

(29) Instituição: “*Para ello, es muy importante que la Iglesia en los Estados Unidos sea también un hogar humilde que atraiga a los hombres por el encanto de la luz y el calor del amor.*” (DAR-1)

[Para isso, é muito importante que a Igreja nos Estados Unidos seja também um lar humilde que atraia aos homens pelo encanto da luz e do calor de amor].

(30) Domínio Comum: “*Él quiere estar siempre presente alimentándonos con su amor, sosteniéndonos con su fe, ayudándonos a caminar con su esperanza [...]*” (DAR-2)

[Ele quer estar sempre presente, alimentando-nos com seu amor, sustentando-nos com sua fé, ajudando-nos a caminhar com esperança].

(31) Coenunciador: “*Cuánto quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores*” (DAR-3)

[Quanto queria que fosse Ela mesma quem lhes levasse, até o profundo de suas almas de Pastores].

(32) Inexistente: “[...] *es necesario responder que Dios existe y está cerca a través de Jesús. Que sólo Dios es la realidad sobre la cual se puede construir.*” (DAR-3).

[É necessário responder que Deus existe e está próximo através de Jesus. Que só Deus é a realidade sobre a qual se pode construir].

As categorias de análise do NI e as do NR não interagem apenas entre si, atuando também sobre o NM, que será visto na subseção seguinte.

2.1.1.3 O Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático (NM), segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), está encarregado dos aspectos estruturais da unidade linguística, em conjunção com o Nível Fonológico (NF), que também se ocupa da codificação das diferenças interpessoais e representacionais. Por esse motivo, muito do que ocorre no NM é funcionalmente motivado, já que os princípios ordenadores são motivados por iconicidade, integridade de domínio e de manutenção das relações de escopo. Ao mesmo tempo, a morfossintaxe possui seus próprios princípios de organização, como, por exemplo, a imposição arbitrária de um padrão de ordem de constituinte básico que, em si mesmo, não pode ser considerado funcionalmente motivado. A GDF não faz distinção entre um nível de análise sintático e outro morfológico, pois os princípios que são empregados na formação das palavras são os mesmos que operam na formação de frases e orações.

No Esquema (6),⁶⁵ vemos uma representação das relações hierárquicas que se estabelecem no NM:

(6): As camadas de organização do Nível Morfossintático (NM)

(Le1:	Expressão Linguística
(CI1:	Cláusula
(Xp1:	Sintagma
(Xw1:	Palavra
(Xs1)	Raiz
(Aff1)	Afixo
(Xw1))	Palavra
(Xp1))	Sintagma
(CI1))	Cláusula
(Le1))	Expressão Linguística

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 420).

⁶⁵ Retirado da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a camada mais alta do NM é a Expressão Linguística (Le), que se trata, necessariamente, de qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática. Se ocorrer de haver mais de uma unidade dentro da Expressão Linguística (Le), essas unidades terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que combinam a Expressão Linguística (Le) são as Cláusulas (Cl), os Sintagmas (Xp) ou as Palavras (Xw).

Ainda com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), podemos resumir a formalização do NM apresentado na GDF. Vejamos o Esquema (7):

(7) (E11: [Cl1: [(Xw) (Xp1: [(Xw) (Xp2) (Cl2)] (Xp1)) (Cl3)] (Cl1)]) (E11))

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), ao serem introduzidas as Expressões Linguísticas (Le) na análise linguística na GDF, foi possível tratar de diferentes frases e enunciados, sejam eles oracionais ou não. Em relação às unidades que compõem a Expressão Linguística (Le), a Cláusula (Cl) trata-se de um conjunto de um ou mais Sintagmas (Xp) e, possivelmente, de Palavras (Xw), caracterizando-se por um esquema para a ordenação desses Sintagmas (Xp) e também por expressões morfológicas de conexão. A Cláusula (Cl) pode operar como um domínio para vários processos morfossintáticos, sendo que isso dependerá de critérios específicos de cada língua. O Sintagma (Xp) apresenta como núcleo um tipo de “peça” léxica que advém do NI ou do NR, sendo que não há, necessariamente, uma correspondência um a um entre as classes e lexemas identificados em uma língua e os tipos de Sintagmas (Xp) e classes de Palavras (Xw) correspondentes na mesma língua. A Palavra (Xw), por sua vez, pode ser muito complexa, podendo conter Temas (Xs) e Afixos (Aff), podendo conter também estratos superiores, como Sintagmas (Xp) e Cláusulas (Cl).

Sabendo-se da organização do NM dentro da GDF, propomos também, assim como o fizemos para os dois níveis anteriores, algumas categorias de análise relativas a esse nível, com base em trabalhos relativos à teoria da GDF, tais como Hengeveld e Mackenzie (2008) e Pessoa (2011); e trabalhos relativos apenas à categoria modalidade, tais como Palmer (1986), Neves (1996), Sedano (2006), García (2009), Topor (2011) e García (2013). Pautando-nos nesses trabalhos, apontamos as seguintes categorias de análise no que diz respeito às formas de expressão da modalidade volitiva, a saber: (i) tempo verbal; (ii) modo verbal; e (iii) formas de expressão.

Para as categorias semânticas de tempo e modo, Hengeveld e Mackenzie (2008) esclarecem que elas também contribuem como um meio de manifestação da modalidade, podendo influir no modo como o falante instaura a modalidade volitiva em relação ao valor semântico da volição ou ao tipo de ouvinte a quem o falante dirige seu discurso por exemplo. Por isso, podemos então afirmar que modalidade volitiva pode expressar-se em relação ao tempo,⁶⁶ a saber:

- (i) Presente;
- (ii) Pretérito perfeito simples;
- (iii) Pretérito perfeito composto;
- (iv) Pretérito pluscuamperfeito (mais-que-perfeito);
- (v) Pretérito imperfeito;
- (vi) Condicional simples;
- (vii) Condicional composto;
- (viii) Futuro simples;
- (ix) Futuro composto.

No que diz respeito ao tempo verbal, apresentamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*. Vejamos:

(33) Presente: “*Esta realidad nos lleva inevitablemente a reflexionar sobre la propia responsabilidad a la hora de construir el México que queremos.*” (DAP-5)
[Esta realidade nos leva, inevitavelmente, a refletir sobre a própria responsabilidade na hora de construir o México que queremos].

(34) Pretérito perfeito simples: “[...] *cuando genera una cultura que permita a sus hombres «soñar» con plenitud de derechos para sus hermanos y hermanas, como intentó hacer Martin Luther King.*” (DAP-2)

[Quando gera uma cultura que permita aos homens sonhar com plenitude de direitos para seus irmãos e irmãs, como pretendeu fazer Martin Luther King].

⁶⁶Tradução dos tempos verbais da língua espanhola ao português. Em espanhol os tempos verbais correspondem, respectivamente, segundo a Gramática da Real Academia Espanhola (2010), a: *presente, pretérito perfecto simple, pretérito perfecto compuesto, pretérito pluscuamperfeito, pretérito imperfecto, condicional simple, condicional compuesto, futuro simple y futuro compuesto*.

(35) Pretérito perfeito composto: “*Me he animado a esbozar algunas de las riquezas de su patrimonio cultural, del alma de su pueblo [...]*” (DAP-2)

[Tenho pretendido fazer um esboço de algumas das riquezas de seu patrimônio cultural, da alma de seu povo].

(37) Pretérito imperfeito: “[...] *quisiera que mi saludo llegase especialmente a todas aquellas personas que, por diversos motivos, no podré encontrar y a todos los cubanos dispersos por el mundo.*” (DAP-4)

[Queria que minha saudação chegasse, especialmente, a todas aquelas pessoas que, por diversos motivos, não poderei encontrar e a todos os cubanos dispersos pelo mundo].

Em relação ao Modo,⁶⁷ a saber:

(i) Indicativo;

(ii) Subjuntivo;

(iii) Imperativo.⁶⁸

No que diz respeito ao modo verbal, apresentamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*. Vejamos:

(38) Indicativo: “*Como cristianos movidos por esta certeza, queremos comprometernos con el cuidado consciente y responsable de nuestra casa común [...]*” (DAP-1)

[Como cristãos movidos por esta certeza, queremos comprometer-nos com o cuidado consciente e responsável de nossa casa comum].

(39) Subjuntivo: “*Que seamos reflejos de su luz y de su amor.*” (DAP-6)

[Que sejamos reflexos de sua luz e de seu amor].

⁶⁷Nos casos em que não seja possível atribuição dessas categorias de análise, como substantivos e adjetivos em posição predicativa, por exemplo, quando for feito o cruzamento das categorias de análise em relação ao tempo e modo verbal, trataremos de classificá-las como categorias de análise do tipo “não se aplica” em relação com as ocorrências analisadas.

⁶⁸Segundo García (2009), quando o desejo (volição) é dirigido a uma segunda pessoa, é possível que se empregue o modo imperativo, nesses casos se expressa o desejo de finalizar imediatamente outra ação.

No que diz respeito às formas de expressão, segundo Palmer (1986), a modalidade pode expressar-se por meio de verbos modais, modo, partículas ou clíticos. Entretanto, Neves (1996) ressalva que além dos verbos modais, a modalidade pode também manifestar-se por meio de verbos de significação plena, advérbios, adjetivos em posição predicativa, substantivos e pelas categorias gramaticais do verbo, como o aspecto, tempo e modo verbais. De acordo com Pessoa (2011), a categoria da modalidade constitui um recurso do qual o falante recorre para que mostre ao seu destinatário os indícios acerca de opiniões, crenças ou desejos a respeito de algo, por isso, acreditamos que o emprego dos modalizadores leva em consideração a informação pragmática tanto do falante, quem profere o discurso, quanto do ouvinte, a quem o discurso é dirigido.

Para Sedano (2006), García (2009), Topor (2011) e García (2013) os enunciados de modalização volitiva (relacionados à expressão dos desejos e vontades do falante) podem ser expressos por formas ainda não gramaticalizadas na língua espanhola, sendo a volição expressa pelo falante caracterizada apenas pelo aspecto semântico dos verbos plenos ou léxicos, tais como *querer, desear, necesitar, pretender, anhelar, ambicionar, lograr*, etc.; por construções linguísticas que expressem volição, tais como *ojalá+infinitivo* ou *que+subjuntivo*; ou por meio de perífrases verbais já gramaticalizadas⁶⁹ em espanhol como *pensar+infinitivo*. Em suma, podemos dizer que segundo Sedano (2006), García (2009) e Topor (2011), a modalidade volitiva pode ser expressa em espanhol por meio de verbos plenos, construções volitivas, perífrases verbais ou do conteúdo semântico dos verbos plenos inferidos pelo contexto.

Com base nos autores acima mencionados, podemos apontar algumas formas de expressão da modalidade volitiva, a saber:

- (i) verbos modais;
- (ii) verbos de significação plena;
- (iii) adjetivo em posição predicativa;
- (iv) substantivo;
- (v) construções volitivas.⁷⁰

⁶⁹ Segundo Topor (2011), apenas para a manifestação das “intenções” poderíamos encontrar perífrases verbais já gramaticalizadas.

⁷⁰ Segundo a Gramática da Real Academia Espanhola (2010), especificamente, para a modalidade volitiva, que está relacionada à manifestação do desejos (volição), podemos apontar construções volitivas (expressões de desejo) em língua espanhola, principalmente com o uso de *ojalá+subjuntivo* e expressões com a partícula *que+subjuntivo*.

Para as formas de expressão da modalidade volitiva, apresentamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*, a saber:

(40) Verbo modal: “*Y yo vengo como esos pastores que fueron a Belén. Me quiero hacer prójimo.*” (DAR-5).

[E venho como estes pastores que foram a Belém. Quero fazer-me próximo].

(41) Verbo de significação plena: “[...] *deseo que venga sanito, que crezca bien, que lo pueda criar lindo [...]*” (DAR-2).

[Desejo que venha são, que cresça bem e que possam criá-lo dignamente].

(42) Adjetivo em posição predicativa: “[...] *es necesario buscar no «el alimento que perece, sino el que perdura para la vida eterna» (Jn 6,27).*” (DAR-1).

[É desejável buscar não «o alimento que perece, mas aquele que perdura para a vida eterna» (Jn 6,27).].

(43) Substantivo: “[...] *el Papa cultivaba desde hace tiempo el deseo de mirarla.*” (DAR-3)

[O Papa cultivava o desejo de contemplá-la].

(44) Construção volitiva: “*Que Jesús los bendiga y la Virgen los cuide.*” (DAR-4)

[Que Jesus os abençoe e que a Virgem os cuide].

Além dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, o Componente Gramatical também está composto pelo Nível Fonológico,⁷¹ que será apresentado na subseção seguinte.

2.1.1.4 O Nível Fonológico

No que diz respeito ao Nível Fonológico (NF), Hengeveld e Mackenzie (2011) estabelecem que este nível é o responsável por todos os aspectos da Codificação não atendidos pelo NM. Ele recebe o *input*, parte dele na forma fonêmica, de todos os outros três

⁷¹ Ressaltamos que não propomos nenhuma categoria de análise relativa ao Nível Fonológico, já que não pretendemos trabalhar com esse nível para esta pesquisa.

níveis e fornece o *input* ao Componente de Saída. Enquanto o Componente de Saída trata de questões análogas (frequência dos formantes, intensidade, duração e características do espectro), o Nível Fonológico, por estar dentro da Componente Gramatical, é de natureza digital, contendo representações fonêmicas que se baseiam, em última análise, em oposições fonológicas binárias. Portanto, o NF não mostra a “melodia” da frase entonacional, mas dispõe de um número de indicações em cada camada que o Componente de Saída transforma em um resultado que flui de forma natural. As representações fonológicas são de natureza hierárquica, fazendo com que a GDF assuma que nem todas as camadas estão ativas em cada Enunciado ou de fato sejam relevantes para cada sistema linguístico. Assim como no Nível Morfossintático, a GDF não exclui a possibilidade de recursividade em certas camadas.

No esquema (8),⁷² vemos uma representação das relações hierárquicas que se estabelecem no NF:

(8): As camadas de organização do Nível Fonológico (NF)

(π U1: [(π IP1: [(π PP1: [(π PW1: [(π F1: [(π S1) N] (F1))] (PW1))] (PP1))] (IP1)] (U1))	Enunciado Frase Entonacional Frase Fonológica Palavra Fonológica Pé Sílabas Pé Palavra Fonológica Frase Fonológica Frase Entonacional Enunciado
--	---

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 428).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), no NF encontram-se os padrões prosódicos relevantes em cada estrato de análise, além de um inventário das sequências segmentais que expressam as configurações particulares de morfemas e marcadores de posição que são introduzidos em outros níveis. No NF, encontra-se um conjunto de operadores terciários que apresentarão seus últimos efeitos no Componente de Saída. De maneira semelhante aos demais níveis, as representações fonológicas são de natureza

⁷² Retirado da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

hierárquica, haja vista que a GDF assume que nem todos os estratos são ativos em cada enunciado ou relevantes para cada sistema linguístico.

A GDF foi arquitetada como um modelo de interação verbal no qual o Componente Gramatical interage com outros três componentes, como citado anteriormente, em especial, com o Componente Contextual que está relacionado ao contexto no qual se dão as interações comunicativas entre os falantes.

2.1.2 O Componente Contextual

Na arquitetura da GDF, o Componente Contextual é aquele que contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente em que ocorre o evento de fala, em especial, no que diz respeito às relações sociais entre os falantes. As informações fornecidas pelo Componente Contextual são bastante significativas para as operações que ocorrem no Componente Gramatical.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a intenção comunicativa do falante⁷³ não se dá pelo acaso, haja vista que, ao interagir com seu ouvinte, tanto o falante quanto o ouvinte estão inseridos em um contexto comunicativo multifacetado. O Componente Contextual contém dois tipos de informações essenciais: (i) as informações imediatas que são recebidas do Componente Gramatical no que concerne a um enunciado em particular, o que é, em certa medida, relevante para a forma que os enunciados subsequentes podem tomar ao longo do evento de fala; e (ii) as informações de longo prazo ativadas na interação verbal em curso, o que é relevante para que se possam fazer as distinções necessárias que são exigidas na língua utilizada e que influenciariam, posteriormente, nas operações de Formulação e Codificação.

Por informações de longo prazo, Hengeveld e Mackenzie (2008) citam como exemplos o sexo dos participantes (masculino ou feminino) e a relação social entre eles (chefe e patrão, professor e aluno, dois amigos, dois colegas de trabalho, etc.). Como exemplo, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 10) mencionam uma dada ilocução:

⁷³ De acordo com Pezatti (2010), a GDF entende a estrutura dos enunciados tendo o contexto em que ocorre o evento de fala como algo que influencia as escolhas linguísticas do falante, por isso a GDF adota uma perspectiva que está orientada para a produção do falante e não uma perspectiva orientada para interpretação que é feita pelo ouvinte.

(45) *Como você está pálida!*⁷⁴

Nesse exemplo do espanhol, mencionado pelos autores, temos o uso da forma “pálida” (e não “pálido”, pois o falante fala diretamente com uma pessoa do sexo feminino) e o grau de formalidade ou informalidade da relação entre os falantes (no exemplo, parece ser um grau de informalidade, pois deve se referir a dois amigos conversando). Dessa forma, temos que a GDF admite, para a composição do contexto, fatores relativos a questões como o gênero, registro, estilo, etc., fatores estes que podem impactar nas possíveis escolhas linguísticas adotadas pelo falante.

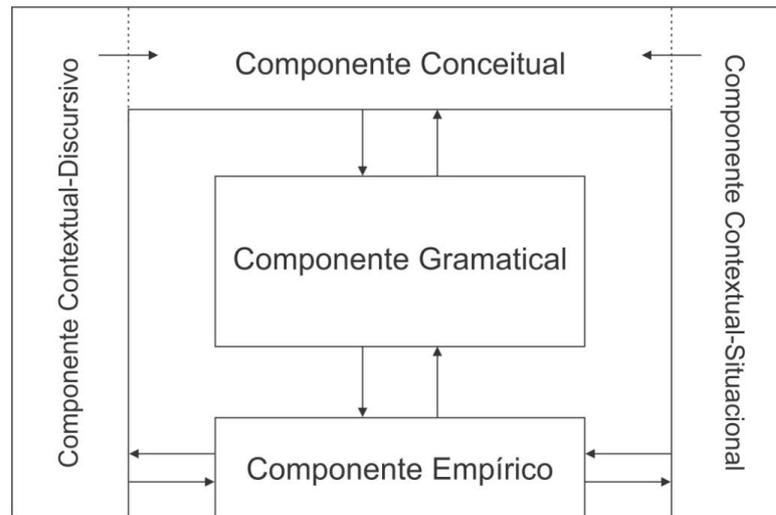
Após a publicação da GDF, muitos foram os trabalhos que dissertaram a respeito da relevância do Componente Contextual (e o contexto em que se dá a interação comunicativa entre os falantes) para as operações de Formulação e Codificação no Componente Gramatical. Poderíamos citar os trabalhos recentes, tais como Connolly (2014) e Hengeveld e Mackenzie (2014).

Para Connolly (2014), as características básicas do contexto na GDF podem ser resumidas: (i) o contexto é fornecido pelas propriedades relevantes do meio no qual se encontram os falantes; (ii) o contexto como uma construção subjetiva; e (iii) o contexto como uma estrutura em termos de uma hierarquia fundamental. Com base nessas três características básicas apresentadas, Connolly (2014) divide-o em duas partes: (i) *contexto discursivo*, de natureza multimodal, podendo ser linguístico ou não linguístico; (ii) *contexto situacional*, referente ao ambiente no qual estão imersos os falantes, podendo ser contexto físico ou sociocultural. Connolly (2014) ainda apresenta outra divisão, mas referente a questões cognitivas do contexto, subdividindo-o em *contexto mental* e *contexto extramental*. O contexto mental existe dentro da mente dos falantes, enquanto o contexto extramental é fornecido pelo universo externo aos falantes.

Com base em Connolly (2014), vejamos a Figura 3 que exemplifica O Componente Contextual dentro do modelo da GDF:

⁷⁴ Tradução nossa. O original diz: “*¡Qué pálida estás!*” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 10).

Figura 3: Componente Contextual de Connolly (2014)



Fonte: Retirado de Connolly (2014, p. 233)

Ainda em relação ao contexto, segundo Connolly (2014), ele é uma categoria muitas vezes denominada de *cotexto*, sendo delimitado pelo discurso atual, enquanto a categoria mais ampla é chamada de *intertexto*, já que se estende a outros tipos de discursos. O contexto situacional, por sua vez, faz referência ao contexto no qual estão inseridos os falantes (contexto interacional) ou descreve a situação da qual o discurso representa (contexto descrito).

Connolly (2014) também chama a atenção para a possibilidade de o contexto ser dividido em dois: *contexto físico* e *contexto sociocultural*. O contexto físico faria referência: (i) às entidades animadas e inanimadas presentes no discurso, além de apresentar os seus atributos físicos; (ii) ao tempo; e (iii) à localização no espaço. O contexto sociocultural, por sua vez, estaria relacionado: (i) aos participantes do discurso, juntamente com seus atributos sociais e psicológicos, e incluindo os tipos de relações que se estabelecem entre eles; (ii) à ocasião em que se dá o discurso, sendo caracterizada em termos das propriedades referentes ao grau de formalidade ou informalidade do evento de fala; e (iii) ao propósito e ao resultado do discurso que se dá entre os falantes. Para o contexto mental e extramental, Connolly (2014) salienta que ambos podem ser analisados em relação à realidade que é percebida pelos falantes e a forma como ela é representada dentro de suas mentes, dessa forma, o contexto passaria a incluir os fenômenos reais ou imaginários e as representações mentais feitas por parte dos falantes.

Em Hengeveld e Mackenzie (2014), o Componente Contextual deve fornecer as informações necessárias para o correto funcionamento do Componente Gramatical, em vez de visar uma especificação exaustiva de todas as informações que desempenham um papel na interpretação de expressões linguísticas. Dessa forma, Hengeveld e Mackenzie (2014) pontuam que a interação entre o Componente Contextual e os demais Componentes, especialmente, o Componente Gramatical, deve ser vista como algo complementar, haja vista que as línguas divergem na forma como o contexto influencia nas formas linguísticas que serão utilizadas.

Hengeveld e Mackenzie (2014) ressaltam que o Componente Contextual não é idêntico em todas as línguas, pois as gramáticas individuais dependem, em certa medida, das diferentes informações contextuais que são, por sua vez, resultado das organizações socioculturais de cada indivíduo. Por causa dessas diferenças, algumas categorias de análise para o Componente Contextual são excluídas da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), pois têm relação com circunstâncias de âmbito social, tais como *gênero*, *projeto de comunicação geral*, *ambiente institucional*, etc., já que não se pode mostrar que tem sistemática influência sobre o funcionamento da gramática. Como exemplo, Hengeveld e Mackenzie (2014) citam o *gênero acadêmico*, que pode predispor os usuários de uma determinada língua a empregar construções mais impessoais, mas não há nenhuma exigência para que eles façam isso em um âmbito mais individual. Da mesma forma, o Componente Contextual não faria referência a gênero e identidade, tais como *Gay Dutch*, *Black English*, etc., a menos que estas possam ter algum tipo de impacto estrutural sobre a gramática regular dos indivíduos.

Apesar dessa visão restrita do Componente Contextual, Hengeveld e Mackenzie (2014) não negam que outros tipos de informação derivadas do contexto são relevantes para a interação entre os participantes. Tais informações podem ser tratadas em um modelo mais amplo da mente humana, o que incluiria um tipo de “enciclopédia” a partir da qual os falantes possam extraí-las e a partir dela possam fazer inferências, tendo em mente o contexto comunicativo em que se encontram. Na proposta dos autores, o Componente Contextual estaria dividido em quatro “estratos” que corresponde a um dos níveis do Componente Gramatical. Cada “estrato”, por sua vez, abrangeria um ou dois tipos de informação, seja essa informação oriunda da situação ou do discurso. A informação situacional seria relevante nos “estratos” que correspondem aos níveis da formulação (Níveis Interpessoal e Representacional), enquanto as informações do discurso estariam disponíveis em todos os quatro “estratos”.

Para Hengeveld e Mackenzie (2014), as informações situacionais são relevantes para a análise do contexto, pois elas oferecem uma seleção específica para o evento de fala que tem relevância para as operações da Formulação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2014), as informações situacionais abrangem três dimensões distintas:

- (i) as indicações dos participantes no evento de fala, bem como de todas aquelas propriedades que são significativas para a interação entre eles, como o sexo dos falantes (distinções gramaticais), a relação social entre eles (tipo de tratamento, formal ou informal), a presença de múltiplos comunicadores (o que é relevante para línguas que decodificam as ilocuções exortativas), a presença de espectadores, ouvintes e participantes que sejam ratificados ou não que podem impactar nas operações de Formulação ou Codificação dos falantes de forma sistemática;
- (ii) os aspectos do local onde o evento de fala ocorre;
- (iii) a indicação do evento de fala, pois à medida que as mudanças ocorrem no Componente Contextual, há uma consciência da passagem de tempo, o que é relevante para o estabelecimento do tempo absoluto em relação ao tempo relativo que são essenciais para os operadores e modificadores aplicados na camada do Episódio e na camada dos Estados-de-Coisas, respectivamente, dentro do Nível Representacional.

Resumidamente, com base em Connolly (2014) e Hengeveld e Mackenzie (2014), apresentamos algumas categorias relevantes para o contexto na GDF:

- (1) O tipo de entidade (animado ou inanimado) que faz parte do discurso.
- (2) O tempo em que ocorre o discurso.
- (3) O ambiente onde ocorre o discurso
- (4) Os participantes do discurso e as relações que se estabelecem entre eles.
- (5) O grau de formalidade ou informalidade do discurso.
- (6) O propósito e o resultado do discurso.
- (7) Os fenômenos reais ou imaginários abordados no discurso.
- (8) As representações mentais feitas do discurso pelos falantes.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2014), temos que o Componente Contextual fornece as informações necessárias para as operações de Formulação e de Codificação presentes no Componente Gramatical, pois o Componente Contextual contém as informações situacionais e discursivas e está organizado em diferentes estratos que correspondem, necessariamente, aos Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico dentro do Componente Gramatical. Dessa forma, há uma efetiva interação entre o Componente Contextual e Componente Gramatical e, dentro do Componente Gramatical, há também uma efetiva interação entre os quatro níveis que o compõem (o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico).

Como pretendíamos incluir os aspectos contextuais em nossa pesquisa, é relevante que também propuséssemos algumas categorias de análise referentes ao Componente Contextual. Apoiando-nos em Hengeveld e Mackenzie (2008), Connolly (2014) e Hengeveld e Mackenzie (2014), pautamos as seguintes categorias de análise: (i) o ambiente onde é proferido o discurso do Papa; e (ii) o tipo de ouvinte para quem o Papa Francisco direciona o seu discurso.

Apesar de não se tratar de uma de nossas categorias de análise, o tipo de *ethos*⁷⁵ do qual se reveste o Papa quando discursa é, geralmente, influenciado pelo tipo de ouvinte a quem o discurso é direcionado e pelo ambiente onde é proferido o discurso, o que poderia refletir tanto na forma como ele instaura a volição e de como ela é entendida pelos ouvintes. Segundo Boaventura e Freitas (2016), o Papa Francisco, como porta-voz da Igreja Católica, ao discursar, apresenta ao seu ouvinte um *ethos* prévio que advém da memória coletiva recuperada a respeito dessa instituição religiosa tanto por parte do Ouvinte 1 quanto do Ouvinte 2.

De acordo com Boaventura e Freitas (2016), para que o Papa consiga a adesão do público que o escuta, é preciso que ele projete um *ethos* que inspire uma relação de empatia entre as partes, criando condições para que o seu público possa compreender o que é dito e também participar do mundo particular dos conceitos que são engrenados no seu discurso. Boaventura e Freitas (2016) ainda salientam que a posição que o Papa Francisco ocupa pode ser reforçada por sua compleição física, as vestes que ele traja e a pompa de que a Igreja Católica se vale e que o cercam, o que garantiria à comunidade à qual ele se dirige uma posição de “fiador ideal” ao mundo a que ele dá acesso, mundo da espiritualidade, da doutrina

⁷⁵ Dependendo do tipo de ouvinte a quem o discurso era direcionado, o Papa poderia revestir-se de um tipo de *ethos* específico.

e das regras que norteiam a fé cristã católica. Dessa forma, ainda que o Papa Francisco seja reconhecido como um Chefe de Estado pelos demais Estados,⁷⁶ segundo Boaventura e Freitas (2016), a instituição que ele representa estará sempre ligada à sua pessoa, levando as pessoas que escutam o seu discurso a associá-lo ao que predica a Igreja Católica.

Boaventura e Freitas (2016) chamam a atenção também para a questão do *ethos* no sentido de que ele não entra em funcionamento apenas no momento da enunciação do discurso. Uma liderança religiosa, por exemplo, o Papa Francisco, ao discursar, não terá suas palavras processadas pelos seus ouvintes como se eles as ouvissem pela primeira vez, já que há uma base de informações já pré-estabelecidas, como a religião do líder religioso que discursa, bem como a sua história de atuação e suas ações passadas que se tornam “sinais” que ajudam a formar uma opinião preliminar em relação àquele que profere o discurso.⁷⁷

Em relação ao ambiente onde é proferido o discurso, selecionamos dois tipos: (i) político e (ii) religioso. Pautamos que o tipo de ambiente onde é proferido o discurso pode influenciar na forma como o Papa modaliza o seu discurso. Ao discursar em ambientes políticos, por exemplo, supomos que o Papa se manifestará sobre aquilo que é desejável em relação ao bem-estar do homem e da sua vida em sociedade. Enquanto, em ambientes religiosos, o Papa expressará sobre aquilo que lhe parece desejável ou indesejável para a Igreja Católica (ou para a própria divindade que ele representa) acerca dos ensinamentos doutrinários da fé cristã.

Além do tipo de ambiente, o tipo de ouvinte também pode influenciar na forma como a modalização volitiva é feita pelo Papa Francisco, por isso selecionamos dois tipos de ouvinte: (i) Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil); e (ii) Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos). Supomos que o Papa manifestará a volição relacionada aos valores semânticos de *optação* ou *intenção* para o Ouvinte 1, haja vista que, ao discursar para esse público, o Papa, como líder religioso, expressará o que é desejável para o mundo e a vivência do homem em sociedade. Enquanto, para o Ouvinte 2, o Papa expressará a volição relacionada ao valor semântico de *exortação*, pois, para esse público, o Papa, como

⁷⁶De acordo com García (2003), o Acordo de Latrão firmado no dia 11 de fevereiro de 1929 entre Benito Mussolini e o cardeal Pedro Gasparri põe fim a chamada Questão Romana da Igreja, reconhecendo a Santa Sé como uma personalidade internacional pré-existente, dando origem à criação de um novo sujeito internacional, o Estado do Vaticano, sendo o Sumo Pontífice designado como Chefe de Estado.

⁷⁷Tomando por base o trabalho de Boaventura e Freitas (2016), os discursos proferidos pelo Papa Francisco serão de caráter religioso. Haja vista que, segundo Peña-Alfaro (2005, p. 58), para o discurso religioso “o elemento mais importante para dar a ênfase retórica da qual ele é revestido para conseguir os efeitos e a produção de sentido desejado pelos religiosos nas suas mensagens dirigidas ao público escolhido. Este apelo à autoridade usa o texto bíblico como suporte, caracterizado como palavra de Deus, sendo à base da pregação religiosa e sua principal fonte de autoridade”.

representante de Jesus Cristo na Terra, expressaria o que lhe parece desejável em relação aos ensinamentos da Igreja Católica, fazendo com que o Ouvinte 2 interprete seus desejos ou os desejos da divindade que o Papa representa como uma espécie de “ordem” ou “mandado”.

Resumidamente, temos que, tanto o tipo de ambiente quanto o tipo de ouvinte para quem o discurso é proferido, pode fazer com que o Papa Francisco distinga o uso da expressão linguística ao modalizar volitivamente, podendo o enunciado modalizado apresentar valores semânticos distintos ou estar atrelado a uma marcação de tempo e modo diferenciados. Dessa forma, para o Componente Contextual, pautamos as seguintes categorias de análise a ele referente:

- (i) O ambiente onde o discurso é proferido (ambiente político e religioso);
- (ii) O tipo de ouvinte para quem o discurso é direcionado (Ouvinte 1 e Ouvinte 2).

Vejamos algumas ocorrências do *corpus* em relação ao tipo de ambiente onde o discurso foi proferido pelo Santo Padre:

(46) Ambiente político: “*Si se quiere un verdadero desarrollo humano integral para todos.*” (DAP-3)

[Se se quer um verdadeiro desenvolvimento humano e integral para todos].

(47) Ambiente religioso: “*Que el estilo de nuestra misión suscite en cuantos nos escuchan la experiencia del «por nosotros» de este anuncio.*” (DAR-1)

[Que o estilo de nossa missão suscite em quantos nos escutam a experiência do «por nós» deste anúncio].

Passemos agora a algumas ocorrências do *corpus* em relação ao tipo de ouvinte para quem o discurso foi direcionado pelo Sumo Pontífice:

(48) Ouvinte 1: “*Los animo a que sigan trabajando con todas sus fuerzas para consolidar las estructuras e instituciones democráticas que den respuesta a las justas aspiraciones de los ciudadanos.*” (DAP-8)

[Espero que sigam trabalhando com todas as suas forças para consolidar as estruturas e instituições democráticas que deem resposta às justas aspirações dos cidadãos].

(49) Ouvinte 2: “*Hermanos, que sus corazones sean capaces de seguirlos y alcanzarlos más allá de las fronteras.*” (DAR-3)

[Irmãos, que seus corações sejam capazes de segui-los e alcançá-los para além das fronteiras].

As categorias de análise⁷⁸ expostas acima relativas ao Componente Contextual são importantes porque nos auxiliam a compreender de que modo os condicionamentos contextuais podem influenciar nas escolhas linguísticas do Papa Francisco ao modalizar de forma volitiva em língua espanhola nos seus discursos.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2014), temos que o Componente Contextual fornece as informações necessárias para as operações de Formulação e de Codificação presentes no Componente Gramatical, pois o Componente Contextual contém as informações situacionais e discursivas e está organizado em diferentes estratos que correspondem, necessariamente, aos Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico dentro do Componente Gramatical. Dessa forma, há uma efetiva interação entre os Componentes Contextual e os níveis do Componente Gramatical.

2.2 A interação entre os componentes e os níveis de organização linguística

Para Hengeveld e Mackenzie (2009), a arquitetura que foi proposta para a GDF foi inspirada nas pesquisas realizadas acerca dos processos de produção de fala, na qual se distinguem três tipos de modo fundamentais: o Conceitualizador (que corresponde ao Componente Conceitual), o Formulador (que corresponde ao Componente Gramatical) e o Articulador (que corresponde ao Componente de Saída). Além desses três módulos apresentados nestas pesquisas, Hengeveld e Mackenzie (2009) já haviam acrescentado mais um componente, o Contextual.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2009), na descrição dos Atos Discursivos apresentados na GDF, havia a necessidade de que se reconhecesse que o Componente Gramatical interage com os demais Componentes: (i) o Contextual, responsável pelo armazenamento de todos os aspectos da comunicação; (ii) o Conceitual, de onde provém a intenção comunicativa dos falantes; e (iii) o de Saída, que faz a passagem da representação fonológica do Ato Discursivo para a forma fonética.

⁷⁸ Ressaltamos que as categorias de análise relativas ao Componente Contextual propostas nesta pesquisa não são aprofundadas na teoria da GDF, por isso se faz necessário buscar em outras teorias algo relacionado ao discurso e ao contexto.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2009), o Componente Gramatical é tanto mais efetivo quanto mais a sua organização se aproximar da produção linguística dos falantes, lembrando que no modelo da básica arquitetura da GDF, temos que a produção linguística começa a partir das intenções comunicativas do falante e procede em direção descendente até a articulação, fazendo que a informação que advém do Componente Conceitual influencie as operações de Formulação e de Codificação do Componente Gramatical que, por sua vez, também é influenciado pelas informações armazenadas no Componente Contextual, e termina com uma representação fonológica que é transmitida pelo Componente de Saída.⁷⁹

No que diz respeito à interação entre os Componentes Contextual e Gramatical, Hengeveld e Mackenzie (2010) postulam que o Componente Contextual não tem por objetivo fazer toda uma representação do discurso em curso, mas armazenar apenas os aspectos relevantes em relação ao contexto no qual se dá o evento de fala que irá influenciar no funcionamento do Componente Gramatical. Dessa forma, tem-se que o Componente Contextual contém todas as informações da gramática que serão relevantes para a forma assumida pelos enunciados posteriores, além de fazer o alojamento das informações de longo prazo acerca da interação verbal que se dá entre os falantes e que são relevantes para as operações de Formulação e de Codificação na língua que está sendo utilizada.

Hengeveld e Mackenzie (2010) ressaltam que o Componente Contextual mantém os registros, não apenas dos resultados da operação de Formulação, mas também dos resultados provenientes da operação de Codificação, pois é possível que o falante faça referências anafóricas não só as construções pragmáticas e semânticas, mas também das estruturas morfossintáticas de expressões linguísticas e à estrutura fonológica dos enunciados.

Em relação aos Níveis do Componente Gramatical, Hengeveld e Mackenzie (2010) pontuam que há uma estreita relação entre eles, haja vista que há correlações entre Ato Discursivo, Estado-de-Coisas, Oração e Frase Entonacional, além de haver também correlações entre Subato, Propriedade/Indivíduo, Sintagma e Frase Fonológica.

No que concerne à correlação entre os Níveis Interpessoal e Representacional, Hengeveld e Mackenzie (2010) esclarecem que todo item linguístico é analisado no NI, pois até mesmo os Atos Expressivos envolvem um Falante e uma Ilocução. Somente se o NI contiver um Conteúdo Comunicado é que o NR fará a sua parte, haja vista que os dois níveis

⁷⁹ Ressaltamos que por ser de nosso interesse apenas o Componente Contextual e o Componente Gramatical e seus Níveis (Interpessoal, Representacional e Morfossintático), pois serão a base para as nossas categorias de análise, apresentaremos nesta seção apenas a interação entre esses dois Componentes e os Níveis que compõem o Componente Gramatical.

dividem a responsabilidade pela operação de Formulação. Como exemplo dessa interação entre esses dois níveis, poderíamos citar o seguinte exemplo de Hengeveld e Mackenzie (2010, p. 27):⁸⁰

(46) *Parece-me que a pobre Maria gosta realmente de sofrer.*

No exemplo (46), temos que os modificadores *pobre* e *realmente* originam-se no NI, enquanto o NR introduz os verbos *gostar* e *parecer* em estruturas que são apropriadas e encaixadas em unidades codificadas como o sujeito extraposto de *parecer* (*eu*) e o complemento infinitivo de *gostar* (*sofrer*).

Para Hengeveld e Mackenzie (2010), os Níveis Interpessoal e Morfossintático também se correlacionam, haja vista que as distinções feitas no NI são codificadas no NM ou no NF, se considerarmos, por exemplo, a codificação da função pragmática Foco atribuída a Subatos. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2010), ainda que o Foco esteja associado a efeitos prosódicos (Nível Fonológico) em muitas línguas, ele também pode ser codificado morfossintaticamente.⁸¹ Em outras línguas, o Foco é indicado como uma construção focalizadora, como de uma construção clivada (que envolve o NR também), dividindo o conteúdo em dois segmentos, uma parte que corresponde ao elemento focalizado, sendo predicado da outra.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2010), os Níveis Representacional e Morfossintático também se relacionam, já que as relações de escopo no NR são refletidas na ordenação relativas às unidades correspondentes ao NM. Dessa forma, temos que a relação é fortemente influenciada pela tipologia morfossintática da língua em questão por exemplo, em uma língua isolante (as palavras são formadas a partir de um único morfema) a relação entre esses níveis é direta, pois há uma relação biunívoca entre palavras simples no NM e as unidades no NR. Em contrapartida, nas línguas fusionais (forte tendência a se recorrer à flexão), um afixo corresponde a vários elementos no NR, fazendo que a forma final não possa ser dada até o NF, sendo encontrada, portanto, no NM por meio de um marcador de posição. Já nas línguas polissintéticas (palavras contêm um alto número de morfemas em seu léxico), é possível encontrarmos pouco isomorfismo entre o NR e o NM, pois há a incorporação de Palavras, Sintagmas ou Orações.

⁸⁰ Tradução Nossa. O original diz: “It seems poor Mary really likes to suffer” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2010, p. 28)

⁸¹ Conferir os exemplos de Hengeveld e Mackenzie (2010, pp. 27-28) nas línguas tariana, wambon e no húngaro.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2010), as relações e as interações entre os níveis do Componente Gramatical são estabelecidas por meio de diferentes tipos de alinhamento. Dessa forma temos que, no alinhamento do NI, a morfossintaxe é regida e governada pelas propriedades interpessoais, enquanto, no alinhamento do NR, a morfossintaxe responde pelas funções semânticas. No NM, a organização morfossintática não é um reflexo direto da organização dos Níveis Interpessoal e Representacional, mas exibe sua própria organização no que diz respeito às funções sintáticas de constituintes morfossintáticos ou em termos de complexidade. Ainda que haja uma interação entre os níveis do Componente Gramatical, a GDF postula, segundo Hengeveld e Mackenzie (2010), que cada nível é concebido como um módulo separado e organizado internamente em camadas, sendo as operações de Formulação associadas ao Nível Interpessoal e Representacional, e as operações de Codificação, associadas aos Níveis Morfossintático e Fonológico.

2.3 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, apresentamos alguns dos conceitos básicos a respeito da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), um modelo *top-down* que toma o ato discursivo como unidade básica, mostrando que este modelo de gramática funcional se estrutura com base em um componente principal, o Componente Gramatical, que se compõe de quatro níveis, o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico, interagindo com outros três componentes que lhe são externos, o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída.

Expomos também a respeito dos quatro níveis que formam o Componente Gramatical, dissertando a respeito de cada um deles de forma particular e apresentando as nossas categorias de análise referentes a eles, procurando defini-las com base nos teóricos apresentados. No que concerne a esses níveis, vimos que o Nível Interpessoal está relacionado às motivações pragmáticas, enquanto o Nível Representacional é o responsável pelas motivações semânticas. O Nível Morfossintático, por sua vez, relaciona-se com os aspectos estruturais, enquanto o Nível Fonológico diz respeito aos aspectos prosódicos.

Por último, dissertamos acerca do Componente Contextual que, ainda que seja externo ao Componente Gramatical, contém as informações significativas que serão fornecidas às operações de Formulação e de Codificação que ocorrem no Componente Gramatical, levando-nos a também formular algumas categorias de análise referentes a esse

componente com base em Connolly (2014), Hengeveld e Mackenzie (2014) sobre o contexto. Em seguida apresentamos a inter-relação entre os níveis e os componentes na GDF.

A exposição acerca da teoria da GDF para a modalidade, bem como a apresentação de como a modalidade volitiva é entendida em trabalhos externos à GDF, fará com que compreendamos mais detalhadamente, com o que será exposto no capítulo seguinte, a modalidade volitiva em outras tipologias, além da proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), e de como a volição (desejo) vinha sendo entendida e classificada nos estudos relativos à modalidade.

CAPÍTULO 3

MODALIDADE VOLITIVA

No que diz respeito à modalidade e a classificação dos tipos de modalidade, sabemos que muitos estudos foram realizados na tentativa de delimitar e caracterizar tanto a categoria em si quanto os tipos de modalidade, buscando delimitar fronteiras, semelhanças e, principalmente, definir o conceito de modalidade e sua tipologia. Entre estes estudos, algumas investigações, entretanto, restringiram esse uso do entretantoiram-se apenas a uma instância de análise, desenvolvendo trabalhos em que se privilegiaram apenas os aspectos semânticos, ou os sintáticos ou os pragmáticos, acarretando uma abordagem da modalidade sem que se levasse em consideração que ela se manifesta por meio de diferentes meios linguísticos no intuito de produzir diferentes sentidos e efeitos.

Para Bustos (1986), Olano (1988), Jímenez Julia (1989), Bustamante (1991), Carretero (1991) e Crespo (1992),⁸² temos que a modalidade é mais complexa que o modo verbal, haja vista que caracteriza a realidade de um acontecimento, comparando os universos dos acontecimentos com o universo referencial, denominado universo real. Dessa forma, a modalidade adquire diversas interpretações, baseadas no conceito da lógica, da semântica, da psicologia, da sintaxe, da pragmática ou da teoria da enunciação. Do ponto de vista da lógica, a modalidade é uma categoria cujos operados são o de “possibilidade” e de “necessidade”, sendo que esses mesmos operadores podem se definir mutuamente como: “possível que p” equivale a “não necessário que não p”; e “necessário que p” equivale a “não possível que não p”. Se adaptarmos para a semântica esta categoria lógica, podemos definir a modalidade como a expressão linguística da possibilidade e da necessidade.

Segundo Bosh (1999), a modalidade, em linguística, pode ser entendida de diferentes maneiras, tais como: (i) um estado mental interior do falante; (ii) uma identificação emotiva do falante com seus atos de fala; (iii) uma maneira de estabelecer relações; (iv) um recurso retórico; (v) uma implicação do falante em seu discurso; e (vi) uma meta-mensagem para estabelecer relações. Ainda de acordo com Bosh (1999), a modalidade abarcaria também, não apenas recursos linguísticos, mas também aspectos prosódicos e aspectos cinéticos (gestos, posturas, etc.). Para Neves (2006, p. 151), conceituar a modalidade é uma tarefa difícil, haja vista que a modalidade envolve “[...] não apenas o significado das expressões

⁸² Autores clássicos de tradição espanhola que trabalham com modo e modalidade.

modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas no domínio conceptual implicado [...]”.

Apesar de a modalidade tratar-se de algo estudado há muito tempo, começando pelos filósofos gregos da Antiguidade, em Linguística, a modalidade tendeu a ser definida a partir de categorias distintas. Carretero (1991) aponta que entre essas definições, por exemplo, a modalidade foi interpretada como uma categoria gramatical, que esteve atrelada ao modo verbal das línguas naturais. Em outros casos, como uma atitude mental subjetiva com a qual se diz algo e que se diferencia do conteúdo da proposição,⁸³ ou como apenas a intenção comunicativa do falante.

Para Palmer (1986, p. 16), a modalidade poderia ser definida como “a gramaticalização das opiniões e das próprias atitudes do falante”,⁸⁴ sendo que as opiniões do falante seriam de caráter subjetivo, e seria a *subjetividade* a característica primordial para que se possa definir a categoria da modalidade. Esse caráter subjetivo da modalidade se deve ao fato das modalidades linguísticas expressarem uma relação de comprometimento do falante com aquilo que ele profere ao seu ouvinte, haja vista que o falante se posiciona por meio de seu enunciado, ainda que ele não releve ao seu ouvinte a fonte de seu saber, de seus valores morais ou de suas crenças ao modalizar suas sentenças.

Segundo Nagamura (2014), a GDF não define, explicitamente, o conceito de subjetividade,⁸⁵ no entanto é possível identificar algumas de suas formas de expressão, tais como a modalidade subjetiva, a atitude subjetiva em relação ao Conteúdo Comunicado e a atitude subjetiva com relação à entidade que é designada pelo Subato Referencial; além de podermos identificar também, ainda de forma menos explícita, por meio das avaliações de subjetividade na designação de modificadores de Indivíduos. A GDF também não propõe uma definição a respeito do conceito de modalidade, restringindo-se apenas a apresentar a modalidade sob os rótulos de modalidades orientadas para o *Participante*, o *Evento* e a *Proposição*, que seria o *alvo da avaliação*⁸⁶ da modalidade. A GDF também diferencia a modalidade com base no *domínio semântico*, que remete à perspectiva pela qual a avaliação da modalidade é feita, podendo ser de cinco tipos: (i) *facultativa*, que está relacionada com as

⁸³ Carretero (1991) faz aqui referência à oposição tradicional entre *modum* e *dictum*.

⁸⁴ Tradução nossa. O original diz: “Modality could be defined as the grammaticalization of speakers attitudes and opinions” (PALMER, 1986, p. 16).

⁸⁵ Para Nagamura (2014), a forma com que o falante tenta expressar a subjetividade ao modalizar seus enunciados ocorre por meio das suas escolhas linguísticas que estão a seu dispor na própria estrutura da língua. Dessa forma, tem-se que a subjetividade pode se manifestar por meio da expressão linguística, não estando, obrigatoriamente, restrita ao pensamento do falante.

⁸⁶ Em trabalhos mais recentes sobre os tipos de alvo da avaliação da categoria modalidade, teríamos um quarto tipo, as modalidades orientadas para o *Episódio*. Cf. trabalho de Dall’Aglio Hattner (2016).

habilidades intrínsecas do falante; (ii) *deôntica*, que se refere às avaliações morais; (iii) *epistêmica*, relacionada ao conhecimento sobre o mundo real; (iv) *evidencial*,⁸⁷ que tem relação com a fonte da informação; e (v) *volitiva*, relacionada à expressão dos desejos.

Em relação à expressão dos desejos (volição), percebemos que Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem um subtipo específico de modalidade para os tipos de modalizações nas quais o falante expressaria seus desejos (volição), a *modalidade volitiva*.⁸⁸ Salvo a tipologia das modalidades apresentada por Hengeveld e Mackenzie (2008), em outros tipos de tipologias, a modalidade volitiva também foi entendida como um subtipo distinto de modalidade, ainda que se apresentasse com outra terminologia.⁸⁹ Em outras tipologias para a modalidade, a modalidade volitiva foi entendida como um subtipo de outras modalidades ou a volição posta como um domínio diferenciador para a modalidade, a *volitividade*, como veremos na seção seguinte.

3.1 As propostas tipológicas para categoria modalidade em relação à volição.

De acordo com García (2009), um dos primeiros linguistas a fazer uma classificação dos tipos de modalidade, relacionando-a entre a *gramática*, a *lógica* e a *epistemologia*, foi Jespersen (1924).

Jespersen (1924) fazia uma classificação com base nos significados modais, dividindo a modalidade em dois tipos: *intrínseca* e *extrínseca*. Para o autor, a modalidade intrínseca compreenderia a obrigação, a permissão e o desejo (volição), enquanto a modalidade extrínseca estaria relacionada às leis racionais e às leis da natureza. Para o autor, tanto a modalidade intrínseca quanto a extrínseca estariam pautadas a partir da possibilidade e da necessidade com base no “desejo” (volitividade) ou no “não-desejo” (não-volitividade) do falante em relação a um dado estado-de-coisas, em outras palavras, a *modalidade* poderia ser classificada a partir de *conter o elemento do desejo* (volitiva) ou *não conter o elemento do desejo* (não-volitiva).⁹⁰ No entanto, há uma diferença entre ambas para cada tipo de

⁸⁷ Em trabalhos mais recentes acerca da teoria da GDF, temos que a modalidade evidencial não se trataria mais de um subtipo de modalidade, mas de uma categoria, a Evidencialidade. Cf. trabalho de Hengeveld e Dall’Aglio Hattner (2016).

⁸⁸ Partindo do pressuposto de que iremos trabalhar com a Gramática Discurso-Funcional (GDF), consideraremos a modalidade volitiva como um subtipo de modalidade distinta.

⁸⁹ Em outras tipologias para a categoria modalidade, podemos encontrar outros termos para o tipo de modalidade relacionada aos desejos do falante, tais como *bulomaica* ou *desiderativa* por exemplo.

⁹⁰ Para Jespersen (1924), a categoria modalidade poderia ser subdividida a partir de um único domínio, a Volitividade. Dessa forma, teríamos as modalidades que conteriam o “elemento do desejo” e as que “não conteriam o elemento do desejo”. As modalidades volitivas poderiam apresentar os seguintes padrões

modalidade. Para a modalidade intrínseca, a possibilidade estaria relacionada com a permissão, enquanto para a modalidade extrínseca, a possibilidade estaria relacionada às leis racionais no que diz respeito à falsidade ou a veracidade de algo. A necessidade para a modalidade intrínseca estaria relacionada à obrigação e à volição, enquanto para a modalidade extrínseca, a necessidade estaria relacionada à conduta. A partir da classificação proposta por Jespersen (1924),⁹¹ temos que a volição⁹² estaria relacionada a uma necessidade intrínseca do falante, sendo entendida como um tipo de *modalidade intrínseca* relativa a uma necessidade pessoal do falante.⁹³

Diferentemente de Jespersen (1929) que faz uma divisão da modalidade com base na gramática, na lógica e na epistemologia, Rescher (1968) divide a categoria modalidade com base na *lógica*. Para o autor, a modalidade diz respeito a alguma qualificação adicional feita pelo falante a um enunciado que, em sua origem, apresentar-se-ia como uma declaração completa, autocontida que, tomando-a como um todo, seria verdadeira ou falsa, como no exemplo: *O gato está na esteira*.⁹⁴ Com base nessa definição de modalidade, Rescher (1968) divide a categoria modalidade em: (i) *modalidade epistêmica*, que é relativa aos conhecimentos e as crenças do falante (X sabe/acredita/supõe que p); (ii) *modalidade temporal*, que diz respeito ao tempo (às vezes/é principalmente/é sempre/sempre foi o caso que p); (iii) *modalidade deôntica*, que se refere às leis e às normas de conduta (deveria ser levado a cabo/deve ser impedido/é proibido que p); (iv) *modalidade avaliativa*, que concerne às avaliações feitas pelo falante em relação a um evento (é uma coisa boa/é uma coisa perfeitamente maravilhosa/é uma coisa ruim que p); (v) *modalidade causal*, que faz referência às consequências a respeito de um evento (o estado-de-coisas existente trará sobre isso/a situação existente impedirá que p); e (vi) *modalidade bulomaica*, que se refere à manifestação dos desejos do falante (espera-se/teme-se/lamenta-se/deseja-se que p). Em suma, temos que

ilocucionais: jussivo, compulsivo, obrigativo, aconselhativo, precativo, exortativo, promissivo, permissivo, optativo, desiderativo e intencional; enquanto as modalidades não-volitivas apresentariam estes padrões ilocucionais: apodictivo, necessitativo, assertivo, pressumitivo, dubitativo, potencial, condicional, hipotético e concessivo.

⁹¹ Narrog (2012) também faz uma divisão da modalidade, basicamente, em dois tipos: (i) as que contêm o “elemento do desejo” (volitiva) e as que “não contêm o elemento do desejo” (não volitiva). O que se entende por modalidade volitiva na proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) é entendido na proposta de Narrog (2012) como “modalidade bulomaica”.

⁹² Para Jespersen (1924), a volição pode apresentar ainda dois tipos de campos semânticos diferentes, o optativo (quando se trata de um desejo realizável) e desiderativo (quando se trata de um desejo irrealizável).

⁹³ Para Jespersen (1924), a modalidade intrínseca é aquela que expressa os valores de permissão, obrigação e desejo, pois dependem da “vontade” do falante, enquanto a modalidade extrínseca, por não depender da vontade do falante, expressaria os valores de possibilidade, probabilidade e necessidade.

⁹⁴ Tradução nossa. O original diz: “The cat is on the mat” (RESCHER, 1968, p. 24).

Rescher (1968) apresenta a volição como um subtipo distinto de modalidade que concerne à manifestação dos desejos do falante.

Como citado anteriormente, Jespersen (1924) considera a modalidade a partir de um único domínio, o da *volitividade*, e Rescher (1968) considera a *lógica* e, a partir dela, deriva diversos domínios (epistêmico, deôntico, etc.). Para Lyons (1977), a modalidade poderia ser dividida considerando apenas dois eixos o do *conhecimento* e o da *conduta*. Nesse caso, existiriam apenas dois tipos de modalidade: a epistêmica (objetiva e subjetiva) e a deôntica (objetiva e subjetiva). Para o autor, a *modalidade epistêmica* estaria relacionada ao conhecimento ou crença do falante no que diz respeito à verdade ou falsidade de uma proposição, por isso, um enunciado epistêmico seria aquele em que o falante qualifica seu comprometimento com a verdade ou falsidade da proposição. Como a modalidade epistêmica se divide em duas, objetiva e subjetiva, podemos assim defini-las: (i) a modalidade epistêmica objetiva seria o comprometimento do falante em relação à informação dada ao ouvinte; e (ii) a modalidade epistêmica subjetiva está relacionada à expressão da opinião do falante. Com relação à *modalidade deôntica*, Lyons (1977) relaciona-a aos valores de obrigação, permissão e proibição, estando associada, portanto, à necessidade ou à possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis. Como a modalidade deôntica se subdivide em duas, objetiva e subjetiva, podemos defini-las assim: (i) a modalidade deôntica objetiva relaciona-se, efetivamente, a existência de obrigações por parte de agentes moralmente responsáveis; e (ii) a modalidade deôntica subjetiva tratar-se-ia da deseabilidade (volição) de que um determinado estado-de-coisas aconteça.⁹⁵ Para Lyons (1977), então, a volição seria uma expressão da modalidade deôntica, especificamente, da modalidade deôntica subjetiva.

Diferentemente de Lyons (1977), Perkins (1983), além de considerar a modalidade *epistêmica* e a modalidade *deôntica*, ainda acrescenta outro tipo de modalidade, a modalidade *dinâmica*. Para Perkins (1983), essas três modalidades se baseiam em uma dicotomia entre *possibilidade* e *necessidade*, relacionando-as com a expressão de “mundos possíveis”, que, para o autor, se refere às diferentes formas de serem entendidas a possibilidade e a necessidade. A *modalidade epistêmica* estaria relacionada ao que o autor chamou de “leis racionais”, na qual os falantes fazem um juízo a respeito da falsidade ou veracidade de uma proposição, subdividindo-se em: possibilidade epistêmica (é possível que

⁹⁵ Para Lyons (1977), a modalidade deôntica teria sua origem na função desiderativa (volitiva) da linguagem. O autor salienta que a modalidade deôntica está relacionada com as funções volitivas e instrumentais da linguagem, em outras palavras, a modalidade deôntica pode servir para expressar volição (subjetiva) e de outro conseguir que uma determinada coisa seja feita (objetiva), implicando na imposição da própria vontade (volição) aos demais.

uma proposição seja falsa ou verdadeira) e necessidade epistêmica (uma proposição é, necessariamente, verdadeira, sendo impossível de ser falsa). A *modalidade deôntica*, para o autor, se refere à possibilidade e à necessidade regidas sob “leis sociais”, chamando de possibilidade deôntica de permissão, quando existe um estado-de-coisas permitido dentro das normas sociais, e a necessidade deôntica que diz respeito à obrigação, em que um dado estado-de-coisas é obrigatório quando há a necessidade de realizá-lo. Enquanto a *modalidade dinâmica* tratar-se-ia da possibilidade ou necessidade em relação com as “leis da natureza”, na qual o autor incluía a capacidade, a necessidade e o desejo (volição) como originados de características internas ao falante. Dessa forma, teríamos para a modalidade dinâmica a possibilidade dinâmica (capacidade e as circunstâncias externas ao falante) e a necessidade dinâmica (desejo e as circunstâncias internas ao falante). Com base na tipologia de Perkins (1983), a volição se manifestaria por meio da modalidade dinâmica, na qual o falante expressaria seus desejos ou vontades oriundas de uma necessidade pessoal.

Da mesma forma que Perkins (1983), Palmer (1986) também faz uma classificação da modalidade, dividindo-a em três grupos: modalidade *epistêmica*, *deôntica* e *dinâmica*. Em linhas gerais, teríamos que a *modalidade epistêmica* está relacionada ao grau de comprometimento do falante em relação ao enunciado por ele modalizado, fazendo, pois, referência a: (i) juízos (relacionados à certeza, probabilidade e possibilidade); (ii) evidências (fonte da mensagem); (iii) discursos (relações entre orações); (iv) declarações (conhecimentos e crenças); e (v) interrogativa. A *modalidade deôntica* apresentaria o “elemento do desejo”, envolvendo a ação do falante ou de outra pessoa; ações estas que poderiam ser: (i) diretivas (dever social); (ii) comissivas (promessas ou ameaças); (iii) volitivas (desejos e esperanças); (iv) valorativas (valores e atitudes); e (v) imperativas. A *modalidade dinâmica* está relacionada ao significado de capacidade ou habilidade de um dado indivíduo, mas sem que o falante expressasse algum tipo de opinião ou atitude pessoal. Em outras palavras, a modalidade dinâmica abarca os casos em que o falante não expressa uma atitude subjetiva, modalizando o enunciado apenas em relação às noções de capacidade e habilidade. A partir da tipologia proposta por Palmer (1986), vemos que a volição está atrelada à modalidade deôntica e não à modalidade dinâmica como ocorre na proposta de Perkins (1983).

Assim como Perkins (1983) e Palmer (1986) dividem a categoria modalidade em três tipos: *epistêmica*, *deôntica* e *dinâmica*; Hengeveld (1988) também faz uma divisão tripartida da categoria modalidade, dividindo em três, a saber: *inerente*, *objetiva* e *epistemológica*. A modalidade objetiva se subdivide em *epistêmica* e *deôntica*, enquanto a

modalidade epistemológica se subdivide em *bulomaica*⁹⁶ e *evidencial*. Segundo Hengeveld (1988), a *modalidade inerente* diz respeito à relação entre um dado participante e a concretização do estado-de-coisas no qual ele está inserido, manifestando valores de volição, de capacidade e de habilidade. A *modalidade objetiva*, por sua vez, refere-se à avaliação que é feita pelo falante sobre um estado-de-coisas, conferindo-lhe estatuto de verdade ou falsidade. A *modalidade epistemológica*, no entanto, está relacionada com a expressão de comprometimento ou descomprometimento do falante acerca do estatuto de verdade do conteúdo proposicional.

Como citado anteriormente, a modalidade objetiva se subdivide em duas: a *epistêmica* e a *deôntica*. A modalidade objetiva será epistêmica, quando o falante concebe que um determinado estado-de-coisas é possível segundo o seu próprio conhecimento; enquanto a modalidade objetiva será deôntica, quando conceber que um dado estado-de-coisas é permitido, proibido ou obrigatório, com base em convenções morais ou sociais. Em relação à modalidade epistemológica, sabe que ela se subdivide em *subjéctiva* e *evidencial*. A modalidade subjéctiva, por sua vez, subdivide-se em *epistêmica*, que está relacionada à expressão das certezas, possibilidades e probabilidades; e *bulomaica*, que se refere à expressão dos desejos e vontades do falante. A modalidade evidencial estaria relacionada com o fato de o falante ser o responsável pela explicitação ou não da fonte da informação veiculada.

Em relação à modalidade inerente (onde se encontra a volição), Hengeveld (1988) ainda pontua que as distinções que podem ser feitas dentro desse tipo de modalidade e dos valores a ela relacionados, tais como habilidade, obrigação, permissão e volição, são internas ao estado-de-coisas. Segundo Hengeveld (1988), a *habilidade* é expressa por meio de um predicado de habilidade, no qual o falante declara que o participante de um dado estado-de-coisas possui a capacidade para realizar algum tipo de atividade, como no exemplo: *João é capaz de consertar qualquer tipo de carro;*⁹⁷ a *obrigação* se dá por meio de um predicado de obrigação, no qual o falante declara que o participante expresso no estado-de-coisas tem a obrigação de realizar a atividade expressa, como no exemplo: *João tem que ir ao hospital;*⁹⁸ a *permissão* seria expressa por meio de um predicado de permissão, no qual o falante declara que o participante expresso no estado-de-coisas estaria permitido a tomar parte em realizar um

⁹⁶ Hengeveld (1988) também utiliza o termo “subjéctiva epistêmica”.

⁹⁷ Tradução nossa. O original diz: “John is able to repair any kind of car” (HENGEVELD, 1988, p. 10).

⁹⁸ Tradução nossa. O original diz: “John has to go to the hospital” (HENGEVELD, 1988, p. 11).

dado processo ou atividade, como no exemplo: *João está livre para ir agora;*⁹⁹ a *volição* se manifestaria por meio de um predicado de desejo (*volição*), em que um dado falante declara que o participante de um dado estado-de-coisas intenciona, deseja, espera ou tem vontade de realizar alguma atividade ou processo, como no exemplo: *Ronaldo espera candidatar-se à presidência,*¹⁰⁰ *Antônio espera conseguir um trabalho*¹⁰¹ ou *Susana deseja ser rica.*¹⁰²

No que diz respeito à modalidade epistemológica (onde também podemos encontrar a *volição*), Hengeveld (1988) estabelece uma distinção entre modalidade subjetiva (que se trataria de um subtipo da modalidade epistemológica) e a modalidade objetiva. Para Hengeveld (1988), a modalidade subjetiva faz referência ao grau de comprometimento do falante em relação ao conteúdo de verdade ou falsidade da predicação por ele formulada, enquanto a modalidade objetiva está relacionada à avaliação feita pelo falante em relação ao estado-de-coisas apresentado em termos de seu conhecimento de mundo. Para a modalidade epistemológica teríamos então de um lado a expressão da subjetividade pelo falante, podendo ser *epistêmica* (certeza, probabilidade ou possibilidade) ou *volitiva* (relacionada aos desejos e esperanças do falante); e, do outro lado, teríamos a expressão da *evidencialidade* (inferência, citação e experimentação). Resumidamente, teríamos na tipologia de Hengeveld (1988), a manifestação da *volição* presente na modalidade inerente (desejos realizáveis), que atuaria, internamente, na camada da predicação; e na modalidade epistemológica (desejos irrealizáveis), que atuaria na camada da proposição.

Diferentemente de Hengeveld (1988), que coloca a *volição* em dois tipos de modalidade, a inerente e a epistemológica, Carretero (1991) categoriza a *volição* em apenas um tipo de modalidade, a *bulomaica não-deôntica*. Em sua proposta tipológica, a autora subdivide a modalidade em três tipos: *epistêmica*, *bulomaica* e *dinâmica*. A *modalidade epistêmica* está relacionada à verdade ou à falsidade de uma proposição, enquanto a *modalidade bulomaica* e a *modalidade dinâmica* estão relacionadas com os acontecimentos ou estados-de-coisas. Resumidamente, podemos dizer que tanto a modalidade epistêmica quanto a modalidade dinâmica tratar-se-iam da possibilidade ou necessidade; entretanto, para a modalidade epistêmica, a possibilidade e a necessidade estão atreladas ao mundo da razão, enquanto, para a modalidade dinâmica, estão relacionadas às leis naturais. A modalidade *bulomaica* subdivide-se em duas formas: a *modalidade bulomaica deôntica* e a *modalidade*

⁹⁹ Tradução nossa. O original diz: “John is free to go now” (HENGEVELD, 1988, p. 11).

¹⁰⁰ Tradução nossa. O original diz: “Ronald hopes to run for the presidency” (HENGEVELD, 1988, p. 11).

¹⁰¹ Tradução nossa. O original diz: “Anthony is willing to get the job” (HENGEVELD, 1988, p. 11).

¹⁰² Tradução nossa. O original diz: “Susan wants to be rich” (HENGEVELD, 1988, p. 11).

bulomaica não-deôntica. A modalidade bulomaica deôntica traz consigo os valores de obrigação e permissão, enquanto a modalidade bulomaica não-deôntica está relacionada com os valores de resignação¹⁰³ e volição. Em outras palavras, para Carretero (1991), a modalidade bulomaica não-deôntica é a expressão de uma necessidade volitiva, mas sem que o falante tenha algum tipo de “autoridade” sobre o ouvinte, expressando-lhe apenas um desejo particular. O valor de “resignação” está relacionado com a expressão dos desejos pessoais do falante, mas sem que ele possa obrigar o seu ouvinte a realizá-los, como no exemplo: *Não me importa que você venha amanhã*;¹⁰⁴ enquanto a “volição” também está relacionada à expressão dos desejos do falante, sendo que, nesse caso, o falante pode obrigar o seu ouvinte a realizá-los, como no exemplo: *Desejaria que você se fosse*.¹⁰⁵ Dessa forma, para Carretero (1991), a volição é um dos valores expressos pela modalidade bulomaica não-deôntica.

Para Carretero (1991), a volição é expressa por meio da modalidade bulomaica não-deôntica, ou seja, a volição está relacionada com a não-deonticidade do desejo expresso; o que, de certo modo, tem alguma relação com a proposta de Crespo (1992), que diz que a volição é expressa por meio da modalidade volitiva, que se refere a um subtipo da modalidade deôntica.¹⁰⁶ Crespo (1992) entende a modalidade volitiva como sendo um subtipo da modalidade deôntica (juntamente com a modalidade jussiva), já que a modalidade deôntica está relacionada com a pretensão do falante de exercer sua vontade e atuar sobre a realidade pragmática; o que inclui os enunciados “diretivos”, “comissivos”, “proibitivos” (relacionados à modalidade jussiva) e os “volitivos” (modalidade volitiva). Segundo Crespo (1992), a modalidade volitiva está relacionada, especificamente, aos enunciados que expressassem desejo, temor e esperança. Para a modalidade volitiva, o falante instrue o ouvinte para que este realize um determinado estado-de-coisas, no entanto o falante não tem controle sobre o ouvinte, e o estado-de-coisas apresentado não é controlado. Em outras palavras, a volição é a manifestação dos desejos e esperanças do falante em relação aos estado-de-coisas dos quais o falante não teria controle.

Apesar de Crespo (1992) considerar a volição como um valor relacionado à modalidade volitiva, que, por sua vez, seria um subtipo de modalidade deôntica, Dik (1997) vai considerar a volição como um valor relacionado tanto a *modalidade bulomaica*, que se

¹⁰³ Carretero (1991) usa o termo *aceptación*.

¹⁰⁴ Tradução nossa. O original diz: “*No me importa que venga mañana*” (CARRETERO, 1991, p. 47).

¹⁰⁵ Tradução nossa. O original diz: “*Desearía que te marchases*” (CARRETERO, 1991, p. 47).

¹⁰⁶ Entre as propostas de Carretero (1991) e Crespo (1992), temos que a modalidade deôntica apresenta-se como um valor “macro”, podendo ser subdividida em duas formas: (i) modalidade bulomaica deôntica ou modalidade jussiva, que abarcaria os valores de obrigação, permissão e proibição; e (ii) modalidade bulomaica não-deôntica ou modalidade volitiva, que estaria relacionada com a expressão dos desejos do falante.

trataria de um subtipo da modalidade subjetiva, quanto da *modalidade dinâmica*, que se trataria de um subtipo da modalidade inerente. Assim como Hengeveld (1988), Dik (1997) também faz uma divisão tripartida da modalidade, dividindo-a em: *modalidade inerente*, *modalidade objetiva* e *modalidade subjetiva*. As modalidades inerente e objetiva encontrar-se-iam no nível da predicação, enquanto a modalidade subjetiva encontrar-se-ia no nível da proposição.¹⁰⁷ Segundo Dik (1997), a modalidade inerente refere-se à relação entre o participante e a realização do estado-de-coisas no qual ele está inserido, dividindo-se em *deôntica* e *dinâmica*, sendo que a dinâmica, por sua vez, subdividia-se em *volição* e *habilidade*. A modalidade subjetiva versaria sobre o grau de comprometimento do falante no que diz respeito à veracidade da proposição, dividindo-se em *bulomaica* e *epistêmica*. A modalidade objetiva, por sua vez, está relacionada com a avaliação que é feita pelo falante em relação à realidade de um determinado estado-de-coisas e ao conhecimento que esse mesmo falante tem dos estados-de-coisas possíveis, dividindo-se em *epistêmica* e *deôntica*. Resumidamente, na tipologia de Dik (1997), temos que a volição se manifesta tanto na modalidade inerente, especificamente, na modalidade dinâmica, em que a volição consiste no desejo de um participante em realizar determinado estado-de-coisas possível (real); quanto na modalidade subjetiva, nomeadamente, de modalidade bulomaica, expressando o desejo de um falante em relação à possível realização de uma dada situação, sendo esta situação entendida, à priori, como impossível (irreal).

Se para Dik (1997), a volição estaria relacionada a dois tipos de modalidade, a modalidade subjetiva e a modalidade inerente, para Olbertz (1998) a *modalidade intencional-desiderativa*¹⁰⁸ tratar-se-ia de um tipo de modalidade independente, não estando, pois, relacionada com outros tipos de modalidade. Segundo Olbertz (1998), a modalidade intencional-desiderativa estaria relacionada com os julgamentos feitos pelo falante em relação ao que ele considera como desejável ou indesejável para si mesmo e para os demais. Olbertz (1998) ressalta que os modalizadores que expressam “desejo” não podem ser agrupados na mesma lógica modal que faz diferença entre “possibilidade” e “necessidade” como as modalidades deôntica e epistêmica, pois é impossível que se fale de “possibilidade volitiva”, mas apenas de “necessidade volitiva” (ideias gerais sobre o que é desejável para o falante).

¹⁰⁷ Isso se deve ao fato de Dik (1997) propor um estudo das modalidades em diferentes níveis de oração (por camadas).

¹⁰⁸ Olbertz (1998) prefere utilizar o termo “modalidade intencional-desiderativa” para se referir às expressões dos desejos do falante, ao invés de “modalidade volitiva”, como fazem Hengeveld e Mackenzie (2008).

Dessa forma, a modalidade intencional-desiderativa se diferenciaria das modalidades deôntica e epistêmica, pois não faria parte da dicotomia necessidade/possibilidade.

Diferentemente de Olbertz (1998), Rasmussen (2000) entende a *modalidade intencional*¹⁰⁹ como um valor “macro” que se compõe a partir de dois subtipos de modalidade, a *modalidade deôntica* e a *modalidade volitiva*. Para Rasmussen (2000), a modalidade intencional estaria relacionada à manifestação do compromisso pessoal do falante na forma de “desejo”, sendo que esse “desejo” adviria de uma base “intencional”. Para a modalidade volitiva, a expressão do “desejo”, segundo Rasmussen (2000), o falante modalizaria, semanticamente, por meio de verbos que expressassem desejo (de base intencional), tais como *anhelar* (anelar), *desejar* (desejar), *oferecer* (oferecer), *querer* (querer), *pretender* (pretender), etc., estando estes desejos centrados apenas no falante (fonte da atitude volitiva). Enquanto, para a modalidade deôntica, a expressão do “desejo” originaria os valores de “obrigação”, “permissão”, “proibição”, “mandado”, “manipulação” (também de base intencional), modalizados, semanticamente, por meio de verbos que indiquem algum tipo de obrigação, permissão ou proibição, tais como, *aconsejar* (aconselhar), *autorizar* (autorizar), *encargar* (encarregar), *impedir* (impedir), *obrigar* (obrigar), *proibir* (proibir), *recomendar* (recomendar), etc., sendo que, para esses casos, os desejos não estariam centrados apenas no falante, mas estariam direcionados para o ouvinte (alvo deôntico). Em suma, para Rasmussen (2000), a modalidade volitiva é uma manifestação pessoal dos desejos do falante, sendo que o desejo expressado está restrito apenas ao falante (fonte da atitude volitiva).

Apesar de Rasmussen (2000) considerar as modalidades deôntica e volitiva como pertencentes a um único tipo de modalidade, a modalidade intencional; em Hengeveld (2004), temos uma separação entre essas duas categorias de modalidade. Para Hengeveld (2004), a modalidade deôntica concerne ao que é, moralmente, legal, social e permissível, enquanto a modalidade volitiva estaria relacionada com a expressão daquilo que parece desejável. Ressaltamos que Hengeveld (2004) propõe uma divisão da categoria modalidade com base em dois critérios: (i) o *alvo da avaliação*, que designa a parte do enunciado que é modalizada pelo falante, podendo a modalidade estar orientada-para-o-participante, orientada-para-o-evento ou orientada-para-a-proposição; e (ii) o *domínio semântico*, que se refere à avaliação que é feita do enunciado modalizado, podendo a modalidade ser subdividida em cinco:

¹⁰⁹ O autor prefere chamar de “modalidade intencional” para fazer referência à modalização das intenções do falante que originaria os valores de “volição” (modalidade volitiva) e de “obrigação”, “permissão” e “proibição” (modalidade deôntica). Ressaltamos que para Rasmussen (2000), as modalidades deôntica e volitiva formariam parte de uma única modalidade, a “modalidade intencional”.

facultativa, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial. Dessa forma, Hengeveld (2004, p. 06) define que:¹¹⁰ (i) a *modalidade facultativa* diz respeito às capacidades intrínsecas ou adquiridas. Por exemplo, *João sabe nadar*; (ii) a *modalidade deôntica* concerne ao que é legal social e moralmente permissível. Por exemplo, *João deve nadar*; (iii) a *modalidade volitiva* relacionada ao que é desejável. Por exemplo, *Quero que João pare de nadar*; (iv) a *modalidade epistêmica* diz respeito ao que é sabido em relação ao mundo real. Por exemplo, *João deve estar nadando*; e (v) a *modalidade evidencial* relacionada com a fonte da informação contida em uma sentença. Por exemplo, *Acho que João está nadando*.¹¹¹ Em suma, temos que a volição estaria relacionada, na tipologia de Hengeveld (2004), a um único subtipo de modalidade, a modalidade volitiva.

Da mesma forma que Hengeveld (2004) categorizou um subtipo de modalidade para expressar a volição, Topor (2011) também entende que a volição é expressa por um tipo distinto de modalidade, a *modalidade volitiva*.¹¹² A autora define a modalidade volitiva como sendo a manifestação do desejo (volição) por parte de um falante que deseja ou pretende que seu ouvinte realize o que foi designado; resguardando que a modalidade volitiva também pode apresentar o valor de intenção, estando este valor relacionado à volição.¹¹³ Em relação à volição, Topor (2011) chama a atenção para o fato de que a modalidade volitiva, dentro de um panorama geral da modalidade, tem sido incluída como parte da modalidade deôntica ou como um subtipo da modalidade deôntica devido ao fato de a palavra grega *deon* derivar de uma leitura de “desejo” nessa língua. Ainda segundo a autora, as tipologias que colocam a modalidade volitiva como subtipo de outras modalidades, em especial, como subtipo da modalidade deôntica, fazem-no por acreditar que “a disposição de fazer algo é uma das condições internas do participante que favorecem a realização do evento”;¹¹⁴ enquanto as tipologias que a consideram como um tipo de modalidade distinta das demais, definem-na

¹¹⁰ Tradução nossa. O original diz: “(a) Facultative modality is concerned with intrinsic or acquired capacities. (b) Deontic modality is concerned with what is (legally, socially, morally) permissible. (c) Volitive modality is concerned with what is desirable. (d) Epistemic modality is concerned with what is known about the actual world. (e) Evidential modality is concerned with the source of the information contained in a sentence”. (HENGEVELD, 2004, p. 06).

¹¹¹ Todos os exemplos citados foram uma tradução nossa dos exemplos originais contidos em Hengeveld (2004, p. 06). O original diz: “John is able to swim (Ability: Facultative); John has to swim (Obligation: Deontic); John would rather not swim (Wanting: Volitive); John may be swimming (Possibility: Epistemic); John will be swimming (Inference: Evidential)”.

¹¹² Devido ao fato de Topor (2011) definir a volição como sendo uma manifestação de um tipo específico de modalidade, optamos por apresentar, neste trabalho, apenas a definição e caracterização da modalidade volitiva. Salvo a modalidade volitiva, a autora ainda apresenta em sua pesquisa, as modalidades: epistêmica, deôntica, de aproximação, evidencial, dinâmica e radical.

¹¹³ Para Topor (2011), a intenção deriva do significado da vontade ou da disposição, sendo que este significado deriva do desejo, entendendo, pois, que a intenção integra a volição.

¹¹⁴ Topor (2011, p. 163).

como um tipo de modalidade na qual o falante faz “uma série de juízos a respeito daquilo que ele considera como bom, desejável ou conveniente para si e para os demais”.¹¹⁵

Topor (2011) ainda salienta que a modalidade volitiva não pode ser entendida como um subtipo da modalidade deôntica, haja vista que a modalidade deôntica diz respeito à realização de um evento dependente das condições internas do participante, sejam elas morais, sociais ou legais, enquanto a modalidade volitiva está relacionada às ideias gerais acerca daquilo que o falante deseja ou não deseja. Em linhas gerais, para Topor (2011), a modalidade volitiva é a manifestação da desejabilidade ou da indesejabilidade acerca de um estado-de-coisas, seja ele possível (optativo) ou impossível (desiderativo).

De maneira análoga a Topor (2011), Narrog (2012) entende que a modalidade bulomaica¹¹⁶ refere-se a uma proposição marcada como uma necessidade relacionada aos desejos e intenções do falante. Para Narrog (2012), a modalidade bulomaica é uma categoria que tem sido negligenciada em algumas tipologias, haja vista que o modal “querer”¹¹⁷ às vezes não se apresenta como um modalizador típico para manifestação da volição nos casos perifrásticos “querer+infinitivo”, acrescentando que, diferentemente das modalidades deôntica e epistêmica, raramente a expressão dos desejos e intenções do falante é diferenciada pela dicotomia necessidade/possibilidade, já que os modais típicos para a expressão da volição são caracterizados ou como uma necessidade intrínseca do falante ou, dependendo de contextos específicos, expressar algum tipo de possibilidade, mas sem o uso de modalizadores típicos que expressam a volição. Ressaltamos que Narrog (2012) considera a *volitividade* (o elemento do desejo) como um domínio no qual poderia ser dividida a categoria modalidade, ou seja, teríamos as modalidades que seriam volitivas, que conteriam o “elemento do desejo” (modalidade bulomaica, modalidade deôntica, modalidade teleológica e modalidade preferencial) e as modalidades não-volitivas, que não conteriam o “elemento do desejo” (modalidade epistêmica, modalidade evidencial, modalidade alética, modalidade existencial e modalidade dinâmica). Em suma, temos que, para Narrog (2012), o falante expressaria seus desejos e intenções por meio da modalidade bulomaica, que, por sua vez, seria um tipo de modalidade volitiva, ou seja, conteria o elemento do desejo (volitividade).

Da mesma forma que Narrog (2012), Olbertz (2016) também divide a categoria modalidade com base no domínio da *volitividade*, estabelecendo dois tipos de modalidades

¹¹⁵ Topor (2011, p. 163).

¹¹⁶ Narrog (2012) usa o termo “modalidade bulomaica” para referir-se a expressão dos desejos do falante, o que seria, na tipologia das modalidades de Hengeveld e Mackenzie (2008), a “modalidade volitiva”.

¹¹⁷ Narrog (2012) exemplifica por meio de modais típicos da língua inglesa que se relacionam a expressão do desejo por parte do falante, tais como *want, shall, will*, etc.

volitivas (modalidade desiderativa e modalidade deôntica) e dois tipos de modalidades não-volitivas (modalidade circunstancial e modalidade inerente). Para a autora, a *modalidade desiderativa* estaria relacionada com a manifestação dos desejos do falante em relação a estados-de-coisas irrealizáveis do ponto de vista factual, estando restrita apenas à mente do falante e não podendo ser localizada no tempo e no espaço. Ainda segundo a autora, a modalidade desiderativa se diferencia da modalidade deôntica, pois esta implica em imposições de obrigações ao ouvinte (ainda que essas obrigações advenham de um desejo por parte do falante, isto é, trata-se de um “dever” do qual o ouvinte terá de acatar), enquanto aquela se refere apenas à expressão do que parece desejável ao falante, sem que este “imponha” ou “obrigue” ao seu ouvinte que “aquilo que é desejado” venha a ser acatado, até mesmo porque, para a autora, a expressão dos desejos é, geralmente, relacionada a algo que parece irrealizável do ponto de vista factual.¹¹⁸ Em outras palavras, na tipologia de Olbertz (2016), os desejos do falante seriam expressos por meio da modalidade desiderativa, modalidade esta que conteria o “elemento do desejo”, a volitividade.

Resumidamente, apresentamos o Quadro 2, por nós elaborado, sobre a volição nos estudos de Jespersen (1924), Rescher (1968), Lyons (1977), Perkins (1983), Palmer (1986), Hengeveld (1988), Carretero (1991), Crespo (1992), Dik (1997), Olbertz (1998), Rasmussen (2000), Hengeveld (2004), Topor (2011), Narrog (2012) e Olbertz (2016) para a categoria modalidade:

Quadro 2: Volição nos estudos da modalidade

Volição e a categoria modalidade			
Autor	Tipo de Modalidade	Subtipo da Modalidade	Definição
Jespersen (1924)	Modalidade Intrínseca	-	Volição como uma necessidade intrínseca do falante
Rescher (1968)	Modalidade Bulomaica	-	Volição como a manifestação dos desejos do falante.
Lyons (1977)	Modalidade Deôntica	Modalidade Deôntica Subjetiva	Volição como a desejabilidade de que um determinado estado-de-coisas aconteça.

¹¹⁸ Segundo Olbertz (2016), o fato dos desejos, geralmente, estarem relacionados a um mundo não-factual, existindo apenas na mente do falante, faria com a modalidade desiderativa também atuasse na camada do Conteúdo Proposicional, como foi proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Perkins (1983)	Modalidade Dinâmica	-	Volição como uma necessidade externa expressa pelo falante.
Palmer (1986)	Modalidade Deontica	Modalidade Deontica (não-epistêmica)	Volição como expressão dos desejos e esperanças por parte do falante.
Hengeveld (1988)	Modalidade Inerente	-	Volição como a desejabilidade de um dado estado-de-coisas apresentado e realizável do ponto de vista factual.
	Modalidade Epistemológica	Modalidade Subjetiva Bulomaica	Volição como a desejabilidade de um dado estado-de-coisas apresentado, mas irrealizável do ponto de vista factual.
Carretero (1991)	Modalidade Bulomaica	Modalidade não-deontica	Volição como a expressão dos desejos ou vontades do falante.
Crespo (1992)	Modalidade Deontica	Modalidade Volitiva	Volição relacionada à manifestação dos desejos e esperanças do falante.
Dik (1997)	Modalidade Inerente	Modalidade Dinâmica	Volição como o desejo de um participante em realizar determinado estado-de-coisas possível (real).
	Modalidade Subjetiva	Modalidade Bulomaica	Volição como o desejo de um falante em relação a possível concretização de uma dada situação, sendo esta situação entendida, à priori, como impossível (irreal).
Olbertz (1998)	Modalidade Intencional-Desiderativa	-	Volição relacionada com os julgamentos feitos pelo falante em relação ao que ele considera como desejável ou indesejável para si mesmo e para os demais.
Rasmussen (2000)	Modalidade Intencional	Modalidade Volitiva	Volição como expressão dos desejos e vontades do falante.
Hengeveld (2004)	Modalidade Volitiva	-	Volição como expressão daquilo que é desejável.
Topor (2011)	Modalidade Volitiva	-	Volição como a manifestação da desejabilidade ou indesejabilidade acerca de um estado-de-coisas, seja ele possível ou impossível.
Narrog (2012)	Modalidade Bulomaica	-	Volição como uma necessidade ou uma possibilidade com respeito aos desejos e

			intenções do falante.
Olbertz (2016)	Modalidade Desiderativa	-	Volição como a manifestação dos desejos do falante em relação a um dado estado-de-coisas irrealizável, localizado apenas na mente do falante e relacionado a um mundo não-factual.

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base nas tipologias apresentadas anteriormente, notamos que a volição ora foi categorizada como pertencente à modalidade deôntica (modalidade deôntica subjetiva), ora foi posta como um tipo de modalidade distinta das demais modalidades (modalidade desiderativa, modalidade bulomaica, modalidade volitiva, etc.), ora foi entendida como um domínio no qual poderia ser dividida a categoria modalidade (volitividade).

Em relação ao fato de se entender a volição como um valor atribuído à modalidade deôntica (LYONS, 1977), parece-nos pouco plausível, haja vista que a modalidade deôntica, ainda que contenha o “elemento do desejo”, remete a um tipo de modalidade em que a necessidade (que contém o “elemento do desejo”) do falante, que deriva nos valores de “obrigação”, “permissão” e “proibição”, não está, necessariamente, restrita ao falante, mas recaindo também sobre o ouvinte. Em outras palavras, o falante “deseja” que algo seja realizado pelo ouvinte que, por sua vez, está “obrigado” ou “permitido”, moral ou socialmente, a realizar, ou “proibido” de não realizar, devido a regras de conduta. Dessa forma, o “elemento do desejo”, que deriva na instauração dos valores de “obrigação”, “permissão” e “proibição”, por estar regido por leis e normas de conduta, impossibilita que a necessidade (deôntica) oriunda do falante mantenha-se restrita apenas a ele, atingindo, conseqüentemente, também o ouvinte. O próprio Lyons (1977) salienta que a “necessidade deôntica”, deriva de um falante do qual o ouvinte reconhece como uma “fonte de autoridade”, fazendo com que o “elemento do desejo” contido na modalização deôntica derive na “obligatoriedade” do que é desejado.¹¹⁹ Na modalidade volitiva, por sua vez, a necessidade (volitiva) do falante, que também deriva do “elemento do desejo”, mantém-se restrita apenas ao falante, ainda que aquilo que é desejado recaia sobre um indivíduo específico (que não estaria “obrigado”, moral e socialmente, a realizar aquilo que é desejado), por isso, o “elemento do desejo” contido na modalidade volitiva não estaria subjugado por leis e normas

¹¹⁹ Narrog (2012) também reconhece que os enunciados modalizados de forma deôntica se explicam devido ao fato de haver uma imposição por parte de um falante ao seu(s) ouvinte(s) com base em normas e condutas de cunho social.

de conduta. Para a modalidade volitiva, o desejo expresso poderia apenas ser entendido como algo irrealizável ou realizável (podendo o falante ter algum tipo de controle ou não sobre aquilo que é desejado).

Lyons (1977) reconhece que há proximidade entre *Quero o livro*¹²⁰ e *Dá-me o livro*,¹²¹ já que a modalidade deôntica deriva da função desiderativa da linguagem. Para nós, essa proximidade entre modalidade volitiva (*Quero o livro*) e modalidade deôntica (*Dá-me o livro*) também se deve ao fato de que ambos os tipos de modalização estejam relacionados com o “elemento do desejo” ou “volitividade”¹²² nos termos de Narrog (2012) e Olbertz (2016). No entanto, ambos os tipos de modalização se diferenciam, pois, em *Quero o livro*, o falante manifesta apenas o que lhe parece desejável, sem que o desejo expresso (possuir o livro) implique em algum tipo de “obrigação” por parte do ouvinte. Lyons (1977) tenta exemplificar essa diferença ao mencionar o pedido de um filho ao pai; o que nos parece que o filho, reconhecendo que não tenha “autoridade” necessária para “obrigar” o pai a conceder-lhe o que é desejado, apenas lhe comunica que deseja obter o livro, modalizando, assim, de forma volitiva; como o pai não estaria “obrigado”, social e moralmente, a conceder-lhe o que é desejado, poder-lhe-ia realizar ou não o que é desejado. (ii) *Dá-me o livro*, é mais provável que o falante exerça algum tipo de “autoridade” sobre o ouvinte, fazendo com que este acate o que lhe é pedido, fazendo com que o “elemento do desejo” contido no enunciado modalizado derive em uma “obrigação”. No exemplo citado por Lyons (1977) é mais provável que o pai modalize dessa forma ao pedir o livro ao filho, já que este exerce (por leis e normas de conduta social) “autoridade” sobre o filho. Entretanto, também é possível que o pai diga, *Quero o livro*, ao invés de, *Dá-me o livro*, para o filho; o que implicaria em uma “suavização” do “mandado”.

Segundo Casimiro (2007), para relações hierárquicas entre falante e ouvinte, os casos de modalização volitiva poderiam ter “uma leitura deôntica”, pois o ouvinte entenderia os desejos e vontades do falante como um tipo de “ordem” ou “mandado”. Palmer (1986), que também coloca a volição dentro da modalidade deôntica, reconhece que os enunciados volitivos não poderiam tratar-se, estritamente, de um tipo de modalização deôntica (a modalidade deôntica estaria relacionada com o conceito de diretivos). Para exemplificar,

¹²⁰ Tradução nossa. O original diz: “I want the book” (LYONS, 1977, p. 826).

¹²¹ Tradução nossa. O original diz: “Give me the book” (LYONS, 1977, p. 826).

¹²² Tanto a modalidade deôntica quanto a modalidade volitiva também compartilham algumas formas de expressão.

podemos citar dois exemplos de Palmer (1986, p. 826): *Quero que venha*¹²³ ou *Espero que ele venha logo*,¹²⁴ nos quais o falante apenas expressaria o que lhe parece desejável. Palmer (1986) também classifica os enunciados volitivos como deônticos apenas por conveniência segundo o próprio autor, pois eles não seriam epistêmicos. Por sua vez, pudemos constatar que algumas tipologias não entenderam a volição como um valor atrelado à modalidade deôntica (subjativa), mas a entendendo como um domínio sobre o qual perpassa a categoria modalidade.

No que diz respeito às tipologias que colocam a volição como um domínio que poderia diferenciar os tipos de modalidade (NARROG, 2012; OLBERTZ, 2016), a *volitividade*; ressaltamos que esses mesmos autores sentiram a necessidade de categorizar um tipo específico de modalidade em que a necessidade (volitiva) se apresentava apenas restrita ao falante, ou seja, consideraram um tipo distinto de modalidade em que à expressão dos desejos, das vontades, das esperanças e das intenções do falante eram oriundos de uma necessidade interna e restrita a ele (ainda que houvesse um indivíduo sobre o qual recaísse aquilo que era desejado), podendo a volição ser realizável ou irrealizável, mas sem que essa desejabilidade fosse “obrigada” a se concretizar (quando possível). Vimos que, para essas tipologias que consideram a “volitividade” como um domínio, a modalização dos enunciados relacionados à expressão dos desejos foi categorizada como desiderativa ou bulomaica.¹²⁵

Ainda que essas tipologias propusessem a volição (volitividade) como um domínio (NARROG, 2012; OLBERTZ, 2016), elas nos pareceram plausíveis, assim como as tipologias que propuseram a volição como um valor relacionado a um subtipo específico de modalidade (HENGEVELD, 2004; TOPOR, 2011), pois os autores delimitaram e especificaram a volição com base nos seguintes critérios: (i) diferenciação entre a modalidade volitiva e os demais subtipos de modalidade com base em suas tipologias (HENGEVELD, 2004; TOPOR, 2011); (ii) delimitação da modalidade volitiva com base em critérios bem delimitados, como formas de expressão (TOPOR, 2011; OLBERTZ, 2016), alvo da avaliação (parte do enunciado que é modalizada) e domínio semântico (avaliação feita do enunciado modalizado) da categoria modalidade (HENGEVELD, 2004; NARROG, 2012; OLBERTZ,

¹²³ Tradução nossa. O original diz: “Quiero que venga” (PALMER, 1986, p. 132).

¹²⁴ Tradução nossa. O original diz: “Espero que venga pronto” (PALMER, 1986, p. 132).

¹²⁵ De acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola versão on-line (<http://dle.rae.es>), o termo “desiderativo” vem do latim *desiderativus*, e significava “desejo”, enquanto que o termo “bulomaica” vem do grego *boulomai*, e também significava “desejo”. Isso explica porque em algumas tipologias, a modalidade referente à expressão dos desejos do falante foi categorizada como “desiderativa” ou “bulomaica”.

2016); e (iii) consideração da função desempenhada pelo modalizador e a camada da oração sobre a qual incide dependendo do contexto (HENGEVELD, 2004).

Entretanto, percebemos que alguns desses parâmetros já são contemplados pela teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), levando-nos a analisar e descrever a volição e a modalidade volitiva com base nesse tipo de gramática funcional.

3.2 A volição na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

Na Gramática Discursivo-Funcional, vemos uma mudança no que diz respeito à tipologia das modalidades propostas por Hengeveld (1988) e Dik (1997),¹²⁶ pois há a inclusão de dois novos parâmetros, o *alvo da avaliação*, que subdivide e distingue as modalidades em *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição* e, o *domínio de avaliação*, que classifica as modalidades em cinco:¹²⁷ *facultativa*, *deôntica*, *volitiva*, *epistêmica* e *evidencial*.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008),¹²⁸ os tipos de modalidade podem ser caracterizados em relação ao alvo da avaliação, que pode ser resumido da seguinte maneira: (i) a modalidade *orientada-para-o-participante* corresponde à parte relacional do enunciado que é expresso pelo predicado, que se refere à relação existente entre o participante do evento e a realização potencial desse evento; (ii) a modalidade *orientada-para-o-evento* diz respeito à descrição do evento que está presente no enunciado, sendo por isso a parte descritiva do enunciado; e (iii) a modalidade *orientada-para-a-proposição*, que faz referência à parte do enunciado na qual o falante manifesta as suas visões e crenças, especificando, necessariamente, o seu grau de comprometimento com a sua proposição apresentada no enunciado. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), temos que as modalidades que são orientadas-para-a-proposição especificam a atitude subjetiva do falante em relação à proposição que ele está apresentando, portanto, o falante pode caracterizar a proposição como um seu desejo pessoal (como no caso da modalidade volitiva), expressar vários graus de comprometimento com relação à proposição (modalidade epistêmica), ou especificar a fonte da proposição (modalidade evidencial). No que diz respeito ao domínio semântico, vimos que

¹²⁶ Os pressupostos teóricos de Hengeveld (2004) para a categoria modalidade foram incorporados à Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

¹²⁷ Dentro do aparato teórico da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), as distinções modais também são tratadas no Nível Representacional, que está basicamente relacionado com os aspectos semânticos da Formulação. Nesse nível, as unidades são descritas em termos da categoria semântica que designam.

¹²⁸ O que foi proposto por Hengeveld (2004) foi incorporado à Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008).

as modalidades são subdivididas em cinco: *facultativa*, *deôntica*, *volitiva*, *epistêmica* e *evidencial*.

Sabendo-se que a modalidade volitiva diz respeito à desejabilidade ou a indesejabilidade de um estado-de-coisas, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), para o alvo da avaliação, temos que a modalidade volitiva, a princípio, está *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*.

A modalidade volitiva orientada-para-o-participante descreve o desejo de um participante de se engajar no evento descrito pelo predicado, como em: *Nós pretendemos ir*.¹²⁹

A modalidade volitiva orientada-para-o-evento caracteriza eventos em termos do que é geralmente desejável ou indesejável, mas sem que o falante faça uma avaliação do estado-de-coisas apresentado, como em: *Seria ruim se eu quebrasse isso*.¹³⁰ Hengeveld e Mackenzie (2008) chama atenção para o fato da modalidade volitiva orientada-para-o-evento não ser marcada, geralmente, por marcadores especializados, sendo, em alguns casos, expressa por marcadores típicos de outros subtipos de modalidades, como a modalidade deôntica. Em relação ao exemplo citado por Hengeveld e Mackenzie (2008), entendemos que a modalidade volitiva *orientada-para-o-evento* versa apenas sobre a desejabilidade ou a indesejabilidade de um evento, sem que o falante esteja, necessariamente, envolvido nele. No exemplo citado, *Seria ruim se eu quebrasse isso*, o falante expressa apenas a indesejabilidade de um estado-de-coisas no que diz respeito ao fato de “romper algo”, como vemos no exemplo citado.

Na modalidade volitiva orientada-para-a-proposição, o falante, e não o participante do evento descrito na oração, é a fonte da atitude volitiva expressa na proposição, como em: *Quero dormir sobre mim mesmo*.¹³¹ De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o exemplo dado não pode ser interpretado como sendo uma ilocução básica optativa, ou seja, não remete a uma manifestação de um desejo, mas de uma afirmação a respeito dos desejos pessoais do falante, relacionado a um estado-de-coisas pouco controlado, subjetivo e irrealizável.¹³² Em outras palavras, a modalidade volitiva orientada-para-a-proposição está relacionada à vontade pessoal do falante (fonte de onde provém a desejabilidade) em relação a um evento volitivo pouco controlado, de caráter mais subjetivo e irrealizável (em termos

¹²⁹ Tradução nossa. O original diz: “We want to leave” (HENGEVELD, 2004, p. 07).

¹³⁰ Tradução nossa. O original diz: “It would be bad if I broke it” (HENGEVELD, 2004, p. 08).

¹³¹ Tradução nossa. O original diz: “I want to sleep/It is going to sleep on me” (HENGEVELD, 2004, p. 09).

¹³² Para Hengeveld e Mackenzie (2008), Conteúdos Proposicionais podem ser factuais, quando correspondem a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não factuais, quando correspondem a desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário.

factuais), sendo que a modalização volitiva deveria estar relacionada a algum tipo de ilocução que não fosse, necessariamente, de tipo optativo.

Peixoto (2012) acrescenta que a modalidade volitiva *orientada-para-a-proposição* diz respeito à asserção de um desejo pessoal do falante em relação a um dado evento apresentado como algo desejável por parte do próprio falante. Em relação à asserção ou afirmação dos desejos pessoais do falante, Florea (2016) afirma que aquilo que parece desejável ao falante é expreso, geralmente, nas línguas românicas (português, espanhol, francês, italiano, etc.) por meio de verbos lexicais, tais como *eu quero*, *eu anseio*, *eu desejo* etc., em que a forma modal do verbo é regida por meio de uma declaração (conteúdo proposicional). Estas declarações descrevem um desejo como um estado psicológico do falante, correspondendo, pois, ao modo de *dizer*. Em outras palavras, quando o falante faz uma asserção ou afirmação a respeito de algo que lhe parece desejável por meio de uma sentença declarativa, há a possibilidade de apreciá-la em termos de verdade ou falsidade.

Dessa forma, na proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008) para a modalidade volitiva, temos que os modais volitivos que forem orientados-para-o-participante irão descrever a desejabilidade de um participante (expreso no predicado) em relação a um dado estado-de-coisas que é designado pelo enunciado. Por sua vez, os modais volitivos que forem orientados-para-o-evento irão caracterizar um dado estado-de-coisas como algo desejável ou indesejável, enquanto os modais volitivos que forem orientados-para-a-proposição irão manifestar a volição expressa pelo próprio falante, descrevendo, pois, um desejo a respeito de um estado-de-coisas pouco controlado e irrealizável (do ponto de vista factual).

Após a publicação da GDF, houve algumas mudanças em relação à abordagem da modalidade, mudanças essas que podem ser encontradas em alguns trabalhos que apresentam a GDF como base teórica, tais como os trabalhos de Durigon (2015), Rinaldi (2015) e Dall’Aglío Hattner e Hengeveld (2015, 2016) e Olbertz (2016).

De acordo com Rinaldi (2015), em relação à categoria modalidade apresentada por Hengeveld e Mackenzie (2008), é necessário que se apresente algumas ressalvas no que diz respeito tanto ao domínio semântico quanto ao alvo da avaliação. Em relação ao domínio semântico, Rinaldi (2015) e Dall’Aglío Hattner e Hengeveld (2015) apresentam a modalidade evidencial não como um subtipo semântico de modalidade, mas como uma categoria à parte, haja vista que a Evidencialidade dentro da GDF pode apresentar como escopo diversas camadas e não apenas a proposição. Por isso, teríamos apenas quatro subtipos de domínios de modalidade: *facultativa*, *deôntica*, *volitiva* e *epistêmica*. Essa readequação da

tipologia proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) prevê também que o alvo da avaliação da modalidade também passaria por algumas reformulações, passando a ser de quatro tipos, a saber: *orientado-para-o-participante*, *orientado-para-o-evento*, *orientado-para-a-proposição* e *orientado-para-o-episódio*.

Para Rinaldi (2015) e Dall’Aglio Hattner e Hengeveld (2016), a modalidade *orientada-para-o-participante* descreve a relação entre um dado participante apresentado no estado-de-coisas e a realização potencial desse estado-de-coisas. Sendo assim, as únicas modalidades que permitem essa orientação seriam a modalidade facultativa, deôntica e volitiva. A modalidade *orientada-para-o-evento*, por sua vez, descreve a existência de desejos, permissões, obrigações, etc., a respeito de estados-de-coisas gerais, sem que o falante tenha algum tipo de responsabilidade por causa desses julgamentos, dessa forma apenas as modalidades, facultativa, deôntica e volitiva seriam orientadas-para-o-evento. A modalidade *orientada-para-o-episódio* caracteriza um Episódio em termos de sua possibilidade ou impossibilidade de que venha a ocorrer em relação ao conhecimento de mundo do falante, sendo apenas possível que a modalidade epistêmica fosse orientada-para-o-episódio. No que diz respeito à modalidade *orientada-para-a-proposição*, Rinaldi (2015) esclarece que esta expressa o grau de comprometimento do falante no que diz respeito à veracidade ou a falsidade do que é apresentado no Conteúdo Proposicional, por isso apenas a modalidade epistêmica seria orientada-para-a-proposição. Entretanto, para Olbertz (2016), a modalidade desiderativa¹³³ também está relacionada a conteúdos proposicionais, haja vista que os conteúdos proposicionais são construções mentais tais como crenças ou desejos que são inobserváveis e impossíveis de serem localizados no tempo ou no espaço, mas que existem na mente dos falantes.

Segundo Olbertz (2016), os desejos são totalmente fictícios e não têm existência fora da mente do falante e de suas descrições correspondentes,¹³⁴ fazendo com que a modalidade desiderativa se diferencie das demais modalidades, em especial da modalidade deôntica, pois esta impõe obrigações, permissões e proibições, enquanto aquela está relacionada à expressão de desejos, esperanças ou vontades do falante. Dessa forma, a modalidade desiderativa não participa da dicotomia possibilidade/necessidade¹³⁵ como as demais modalidades propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008), pois é impossível que

¹³³Olbertz (2016) usa o termo “modalidade desiderativa” para se referir à expressão dos desejos e esperanças do falante, o que seria, na proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade volitiva.

¹³⁴Olbertz (2016) exemplifica a modalidade desiderativa (volitiva) orientada-para-a-proposição em língua espanhola ao fazer menção ao uso dos modalizadores *deber (de)+infinitivo* e *tener+que+infinitivo*.

¹³⁵Narrog (2012) também aponta que a modalidade volitiva estaria fora dessa dicotomia.

alguém conceba desejos em termos do nada, mas de uma necessidade que lhe é pessoal. Olbertz (2016) também aponta que uma das principais características que distingue a modalidade desiderativa das demais está em referir-se a estado-de-coisas incontroláveis e irrealizáveis.

Em relação aos tipos de alvo da avaliação, orientado para o Evento e o Participante, Olbertz (2016) esclarece que a modalidade *orientada-para-o-participante* diz respeito a obrigações e necessidades de algum participante humano específico em um dado evento, sendo que a fonte da modalização pode ser interna ou externa ao participante, neste último caso, a fonte pode ser as circunstâncias ou os desejos de alguém (o que possibilita que haja modalidade volitiva orientada-para-o-participante); enquanto a modalidade *orientada-para-o-evento* é de natureza geral e não visa um indivíduo, mas um determinado estado-de-coisas, fazendo, pois, referência a ideias e fantasias, que podem ou não ter relação com a realidade extralinguística (o que também possibilita a existência de modalidade volitiva orientada-para-o-evento).

Em relação à modalidade *orientada-para-o-episódio*, segundo Olbertz (2016), não apenas a modalidade epistêmica, mas a modalidade deôntica subjetiva também atuaria na camada do Episódio. Para Olbertz (2016), a modalidade deôntica subjetiva também seria *orientada-para-o-episódio*, quando o falante apresentasse uma série de estado-de-coisas referentes ao passado em relação ao que seria “desejável” em termos do que social ou moralmente seria aceitável. Como não seria possível que o falante influenciasse o curso dos acontecimentos, a necessidade deôntica operaria na camada do Episódio e não na camada do Estado-de-Coisas ou da Propriedade Configuracional. Para exemplificar, Olbertz (2016, p. 18) traz o seguinte fragmento: “Era grande e tinha tudo o que tinha que ter, mas não dava para o mar, apenas para o deserto, para as palmeiras agitadas que rodeavam o hotel”.¹³⁶ Nesse exemplo, o emprego do modalizador no pretérito imperfeito, *tinha que ter*, é uma consequência de um passado contínuo (*consecutio temporum*), ou seja, trata-se de uma adaptação da cláusula modalizada ao contexto passado da narrativa, significando que o tempo, referente ao passado, apenas expressa a simultaneidade com o contexto, e que nem o modalizador nem o estado-de-coisas apresentado tem relação com o restante. Consequentemente, o *passado/presente* nessa representação mostra que a modalidade deôntica subjetiva pode operar em expressões linguísticas que podem ser localizadas no

¹³⁶ Tradução nossa. O original diz: “Era grande y tenía todo lo que tenía que tener, pero no daba al mar sino al desierto, a las palmeras agitadas que rodeaban el hotel. (Lit, Puértolas)” (OLBERTZ, 2016, p. 18)

tempo. Resumidamente, teríamos, para a modalidade deôntica *orientada-para-o-episódio*, uma representação da possibilidade de expressão de uma modalidade deôntica subjetiva, tomando como escopo a expressão de uma modalidade deôntica objetiva.¹³⁷

Considerando os trabalhos de Durigon (2015), Rinaldi (2015) e Dall’Aglio Hattner e Hengeveld (2015, 2016); e baseando-nos em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Olbertz (2016), é possível fazermos um resumo das readequações feitas na teoria da GDF em relação à categoria da modalidade. Vejamos o Quadro 3:

Quadro 3: Cruzamento entre o domínio semântico e o alvo da avaliação

Domínio Semântico	Alvo da avaliação			
	Participante	Evento	Episódio	Proposição
Facultativa	+	+	-	-
Deôntica	+	+	+	-
Volitiva	+	+	-	+
Epistêmica	-	-	+	+

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), Durigon (2015), Rinaldi (2015), Dall’Aglio Hattner e Hengeveld (2015, 2016) e Olbertz (2016).

Dessa forma, para a modalidade volitiva, temos que ela ainda se apresenta como um tipo de modalidade distinta, sendo a modalidade relacionada ao que é (in)desejável (domínio semântico) e que apresenta orientação para o *Participante*, para o *Evento* ou para a *Proposição* (alvo da avaliação), com base em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Olbertz (2016). O Quadro 4 resume os parâmetros para a análise da modalidade volitiva:

¹³⁷ Com base em Olbertz (2016), acreditamos que é possível que haja uma modalidade volitiva orientada-para-o-episódio, na qual o falante expressasse algum tipo de avaliação acerca de uma possível volição do participante expresso no predicado.

Quadro 4: Parâmetros da modalidade volitiva em relação ao alvo da avaliação e ao domínio semântico

Alvo da avaliação	Domínio semântico
	Modalidade volitiva
Proposição	O falante declara o que lhe parece (in)desejável em relação ao evento volitivo pouco controlado, subjetivo e irrealizável do ponto de vista factual.
Evento	O falante reporta a (in)desejabilidade de um dado evento, mas sem comprometer-se em relação ao que é expresso no predicado.
Participante	O falante expressa ou reporta ¹³⁸ aquilo que é (in)desejável por parte do participante expresso no predicado.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Olbertz (2016)

Sabendo-se que o conceito de modalidade se faz conforme a estrutura básica do modelo da GDF, com base na noção de camadas e de orientação, é salutar que, além das categorias de análise relativas aos níveis do Componente Gramatical (com exceção do Nível Fonológico) e do Componente Contextual proposto no Capítulo 2, propuséssemos também os tipos de orientação modal da modalidade em relação ao alvo da avaliação como uma de nossas categorias de análise. Ao propormos os tipos de alvo da avaliação modal, pretendemos verificar se as noções básicas para o tratamento da modalidade volitiva se mantêm na GDF ou se seria possível/necessário fazer algum tipo de readequação do escopo para esse tipo de modalidade com base nas camadas presentes no Nível Representacional (NR).

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), propomos os tipos de alvo da avaliação modal da modalidade volitiva como uma de nossas categorias de análise, a saber:

- (i) orientada-para-o-participante;
- (ii) orientada-para-o-evento;
- (iii) orientada-para-a-proposição.

Por se tratar de uma de nossas categorias de análise, ilustramos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*. Vejamos:

¹³⁸Essa reportabilidade da desejabilidade ou indesejabilidade de alguém ou de algo se dá por meio do verbo conjugado na terceira pessoa do singular ou plural.

(1) modalidade volitiva orientada-para-o-participante: *“Busquemos para los demás las mismas posibilidades que deseamos para nosotros.” (DAP-2).*

[Busquemos para os demais as mesmas possibilidades que desejamos para nós].

(2) modalidade volitiva orientada-para-o-evento: *“Es importante, hoy como en el pasado, que la voz de la fe, que es una voz de fraternidad y de amor, que busca sacar lo mejor de cada persona y de cada sociedad, pueda seguir siendo escuchada.” (DAP-2)*

[É preferível, hoje como no passado, que a voz da fé, que é uma voz de fraternidade e de amor, que busca retirar o melhor de cada pessoa e de cada sociedade, possa seguir sendo escutada].

(3) modalidade volitiva orientada-para-a-proposição: *“Cuánto quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores” (DAR-3)*

[Quanto desejaria que fosse Ela mesma quem os levasse até o profundo de suas almas de pastores].

3.3 Síntese conclusiva

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações a respeito da categoria modalidade. Vimos que, segundo Palmer (1986), a modalidade tratar-se-ia de uma forma de gramaticalização das próprias opiniões e atitudes do falante, sendo estas de caráter subjetivo, tendo a subjetividade como característica essencial na definição desta categoria. Em relação à subjetividade, constatamos que ela não é delimitada dentro de nossa teoria de base, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF). No entanto, a subjetividade poderia ser identificada, de acordo com Nagamura (2014), no que concerne as suas formas de expressão como, por exemplo, a modalidade subjetiva, a atitude subjetiva em relação ao Conteúdo Comunicado e a atitude subjetiva com relação à entidade que é designada pelo Subato Referencial.

Na teoria da GDF, expomos que a categoria modalidade não encontra uma definição propriamente dita, apresentando-se apenas como modalidade orientada-para-o-participante, orientada-para-o-evento e orientada-para-a-proposição, que faz referência ao alvo da avaliação modal. Apresentamos também que a GDF diferencia os tipos de modalidade, baseando-se no domínio semântico, que se refere à perspectiva pela qual a avaliação da modalidade é feita, podendo ser de cinco tipos: *facultativa, deôntica, epistêmica, evidencial e volitiva.*

Em relação à modalidade volitiva, discorreremos que ora se apresenta como um subtipo de modalidade, distinta dos demais subtipos de modalidade; ora posta como um subtipo da modalidade deôntica; ora entendida como uma categoria acima da modalidade, diferenciando-a em modalidades volitivas (que conteriam o elemento do desejo) e modalidades não-volitivas (que não conteriam o elemento do desejo). Na perspectiva da GDF, com base nos trabalhos de Hengeveld e Mackenzie (2008), Durigon (2015), Rinaldi (2015), Dall’Aglío Hattner e Hengeveld (2015, 2016); Nagamura (2016) e Olbertz (2016), a modalidade volitiva refere-se a um subtipo de modalidade específico, relacionada ao que é (in)desejável (domínio semântico) e podendo ser *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Tendo por base o objetivo geral de nossa pesquisa, que consiste em analisar e descrever a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, procuramos analisar a relação entre as opções e escolhas relativas à Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional), a Codificação (Nível Morfossintático) e o Componente Contextual, conforme os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

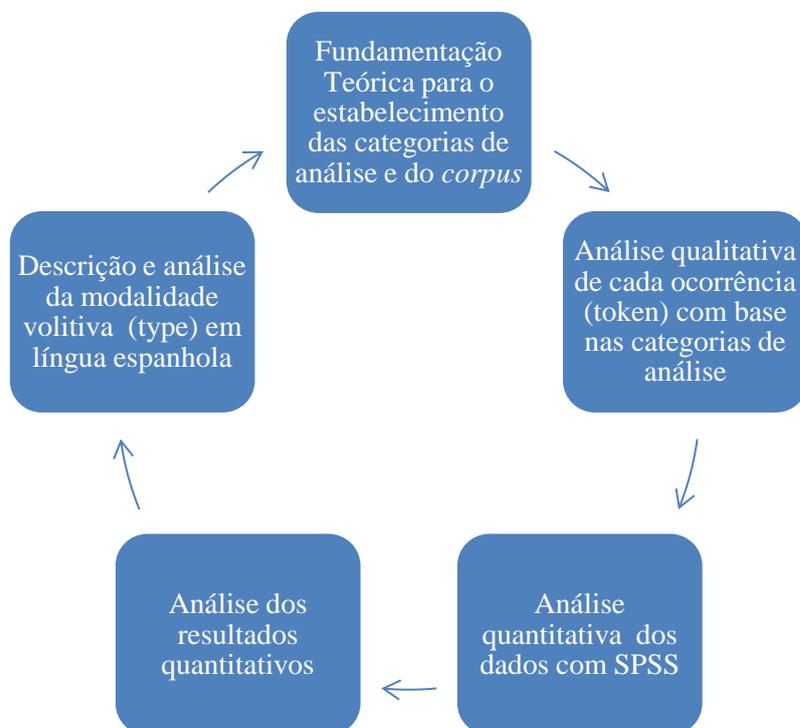
Partimos do pressuposto de que a instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica apresentar-se-ia de forma diferenciada a depender do público alvo a quem o seu discurso era direcionado: aos chefes de estado, às altas autoridades e à sociedade civil, ou aos bispos, aos sacerdotes e aos fiéis católicos. Dessa forma, postulamos que, para analisar e descrever a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, seria necessário que fizéssemos uma análise mais acurada dos seguintes aspectos: (i) quanto ao tipo de ambiente onde o discurso é proferido; (ii) quanto ao tipo de ouvinte; (iii) quanto à posição do falante (Papa Francisco) em relação ao tipo de enunciador por ele constituído na construção discursiva; (iv) quanto ao tipo de ilocução; (v) quanto ao tipo fonte volitiva e alvo volitivo; (vi) quanto à incidência dos valores semânticos da modalidade volitiva; (vii) quanto às formas de expressão utilizadas para instauração da modalidade volitiva; (viii) quanto à marcação de tempo e modo verbais no emprego dos modalizadores volitivos; (ix) quanto ao tipo de alvo da avaliação modal predominante em seus discursos.

Tendo em mente esses aspectos para que pudéssemos fazer a análise e descrição da modalidade volitiva, adotamos a perspectiva *quantitativo-qualitativa* para análise dos dados gerais. Utilizamos-nos do arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e de outros trabalhos referente à categoria modalidade volitiva para a análise *qualitativa*, enquanto, para a análise *quantitativa*, foi feita a verificação da frequência absoluta e do cruzamento das categorias de análise, ao utilizarmos o *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 22 para o *Windows*.¹³⁹ Após a obtenção dos resultados percentuais com a utilização do SPSS, procedemos, novamente, à análise *qualitativa* dos dados em consonância

¹³⁹ Disponível em: <<https://ibm-spss-statistics-base.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 26 set. 2016.

com a teoria da GDF apresentada anteriormente. O procedimento da análise dos dados pode ser visualizado na Figura 4. Vejamos:

Figura 4: Ciclo do processo de análise dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor

Antes de apresentarmos os parâmetros que nortearam a nossa análise, iremos expor, na seção seguinte, a constituição e a delimitação do *corpus* desta pesquisa.

4.1 A constituição e delimitação do *corpus* da pesquisa

Segundo Pérez (2002), podemos definir nosso *corpus* como um *corpus especializado* ou *corpus especial*, haja vista que foi construído com um propósito específico.¹⁴⁰ Esses tipos de *corpora* não têm por finalidade serem representativos do uso linguístico geral, já que apresentam algumas particularidades e características que os afastam dos *corpora* de uso geral (representativo) de uma língua. No entanto, Pérez (2002) ressalva que, mesmo para estes tipos de *corpora especializados* ou *especiais*, é necessário que apresentem algumas características e propriedades similares dos *corpora de referência* em

¹⁴⁰Tomando por base Pérez (2002), o *corpus* por nós elaborado trata-se de um *corpus* especial ou especializado, já que fizemos uma seleção de textos para um estudo específico em uma dada língua natural.

relação à quantidade,¹⁴¹ qualidade,¹⁴² simplicidade e documentação. De acordo com Pérez (2002), um *corpus* linguístico deve estar formado a partir de textos produzidos em situações reais e que sejam selecionados a partir de uma série de critérios¹⁴³ que garantam que o *corpus* possa ser usado como mostra representativa da língua. Segundo a autora, é necessário que o *corpus* contenha um limite mínimo de espaço (quantidade mínima de palavras, expressões, etc.) para que o conjunto de textos possa cumprir o requisito da *representatividade*. Segundo Sardinha (2004), os textos de um *corpus* devem ser autênticos. Para o autor, a autenticidade dos textos está relacionada ao fato de serem textos escritos em uma linguagem natural, sendo, portanto, produzidos por falantes nativos.¹⁴⁴ A escolha do nosso *corpus* se deu em virtude não apenas do fato do Papa Francisco ser falante nativo de língua espanhola (o que contribuiria para que seu discurso fosse mais fluido), mas também por ele se tratar de uma autoridade religiosa e representante de uma divindade¹⁴⁵ (para os cristãos católicos, Jesus Cristo) o que facilitaria que encontrássemos a expressão da modalidade volitiva.

Na posição de representante de uma divindade, o Papa expressaria, em seus discursos, tanto para o Ouvinte 1 quanto para o Ouvinte 2, aquilo que é desejável (volição) em relação a temas ou a problemas que afligem a sociedade e os quais ele espera que sejam solucionados para o bem-estar do próprio homem. Portanto, os objetivos por nós estabelecidos e a opção por uma orientação funcionalista de análise levou-nos a trabalhar com um *corpus* de ocorrências reais da língua espanhola, de modo a podermos descrever e explicar a expressão da modalidade volitiva em língua espanhola na construção discursiva do Papa Francisco em viagem apostólica e dos efeitos de sentido que dela decorrem.

¹⁴¹Em relação ao critério da quantidade, Pérez (2002) ressalva que para os *corpora* especiais devem respeitar a integridade dos textos selecionados na composição do *corpus* que será analisado, evitando retirar fragmentos ou partes do texto para não comprometer a análise do fenômeno linguístico que se pretende estudar.

¹⁴²No que diz respeito ao critério da qualidade, Pérez (2002) aconselha que se trabalhe com textos de uso real da língua na qual se pretende fazer a análise do fenômeno estudado.

¹⁴³Os critérios apontados por Pérez (2002) são o da *representatividade*, que se relaciona com a quantidade de palavras (deve ser uma quantidade mínima de palavras que possa expressar de maneira satisfatória os elementos linguísticos a serem estudados) e a qualidade dos textos (procedência dos textos de origem fidedigna), a *standardização*, que se refere ao tipo de informação que podemos encontrar nos textos selecionados, além dos fatores morfológicos, sintáticos e semânticos, e o da *simplicidade* que se trata de informações de caráter externo ao texto, como a origem, o(s) autor(es), etc.

¹⁴⁴Segundo Llamazares (2008), o uso de *corpus* para o estudo de um determinado fenômeno em uma dada língua trata-se de uma metodologia empírica de trabalho, pois deve ser pautada em dados reais com mostras de uso da língua.

¹⁴⁵ Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010, p. 253), o Papa, como Bispo de Roma, é o sucessor do apóstolo Pedro que é o “perpétuo e visível princípio fundamento da unidade, quer dos Bispos, quer da multidão dos fiéis”, sendo o Pontífice Romano o Vigário de Cristo e Pastor da Igreja, possuindo pleno poder, supremo e universal.

Em relação ao discurso religioso¹⁴⁶ que compõe os discursos selecionados para a elaboração do nosso *corpus*, Peña-Alfaro (2005) pontua que esse tipo de discurso, por ser proferido por uma autoridade religiosa, trata-se de uma prática sociodiscursiva, pois é sabido que nesse tipo de discurso ocorre, sistematicamente, a transmissão de um sistema de crenças sobre as relações que se estabelecem entre o homem e uma divindade. Dita relação se dá por meio da mediação de uma instituição religiosa, que institucionaliza e reproduz as crenças e os valores do grupo religioso por meio de discursos orais ou escritos, sendo aceito pelos fiéis como textos sagrados destinados aos humanos.

Para Peña-Alfaro (2005), podemos dizer que do ponto de vista linguístico, o discurso religioso caracteriza-se como uma prática discursiva na qual o líder religioso, representante da divindade, expressa e difunde um sistema de crenças, valores éticos, morais e espirituais, que representa não apenas a visão de mundo do seu grupo religioso, mas o que seria melhor para o homem, valores estes que são transmitidos, validados e legitimados por meio de práticas sociais difundidas tanto no interior da própria instituição quando fora dela. Orlandi (1996) estabelece, desde um ponto de vista linguístico, algumas características próprias do discurso religioso, são elas: a *assimetria*, o *recurso à autoridade*, *não reversibilidade* e a *intertextualidade*. A assimetria é a base central pela qual se estabelece o discurso religioso, especificamente, dentro das instituições religiosas, pois é a partir dela que se estabelecem as diferenças entre o falante (líder religioso) e o ouvinte (comunidade de fiéis), sendo a divindade, representada aqui pela autoridade religiosa, o ser revestido de autoridade e o homem subordinado a ela.

O recurso à autoridade remonta a própria questão da assimetria na relação entre falante e ouvinte, pois aquela é identificada como a fonte do discurso como algo proveniente da divindade, pois o discurso religioso está revestido pela autoridade divina (entre os que compartilham a fé nessa autoridade divina). O próprio líder religioso para instaurar seus desejos ou mandados apela à autoridade divina, por isso seu discurso pode chegar a convencer os fiéis e/ou os não fiéis (sociedade civil) daquilo que é dito, já que a força discursiva do que é dito advém da divindade. Segundo Peña-Alfaro (2005, p. 58), essa seria a principal característica do discurso religioso:

¹⁴⁶ Para esta pesquisa, não pretendemos fazer uma definição ou nos determos a respeito do discurso religioso em si, apenas optamos por esse tipo de discurso por ele ser favorável em apresentar a instauração da modalidade volitiva por parte do falante (Papa Francisco).

Este talvez seja o elemento mais importante para dar ao discurso religioso a ênfase retórica da qual ele é revestido para conseguir os efeitos e a produção de sentido desejado pelos pregadores religiosos nas suas mensagens dirigidas ao público escolhido. Este apelo à autoridade usa o texto bíblico como suporte, caracterizado como palavra de Deus, sendo à base da pregação religiosa e sua principal fonte de autoridade.

Para Orlandi (1996), a intertextualidade é uma característica que também provém da assimetria e do recurso à autoridade, haja vista que, no discurso religioso, o líder religioso remete sempre um texto a partir de outro texto, buscando, dessa forma, legitimar e garantir a aprovação do seu discurso. Para o cristianismo católico, particularmente, os discursos religiosos proferidos pelo Papa Francisco são elaborados fazendo menção a passagens bíblicas (para os cristãos, a Bíblia é o livro que contém a palavra de Jesus Cristo e por isso seus ensinamentos devem ser acatados e acolhidos pelos fiéis católicos), ou fazendo menção a desejabilidade ou indesejabilidade por parte do próprio Papa (ou a divindade a qual ele representa) a respeito de determinadas ações ou propostas que podem vir a ser de interesse tanto dos fiéis católicos como da sociedade civil que o recebe em suas viagens apostólicas.

Partindo do pressuposto de que o discurso religioso é assimétrico e de que ele recorre a uma autoridade divina para legitimar-se, podemos inferir que, de acordo com Orlandi (1996), a não reversibilidade tratar-se-ia, exatamente, da inquestionabilidade do discurso religioso, pois ele advém da própria divindade que é representada pelo líder religioso. Dessa forma, haveria uma maior possibilidade de que encontrássemos a manifestação de modalização volitiva tanto nos discursos direcionados para o Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis), já que os desejos da divindade são *pedidos* ou *mandados* que devem ser acatados para sua própria salvação,¹⁴⁷ quanto para o Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil), pois o discurso religioso poderia ser interpretado como veículo daquilo que é *desejável* para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, tendo o líder religioso como um porta-voz de uma autoridade ainda maior (uma “divindade” ou um “ser superior”).

Dessa forma, o discurso religioso do Papa Francisco ser-nos-ia “oportuno” para a análise e descrição da modalidade volitiva. Por isso, selecionamos quatro *e-books on-line* sobre quatro viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco, durante as quais o Sumo

¹⁴⁷ O conceito de salvação é um dos pilares fundamentais da fé cristã, sendo que sua deidade, Jesus Cristo, veio para salvar a humanidade de seus pecados (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2010).

Pontífice proferiu seus discursos em língua espanhola nos *Estados Unidos*,¹⁴⁸ em *Cuba*, no *México* e na *América do Sul* (Equador, Bolívia e Paraguai). Vejamos:

- 1) *Francisco en Estados Unidos: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Estados Unidos en septiembre de 2015.* Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaenEstadosUnidos.pdf>> Acesso em: 04 de março de 2016.
- 2) *Francisco en Cuba: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Cuba en septiembre de 2015.* Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaenCuba.pdf>> Acesso em: 04 de março de 2016.
- 3) *Francisco en México: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a México en febrero de 2016.* Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaenMexico.pdf>> Acesso em: 04 de março de 2016.
- 4) *Francisco en Sudamérica: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Ecuador, Bolivia y Paraguay en julio de 2015.* Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/FranciscoenSudamerica2015.pdf>> Acesso em: 04 de março de 2016.

Os *e-books*, por nós selecionados, constam de todas as homilias, de todos os testemunhos, de todas as orações e de todos os discursos proferidos pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas, além de estarem disponibilizados de forma *on-line* para livre acesso e posterior consulta tanto dos fiéis católicos quanto dos demais interessados.

O *e-book* sobre a viagem apostólica do Papa Francisco aos Estados Unidos consta de 97 páginas (31.400 palavras) e traz consigo, para cada discurso e homilia, a data (com dia, mês e ano) no qual foi proferido e um *link* que direciona a uma página do *youtube* onde o leitor pode visualizar o vídeo no qual o Papa Francisco profere o seu discurso ou sua homilia. Os *e-books* das viagens apostólicas realizadas a Cuba, ao México e à América do Sul

¹⁴⁸ Na viagem apostólica realizada aos Estados Unidos, o Papa proferiu seus discursos em língua espanhola devido ao fato dessa visita pastoral estar direcionada para os católicos norte-americanos, em sua maioria, latinos hispanofalantes.

(Equador, Bolívia e Paraguai) contém 41 páginas (13.360 palavras), 86 páginas (26.200 palavras) e 116 (39.600 palavras) respectivamente, e apresentam o mesmo formato (desenho gráfico, cor da capa, *layout*, tamanho da letra, divisão das homilias, dos testemunhos, das orações e dos discursos por datas, *links* de acesso ao *youtube*, etc.) do *e-book* da viagem apostólica realizada aos Estados Unidos.

Por ser de nosso interesse a análise e a descrição da modalidade volitiva em língua espanhola, tendo como uma de nossas categorias de análise o alvo da volição, preferimos selecionar apenas os discursos proferidos pelo Sumo Pontífice, pois estes eram ora direcionados para o Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e a sociedade civil), ora eram direcionados para o Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos),¹⁴⁹ enquanto as homilias feitas pelo Papa eram apenas direcionadas para o Ouvinte 2 nas celebrações da Missa.¹⁵⁰ Além do tipo de ouvinte, ainda consideramos o tipo de ambiente no qual o discurso foi proferido. Dessa forma, selecionamos dois tipos de ambiente: (i) político; e (ii) religioso. Os ambientes políticos restringiam-se às sedes de governo dos países visitados e/ou aos corpos diplomáticos, enquanto os ambientes religiosos se limitaram apenas as catedrais, igrejas e capelas.¹⁵¹

Com base nessas categorias de análise, tipo de ambiente (político e religioso) e tipo de ouvinte (Ouvinte 1 e Ouvinte 2), selecionamos então do: (i) *e-book* dos Estados Unidos, que continha 9 (nove) discursos no total e 19.500 palavras aproximadamente, apenas 4 (quatro) discursos, totalizando um total de 11.400 palavras aproximadamente; (ii) *e-book* de Cuba, selecionamos apenas 2 (dois) discursos, totalizando um total de 2.600 palavras aproximadamente;¹⁵² (iii) *e-book* do México, que contava com 6 (seis) discursos no total e 13.300 palavras aproximadamente, foi selecionado apenas 2 (dois) discursos, totalizando um total de 5.300 palavras aproximadamente; e (iv) *e-book* da América do Sul, que continha 14 (catorze) discursos, totalizando um total de 28.800 palavras aproximadamente, selecionamos apenas 5 (cinco) discursos, totalizando um total de 5.900 palavras aproximadamente.

¹⁴⁹ Essa divisão metodológica em Ouvinte 1 e Ouvinte 2 foi feita por nós para que pudéssemos analisar e descrever a instauração da modalidade volitiva para diferentes tipos de ouvintes.

¹⁵⁰ Os testemunhos e as orações não foram considerados por não se tratarem de discurso proferido pelo Papa Francisco.

¹⁵¹ O tipo de ambiente no qual foram proferidos os discursos está relacionados com os aspectos contextuais, podendo influenciar na forma como os enunciados são modalizados, se de forma mais volitiva ou não-volitiva. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2014), os aspectos contextuais se referem aos dados extralinguísticos do quais o falante e o ouvinte tem acesso no momento da interação verbal.

¹⁵² Na viagem apostólica a Cuba, o Papa Francisco proferiu apenas dois discursos, por isso, constam apenas dois discursos para essa viagem apostólica no nosso *corpus*.

Após a seleção dos discursos, o *corpus*, por nós delimitado, contou com um total de 13 (treze) discursos (25.200 palavras aproximadamente) proferidos pelo Papa Francisco em língua espanhola em suas quatro viagens apostólicas realizadas.

Como citado anteriormente, o *corpus* foi dividido em ambiente político e religioso. Os discursos proferidos em ambientes políticos somaram um total de 8 (oito) discursos, enquanto, em ambientes religiosos, somaram um total de 5 (cinco) discursos. Ressaltamos que a diferença na quantidade dos discursos escolhidos diz respeito apenas à extensão dos discursos, haja vista que os discursos proferidos em ambiente religiosos eram mais extensos do que os discursos proferidos em ambientes políticos, já que as viagens apostólicas do Sumo Pontífice são de cunho pastoral e estão voltadas para a propagação da fé católica nos países em que o Bispo de Roma realiza a sua viagem apostólica.

Os quatro *e-books* traziam, separadamente, os discursos proferidos em ambientes políticos e os discursos proferidos em ambientes religiosos. No entanto, pudemos constatar o direcionamento de algumas partes do discurso, tanto em ambiente político quanto em ambiente religioso, para ambos os tipos de ouvinte (Ouvinte 1 e Ouvinte 2). Ressaltamos que os discursos proferidos em ambientes religiosos e por nós selecionados não foram realizados na celebração da missa,¹⁵³ mas em algum evento ou encontro promovido pela Igreja Católica em alguma catedral, igreja ou capela, onde o Papa Francisco discursava a respeito de alguma pauta já pré-determinada pelos organizadores da visita pastoral (assessoria do Papa Francisco ou os bispos daquela catedral, igreja ou capela).

Para melhor visualização da organização do nosso *corpus*, apresentamos a seguir dois quadros por nós elaborados nos quais constam todos os discursos selecionados¹⁵⁴ e que foram analisados posteriormente. Os discursos foram divididos em duas grandes seções: (i) os discursos proferidos em ambientes políticos, os quais estão no Quadro 5; e (ii) os discursos proferidos em ambiente religioso, os quais estão no Quadro 6.

Vejamos o Quadro 5, no qual constam os discursos proferidos em ambiente político (Discurso Ambiente Político – DAP):

¹⁵³ Nas celebrações da missa, o Papa Francisco realizava uma homilia para os bispos, sacerdotes e fiéis católicos.

¹⁵⁴ Os discursos selecionados para a composição do *corpus* foram postos na íntegra, sem qualquer tipo de omissão de algum fragmento, parágrafo ou parte do discurso.

Quadro 5: Discursos proferidos em ambiente político (DAP)

Número do Discurso	Título do Discurso e Data	Volume Textual (aproximado)
DAP-1	Discurso en la ceremonia de bienvenida en el South Lawn de la Casa Blanca en Washington d.c. (Miércoles, 23 de setiembre de 2015).	650 palabras
DAP-2	Discurso en la visita al Congreso de Estados Unidos de América en Washington, D.C. (Jueves, 24 de setiembre de 2015).	3.400 palabras
DAP-3	Discurso en la visita a la Sede de la Organización de las Naciones Unidas en Nueva York (Viernes, 25 de setiembre de 2015).	3.900 palabras
DAP-4	Discurso a las autoridades de Cuba ceremonia de bienvenida en la Habana (Sábado, 19 de setiembre de 2015).	780 palabras
DAP-5	Discurso en el encuentro con las autoridades, con las sociedad civil y con el cuerpo diplomático (Sábado, 13 de febrero de 2016).	920 palabras
DAP-6	Ecuador - discurso del Santo Padre en la ceremonia de bienvenida. Quito (Domingo, 5 de julio de 2015).	660 palabras
DAP-7	Bolivia - discurso en la ceremonia de bienvenida. La Paz (Miércoles, 8 de julio de 2015).	1.100 palabras
DAP-8	Paraguay - discurso en el encuentro con las autoridades y el cuerpo diplomático en el jardín del Palacio de López. (Viernes, 10 de julio de 2015).	1.130 palabras
Total do Volume Textual		12.540 palabras

Fonte: Elaborado pelo autor

Vejamos agora o Quadro 6, no qual constam os discursos proferidos em ambiente religioso (Discurso Ambiente Religioso – DAR):

Quadro 6: Discursos proferidos em ambiente religioso (DAR)

Número do Discurso	Título do Discurso e Data	Volume Textual (aproximado)
DAR-1	Discurso en el encuentro con los obispos de los Estados Unidos de América en la catedral de San Mateo en Washington, D.C. (Miércoles, 23 de setiembre de 2015).	3.500 palavras
DAR-2	Discurso en el encuentro con las familias en la catedral de Nuestra Señora de la Asunción, en Santiago de Cuba. (Martes, 22 de setiembre de 2015).	1.800 palavras
DAR-3	Discurso en el encuentro con los obispos de México en la Catedral (Sábado, 13 de febrero de 2016).	4.400 palavras
DAR-4	Discurso en el encuentro con el clero, religiosos, religiosas y seminaristas en el Santuario Nacional Mariano el Quinche. Quito (Miércoles, 8 de julio de 2015).	2.000 palavras
DAR-5	Discurso en la capilla San Juan Bautista en la visita a la población del Bañado Norte (Domingo, 12 de julio de 2015).	1.000 palavras
Total do Volume Textual		12.700 palavras

Fonte: Elaborado pelo autor

Os discursos proferidos em ambiente político e ambiente religioso contaram com um total aproximado 25.240 palavras,¹⁵⁵ tendo em vista que o *corpus* é especializado e de

¹⁵⁵De acordo com Pérez (2002), os *corpora* de tipo especializado ou especial devem obedecer ao critério da qualidade, não precisando, necessariamente, conter um limite à quantidade de textos (palavras) trabalhados, sobretudo em relação a textos em formato eletrônico, desde que os textos escolhidos sejam completos, haja vista que a omissão de partes do texto poderia repercutir na análise do mesmo ou do conjunto da obra.

textos autênticos. Para a composição do nosso *corpus*, procuramos equiparar o volume textual dos discursos proferidos em ambos os tipos de ambiente.

Após dissertarmos a respeito da delimitação e constituição do *corpus*, faremos, na seção seguinte, a apresentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa e a retomada das categorias de análise que foram apresentadas no capítulo 2 (as categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e ao Componente Contextual) e no Capítulo 3 (os tipos de alvo da avaliação da modalidade volitiva).

4.2 Os procedimentos metodológicos da pesquisa

Como citado no início deste capítulo, para que pudéssemos fazer a análise qualitativa das ocorrências encontradas no *corpus* em relação à expressão da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, recorreremos ao suporte teórico da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). Para a análise quantitativa das ocorrências, utilizamos o *Statistical Package for Social Science* (SPSS) para o *Windows* versão 22.

Em relação aos procedimentos quantitativos da pesquisa, apresentamos a seguir os procedimentos que foram seguidos: (i) identificação dos modalizadores volitivos no *corpus* delimitado; (ii) confecção de uma ficha de ocorrências; (iii) análise e classificação de cada ocorrência; (iv) utilização do *Statistical Package for Social Science* (SPSS) para a rodagem dos dados;¹⁵⁶ (v) tratamento estatístico.

Em relação ao procedimento estatístico, a escolha por este se deu pelo interesse em converter as ocorrências em dados estatísticos como realizações de categorias de análise específicas. Isso nos levou ao emprego do *Statistical Package for Social Science* (SPSS)¹⁵⁷ versão 22 para *Windows*, para que, dessa forma, pudéssemos estabelecer a análise objetivada para esta pesquisa e o cruzamento das categorias de análise. Nesta pesquisa, as categorias de análise podem ser entendidas como as propriedades que podem caracterizar a expressão da

¹⁵⁶Para análise quantitativa, utilizaremos uma versão *free* do SPSS 22 que pode ser baixada no site da IBM, disponível para download na própria página *web* da IBM, para fazermos a rodagem e cruzamento das categorias de análise. A versão *free* encontra-se disponível em: <<https://ibm-spss-statistics-base.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 07 out. 2016.

¹⁵⁷De acordo com Ferreira (1999), o *package* estatístico SPSS para *Windows* trata-se de um poderoso sistema de análises estatísticas e manuseamento de dados, possível apenas num ambiente gráfico, em que se utiliza, frequentemente, para efetuar uma série de análises e cruzamento de dados. Segundo o autor, o programa se resume à seleção das respectivas opções em menus e em caixas de diálogo. Vale ressaltar que o sistema dispõe de um editor de comandos, do qual se poderá recorrer para que se realize determinado tipo de análises de cunho mais complexas e mais elaboradas.

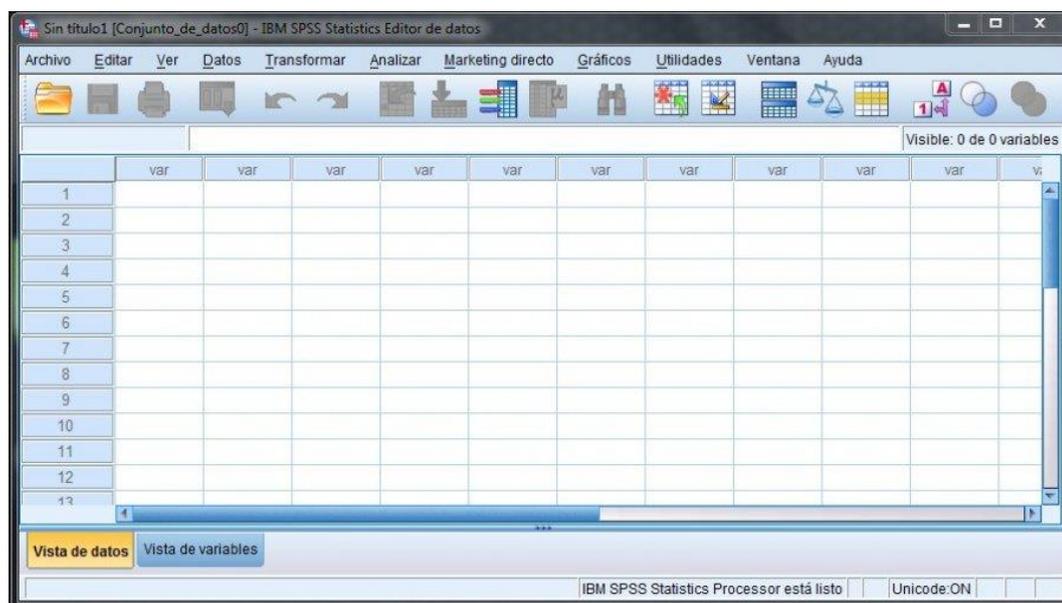
modalidade volitiva. Após o estabelecimento das categorias de análise, recorreremos ao *corpus* a fim de encontrar cada meio de expressão da modalidade volitiva utilizado nos discursos em língua espanhola. Para essa etapa, era preciso fazer uma leitura dos discursos religiosos à procura dos modalizadores, de modo a selecionar somente aqueles com interpretação no domínio da modalidade volitiva.

Feita a etapa de identificação dos modalizadores volitivos, passamos à confecção da “ficha de ocorrências”, na qual cada uma das formas encontradas é guardada para posterior análise. Em nosso caso, recorreremos ao programa *Statistical Package for Social Science - SPSS* (versão 22 para *Windows*), uma vez que este fornece resultados percentuais precisos ao pesquisador e é de fácil utilização, já que se assemelha ao Excel no que diz respeito às interfaces (barra de ferramentas, barra de menu, caixas de diálogo etc.), possibilitando a confecção automática de gráficos e/ou tabelas a partir dos dados quantitativos). Além disso, esse programa computacional é utilizado para o cálculo de frequência (*frequencies*), para o cruzamento de categorias de análise, etc. Além disso, o SPSS possibilitou a transformação de dados estatísticos em representações gráficas e permitiu-nos empreender uma análise quantitativamente adequada.

No que diz respeito à análise e classificação de cada ocorrência, esta fase constitui-se de duas partes não excludentes: (i) análise qualitativa (análise e cruzamento dos dados à luz dos pressupostos da Gramática Discursivo-Funcional); e (ii) análise quantitativa (utilização do pacote computacional SPSS). O SPSS versão 22 nos serviu como um meio para (i) guardar as ocorrências, (ii) classificá-las, ou codificá-las, e (iii) executar a rodagem dos dados de modo a obter a frequência de cada forma de expressão, a relação de influência de categorias de análise sob as demais (nível de significância), o cruzamentos das categorias de análise e confecção de gráficos.

Salientamos que, com base em Valencia e Romo (2014), o *software* oferece ferramentas que permitem aos usuários visualizar os dados e formular hipóteses para mais testes rapidamente e executar procedimentos para ajudar a esclarecer as relações entre as categorias de análise, identificar tendências, rodagem dos dados e fazer previsões. Valencia e Romo (2014) ainda acrescentam que o programa contém três "vistas", os dados, as categorias de análise e os resultados, sendo que para alternar a exibição entre o modo de exibição de dados e as categorias de análise é necessário apenas fazer um *clic* na tela e que correspondem a cada vista, como vemos na Figura 5:

Figura 5 - Tela do editor de dados do SPSS



Fonte: Página oficial da IBM¹⁵⁸

Valencia e Romo (2014) explicam que o SPSS 22 apresenta as informações relativas ao modo de tabela estatística. Na primeira coluna (da esquerda para a direita) estão incluídos os rótulos dos dados válidos, os dados que foram perdidos e, em seguida, os nomes dos dados estatísticos solicitados (por exemplo, média, mediana e moda). Os cabeçalhos do resto das colunas serão as etiquetas das categorias de análise analisadas, enquanto os valores obtidos pela análise se encontrarão na junção das etiquetas da primeira coluna com a categoria de análise correspondente.

Nas subseções seguintes, iremos expor as categorias de análise da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, baseando-nos na Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), em relação ao: Componente Contextual, Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático) e tipo de alvo da avaliação modal.

4.3 As categorias de análise do *corpus*

Para a análise e descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, formulamos os seguintes questionamentos:

¹⁵⁸ Disponível em: <<https://ibm-spss-statistics-base.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 26 set. 2016.

- a) No que diz respeito à Formulação (Nível Interpessoal), qual a relação entre a posição do falante e o tipo de locução utilizada na instauração da modalidade volitiva?
- b) No que diz respeito à Formulação (Nível Representacional), qual a relação entre a fonte volitiva e os valores semânticos da modalidade volitiva?
- c) No que diz respeito à Formulação (Nível Representacional), qual a relação entre o alvo volitivo e os valores semânticos da modalidade volitiva?
- d) No que diz respeito à Codificação (Nível Morfossintático), qual a relação entre a marcação do modo verbal e as formas de expressão utilizadas para a instauração da modalidade volitiva?
- e) No que diz respeito à Codificação (Nível Morfossintático), qual a relação entre a marcação do tempo verbal e as formas de expressão utilizadas para a instauração da modalidade volitiva?
- f) No que diz respeito ao Componente Contextual, qual a relação entre o tipo de ambiente onde o discurso religioso do Papa Francisco é proferido e o tipo de ouvinte para quem o discurso é direcionado?
- g) Qual o tipo de alvo da avaliação modal mais frequente na instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica?

Com vistas a respondermos tais questionamentos, a presente pesquisa baseia-se na proposta da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) em relação ao Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático), ao Componente Contextual e aos tipos de alvo da avaliação modal (abrigado no Nível Interpessoal) para o estudo da modalidade volitiva em língua espanhola. Por isso, subdividimos as nossas categorias de análise relativas aos cinco grupos, a saber: a) categorias relativas ao Componente Contextual, b) categorias relativas ao Nível Interpessoal, c) categorias relativas ao Nível Representacional, d) categorias relativas ao Nível Morfossintático, e) o tipo de alvo da avaliação modal para a modalidade volitiva. Ressaltamos que tais categorias de análise operam na integração dos parâmetros morfossintáticos, semântico-pragmáticos e contextuais necessários para a instauração da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica.

O Quadro 7 resume as categorias de análise. Ele foi organizado por nós, partindo do que é proposto, com algumas adaptações para esta pesquisa, pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Quadro 7: Categorias de análise do *corpus*

Categorias relativas ao Componente Contextual	
1. Ambiente onde é proferido o discurso	Ambiente político
	Ambiente religioso
2. Tipo de Ouvinte	Ouvinte 1
	Ouvinte 2
Categorias relativas ao Nível Interpessoal	
3. Posição do falante	Inclusão
	Não-inclusão
4. Tipo de Ilocução	Declarativa
	Interrogativa
	Optativa
	Imprecativa
Categorias relativas ao Nível Representacional	
5. Valores semânticos	Desideração
	Optação
	Intenção
	Exortação
6. Fonte volitiva	Enunciador
	Indivíduo
	Instituição
	Domínio Comum
7. Alvo volitivo	Enunciador
	Indivíduo
	Instituição
	Coenunciador
	Domínio Comum
Inexistente	
Categorias relativas ao Nível Morfossintático	
8. Tempo	Presente
	Pretérito Perfeito Simples
	Pretérito Perfeito Composto
	Pretérito Imperfeito
	Pretérito Pluscuamperfeito
	Condicional Simples
	Condicional Composto
	Futuro Simples
Futuro Composto	
9. Modo	Indicativo
	Subjuntivo
	Imperativo
	Auxiliar Modal
	Verbo Pleno

10. Formas de expressão	Adjetivo em posição predicativa
	Substantivo
	Construções volitivas
Alvo da avaliação modal (orientação)	
11. Tipos de alvo da avaliação (orientação)	Orientado-para-o-participante
	Orientado-para-o-evento
	Orientado-para-a-proposição

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a exposição de nossa metodologia e das nossas categorias de análise, passaremos para a análise e descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica.

4.4 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, discorreremos sobre a metodologia empregada para o desenvolvimento da nossa pesquisa, que consiste em fazer a análise e descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica. Para isso, selecionamos o nosso *corpus* a partir de quatro *e-books* acerca de quatro viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco entre os anos de 2015 e 2016 aos Estados Unidos, a Cuba, à América do Sul (Bolívia, Equador e Paraguai) e ao México.

Após delimitarmos o tipo de ambiente onde os discursos do Papa Francisco foram proferidos (ambiente político e religioso), selecionamos 13 (treze) discursos do Sumo Pontífice para a composição do nosso *corpus*, que, segundo Pérez (2002), faz referência a um *corpus especializado*, haja vista que foi elaborado para um fim específico. No que diz respeito aos tipos de discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, definimos que eles se tratam de discursos religiosos que, de acordo com Peña-Alfaro (2005), refere-se a uma prática discursiva na qual uma autoridade religiosa transmite uma série de valores e crenças que delimitam as relações entre os homens e a divindade; resguardando que tal relação é mediada por uma instituição religiosa que institucionaliza e propaga seus valores e crenças por meio de discursos orais e escritos.

Posteriormente, expomos a constituição e delimitação do nosso *corpus*, apresentando dois quadros que sintetizavam os discursos que foram selecionados, dividindo-os conforme o tipo de ambiente no qual os discursos foram proferidos (político ou religioso). Em seguida, explicitamos os nossos procedimentos metodológicos, que consiste na análise: (i) *qualitativa* das ocorrências de modalidade volitiva à luz dos pressupostos teóricos da GDF e

de outros trabalhos relacionados à categoria; e (ii) *quantitativo-qualitativa* das ocorrências de modalidade volitiva, que se deu, a parte quantitativa, com base no *Statistical Package for Social Science* (SPSS) para o *Windows* versão 22, e a parte qualitativa de acordo com a teoria de base.

Por fim, apresentamos os nossos questionamentos acerca da manifestação da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, sendo 7 (sete) questionamentos no total, e um quadro resumo que continha as nossas categorias de análise, já definidas e delimitadas nos Capítulos 2 e 4, relativas ao Componente Gramatical (Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático) e ao Componente Contextual, que serão analisadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DA MODALIDADE VOLITIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO EM VIAGEM APOSTÓLICA

Apresentaremos, neste capítulo, a descrição e a análise da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica. Faremos, primeiramente, uma análise *quantitativo-qualitativa* das categorias de análise, descrevendo e analisando a manifestação da modalidade volitiva conforme proposto no Capítulo 4. Posteriormente, faremos uma análise e descrição da inter-relação entre as categorias por meio do cruzamento dos dados obtidos com base no SPSS. Em seguida, apresentaremos algumas de nossas dificuldades relativas à modalidade volitiva em língua espanhola a partir dos discursos do Papa Francisco.

5.1 A análise qualitativo-qualitativa dos dados

Nesta seção, exporemos uma análise e descrição quantitativo-qualitativa das ocorrências que foram encontradas no *corpus* em relação às categorias de análise relativas ao Componente Contextual, ao Nível Interpessoal, ao Nível Representacional, ao Nível Morfossintático e ao alvo da avaliação modal (orientação) em consonância com a GDF: primeiramente, os aspectos externos à GDF e depois, em *top-down*, os níveis.

Após a análise dos dados encontrados no *corpus* por nós constituído, pudemos constatar 117 ocorrências de modalização volitiva distribuídas entre as seguintes categorias de análise: (1) Ambiente do discurso e (2) Tipo de ouvinte (referentes ao Componente Contextual); (3) Posição do falante e (4) Tipo de ilocução (referentes ao Nível Interpessoal); (5) Valores semânticos, (6) Fonte volitiva e (7) Alvo volitivo (referentes ao Nível Representacional); (8) Tempo verbal, (9) Modo verbal e (10) Forma de expressão (referentes ao Nível Morfossintático); e (11) Alvo da avaliação modal.

No que diz respeito à frequência das categorias de análise, começaremos pelas categorias referentes ao Componente Contextual, depois passaremos pelas categorias referentes ao Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Representacional e Morfossintático), para, em seguida, passarmos a frequência dos tipos de alvo da avaliação da modalidade volitiva.

5.1.1 As categorias de análise referentes ao Componente Contextual

Para o Componente Contextual, selecionamos duas categorias de análise:

(i) o tipo de ambiente onde foi proferido o discurso pelo Sumo Pontífice:

a) ambiente religioso; b) ambiente político.

(ii) o tipo de ouvinte para quem o discurso foi direcionado:

a) Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil); b) Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos).

Em relação ao Componente Contextual houve uma distinção na quantidade de instaurações de modalizações volitivas, ocorrendo mais casos de modalidade volitiva em *ambientes religiosos* que em ambientes políticos, o que pode levar o Papa Francisco a escolher diferentes expressões linguísticas e a marcar, de maneira diferenciada, o tempo e modo verbais e a instaurar o valor semântico da modalidade volitiva ao proferir os seus discursos.¹⁵⁹ Vejamos a Tabela 1:

Tabela 1: Tipos de ambiente dos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Ambiente do Discurso		
	No.	%
Religioso	62	53,0
Político	55	47,0
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como podemos ver na Tabela 1, a frequência de modalizações volitivas em ambientes religiosos é um pouco maior em relação a ambientes políticos. Tendo em vista que as viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco estão mais voltadas para sua missão pastoral como Chefe da Igreja Católica e representante da Santa Sé. No entanto, isso não inviabiliza que o Sumo Pontífice faça, em ambientes políticos, a instauração da modalidade volitiva, haja vista que o Sumo Pontífice teria a oportunidade de comunicar aos chefes de estado, às altas autoridades e à sociedade civil de um modo geral, o que lhe parece desejável no que diz respeito à vivência do homem em sociedade.

Em relação ao ambiente político, vejamos (1) e (2):

¹⁵⁹ A influência do Componente Contextual nos Níveis Representacional e Morfossintático será detalhada na seção sobre a inter-relação entre os Níveis do Componente Gramatical com o Componente Contextual.

(1) [...] *En esta misma línea quisiera hacer mención a otro tipo de conflictividad no siempre tan explicitada pero que silenciosamente viene cobrando la muerte de millones de personas. (DAP-3)*

[Nesta mesma linha queria fazer menção a outro tipo de conflito não sempre tão explícito, mas que, silenciosamente, vem trazendo a morte de milhões de pessoas].

(2) [...] *Me gustaría que todos los hombres y mujeres de buena voluntad de esta gran Nación apoyaran las iniciativas de la comunidad internacional para proteger a los más vulnerables de nuestro mundo y para suscitar modelos integrales e inclusivos de desarrollo, para que nuestros hermanos y hermanas en todas partes gocen de la bendición de la paz y la prosperidad que Dios quiere para todos sus hijos. (DAP- 1).*

[Gostaria que todos os homens e mulheres de boa vontade desta Grande Nação apoiassem as iniciativas da comunidade internacional para proteger aos mais vulneráveis do nosso mundo e para suscitar modelos integrais e inclusivos de desenvolvimento, para que nossos irmãos e irmãs em todas as partes gozem da benção da paz e prosperidade que Deus quer para todos os seus filhos].

Em (1) e (2), a volição instaurada pelo Papa Francisco parece estar muito atrelada a marcas de polidez e cortesia¹⁶⁰ que ficaram evidenciadas, particularmente, pelo emprego do modal *querer* em forma perifrástica¹⁶¹ no pretérito imperfeito do subjuntivo (*quisiera*) como vemos em (1); e pelo fato de o Papa Francisco reportar os desejos de uma divindade ou de um “ser superior” ao fazer menção à palavra “Deus”,¹⁶² sem que ele se referisse, de maneira mais enfática, a pessoa de Jesus Cristo (divindade a qual representa), como vemos em (2).

De acordo com Siqueira (2013), as marcas de polidez e cortesia encontradas no *corpus* (que não configuraram como modalização volitiva) trazem consigo a ideia de que todo

¹⁶⁰ As marcas de polidez e cortesia serão detalhadas na seção sobre as dificuldades da análise.

¹⁶¹ De acordo com Topor (2011), o modal *querer*, ainda que se apresente em forma perifrástica, não se comporta como uma perífrase verbal de fato em língua espanhola, pois o conjunto verbal não se comporta como uma construção gramaticalizada, haja vista que o modal *querer* funciona como um verbo léxico, podendo o verbo que está no infinitivo ser comutado, por exemplo: *Juan no quiere renunciar a sus derechos* (TOPOR, 2011, p. 178), que, ao comutarmos o verbo no infinitivo, ficaria, *Juan no quiere esto* (TOPOR, 2011, p. 178). Dessa forma, para esta pesquisa, quando nos referirmos ao modal *querer* em forma perifrástica, estamos nos referindo apenas ao emprego do modalizador *querer* com o auxílio de um verbo no infinitivo (*querer+infinitivo*). Para esta pesquisa, iremos considerar esses modais como verbos léxicos, ainda que venham acompanhados por um verbo no infinitivo. Dessa forma, quando dissermos que esses verbos se apresentam “em forma perifrástica”, estamos querendo dizer apenas que, com relação à estrutura, apresentam-se na forma de uma “perífrase”, mas se comportando como “verbos léxicos”.

¹⁶² Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010), “Deus” transcende todas as criaturas e o homem sente necessidade de buscar a “Deus”.

e qualquer encontro de cunho social pressupõe a existência de certos riscos para os falantes, por isso o comportamento linguístico deles busca compensar ou minimizar os riscos que a interação verbal acarreta, usando de determinadas construções ou estruturas linguísticas que tornem a comunicação mais harmoniosa. Dessa forma, as marcas de polidez e cortesia empregadas pelo Papa Francisco foram utilizadas no intuito de “suavizar” seu discurso nos ambientes políticos, fazendo com que não transpareça, por meio de seu discurso, uma pessoa “autoritária” ou “proselitista” (impondo a divindade cristã sobre o Ouvinte 1).

Em ambientes religiosos, o Papa Francisco também fez uso de marcas de polidez e cortesia ao empregar o modalizador *querer* em forma perifrástica, mas passou a reportar, com mais frequência, a desejabilidade da divindade a qual ele representa, nesse caso, Jesus Cristo. Vejamos:

(3) [...] *Viendo con los ojos y con el corazón sus rostros de Pastores, quisiera saludar también a las Iglesias que amorosamente llevan sobre sus hombros; y les ruego encarecidamente que, por medio de ustedes, mi cercanía humana y espiritual llegue a todo el Pueblo de Dios diseminado en esta vasta tierra. (DAR-1).*

[Vendo e com o coração seus rostos de Pastores, queria saudar também as Igrejas que, amorosamente, levam sobre seus ombros; rogando-lhes, encarecidamente que, por meio dos senhores, minha proximidade humana e espiritual chegue a todo o povo de Deus disseminado nesta vasta terra].

(4) [...] *Se habrán dado cuenta que Jesús quiere utilizar como espacio de su memorial, una cena. Elige como espacio de su presencia entre nosotros un momento concreto en la vida familiar. (DAR-2)*

[Deram-se conta de que Jesus quer utilizar como espaço de seu memorial, uma ceia. Escolhe como espaço de sua presença entre nós um momento concreto da vida familiar].

Em (3), vemos mais uma vez o emprego do modal *querer* em forma perifrástica como uma marca de polidez e cortesia. Segundo Cruz (1995), o emprego do modal *querer* no pretérito imperfeito do subjuntivo (*quisiera*) funciona como uma forma de cortesia, principalmente, quando está relacionada a uma petição por parte do falante (isso fica evidenciado pelo emprego do verbo *rogar* ao Ouvinte 2, “les ruego”). Em (4), vemos que o Papa Francisco reporta o desejo de Jesus Cristo (terceiro-reportado), divindade a qual

representa, de “utilizar-se de um espaço para ali realizar a última ceia com os apóstolos” ao empregar o modal *querer* em forma perifrástica. Ao fazê-lo, o Papa Francisco modaliza o seu discurso ao empregar o modalizador com seu valor volitivo pleno, o “querer como desejar” como pontua Gómez Torrego (2009).

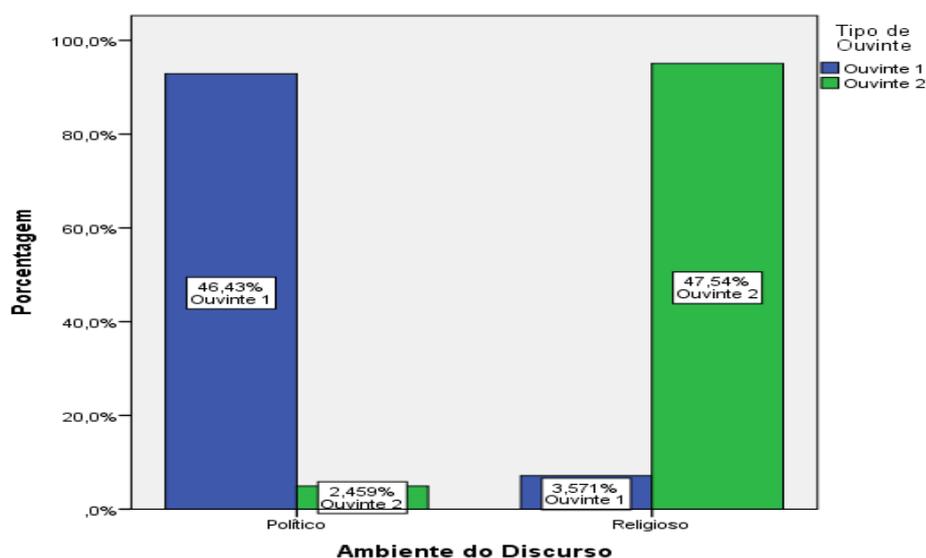
Ao fazer uso de marcas de polidez e cortesia, o Papa Francisco utilizou o modal *querer* em forma perifrástica (*quisiera saludar*). De acordo com Briz (2004), algumas formas verbais, tais como *saludar* (saudar), *agradecer* (agradecer), etc., que se formam juntamente com o verbo pleno *querer*, especializa-se como recursos de expressão de polidez e cortesia, especialmente as formas no condicional, no futuro e no pretérito imperfeito tanto do indicativo quanto do subjuntivo, pois aparecem como recursos de atenuação ou minimização em relação ao que é comunicado no evento de fala, como uma forma de aproximar-se ou distanciar-se, estrategicamente, daquilo que é dito, dependendo do tipo de relação estabelecida com o ouvinte. Briz (2004) acrescenta que quando o verbo pleno *querer* é empregado no pretérito imperfeito (indicativo ou subjuntivo) ou no condicional, ele atenua a força ilocucionária do volitivo *querer*, pois este, a depender do tempo verbal utilizado pelo falante, poderia expressar uma menor ou maior distância interpessoal em relação ao ouvinte, como nos exemplos: *Quero que você venha a minha festa* (- atenuado)/*Queria que você viesse a minha festa* (atenuado)/*Gostaria (quereria) que você viesse a minha festa* (+ atenuado).¹⁶³ Liu (2016) reforça o caráter cortês do emprego do modal *querer* no pretérito imperfeito do subjuntivo, acrescentando-lhe também um sentido “eufemístico” quando empregado em enunciados que expressem intenção, como no exemplo: *Gostaria de te fazer uma pergunta*.¹⁶⁴

Ainda em relação ao tipo de ambiente, pudemos comprovar a presença de ambos os tipos de ouvintes (Ouvinte 1 e Ouvinte 2) tanto em ambientes políticos como em ambientes religiosos, ao compararmos a porcentagem de modalizações volitivas instauradas. Vejamos o Gráfico 1:

¹⁶³ Tradução nossa. O original diz: “Quiero que vengas a mi fiesta (- atenuado)/Quería que vinieras a mi fiesta (atenuado)/Quisiera (querría) que vinieras a mi fiesta (+ atenuado)” (BRIZ, 2004, p. 52). Exemplos citados por Briz (2004, p. 52) ao fazer menção aos exemplos de Alarcos (1978, p. 107).

¹⁶⁴ Tradução nossa. O original diz: “Quisiera hacerle una pregunta” (LUI, 2016, p. 08).

Gráfico 1: Porcentagem das modalizações volitivas direcionadas para o Ouvinte 1 e para o Ouvinte 2 em ambientes políticos e religiosos



Fonte: Extraído do SPSS com base nas análises do autor

Como vemos no Gráfico 1, em ambientes políticos, houve uma maior porcentagem de modalizações volitivas para o Ouvinte 1 (46,43%) em comparação com o Ouvinte 2 (2,49%); enquanto, em ambientes religiosos, houve uma maior porcentagem de modalizações volitivas para o Ouvinte 2 (47,54%) em comparação com o Ouvinte 1 (3,57%). Ressaltamos que as porcentagens apresentadas são em relação à totalidade das modalizações volitivas, ou seja, tanto as modalizações volitivas encontradas em ambientes políticos quanto em ambientes religiosos, que juntas somaram 117 casos.

Em suma, pudemos observar que tanto em ambiente político quanto religioso, o Papa Francisco utilizou o modal *querer*: (i) em forma perifrástica, para expressar marcas de polidez e cortesia (o que não configura como modalização volitiva);¹⁶⁵ e (ii) em forma perifrástica ou como verbo pleno, para reportar a volição advinda de um “ser superior” comum a todos em ambientes políticos, e da volição proveniente da divindade cristã, Jesus Cristo, em ambiente religioso. Como veremos mais adiante, as formas linguísticas empregadas pelo Papa Francisco, assim como a marcação do tempo e do modo verbais e o valor semântico da modalidade volitiva diferenciam-se a depender do tipo de ambiente e ouvinte.

No que diz respeito ao tipo de *ethos*, ainda que não tenha se configurado como uma de nossas categorias de análise, o tipo de *ethos* projetado pelo Papa Francisco poderia

¹⁶⁵ Esses casos não foram contabilizados na análise como casos de modalização volitiva.

acarretar efeitos de sentido diferenciados para os tipos de ouvintes (Ouvinte 1 e Ouvinte 2). Vejamos (5) e (6):

(5) [...] *Le agradezco, señor Presidente, las palabras de bienvenida que me ha dirigido. Es motivo de alegría poder pisar estas tierras mexicanas que ocupan un lugar especial en el corazón de las Américas. **Hoy vengo como misionero de misericordia y paz pero también como hijo** que quiere rendir homenaje a su madre, la Virgen de Guadalupe, y dejarse mirar por ella. Buscando ser buen hijo, siguiendo las huellas de la madre, quiero, a su vez, rendirle homenaje a este pueblo y a esta tierra tan rica en culturas, historia y diversidad. En su persona, Señor Presidente, quiero saludar y abrazar al pueblo mexicano en sus múltiples expresiones y en las más diversas situaciones que le toca vivir. Gracias por recibirme hoy en su tierra [...]. (DAP-5)*

[Agradeço, senhor Presidente, as palavras de boas-vindas que me fez. É motivo de alegria poder pisar estas terras mexicanas que ocupam um lugar especial no coração das Américas. Hoje venho como missionário de misericórdia e paz, mas também como filho que quer render homenagem a sua mãe, a Virgem de Guadalupe, e deixar-se olhar por ela. Buscando ser um bom filho, seguindo os passos da mãe, quero, mais uma vez, render-lhe homenagem a esse povo e a esta terra tão rica de culturas, história e diversidade. Por intermédio da sua pessoa, Senhor Presidente, quero saudar e abraçar ao povo mexicano em suas múltiplas expressões e nas mais diversas situações que toca viver. Obrigado por me receber hoje em sua terra].

(6) [...] *Viendo con los ojos y con el corazón sus rostros de Pastores, quisiera saludar también a las Iglesias que amorosamente llevan sobre sus hombros; y les ruego encarecidamente que, por medio de ustedes, mi cercanía humana y espiritual llegue a todo el Pueblo de Dios diseminado en esta vasta tierra. El corazón del **Papa** se dilata para incluir a todos. Ensanchar el corazón para dar testimonio de que Dios es grande en su amor es la sustancia de la misión del **Sucesor de Pedro, Vicario** de Aquel que en la cruz extendió los brazos para acoger a toda la humanidad [...]. (DAR-1)*

[Vendo com os olhos e com o coração os seus rostos de Pastores, queria saudar também as Igrejas que, amorosamente, levam em seus ombros; rogando-lhes, encarecidamente que, por meio dos senhores, minha proximidade humana e espiritual chegue a todo o povo de Deus disseminado nesta vasta terra. O coração do Papa se enche dilata para incluir a todos. Alargar o coração para

dar testemunho de que Deus é grande em seu amor e a essência da missão do Sucessor de Pedro, Vigário d’Aquele que na cruz estendeu os braços para acolher a toda a humanidade].

Em (5) e (6), percebemos que o Papa Francisco utiliza o modalizador *querer* em forma perifrástica para imprimir em seus ouvintes marcas de polidez e cortesia, tais como *quiero rendir, quiero saludar, quiero abrazar e quisiera saludar*. Entretanto, em (5), temos que o Papa Francisco projeta para o Ouvinte 1 um *ethos* de um líder espiritual mais “acolhedor”, “misericordioso”, “serviente” e “pacífico”, fazendo com que o emprego do modal *querer* atenuie ainda mais a forma polida e cortês com que o Sumo Pontífice se dirige ao Ouvinte 1. Em (6), embora o emprego do verbo *querer* tenha sido utilizado como marca de polidez (o que não configura em um tipo de modalização volitiva), o tipo de *ethos* que o Papa Francisco projeta para o Ouvinte 2, “Papa”, “Vigário de Cristo” e “Sucessor de Pedro”, em particular, nos bispos presentes (*rostros de Pastores*), faz com que o seu pedido (*les ruego*), advindo de um desejo que lhe é pessoal (*cercanía humana y espiritual*) seja entendido como um “apelo” ou uma “súplica” ou até mesmo um “mandado”, não apenas do Papa Francisco, mas da divindade a qual ele representa, Jesus Cristo, projetando-lhes uma necessidade volitiva, como salienta Olbertz (2016), de estar “próximo aos fiéis católicos mexicanos” de forma mais humana e espiritual.

Ressaltamos que o Papa, tanto revestido de um *ethos* mais “acolhedor”, “misericordioso”, “serviente” e “pacífico” quanto de um *ethos* de “Vigário de Cristo” e “Sucessor de Pedro”, utilizou o modal *querer* ou *desejar* em sua forma plena (volição) para expressar aos seus ouvintes (Ouvinte 1 e Ouvinte 2) desejos e vontades de âmbito coletivo relacionados a temas que afligem a sociedade ou desejos e intenções pessoais em relação a temas doutrinários da fé católica. Vejamos:

*(7) Nuestro mundo está afrontando una crisis de refugiados sin precedentes desde los tiempos de la Segunda Guerra Mundial. Lo que representa grandes desafíos y decisiones difíciles de tomar. A lo que se suma, en este continente, las miles de personas que se ven obligadas a viajar hacia el norte en búsqueda de una vida mejor para sí y para sus seres queridos, en un anhelo de vida con mayores oportunidades. ¿Acaso no es lo que nosotros **queremos** para nuestros hijos? [...] (DAP-2)*

[Nosso mundo está enfrentando uma crise de refugiados sem precedentes desde os dias da Segunda Guerra Mundial. Isso representa grandes desafios e decisões difíceis a serem tomadas. Ao

que se somam, neste continente, às milhares de pessoas que são forçadas a viajar em direção ao norte em busca de uma vida melhor para si e para seus entes queridos, em um desejo de vida com mais oportunidades. Não é o que queremos para os nossos filhos?].

(8) [...] *Servicio, mezclarlo con lo de gratuidad y entonces aquello de Jesús: “lo que recibiste gratis, dalo gratis [...] la segunda actitud que se ve en un consagrado, en una consagrada en un sacerdote que vive esta gratuidad y esta memoria, estos dos principios que dije al principio: gratuidad y memoria es el gozo y la alegría. Y es un regalo de Jesús ese y es un regalo que Él da, que Él nos da si se lo pedimos y si no nos olvidamos de esas columnas de nuestra vida sacerdotal o religiosa que son el sentido de gratuidad renovado todos los días y no perder la memoria de donde nos sacaron. Yo le deseo esto. (DAR-4)*

[Serviço, misturá-lo com o da gratuidade e então aquilo de Jesus “o que recebeste de graça, dê-lo de forma grátis” [...] A segunda atitude que se vê em um consagrado, em uma consagrada, em um sacerdote que vive esta gratuidade e essa memória, estes dois princípios: gratuidade e memória é o gozo e a felicidade. Esse é um dom de Jesus e é um dom que Ele dá, Ele nos dá, se pedirmos, e se nós não esquecemos as colunas da nossa vida sacerdotal ou religiosa que são o sentido da gratuidade renovada todos os dias e não perder a memória de onde viemos. Eu lhes desejo isso].

Em (7), temos que o Papa Francisco faz menção aos problemas de refugiados que migram em busca de melhores condições de vida, especialmente, para os países da América do Norte, como os Estados Unidos (país no qual o Papa faz o seu discurso). Ao fazer uso do modalizador *querer*, o Papa faz menção ao desejo das pessoas em melhorar a sua qualidade de vida, mas ao fazê-lo, o Sumo Pontífice não se exclui, já que também almeja e tem vontade de que elas possam ter suas necessidades básicas atendidas, para isso ele emprega a primeira pessoa do plural (*queremos*) no intuito de fazer com que o Ouvinte 1 entenda que essa desejabilidade não lhe é apenas pessoal, mas também é querida e é desejada pelos demais. Salientamos que o emprego da primeira pessoa do plural (*queremos*) mitiga a força ilocucionária nos discursos do Papa Francisco quando este fala a respeito de problemas sociais, fazendo com que o Ouvinte 1 entenda que não versa apenas de um desejo que lhe é particular (o que poderia ser visto como algo “egoísta” da parte de Sua Santidade), mas de um desejo que é comum a todos, o que é reforçado pelo tipo de *ethos* que o Papa Francisco projeta para esse tipo de ouvinte.

Em (8), o Papa Francisco emprega o verbo pleno *desejar* para expressar ao Ouvinte 2 um desejo particular (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do

singular *deseo*) de que todos os bispos, sacerdotes e leigos consagrados¹⁶⁶ realizem sua missão pastoral¹⁶⁷ na gratuidade. Ainda que o Papa Francisco atribua a si mesmo essa desejabilidade, o Sumo Pontífice a reforça ao fazer menção de que esse desejo, que, a princípio, é-lhe pessoal, também é algo desejado por Jesus Cristo, divindade a qual ele representa e que é acreditada pelos fiéis católicos. Tal desejo tem a força ilocucionária atenuada pelo fato do Sumo Pontífice não apenas projetar-lhes o *ethos* de “Vigário de Cristo” e “Sucessor de Pedro”, mas por fazer referência às palavras de Jesus Cristo contidas no livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, a respeito da gratuidade do serviço pastoral.¹⁶⁸

Ainda em relação ao contexto no qual os discursos foram proferidos, verificamos que os modais *querer* e *desear* pelo Papa Francisco foram empregados em sentido volitivo pleno (GÓMEZ TORREGO, 2009) ao reportar a volição de terceiros tanto em ambientes políticos quanto em ambientes religiosos. Vejamos:

(9) [...] *le agradezco, señor presidente, sus palabras, le agradezco sus palabras en consonancia con mi pensamiento, me ha citado demasiado, gracias. A las que correspondo con mis mejores deseos para el ejercicio de su misión que pueda lograr lo que quiere para el bien de su pueblo. (DAP-6)*

[Agradeço-lhe, senhor presidente, suas palavras, agradeço-lhe suas palavras em consonância com meu pensamento, me comoveu bastante, obrigado. Correspondo-as com meus melhores desejos para o exercício de sua missão que possa conseguir o que o senhor quer para o bem do seu povo].

(10) [...] *El santo pueblo fiel de Dios es esencialmente olímpico, o sea hace lo que quiere y ontológicamente hartante, y eso tiene mucha sabiduría porque quien va por el camino de servir tiene que dejarse hartar sin perder la paciencia porque está al servicio. (DAR-4)*

[O santo povo fiel de Deus é essencialmente olímpico, ou seja, faz o que quer e ontologicamente hartante, e isso tem muita sabedoria porque quem vai pelo caminho do serviço tem que deixar-se fartar sem perder a paciência porque está a serviço].

¹⁶⁶ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2010), leigos consagrados são todos aqueles fiéis católicos que fazem parte de alguma congregação religiosa para leigos, mantendo votos de pobreza, castidade e obediência.

¹⁶⁷ Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010), a missão pastoral trata-se dos trabalhos de evangelização promovidos pelos bispos, sacerdotes e leigos consagrados para a manutenção e propagação da fé católica.

¹⁶⁸ Com base no Catecismo da Igreja Católica (2010), o serviço pastoral são atividades promovidas pelos bispos, sacerdotes e leigos consagrados para os fiéis católicos relacionadas à fé católica.

(11) [...] Conozco bien la valentía con que han afrontado momentos oscuros en su itinerario eclesial sin temer a la autocrítica ni evitar humillaciones y sacrificios, sin ceder al miedo de despojarse de cuanto es secundario con tal de recobrar la credibilidad y la confianza propia de los Ministros de Cristo, como desea el alma de su pueblo. (DAR-1)

[Sei bem a coragem com que os senhores têm enfrentado tempos sombrios em sua jornada eclesial, sem medo de críticas ou evitar a humilhação e sacrifícios, sem ceder ao medo de desvencilhar-se algumas vezes do que é secundário, com tanto que recuperem a credibilidade e confiança típica dos Ministros de Cristo, como deseja a alma de seu povo].

Em (9), ao dirigir-se ao Presidente do Equador, o Papa Francisco deseja-lhe que, no decorrer de seu cargo executivo (Presidente do país), ele possa conseguir aquilo que almeja e deseja para o bem-estar do povo equatoriano. Ao fazê-lo, o Sumo Pontífice emprega a terceira pessoa do singular, por fazer menção aos desejos pessoais de terceiros. Em (10), o Papa Francisco reporta ao Ouvinte 2 (bispos e sacerdotes católicos) os desejos e vontades intrínsecas dos fiéis católicos, chamando-lhes a atenção para que estejam atentos às necessidades (vontades) do povo. Em (11), Sua Santidade faz menção aos desejos do povo católico mexicano que vive nos Estados Unidos e da possibilidade deles serem assistidos por bispos e sacerdotes comprometidos com as verdades do evangelho contido no livro sagrado dos cristãos. Nas ocorrências citadas, (9), (10) e (11), o Papa Francisco apenas reporta o que parecem ser os desejos e vontades daqueles a quem ele faz menção, ou seja, o Papa não se compromete ou chega a fazer algum tipo de julgamento a respeito daquilo que é desejado. Em outras palavras, o Papa Francisco não se inclui em relação ao enunciador por ele constituído na construção discursiva, restringindo-se apenas a manifestar a volição de terceiros.

No que tange ao tipo de ouvinte para quem os discursos do Papa Francisco eram direcionados, constatamos uma maior ocorrência de modalizações volitivas para Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos). Vejamos a Tabela 2:

Tabela 2: Tipos de ouvinte para instauração da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Tipo de Ouvinte		
	No.	%
Ouvinte 2	61	52,1
Ouvinte 1	56	47,9
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Com base na Tabela 2, observamos uma maior porcentagem de modalizações volitivas direcionadas para o Ouvinte 2, o que pode ser explicado com base nos objetivos pelas quais as viagens apostólicas dos Papas da Igreja Católica são pensadas, tendo em vista a expansão da fé católica pelo mundo e a propagação dos ensinamentos doutrinários da fé católica para os seus fiéis primordialmente. Considerando o público a quem o Sumo Pontífice profere seus discursos, era de se esperar que ocorresse uma maior incidência de instauração de modalidade volitiva para o Ouvinte 2, tendo em mente que o Papa Francisco expressaria ou reportaria o que lhe parece desejável ou o que a Igreja Católica espera em relação à conduta dos fiéis católicos e dos demais líderes religiosos a ele “subordinados espiritualmente” (bispos, sacerdotes e religiosos). Vejamos (12) e (13):

(12) “[...] *El primer rostro que les suplico custodien en su corazón es el de sus sacerdotes. No los dejen expuestos a la soledad y al abandono, presa de la mundanidad que devora el corazón...En estas situaciones, **que nunca falte la paternidad de ustedes, Obispos, para con sus sacerdotes.***” (DAR-3)

[O primeiro rosto que lhes suplico que protejam em seu coração é o do seus sacerdotes. Não os deixem expostos à solidão e ao abandono, presas da mundanidade que devora o coração...nestas situações que nunca falte à paternidade de vocês, bispos, para com seus sacerdotes].

(13) “[...] *comparto con ustedes algunas reflexiones que considero oportunas para nuestra misión. Somos obispos de la Iglesia, pastores constituidos por Dios para apacentar su grey...**que los sacramentos los alimenten con ese sustento que no se pueden proporcionar a sí mismos [...]***” (DAR-1)

[Compartilho com os senhores algumas reflexões que considero oportunas para a nossa missão. Somo bispos da Igreja, pastores constituídos por Deus para apascentar seu rebanho...que os sacramentos os alimentem com esse sustento que não se pode proporcionar a si mesmo].

Em (12) e (13), por meio da construção volitiva *que+subjuntivo*, o Papa Francisco expressa ao Ouvinte 2 o que lhe parece desejável em relação ao auxílio pastoral dos bispos para com os sacerdotes por eles coordenados e uma necessidade volitiva que lhe parece intrínseca de que os sacramentos católicos possam fortalecer os fiéis católicos na consolidação e confirmação da fé cristã católica. Em (12) e (13), também podemos constatar que a desejabilidade expressa advém de um tipo de enunciador específico construído pelo

Papa Francisco em seu discurso, o que, para esta pesquisa, tem relação com a posição do falante (Papa Francisco).

Na subseção seguinte, iremos tratar das categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal, na qual abordaremos um pouco mais a respeito da *inclusão* e da *não-inclusão* do Papa Francisco em relação ao enunciador por ele constituído na construção discursiva.

5.1.2 As categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal

Para o Nível Interpessoal, selecionamos duas categorias de análise:

(i) a posição do falante (Papa Francisco) em relação ao tipo de enunciador por ele constituído na construção discursiva:

a) inclusão; b) não-inclusão.

(ii) o tipo de locução:

a) declarativa; b) interrogativa; c) optativa; d) imprecativa.

Para a posição do falante (Papa Francisco) em relação ao tipo de enunciador por ele construído no discurso, subdividimo-la em duas, *inclusão* ou *não-inclusão*; enquanto, para o tipo de locução, selecionamos apenas aquelas que são citadas por Hengeveld e Mackenzie (2008) e que poderiam estar relacionadas com os tipos de enunciados que são codificadas pela língua espanhola segundo Gómez Torrego (2005), a saber: os enunciados declarativos, interrogativos, imperativos ou optativos.

No que concerne à posição do falante em relação ao enunciador por ele construído no discurso, se de *inclusão* (quando o enunciador construído trata-se do próprio falante, o Papa Francisco) e de *não-inclusão* (quando o enunciador construído não se trata do falante, nesse caso o Papa Francisco, mas de um “enunciador genérico” ou “terceiro-reportado”), comprovamos que houve uma maior ocorrência de *inclusão*. Vejamos a Tabela 3:

Tabela 3: Posição do falante nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Posição do Falante		
	No.	%
Inclusão	72	61,5
Não-Inclusão	45	38,5
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor.

Vemos, por meio da Tabela 3, que houve uma maior *inclusão* do falante (Papa Francisco) em relação ao enunciador por ele construído no discurso, mostrando-nos que há uma maior incidência daquilo que parece desejável ao Sumo Pontífice (seus desejos, vontades e intenções) nos seus discursos proferidos em viagem apostólica em comparação aos casos de *não-inclusão*, o que mostra que o Papa Francisco preferiu se constituir como “enunciador” da construção discursiva do que fazer a construção de um “enunciador genérico” ou de um “terceiro-reportado”. Acreditamos que o fato do Papa Francisco construir-se como *enunciador* em seus discursos, contribui para que seu(s) ouvinte(s) entenda(m) que a desejabilidade do evento volitivo expressado remete a algo por ele como bom e agradável, o qual ele espera que se concretize.

No que diz respeito aos casos de *inclusão* do falante (Papa Francisco), vejamos (14) e (15):

(14) [...] *Terminaré mi visita a su País en Filadelfia, donde participaré en el Encuentro Mundial de las Familias. He querido que en todo este Viaje Apostólico la familia fuese un tema recurrente. Cuán fundamental ha sido la familia en la construcción de este País. Y cuán digna sigue siendo de nuestro apoyo y aliento. (DAP-2)*

[Terminarei a minha visita a seu país na Filadélfia, onde vou participar do Encontro Mundial das Famílias. Eu quis que durante toda esta viagem apostólica a família fosse um tema recorrente. Quão importante é a família na construção deste país. E quão ainda é digna de nosso apoio e encorajamento].

(15) *Comencé esta intervención recordando las visitas de mis predecesores. Quisiera ahora que mis palabras fueran especialmente como una continuación de las palabras finales del discurso de Pablo VI, pronunciado hace casi exactamente 50 años, pero de valor perenne [...]. (DAP-3)*

[Eu comecei este discurso recordando as visitas dos meus antecessores. Eu gostaria que minhas palavras fossem especialmente como uma continuação das palavras finais do discurso de Paulo VI, pronunciadas há quase exatamente 50 anos atrás, mas de valor perene].

Em (14) e (15), percebemos a *inclusão* do Papa Francisco em relação ao enunciador por ele constituído na construção discursiva, já que a volição manifestada advém de desejos e vontades particulares do próprio falante (Papa Francisco). Em (14), vemos que o

Papa Francisco faz menção a uma vontade sua de que se discuta a respeito da família em sua viagem apostólica realizada aos Estados Unidos, em especial, no Estado da Filadélfia, onde será realizado o Encontro Mundial das Famílias. Nesse caso, temos que a modalidade volitiva apresenta o valor semântico do tipo *intenção*, haja vista que o modalizador *querer* em sua forma plena toma como escopo um estado-de-coisas de caráter [+ subjetivo], já que há uma “disposição em fazê-lo”, de maior controle por parte do falante [+ controle] e [+ diretivo]; implicando que o Papa Francisco não apenas tem a vontade de debater a respeito da família (vontade), mas possui a disposição de promover debates a respeito da família (intenção). Ressaltamos que a volição instaurada apresenta um valor semântico de *intenção* de forma mais evidenciada pelo emprego do modalizador volitivo no *pretérito perfecto compuesto* (pretérito perfeito composto), referindo-se a uma projeção para o futuro “*Terminaré mi visita a su País en Filadelfia, donde participaré en el Encuentro Mundial de las Familias. He querido que en todo este Viaje Apostólico la familia fuese un tema recurrente*”.

De acordo com García (2013), o pretérito perfeito composto pode apresentar, ocasionalmente, um valor de futuridade, quando este denomina uma interpretação prospectiva em relação ao momento em que se fala. Dessa forma, a projeção para o futuro do estado-de-coisas apresentado culmina na realização daquilo que foi pensado ou desejado. Em (14), o Papa Francisco tem a intenção de discutir a respeito da família na viagem apostólica realizada aos Estados Unidos, por isso emprega o modal *querer* no pretérito perfeito composto (*He querido*) para indicar ao Ouvinte 1 que debater a respeito da família havia sido pensado antes da realização do evento na Filadélfia, fazendo com que a situação ocorrida no passado obtivesse uma projeção ou trouxesse consigo algumas consequências no momento presente em que foi proferido no discurso (O discurso do Papa Francisco na Sede das Organizações das Nações Unidas em Nova Iorque) até a sua concretização no momento futuro (no Encontro Mundial da Família na Filadélfia). Com isso, temos a vontade de debater a respeito da família atrelada ao momento passado, mas com a disposição (intenção) em discutir a respeito da família direcionada para o futuro, no Encontro Mundial da Família na Filadélfia.

Em (15), temos que o Papa Francisco expressa aos seus ouvintes um desejo seu de que as palavras por ele proferidas obtivessem os mesmos efeitos de sentido que as palavras de seus predecessores quando estes estiveram discursando nos Estados Unidos, particularmente, as palavras do Papa Paulo VI. Em (15), a volição manifestada pelo Papa Francisco adquire um valor semântico de *desideração*, pois, além de estar relacionado a um evento volitivo pouco controlado [- controle], o que evidencia conter mais o elemento do desejo [+ volição], ela é de

caráter [+ subjetivo]. O evento volitivo apresentado mostra-se, praticamente, impossível de realizar-se, haja vista que não há como mensurar a possibilidade de que, ao pronunciar as palavras de seu predecessor, Papa Paulo VI, o Papa Francisco consiga produzir os mesmos efeitos de sentido pretendidos por aquele. Isso se deve pelo fato da sociedade americana estar em outro momento social, político, econômico, a forma de pensar e de agir dos americanos terem mudado ao longo de 50 anos, etc., o que se justifica pelo emprego do modalizador *querer* em sua forma plena no pretérito imperfeito do subjuntivo (*quisiera*). Salientamos que há a possibilidade de que a produção dos mesmos efeitos de sentido esperados pelo Papa Francisco não venham a realizar-se [- factual], ficando apenas no plano do pensamento como diz Topor (2011), o que reforça ainda mais o emprego do imperfeito do subjuntivo por parte do Papa Francisco.

Segundo Fernández de Lara (2010), o emprego do subjuntivo (do imperfeito do subjuntivo) pelo falante permite que a cena enunciativa, por ele localizada,¹⁶⁹ esteja em um marco perceptual do qual o falante (Papa Francisco) considera como irreal (produzir os mesmos efeitos de sentido que outrora o seu predecessor pretendia), o que explicaria o emprego do modal *querer* no pretérito imperfeito do subjuntivo. Em outras palavras, o emprego do modalizador *quisiera*, referindo-se a desejabilidade daquilo que é enunciado, parte de uma representação linguística feita pelo Papa Francisco a partir da relação temporal entre o momento da sua fala ao discursar e o momento do evento que por ele é enunciado (as palavras memoráveis feitas pelo Papa Paulo VI em seu discurso de outrora).

Ainda no que diz respeito à posição do falante (Papa Francisco) em relação ao tipo de enunciador por ele construído no discurso, vejamos (16):

(16) [...] *Un pueblo con juventud es un pueblo capaz de renovarse, transformarse; es una invitación a alzar con ilusión la mirada hacia el futuro y, a su vez, nos desafía positivamente en el presente. Esta realidad nos lleva inevitablemente a reflexionar sobre la propia responsabilidad a la hora de construir el México que **queremos**.* (DAP-5)

[Um povo com a juventude é um povo capaz de se renovar, de se transformar; é um convite para levantarmos-nos ansiosos para o futuro e, por sua vez, desafia-nos positivamente no presente. Esta

¹⁶⁹ O Papa Francisco traz em seu discurso as palavras de seu predecessor proferidas há 50 anos no momento em que este discursou para a sociedade civil americana.

realidade, inevitavelmente, leva-nos a refletir sobre a nossa responsabilidade na hora de construir o México que queremos].

Em (16), temos que o Papa Francisco expressa um desejo que advém da própria sociedade mexicana, o de cuidar e proteger os seus jovens, implicando, para isso, no emprego do modal *querer* em sua forma plena, *queremos*, na primeira pessoa do plural. De acordo com Martínez (2009), Rocha (2011), Ochoa (2016), o emprego da primeira pessoa do plural pode designar dois tipos de plural: (i) majestático (*pluralis majestaticus*); e (ii) de modéstia (*pluraris modestiae*) ou de autoria (*pluraris auctoris*). O plural majestático apresenta traços de plurarilidade, mas designa apenas um único indivíduo, quando o falante se refere a ele mesmo com o pronome *nosotros* (nós). O plural de modéstia ou de autoria, por sua vez, designa o apagamento da personalidade do autor (falante) no anonimato da coletividade, diluindo a responsabilidade de suas palavras ao fazer uso da primeira pessoa do plural (*nosotros*); em outras palavras, o falante dá voz à coletividade. Em (16), temos um caso de *não-inclusão* do falante (Papa Francisco) em relação ao enunciador construído no discurso, haja vista que o tipo de enunciador remete a um “enunciador genérico”, no qual o falante dá voz a coletividade, de maneira a não se comprometer no que diz respeito ao evento volitivo manifestado, pois o apresenta ao ouvinte como algo de âmbito coletivo, uma necessidade volitiva que adviria da coletividade, aqui representada pela sociedade mexicana. Salientamos que o modalizador volitivo empregado pelo Papa refere-se à “reflexão que deve ser tomada pelo povo mexicano, de forma responsável, para a construção de um país melhor para todos”. Dessa forma, o modalizador toma como escopo um estado-de-coisas mais controlado [+ controle], pois “essa reflexão responsável” por parte do povo mexicano, pode levar ao plano performativo, ou seja, em ações que garantam a qualidade de vida do povo mexicano. O estado-de-coisas é de caráter subjetivo [+ subjetivo], pois a “reflexão” pode acarretar a “disposição” de concretização do evento volitivo, logo o evento volitivo pode se realizar [+ factual], caso o povo mexicano reflita a respeito do que é desejado e, de fato, promova ações que melhorem a qualidade de vida da sua população. Dessa forma, em (16), constatamos que a modalização volitiva expressa pelo Papa Francisco apresenta o valor semântico de *intenção*.

Ainda em relação a *não-inclusão* do falante (Papa Francisco) no que diz respeito ao tipo de enunciador por ele constituído na construção discursiva, também esteve relacionada

aos casos em que o falante faz referência à modalização volitiva de outrem (terceiro-reportado)¹⁷⁰. Vejamos:

(17) [...] *Hace poco, una persona que trabaja conmigo me contaba que su esposa e hijos se habían ido de vacaciones y él se había quedado solo. El primer día, la casa estaba toda en silencio, «en paz», estaba feliz, nada estaba desordenado. Al tercer día, cuando le pregunto cómo estaba, me dice: **quiero** que vengan ya todos de vuelta. Sentía que no podía vivir sin su esposa y sus hijos y eso es lindo [...].* (DAR-2)

[Recentemente, uma pessoa que trabalha comigo me disse que sua esposa e filhos tinham ido de férias e ele estava sozinho. O primeiro dia, a casa estava em silêncio, “em paz”, e ele estava feliz, nada estava desarrumado. No terceiro dia, quando lhe perguntei como ele estava, ele me disse: Eu quero que venham já todos de volta. Senti que não podia viver sem sua esposa e seus filhos e isso é lindo].

(18) [...] *México tiene necesidad de sus raíces amerindias para no quedarse en un enigma irresuelto. Los indígenas de México aún **esperan** que se les reconozca efectivamente la riqueza de su contribución y la fecundidad de su presencia, para heredar aquella identidad que les convierte en una Nación única y no solamente una entre otras [...].* (DAR-3)

[México precisa de suas raízes nativas ameríndias para não se tornar um enigma sem solução. Os povos indígenas do México ainda esperam que se reconheçam, efetivamente, a riqueza da sua contribuição e a fecundidade da sua presença, para herdar essa identidade que os torna uma Nação única e não apenas uma entre outras].

(19) “[...] *Él **quiere estar** siempre presente alimentándonos con su amor, sosteniéndonos con su fe, ayudándonos a caminar con su esperanza, para que en todas las circunstancias podamos experimentar que Él es el verdadero Pan del cielo [...].*” (DAR-2)

[Ele quer estar sempre nos alimentando com o seu amor, sustentando-nos com sua fé, ajudando-nos a caminhar com sua esperança, para que em todas as circunstâncias possamos experimentar que Ele é o verdadeiro pão do céu].

¹⁷⁰ Segundo Pessoa (2011), o terceiro-reportado refere-se a um indivíduo ou a uma instituição da qual o falante faz menção no seu discurso.

Em (17), temos que o Papa Francisco reporta a desejabilidade de um terceiro-reportado, no caso, um indivíduo (enunciador construído pelo Papa Francisco) que trabalha juntamente com ele. Para reportar a volição, o Papa Francisco emprega a primeira pessoa do singular, mas para transmitir a fala do homem que trabalha com ele (discurso direto), sendo essa volição instaurada de valor semântico de *exortação* (embora o indivíduo não esteja se dirigindo diretamente à família, mas ao Papa Francisco), pois a volição expressa pelo enunciador da atitude volitiva se reveste de um tipo de “ordem” ou “mandado”. Além de exercer certo tipo de influência sobre seus familiares (esposa e filhos) [+ hierárquica], o modalizador volitivo toma como escopo um estado-de-coisas de caráter [- subjetivo] e [+ diretivo], podendo vir a ser realizado [+ factual] pelo alvo da atitude volitiva. Salientamos que, especificamente, para (17), temos outra enunciação em que o enunciador é a fonte da volição, mas que não se trata do falante (Papa Francisco, que profere o discurso), mas de um terceiro-reportado. Por se tratar de um caso único em nosso *corpus*, preferimos designar “falante” apenas como aquele que profere o discurso, o Papa Francisco.¹⁷¹

Em (18), o Papa Francisco declara a sociedade civil mexicana o desejo¹⁷² dos indígenas mexicanos (enunciador construído pelo Papa Francisco) de que sejam reconhecidos como parte integrante da sociedade civil e da riqueza cultural deixada por seus ancestrais ao país. A volição expressa por meio do verbo pleno *esperar*, é de *optação*, pois se refere a um estado-de-coisas de caráter [+ subjetivo] e do qual os povos indígenas mexicanos não teriam controle [- controle], pois dependeria da sociedade mexicana que a volição expressa no evento volitivo viesse a se concretizar [+ diretivo], haja vista que a sociedade civil mexicana poderia promover ações governamentais e políticas públicas que auxiliassem esse reconhecimento e contribuição da cultura indígena à sociedade mexicana [+ factual].

Em (19), O Papa Francisco reporta a desejabilidade da divindade cristã, Jesus Cristo¹⁷³ (enunciador construído pelo Papa Francisco em terceira pessoa) de querer “fazer-se presente no meio da humanidade, alimentando-a com seu amor, sustentando-a com sua fé e ajudando-a a caminhar com sua esperança”. A volição reportada tem valor semântico de *desideração*, haja vista que Jesus Cristo, enunciador construído pelo Papa Francisco no

¹⁷¹ O Papa Francisco é o enunciador de uma enunciação e o homem que trabalha com ele de outra enunciação em que a volição é por ele construída.

¹⁷² A volição reportada pelo Papa Francisco se manifesta como um tipo de “esperança” como aponta Casimiro (2007).

¹⁷³ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2010), a segunda pessoa da Santíssima Trindade, Jesus Cristo, fez-se homem (o verbo tornou-se carne) e habitou no meio da humanidade. Essa crença católica predica que Jesus Cristo se encarnou no seio da Virgem Maria por meio de um milagre divino e tornou-se um ser humano por obra do Espírito Santo (terceira pessoa da Santíssima Trindade).

discurso, faz alusão ao Jesus Cristo “divino”, ser capaz de volição, divindade que deseja ajudar e auxiliar a humanidade (relacionado às crenças e a fé do Sumo Pontífice). O Jesus Cristo mencionado pelo Papa Francisco, em (17), restringe-se a fé cristã, podendo ser localizado apenas na mente daqueles que compartilham dessa mesma crença (cristianismo), fazendo com que o evento volitivo apresentado esteja relacionado com a não-factuality [-factual], por não se referir ao Jesus Cristo “histórico” (homem judeu que liderou um movimento messiânico na antiga Palestina), mas ao Jesus Cristo “divino” (adorado como uma divindade pelos cristãos).

Em relação aos casos de *inclusão* e *não-inclusão* do falante acerca do tipo de enunciador por ele construído no discurso, obtivemos, resumidamente, três casos específicos, a saber: (i) *Enunciador 1*, quando o falante e o enunciador construído coincidem, tratando-se de um caso de *inclusão*; (ii) *Enunciador 2*, quando a coletividade integra o enunciador construído, tratando-se de um caso de *não-inclusão*; e (iii) *Enunciador 3*, quando o falante e o enunciador construído divergem, tratando-se também de um caso de *não-inclusão*, pois remete a um terceiro-reportado, indivíduo ou instituição.

Vejamos de (20) a (23):

(20) “[...] **quiero alentarlos** a recordar cuán cercanos a nosotros son hoy los prisioneros de la trampa de la pobreza.” (DAP-2)

[Quero incentivá-los a se lembrarem de quão próximo a nós são hoje os prisioneiros da miséria e da pobreza].

Em (20), temos que o enunciador construído (*Enunciador 1*) refere-se ao próprio falante (Papa Francisco) ao instaurar a modalidade volitiva, o que pode ser constatado por meio do modalizador *querer* conjugado na primeira pessoa do singular, *quiero*, em que a necessidade volitiva apresentada pelo Sumo Pontífice está relacionada com a *intenção* de estimular ao Ouvinte 1 sobre “a realidade das pessoas pobres que nos cercam diariamente” e pela indiferença com que elas são tratadas (tema político). Em (20), consideramos um caso de *inclusão*, já que falante e enunciador construído coincidem. Passemos a (21):

(21) “[...] *Nuestro mundo está afrontando una crisis de refugiados sin precedentes desde los tiempos de la Segunda Guerra Mundial. Lo que representa grandes desafíos y decisiones difíciles de tomar...Busquemos para los demás las mismas posibilidades que **deseamos** para nosotros.*” (DAP-2)

[Nosso mundo está enfrentando uma crise de refugiados sem precedentes desde os tempos da Segunda Guerra Mundial. O que representa grandes desafios e decisões difíceis de serem tomadas...busquemos para os demais as mesmas possibilidades que desejamos para nós].

Em (21), ao construir um “enunciador genérico” (*Enunciador 2*), o Papa Francisco reporta uma desejabilidade que é de âmbito coletivo, “buscar para as pessoas que nos cercam as mesmas possibilidades que desejamos para nós mesmos”. Ao construir um “enunciador genérico”, o Papa Francisco mitiga a força ilocucionária dando voz a uma desejabilidade coletiva e instigando ao Ouvinte 1 de que a erradicação da pobreza (necessidade volitiva) é algo desejado pela sociedade. Como dito anteriormente, para o “enunciador genérico”, há um apagamento da voz do falante em detrimento de uma voz coletiva. O que difere o *Enunciador 1* do *Enunciador 2*, é, para aquele, a construção de um enunciador individualizado (o próprio falante) em que a desejabilidade advém de um único “ser” (particularização do próprio falante), enquanto para este, há um apagamento do falante, sendo a coletividade vista como um “único ser” e não apenas o falante.

Vejamos agora (22) e (23):

(22) “[...] *Esta es la quinta vez que un Papa visita las Naciones Unidas... la respuesta jurídica y política adecuada al momento histórico...No puedo por menos que asociarme al aprecio de mis predecesores, reafirmando la importancia que la Iglesia Católica concede a esta Institución y las esperanzas que pone en sus actividades.*” (DAP-3)

[Esta é a quinta vez que um Papa visita as Nações Unidas...a resposta jurídica e política adequada para o momento histórico...não posso por menos que me associar ao apreço de meus antecessores, reafirmando a importância que a Igreja Católica concede a esta Instituição e as esperanças que põe em suas atividades].

(23) “[...] *cuando le pregunto cómo estaba, me dice: **quiero** que vengan ya todos de vuelta.*” (DAR-2)

[Quando lhe perguntei como estava ele me disse: quero que venham já todos de volta].

Em (22), o Papa Francisco reporta uma necessidade volitiva advinda da Igreja Católica (*Enunciador 3*), instituição a qual representa, acerca “das esperanças que a Igreja Católica tem com relação às atividades promovidas pela Organização das Nações Unidas”, por meio de um substantivo *esperanza* (esperança). Parafraçando o que fora dito pelo Papa

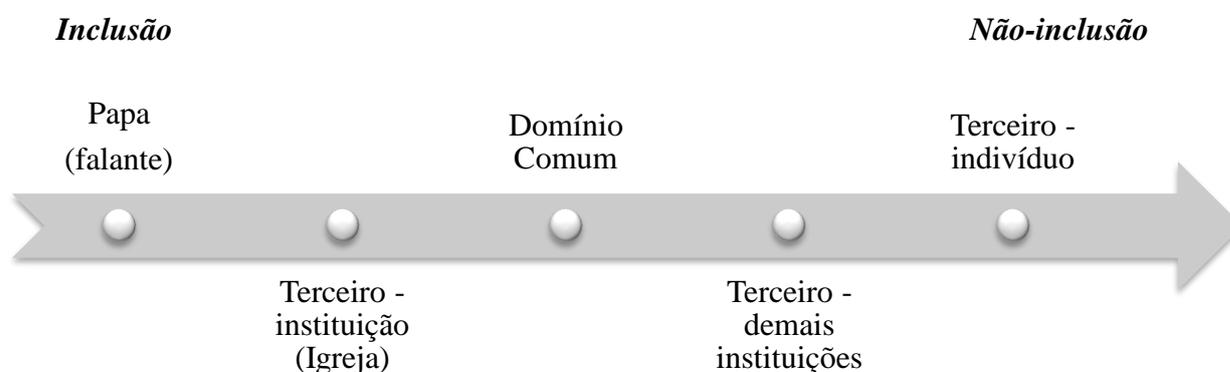
Francisco ao utilizarmos um verbo volitivo, teríamos que: *A Igreja Católica espera que as atividades promovidas pela Organização das Nações Unidas seja uma resposta jurídica e política adequada ao momento histórico*. Ainda que o Papa Francisco reporte o que parece desejável a Igreja Católica, levando o Ouvinte 1 a entender que diz respeito a algo desejável a toda a instituição e não apenas a ele em particular, não podemos deixar de inferir que o Papa Francisco também integra essa instituição.

Em (23), o Papa Francisco reporta, por meio de um discurso direto, a desejabilidade de uma das pessoas que trabalha com ele. Ao falar a respeito da volição de um terceiro-reportado, o Papa Francisco procura “conscientizar” o Ouvinte 2 a respeito da “importância da família e do núcleo familiar para a sociedade”. Possivelmente, ao fazê-lo, o Sumo Pontífice reproduz a fala do indivíduo (*Enunciador 3*) na intenção de “perpetrar uma aproximação” entre “aqueles que compõem um núcleo familiar tradicional” e “o seu funcionário que também integra esse mesmo núcleo familiar”; com isso, o Papa Francisco conseguiria, de forma mais fidedigna, falar a respeito da importância da família para o Ouvinte 2. Como o enunciador construído no discurso não coincide com o falante (Papa Francisco), entendemos, pois, que há uma *não-inclusão* do Papa Francisco em relação ao “enunciador” construído na construção discursiva.

Ressaltamos que, nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, não foi encontrado modalização volitiva advinda de alguma outra instituição que não fosse a própria Igreja Católica. Acreditamos que isso se deve pelo simples fato do Sumo Pontífice não desejar se comprometer no que diz respeito às necessidades volitivas de outras instituições que não fosse a qual ele representa.

Constatamos que o Papa Francisco constrói diferentes tipos de “enunciadores”, o que nos motiva a entendermos a dicotomia proposta *inclusão/não-inclusão* como um *continuum*, que vai da particularização do seu “ser” como “único indivíduo” que “deseja”, passando pela desejabilidade coletiva, quando há uma “diluição” da sua pessoa como “único ser que deseja”, até chegar aos casos em que “o ser que deseja” trata-se de um terceiro-reportado, quando o falante “não é o ser que deseja”. Para uma melhor visualização da posição do falante e por acreditarmos que a simples dicotomia entre *inclusão/não-inclusão* não seria o suficiente para explicar os tipos de “enunciadores” construídos pelo Papa Francisco em seu discurso, apresentamos a Figura 6 como uma proposta dos tipos de posição do falante:

Figura 6: Proposta dos tipos de posição do falante em relação ao enunciador para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola



Fonte: Elaborado pelo autor

Além da posição do falante (Papa Francisco), os tipos de ilocução por ele construídas em seu discurso eram relevantes para a instauração da modalidade volitiva, tendo em vista que as ilocuções, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), marcariam as intenções do falante ao modalizar o enunciado. Nos discursos do Papa Francisco, pudemos comprovar uma preferência por ilocuções *declarativas*, seguida de ilocuções *optativas*. Vejamos a Tabela 4:

Tabela 4: Tipos de ilocução nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Tipo de Ilocução		
	No.	%
Declarativa	73	62,4
Optativa	38	32,5
Interrogativa	5	4,3
Imprecativa	1	0,9
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Acreditamos que a alta frequência de ilocuções declarativas se justifica em razão do Papa Francisco tender a fazer mais asserções não apenas ao que lhe parece desejável (o que garantiria ao ouvinte que ele teria certeza do que fala, passando credibilidade), mas daquilo que é desejado por outrem (domínio comum, indivíduo ou instituição). Vejamos (24) e (25):

(24) “[...] donde **espero**, como un hermano de este País, **transmitir** palabras de aliento a los encargados de dirigir el futuro político [...]” (DAP-1)

[Onde espero, como um irmão deste País, transmitir palavras de consolo aos encarregados de decidir o futuro político].

(25) “[...] Pienso en la necesidad de ofrecer un regazo materno a los jóvenes. **Que** vuestras miradas **sean** capaces de cruzarse con las miradas de ellos, de amarlos y de captar lo que ellos buscan, con aquella fuerza con la que muchos como ellos han dejado barcas y redes sobre la otra orilla del mar (cf. Mc 1,17-18), han abandonado bancos de extorsiones con tal de seguir al Señor de la verdadera riqueza (cf. Mt 9,9)” (DAR-3)

[Acredito na necessidade de oferecer um regaço acolhedor materno aos jovens. Que seus olhares sejam capazes de cruzar-se com os olhares deles, de amá-los e de captar o que eles buscam, com aquela força com que muitos como eles deixaram barcas e redes sobre a margem do mar (cf. Mc 1,17-18), abandonaram bancos de extorsões no intuito de seguir ao Senhor da verdadeira riqueza].

Em (24) e (25), vemos que o tipo de enunciador construído no discurso trata-se do próprio falante, ou seja, um caso de *inclusão*. Em (24), temos uma ilocução do tipo *declarativa* na qual o Papa Francisco deseja que suas palavras possam reconfortar e animar aos políticos da nação americana (as autoridades políticas de um modo geral) para que continuem seus trabalhos políticos. Em (25), temos um caso de ilocução *optativa*, em que o Papa Francisco expressa o que lhe parece desejável em relação ao tratamento que os bispos e sacerdotes deveriam dar aos jovens mexicanos por meio da construção volitiva *que+subjuntivo*.

Segundo Gómez Torrego (2005), a optatividade, geralmente, vem acompanhada de partículas ou construções linguísticas que expressem desejo, tais como, *ojalá*, *que+subjuntivo*, etc. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 58) também reforçam que as ilocuições optativas em língua espanhola vêm acompanhadas de construções volitivas como no exemplo citado pelos autores: *Tua mãe, que descanse em paz.*¹⁷⁴ Para Grande Alija (1996), as ilocuições de tipo optativas, obrigatoriamente, só podem vir reintegradas a um elemento de subordinação, como a partícula *que* e pelo emprego do subjuntivo (devido ao ser caráter volitivo), ou, em alguns casos, acompanhados de “verdadeiras fórmulas” ou “frases mais ou

¹⁷⁴ Tradução nossa. O original diz: “Tu madre, que descanse en paz” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 58).

menos estereotipadas” para a expressão do desejo. Ressaltamos que, para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 71), o que caracterizaria uma ilocução de tipo optativa é o fato do “Falante indicar ao Ouvinte o seu desejo de que a situação evocada pelo conteúdo comunicado poderia ocorrer”.¹⁷⁵

Salientamos que o fato de o falante coincidir com o enunciador construído no discurso faz com que o ouvinte interprete o evento volitivo manifestado como uma necessidade volitiva advinda do próprio falante, como algo que lhe é bom e desejável (fazendo com que haja de certa forma um comprometimento do falante com que aquilo que é por ele desejado).

Vejamos (26) e (27), que são os casos em que o tipo de ilocução está relacionado com a *não-inclusão* do falante (Papa Francisco) ao construir um “enunciador genérico”.

(26) “[...] *Esta regla nos da un parámetro de acción bien preciso: tratemos a los demás con la misma pasión y compasión con la que **queremos** ser tratados.*” (DAP-2).

[Esta regra nos dá um parâmetro de ação bem preciso; tratemos aos demais com a mesma paixão e compaixão com a qual queremos ser tratados].

(27) “*¿Acaso no es lo que nosotros **queremos** para nuestros hijos?*” (DAP-2)

[Acaso não é o que nós queremos para os nossos filhos?].

Em (26), vemos que o Papa Francisco faz uso de uma ilocução de tipo *declarativa* para expressar ao Ouvinte 1 um desejo que é de âmbito coletivo, o fato de *querermos* ser bem tratados pelos demais, o que levaria o Ouvinte 1 a entender que temos também a responsabilidade de tratar os demais da mesma forma. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), nas ilocuições declarativas, o falante declara ao ouvinte a respeito do conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado. Em relação às ilocuições de tipo declarativa em língua espanhola, Grande Alija (1996) chama a atenção para o fato de alguns gramáticos considerarem que elas são apenas utilizadas com a finalidade de informar a alguém de algo e, dessa forma, modificar suas crenças, conhecimentos, etc. No entanto, um dado falante pode dirigir-se ao seu ouvinte não de uma forma neutra, mas com a intenção de influenciá-lo de diversas maneiras, podendo, por meio de ilocuições declarativas, deixar

¹⁷⁵ Tradução nossa. O original diz: “the Speaker indicates to the Addressee his/her wish that the positive situation evoked by the Communicated Content should come about” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 71).

transparecer-lhe suas intenções a respeito de uma determinada temática, pretendendo provocar-lhe algum tipo de resposta. Em (20), temos que o Papa Francisco chama a atenção do Ouvinte 1 para o fato de tratarmos de forma igual e bem a todos aqueles que nos cercam.

Em (27), temos uma ilocução de tipo *interrogativa*, em que o Papa Francisco interroga ao Ouvinte 1 a respeito do fato de que todos, incluindo ele mesmo, desejemos o melhor para os “nossos filhos”. Ainda que o Papa Francisco não tenha filhos, a utilização do “plural” transmite ao Ouvinte 1 que tal desejabilidade está relacionada a algo moral (buscar sempre o melhor para os filhos) e de âmbito coletivo, pois se espera que todos os pais, sem exceção, queiram o melhor para seus descendentes. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 71), na ilocução *interrogativa*, o falante solicita uma resposta do ouvinte à proposta do conteúdo evocado pelo conteúdo comunicado. No entanto, de acordo com Grande Alija (1996), além das características próprias das ilocuições interrogativas, tais como: refletir as dúvidas de quem pergunta, falta de informação, desejo de saber a respeito de algo que se desconhece ou preencher carências cognitivas; as ilocuições interrogativas também podem funcionar como uma forma de ativar ou até mesmo acrescentar algum tipo de conhecimento na informação pragmática do(s) ouvinte(s), que o autor define como *interrogativa retórica*, pois o falante destaca uma informação ao ouvinte de forma argumentativa, respondendo a um conhecimento mútuo e efetivo tanto por parte do falante quanto do ouvinte.¹⁷⁶

Além do “enunciador genérico” construído pelo Papa Francisco, temos também os casos em que o Papa Francisco reporta a desejabilidade de um “terceiro-reportado”. Vejamos (28), (29) e (30):

(28) “[...] *Una respuesta que siempre será humana, justa y fraterna. Cuidémonos de una tentación contemporánea: descartar todo lo que moleste. Recordemos la regla de oro: «Hagan ustedes con los demás como **quieran** que los demás hagan con ustedes» (Mt 7,12).*” (DAP-2).

[Uma resposta que sempre será humana, justa e fraterna. Cuidemo-nos de uma tentação contemporânea: descartar a tudo aquilo que nos incomoda. Lembremo-nos da regra de ouro: «Façam vocês com os demais como queiram que os demais façam com vocês» (Mt 7,12)].

¹⁷⁶ Na teoria da GDF, as interrogativas retóricas são caracterizadas por veicular um referente avaliado pelo Falante como não identificável para o Ouvinte, mas por se referir como algo específico para ele próprio. Dessa forma, no Nível Interpessoal, as interrogativas com função de “pergunta retórica” apresentam o constituinte como “interrogativo” (um Subato Referencial). Cf. Hengeveld e Mackenzie (2008).

(29) “[...] *Y sobre esto hemos de ponernos un interrogante: ¿por qué las armas letales son vendidas a aquellos que **pretenden infligir** un sufrimiento indecible sobre los individuos y la sociedad? Tristemente, la respuesta, que todos conocemos, es simplemente por dinero [...].*” (DAP-2).

[E sobre isso temos que fazer uma pergunta: porque as armas letais são vendidas para aqueles que pretendem infligir um sofrimento incalculável sobre os indivíduos e a sociedade? Infelizmente, a resposta, que todos conhecemos é simplesmente por dinheiro].

(30) “[...] *Y la Iglesia **quiere** una sociedad que encuentra su reaseguro cuando valora, admira y custodia también a sus mayores que son los que nos traen la sabiduría de los pueblos, custodiar a los que hoy son descartados por tantos intereses que ponen al centro de la vida económica al dios dinero y son descartados los niños y los jóvenes que son el futuro de un país y los ancianos que son la memoria del pueblo, por eso hay que cuidarlos, hay que protegerlos son nuestro futuro.*” (DAP-7)

[E a Igreja quer uma sociedade que encontra seu resguardo quando valoriza, admira e protege também aos seus idosos que são aqueles que nos trazem a sabedoria dos povos, proteger aqueles que são descartados por tantos interesses que põem o centro de suas vidas no deus do dinheiro e são descartados as crianças e os jovens que são o futuro de um país e os anciãos que são a memória do povo, por isso devemos cuidar deles, protegê-los porque eles são nosso futuro].

Em (28), vemos que o Papa Francisco faz menção a um versículo da Bíblia, no qual Jesus Cristo “ordena”, “exorta” aos seus seguidores que eles passem a tratar aos demais da mesma forma que desejariam ser tratados. Retomando o que foi dito por Jesus Cristo no Novo Testamento, temos: *Hagan ustedes con los demás como [(ustedes) quieran] que los demás hagan con ustedes*; dessa forma, temos que a fonte da atitude volitiva *ustedes* (vocês), faz referência aos “seguidores de Jesus”, que desejam ser bem tratados “pelos demais”, que é o alvo volitivo. Em (28), temos uma modalização deôntica “sobrepondo” uma modalização volitiva, em que Jesus Cristo, ao fazer uso do imperativo (*hagan*), uma das formas prototípicas da modalidade deôntica, “ordena” que seus seguidores tratem aos demais de forma adequada, ao pressupor que eles queiram (modalidade volitiva) ser bem tratados pelos demais. Em (28), o uso da terceira pessoa é identificado como o interlocutor de Jesus e não o Papa Francisco, já que se trata de uma enumeração reportada (Jesus para seus seguidores).

Em (29), notamos que o Papa Francisco, ao fazer uso de uma ilocução do tipo *interrogativa*, instiga ao Ouvinte 1 a refletir a respeito da venda de armas, justamente, para

“aqueles” (fonte volitiva) que pretendem prejudicar e trazer sofrimento para os indivíduos e para a sociedade (alvo volitivo). Ao fazer uma pergunta retórica por meio da ilocução, o Papa Francisco emprega o modalizador volitivo *pretender* em forma perifrástica¹⁷⁷ com o valor semântico de *intenção*. De acordo com Topor (2011), alguns verbos volitivos plenos, perífrases verbais ou construções volitivas podem indicar intencionalidade, tais como: *querer+infinitivo* e *pretender+infinitivo* (que não se encontram gramaticalizados em língua espanhola, já que não constituem, de fato, em perífrases verbais, sendo apenas as características semânticas e os aspectos contextuais que indicarão a intenção do participante descrito no predicado); e *pensar+infinitivo*, *haber+de+infinitivo*, *tratar+de+infinitivo*, *ir+a+infinitivo* e *estar+por* (que se encontram gramaticalizados em língua espanhola e se referem à intencionalidade do participante descrito no predicado).

Em (30), o Papa Francisco¹⁷⁸ reporta o desejo da Igreja Católica (fonte volitiva)¹⁷⁹ de que a sociedade (alvo volitivo) trate de maneira digna, especialmente, os idosos, as crianças e os jovens. Ao reportar uma desejabilidade de um determinado evento volitivo por meio de uma ilocução *declarativa*, que, a priori, parece advir da Igreja Católica, ainda que o Papa Francisco seja o representante dela pelo mundo, parece-nos que ele prefere manter certo “distanciamento” ao mencionar a Igreja e não ele como fonte da atitude volitiva. Em (30), temos, particularmente, um caso de *não-inclusão* do falante (Papa Francisco), pois, ainda que ele reporte a desejabilidade do evento volitivo como algo que advenha da Igreja Católica, isso não faria com que ele, de fato, estivesse de alguma forma “descomprometido” (ao dar a entender aos seus ouvintes que a volição manifestada é boa e agradável para a Igreja Católica) com o evento volitivo apresentado ao Ouvinte 1, afinal ele também faz parte dessa instituição, ainda que “procurasse manter” certo distanciamento ao apresentá-la como fonte da volição.

Salvo a posição do falante em relação ao tipo de enunciador por ele construído no discurso e o tipo de ilocução, é necessário pontuar que os valores semânticos da modalidade volitiva, o tipo de fonte volitiva e de alvo volitivo (categorias relativas ao Nível Representacional) também influenciam na forma como a modalidade volitiva é instaurada.

¹⁷⁷ Para Topor (2011), ainda que os verbos volitivos *querer*, *desejar*, *pretender* e *intentar* venham acompanhados de verbos no infinitivo, estes funcionam na verdade como verbos léxicos, não se comportando como perífrases verbais de fato. Referimo-nos aqui apenas à estrutura linguística na qual se apresentam estes verbos, ou seja, em forma de perífrase.

¹⁷⁸ Ao mencionar a Igreja Católica, o Papa Francisco se exime de manifestar ao Ouvinte 1 que a necessidade volitiva expressa também lhe é um desejo pessoal, passando a apresentar tal necessidade como algo intrínseco de toda a instituição religiosa católica.

¹⁷⁹ Instituição de que o Papa Francisco faz parte e representa a maior liderança.

Dessa forma, após verificarmos as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal, passaremos para a análise das categorias do Nível Representacional.

5.1.3 As categorias de análise referentes ao Nível Representacional

Para o Nível Representacional, selecionamos as seguintes categorias de análise:

(i) os valores semânticos da modalidade volitiva:

a) *desideração*; b) *optação*; c) *intenção*; d) *exortação*.

(ii) a fonte volitiva:

a) Enunciador; b) Indivíduo; c) Instituição; d) Domínio Comum.

(iii) o alvo volitivo:

a) Enunciador; b) Coenunciador; c) Indivíduo; d) Instituição; e) Domínio Comum; f) Inexistente.

Com relação aos valores semânticos da modalidade volitiva e aos traços por nós selecionados para diferenciá-los (volitividade, controlabilidade do evento volitivo, subjetividade do evento volitivo, performatividade da volição, factualidade do evento volitivo, potencialização do evento volitivo e relação entre fonte volitiva e alvo volitivo), constatamos que houve uma preferência pelo valor de *intenção*, seguido pelos valores de *optação* e de *desideração*. Vejamos a Tabela 5:

Tabela 5: Valores semânticos da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Valores Semânticos		
	No.	%
Intenção	40	34,2
Optação	36	30,8
Desideração	28	23,9
Exortação	13	11,1
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Em relação aos valores semânticos da modalidade volitiva, esperávamos que houvesse uma maior frequência dos valores de *desideração*, *optação* e *intenção*, já que se referem aos valores semânticos prototípicos, podendo ser instaurados pela fonte volitiva independente, por exemplo, da relação que se dá entre falante e ouvinte (participantes); diferentemente, do valor semântico de *exortação*, que se restringe aos casos em que a volição

é instaurada, para esta pesquisa, especificamente, em relações hierárquicas entre os participantes (Papa Francisco e Ouvinte 2). Para os valores semânticos da modalidade volitiva, Vejamos de (31) a (34):

(31) “[...] *les pido también que no se olviden de rezar por mí y recemos juntos una oración a nuestro Padre que nos hace hermanos, nos mandó a nuestro Hermano Mayor, su Hijo Jesús, y nos dio una Madre que nos acompañara [Padrenuestro]... **Que los bendiga Dios Todopoderoso** {...}*” (DAR-5).

[Peço-lhes também que não se esqueçam de rezar por mim e rezemos todos juntos, uma oração a nosso Pai que nos faz irmãos, que nos mandou o nosso Irmão Maior, seu filho Jesus, e nos deu uma Mãe que nos acompanha... Pai-nosso... Que os abençoe Deus Todo-poderoso...].

Em (31), O Papa Francisco pede ao Ouvinte 2 que juntos rezem as orações católicas, Pai-Nosso e Ave-Maria. Após rezarem juntos e abençoar a multidão, o Papa deseja (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular, *pido*, fazendo com que a construção volitiva, *que+subjuntivo*, esteja relacionada ao Papa Francisco) que Deus (aqui representado pela Santíssima Trindade)¹⁸⁰ abençoe os católicos presentes. Para manifestar seu desejo, o Papa Francisco faz uso de uma construção volitiva *que+subjuntivo*, na qual a volição expressa apresenta o valor semântico de *desideração*. Em (32), temos que a fonte da volição é o próprio Papa Francisco (o falante), “que los bendiga Dios” trata-se do que é desejado e o alvo volitivo remete ao Ouvinte 2. Como mencionado anteriormente, o valor semântico de *desideração* está relacionado a um evento volitivo pouco controlado [- controle] por parte do falante, o que acarreta uma maior manifestação do elemento do desejo [+ volição]; sendo, necessariamente de caráter mais subjetivo [+ subjetivo]. A fonte da volição expressa advém do próprio Papa Francisco (temos que o enunciador é a fonte da volição expressa) e sendo o estado-de-coisas apresentado como algo irrealizável do ponto de vista da factualidade [- factual], mas realizável no que diz respeito a não-factualidade (a crença compartilhada pelos cristãos católicos da existência de uma divindade, Jesus Cristo, que os abençoa).

Baseando-nos no Conteúdo Proposicional apresentado pelo Papa Francisco que corresponde ao que é desejado, notamos que ele faz referência a um construto mental

¹⁸⁰ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2010), a divindade cristã se forma a partir de três naturezas divinas que juntos formariam um único Deus, o Pai (o Criador), o Filho (o Salvador da Humanidade) e o Espírito Santo (o Consolador ou Paráclito).

relacionado às crenças e aos desejos do falante (e dos ouvintes) ligados a um mundo não-factual, haja vista que correspondem aos desejos e expectativas em relação a um mundo do qual o falante (e os ouvintes) só pode ter acesso de forma não abstrata¹⁸¹ (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008). A não-facturalidade do Conteúdo Proposicional consiste na impossibilidade do Papa Francisco e dos fiéis católicos terem acesso direto à divindade a qual adoram e ao mundo ao qual a divindade pertence (em termos não abstratos e espirituais), o que impossibilita que o desejo manifesto pelo Papa Francisco se torne realizável do ponto de vista não-espiritual.

Dessa forma, temos um evento volitivo pouco controlado [- controle], pois o Papa Francisco não pode garantir que pelo menos, liturgicamente, a divindade cristã abençoaria os fiéis católicos como acontece nas celebrações da missa ou em qualquer outro evento católico, em que os líderes católicos (Papa, bispos, sacerdotes e diáconos) abençoam os fiéis por meio de um ritual litúrgico. Temos um evento volitivo mais subjetivo [+ subjetivo], haja vista que está restrito ao plano do pensamento do falante e menos factual [- factual], já que não se pode garantir que a divindade cristã abençoaria os fiéis em termos litúrgicos. Dessa forma, há uma maior manifestação do elemento do desejo [+ volição] por parte do Papa Francisco (fonte da atitude volitiva), sendo o evento volitivo apresentado apenas realizável do ponto de vista da fé católica (a crença na divindade cristã faz com que o desejo expresso pelo Papa Francisco seja realizável do ponto de vista espiritual). Em outras palavras, a possibilidade da realização do desejo estaria limitada a fé católica, não sendo possível que se concretize fora do mundo ao qual a fé católica dá acesso (mundo espiritual). Para Olbertz (2016, p. 19), a *desideratividade*¹⁸² manifestada por meio da modalização volitiva estaria relacionada com “as ideias e as crenças, que podem ou não ter relação com a realidade extralinguística”.¹⁸³

Vejamos agora (32):

(32) “[...] *Los animo a que sigan trabajando con todas sus fuerzas... **que no haya** más niños sin acceso a la educación, familias sin hogar, obreros sin trabajo digno, campesinos sin tierras que cultivar y tantas personas obligadas a emigrar hacia un futuro incierto [...]*” (DAP-8)

¹⁸¹ Hengeveld e Mackenzie (2008) utilizam o termo “mundo imaginário”.

¹⁸² Olbertz (2016) chama de modalidade desiderativa ao fazer menção aos desejos do falante em relação a estado-de-coisas pouco controlado, subjetivo e irrealizável.

¹⁸³ Tradução nossa. O original diz: “that desiderative modality concerns ideas and fantasies, which may or may not bear a relation to extralinguistic reality” (OLBERTZ, 2016, p. 19).

[Espero que sigam trabalhando com todas as suas forças...que não haja mais crianças sem acesso a educação, famílias sem lar, trabalhadores sem trabalho digno, camponeses sem terra para cultivar e tantas pessoas que se veem obrigadas a migrar rumo a um futuro incerto].

Em (32), notamos que o Papa Francisco, por meio da construção volitiva *que+subjuntivo*, expressa ao Ouvinte 1, um desejo pessoal seu (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular do verbo *animo*) de que “as crianças tenham acesso à educação, famílias tenham um lar, operários tenham trabalho digno e camponeses tenham terra para trabalhar” (o que é desejado). No que diz respeito à modalização volitiva, temos que a construção volitiva empregada pelo Papa Francisco apresenta o valor semântico de *optação*, cujas características semânticas são: a modalização volitiva está relacionada a um evento volitivo pouco controlado [- controle] por parte do Papa Francisco, já que depende, nesse caso, exclusivamente, de algo externo ao falante (a promoção de políticas públicas). Dessa forma, há uma maior manifestação do elemento do desejo [+ volição], sendo de caráter mais subjetivo [+ subjetivo], ainda restrito ao plano do pensamento, e [+ diretivo], já que é possível que se promovam políticas públicas para que “as crianças tenham acesso à educação, famílias tenham um lar, operários tenham trabalho digno e camponeses tenham terra para trabalhar”. Como pode vir a concretizar-se no mundo real, o evento volitivo estaria mais relacionado à factualidade [+ factual]. Em (32), temos que a fonte da atitude volitiva provém do próprio falante, tratando-se, pois, de um ser animado e capaz de volição (Papa Francisco). De acordo com García (2009) e Giomi (2010), a principal característica da modalidade volitiva é que os desejos, vontades e intenções advenham de um ser capaz de volição.

Em (33), notamos que o Papa Francisco faz menção a um fato acontecido no passado (apesar dele empregar o modalizador no presente) no qual Jesus Cristo (apresentado pelo Papa Francisco como personagem histórico)¹⁸⁴, antes da sua “paixão” (crença católica do sacrifício de Cristo na Cruz), queria (pretendia) utilizar de uma das refeições típicas do

¹⁸⁴ Para esta pesquisa, fazemos uma distinção entre o Jesus Cristo “histórico” (homem judeu que liderou um movimento messiânico na Palestina e do qual o Papa Francisco faz menção a algumas de suas ações realizadas em sua vida pública com seus seguidores), que estaria relacionado à factualidade; do Jesus Cristo “divino” (entendido pelos cristãos como uma divindade, por se tratar do “Filho de Deus”), que estaria relacionado a não-factualidade. Em outras palavras, ao relatar sobre a vida pública do “Jesus histórico”, o Papa Francisco discursou a respeito dos atos públicos de Jesus quanto “personagem histórico”, apresentando aos fiéis suas intencionalidades como “pessoa humana”, estando, pois, os eventos volitivos ligados a factualidade; entretanto, ao relatar sobre o “Jesus divino”, o Papa Francisco reportou os desejos da “divindade”, manifestando os eventos volitivos relacionados à crença e a fé cristã, estando, pois, relacionados a não-factualidade.

cotidiano familiar para demonstrar aos seus apóstolos (seguidores de Jesus) o simbolismo do memorial da sua paixão.¹⁸⁵ Vejamos:

(33) “[...] **Jesús quiere utilizar** como espacio de su memorial, una cena. Elige como espacio de su presencia entre nosotros un momento concreto en la vida familiar.” (DAR-2)

[Jesus quer utilizar como espaço de seu memorial, uma ceia. Escolhe como espaço de sua presença entre nós um momento concreto na vida familiar]

Em (33), o Papa Francisco, ao reportar o desejo (intenção) de Jesus Cristo, ele emprega o modalizador *querer* em forma perifrástica, com o valor semântico de *intenção*, pois o evento volitivo apresentado é mais controlado [+ controle] por parte do parte da fonte volitiva (Jesus Cristo) e apresentando-se como uma “disposição” em concretizar algo [+ diretivo], pois a intenção de Jesus Cristo em realizar o “memorial da sua paixão” em uma ceia veio a realizar-se [+ factual]. Acreditamos que o emprego do modalizador *querer* no presente do indicativo esteja relacionado à crença católica da “presença real de Jesus Cristo na Eucaristia”. Ao empregar o presente do indicativo (e não um tempo no passado, *quiso*, o que configuraria como um relato), o Papa Francisco faria referência à “atualização do Sacrifício de Cristo, Cordeiro de Deus, na cruz” e a “sua presença real no sacramento da Eucaristia”,¹⁸⁶ nas celebrações da Santa Missa. Em outras palavras, há uma atualização do evento volitivo apresentado pelo Papa Francisco em cada celebração da Santa Missa (culto católico).

Segundo Topor (2011), o valor semântico de *intenção* deriva do significado da vontade ou da disposição em realizar algo, que, por sua vez, deriva do significado do desejo (volição). Por isso alguns autores¹⁸⁷ consideram a *intenção* como um dos possíveis valores semânticos da modalidade volitiva. Ainda de acordo com a autora, os valores semânticos de *optação* e *desideração* (valores estes que para a nossa pesquisa estão relacionados aos desejos, vontades e esperanças do falante) não se encontram expressados mediante recursos gramaticalizados em língua espanhola, aparecendo, pois, a partir de um significado contextual ou pela semântica do verbo modal empregado; diferentemente, do valor semântico de

¹⁸⁵ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2010), a última ceia realizada por Jesus Cristo juntamente com seus apóstolos seria uma forma de simbolismo de sua paixão, morte e ressurreição, na qual Jesus Cristo deu aos apóstolos o poder de transformar o “pão” e o “vinho” no seu “corpo” e “sangue” (dogma católico da transubstanciação).

¹⁸⁶ Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010), a cada celebração da missa, o “Sacrifício de Jesus Cristo na cruz” se renova com a transubstanciação.

¹⁸⁷ Topor (2011) cita particularmente a Jespersen (1924).

intención, podendo ser expresso por meio de recursos já gramaticalizados em língua espanhola, como os verbos modais volitivos (*pretender, intentar, querer, desear, etc.*) e as perífrases de significação intencional, tais como (*pensar+infinitivo, haber+de+infinitivo, tratar+de+infinitivo, etc.*), como dito anteriormente. O emprego do verbo lexical *querer* na forma de perífrase, funcionando como um auxiliar modal, para a indicação das intenções do falante, estaria se gramaticalizando na língua espanhola, passando a exercer uma função gramatical (perífrase verbal) para fazer a marcação das intenções do falante ou do sujeito expresso no predicado, podendo a marcação de “intención” estar relacionada a um evento no passado (com atualização no presente) ou a um evento futuro.

Para Merckx (2006), a extensão de perífrases de valor *intencional* em espanhol se deve ao desejo do falante de manifestar uma continuidade do estado-de-coisas apresentado a partir do momento presente em direção ao futuro, fazendo com que a disposição em realizar algo (vontade) que culmina na intenção seja manifestada por meio de várias perífrases verbais. Para Bittencourt (2014), quando o falante faz predições ou revela suas intenções em relação a um determinado estado-de-coisas, seja por meio de tempos verbais no futuro ou que marquem algum tipo de futuridade, temos que o falante deseja que algo aconteça ou faz, simplesmente, uma predição ou uma afirmação sobre um estado-de-coisas futuro que advém de um desejo seu ou de outrem. Nesses casos, Bittencourt (2014) ressalva que estamos diante de contextos *irrealis* com marcas de projeção futura, relacionadas ao desejo (volição).

Ainda em relação ao valor semântico de *intención*, Rasmussen (2000) esclarece que a modalidade intencional (volitiva)¹⁸⁸ é um conceito mais amplo que a modalidade deôntica, pois esta une a sua categoria verbos de “manipulação”, “mandado”, “proibição” e “permissão”, tais como *aconsejar* (aconselhar), *autorizar* (autorizar), *encargar* (encarregar), *impedir* (impedir), *obligar* (obrigar), *prohibir* (proibir), *recomendar* (recomendar), etc., enquanto aquela está relacionada com verbos que indicam compromisso pessoal na forma de “desejo” ou “vontade”, tais como *anhelar* (anelar), *desear* (desejar), *ofrecer* (oferecer), *querer* (querer), *pretender* (pretender), etc. Essa aproximação entre essas modalidades se deve ao fato de que seus verbos modais advêm de uma base *intencional* (volitiva), sendo diferenciadas apenas pelo fato de que a modalidade intencional (volitiva) centra a intenção em torno do mesmo sujeito, criando, dessa forma, diferentes tipos de autoprojeção; enquanto a modalidade deôntica centra a intenção em torno de outra pessoa. Rasmussen (2000, p. 321) cita dois

¹⁸⁸ Rasmussen (2000) prefere o termo “modalidade intencional”, pois os desejos e vontades do falante estão estritamente relacionados com as suas intenções.

exemplos que podem diferenciar o emprego dos modais volitivos dos deônticos, como em (a) e (b):

(a) *João quer que Maria venha*¹⁸⁹

(b) *João ordena que Maria venha*¹⁹⁰

Em (a), temos que a intenção de que “Maria venha” (alvo da volição) está centrada apenas no falante “João” (fonte da volição); enquanto, em (b), a intenção se estende a “Maria”, não estando apenas centrada no “João”. Ressaltamos que, em (a), o falante parece não exercer nenhum tipo de influência sobre o alvo da volição e o evento não se apresenta como controlado por parte do “João”; em (b), diferentemente, temos que “João” parece exercer algum tipo de influência sobre “Maria”, o que pode ser justificado pelo emprego do modalizador (*ordenar*), ainda que o evento em si não seja controlado pelo “João”, pois, ainda que ele exerça influência sobre “Maria”, esta poderia vir a acatar ou não a sua “ordem” ou “mandado”. Rasmussen (2000) acrescenta que, em termos semânticos, os verbos modais deônticos podem ser analisados com base no que ele chama de “força dinâmica”, enquanto os modais volitivos estão relacionados à “autocompromisso”, verbos com esquema “autônomo” (estático). Segundo Rasmussen (2000), sintaticamente, os verbos modais deônticos aceitam um objeto indireto em espanhol, enquanto os verbos modais volitivos, geralmente, não os aceitam. Retornando aos exemplos (a) e (b), temos que, se puséssemos o objeto indireto *le* (lhe), em (a), o enunciado ficaria agramatical em espanhol, **Juan le quiere que María venga* (João quer-lhe que Maria venha), enquanto, em (b), isto não é apenas possível, mas obrigatório em espanhol, *Juan le manda a María que venga* (João ordena-lhe que venha).

Passemos a (34):

(34) *“Recemos todos juntos al Padre que nos dio todo gratuitamente y que nos mantiene en la memoria de Jesús con Nosotros. [Padre Nuestro] Y por favor, por favor, **que recen** por mí, porque yo también siento muchas veces la tentación de olvidarme de la gratuidad con la que Dios me eligió y de olvidarme de donde me sacaron [...].” (DAR-4).*

[Rezemos todos juntos ao Pai que nos deu tudo gratuitamente e que nos mantém na memória de Jesus conosco. Pai nosso... e por favor, que rezem por mim, porque eu também sinto muitas vezes

¹⁸⁹ Tradução nossa. O original diz: “Juan quiere que María venga” (RASMUSSEN, 2000, p. 321)

¹⁹⁰ Tradução nossa. O original diz: “Juan le manda a María que venga” (RASMUSSEN, 2000, p. 321)

a tentação de me esquecer da gratuidade com que Deus me escolheu e de me esquecer da minha origem].

Em (34), o Papa Francisco convoca ao Ouvinte 2 a juntos rezarem e, ao final, ao fazer uso da construção volitiva *que+subjuntivo*, ele exorta aos católicos que rezem pela sua missão de pastoral e para que ele também não se esqueça das suas origens. A construção volitiva *que recen*, ainda que exprima um desejo pessoal do Papa Francisco, poderá produzir um efeito de sentido de “ordem” ou “mandado” no Ouvinte 2, já que há uma relação hierárquica entre o Papa Francisco e Ouvinte 2 [+ hierárquica]. Por isso, a construção volitiva empregada apresenta o valor semântico de *exortação*. Ressaltamos que, apesar de que falante e ouvinte estejam sob uma relação de hierarquia, o evento volitivo, ainda assim, mostra-se pouco controlado por parte do falante [- controle]; haja vista que, embora o falante esteja, hierarquicamente, superior ao ouvinte, isso não implica que o evento volitivo apresentado se cumpra (rezar pelo Papa). No entanto, como a desejabilidade “migra” do campo do pensamento e se “desloca” para o campo da “performatividade” [+ diretivo], pois, por uma questão de conduta moral, para a Igreja Católica, os fiéis católicos estariam obrigados a rezar pelos seus líderes religiosos,¹⁹¹ o evento volitivo em si seria de caráter menos subjetivo [- subjetivo]. Como a fonte volitiva (Papa Francisco) exerce influência sobre o alvo volitivo (Ouvinte 2), isso corrobora que o desejo (volição) manifestado por alguém que está, hierarquicamente, acima e que fale de um lugar de autoridade, seja entendido como uma “exortação”.

Para Grande Alija (1996), apenas os enunciados jussivos¹⁹² podem ser caracterizados como algum tipo de “ordem” ou “comando”, pois por meio deles o falante induz seu interlocutor à realização de um estado-de-coisas, pondo-o ante a disjuntiva de obedecer-lhe ou não. De acordo com Grande Alija (1996), é pouco provável que o falante que deseja no fundo queira que se chegue a cumprir o que é desejado, mas reconhece que alguns enunciados volitivos sejam formas encobertas de expressar algum tipo de ato diretivo. Ressaltamos que, ainda que alguns enunciados modalizados volitivamente possam ser interpretados como alguma espécie de “ordem” ou “mandado”, dadas às circunstâncias do evento de fala, ainda assim não poderíamos interpretá-los como sendo prototípicos da modalidade deôntica, como se eles expressassem, categoricamente, uma obrigação. Grande

¹⁹¹ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2010), os fiéis católicos estariam obrigados, por uma questão de fé e conduta espiritual, a rezar pelos seus religiosos, diáconos, sacerdotes e bispos para que eles possam prosseguir em sua missão pastoral.

¹⁹² Segundo Grande Alija (1996), as modalidades jussiva e volitiva seriam subtipos de modalização deôntica.

Alija (1996) ressalva que a desejabilidade de que algo seja realizado por um falante que está hierarquicamente superior ao seu destinatário não implica que essa modalização perca as suas características volitivas.¹⁹³

Grande Alija (1996) afirma que, na modalidade volitiva, o falante também instrui ao ouvinte para que este execute um dado estado-de-coisas especificado na proposição, resguardando que o falante não pressupõe controle sobre o ouvinte e/ou que o estado-de-coisas seja controlado. Para o autor, a modalidade jussiva (para o autor, também um subtipo da modalidade deôntica) é que está relacionada ao plano performativo, em outras palavras, representa uma realização de um ato de fala por parte do falante. Além dessa característica, Grande Alija (1996) também aponta algumas outras características para a modalidade jussiva: (i) o enunciado deve referir-se, obrigatoriamente, a ações futuras; (ii) o falante encontra-se em uma posição de superioridade com respeito ao ouvinte; e (iii) o ouvinte teria condições de realizar o que o falante ordena.

Retornando a (34), temos que o Papa Francisco faz uso de uma construção volitiva de desejo *que recen* (*que+subjuntivo*), que pode ser parafraseada de forma “mais imperativa” (modalidade deôntica), *rezad vosotros por mí/recen ustedes por mi*, ou de forma “menos imperativa” (modalidade volitiva), *quiero que rezáis por mí*, que estariam ambos os exemplos relacionados a uma ação futura (futuridade). Temos também que o Papa Francisco está em uma posição de superioridade em relação ao Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos), além de que este estaria apto a realizar o que foi desejado pelo Papa Francisco (rezar pela sua missão pastoral). Em outras palavras, o valor semântico de *exortação*, apontado por Casimiro (2007) e García (2009), estaria mais próximo da modalidade jussiva (na tipologia proposta por Grande Alija) do que da modalidade volitiva. A modalidade volitiva requer, segundo Grande Alija (1996), que o falante não pressuponha controle sobre o ouvinte e/ou que se trate, necessariamente, de um estado-de-coisas controlado. Portanto, dentro da tipologia proposta pelo autor, seria isso que distinguiria as modalidades jussiva e volitiva.

Dessa forma, dentre os valores semânticos apontados nessa pesquisa, temos então os valores de *desideração*, de *optação* e de *intenção* como os mais prototípicos da modalidade volitiva, estando o valor semântico de *exortação* mais próximo da modalidade jussiva para a tipologia de Grande Alija (1996). É salutar que digamos, segundo Olbertz (1998), que a

¹⁹³ Segundo Narrog (2012), podemos encontrar o “elemento do desejo” (volitividade) também na modalidade deôntica, porque esta também seria um subtipo de “modalidade volitiva”, ou seja, que conteria “volitividade”.

modalidade desiderativa (volitiva)¹⁹⁴ designa uma série de valores de aspectos gerais que são emitidos pelo falante a respeito do que ele considera como bom, desejável e conveniente para ele mesmo e para as demais pessoas. Olbertz (1998) acrescenta que a modalidade volitiva não pode ser confundida ou fazer parte integrante da modalidade deôntica, pois as fontes de avaliação desta dizem respeito às normas morais, sociais e legais; enquanto as fontes de avaliação daquela, tratam-se de ideias gerais sobre o que se considera desejável ou indesejável.

Os valores semânticos mencionados, anteriormente, *optação*, *desideração*, *intenção* e *exortação* também influenciam na forma como a fonte volitiva instauraria a volição para o alvo volitivo¹⁹⁵ (como veremos na seção sobre a inter-relação entre as categorias de análise). Por isso, faremos a seguir uma exposição do tipo de fonte e alvo encontrados em nosso *corpus*. Primeiramente, faremos uma exposição do tipo de fonte volitiva e, em seguida, passaremos para o tipo de alvo volitivo.

Para que a volição pudesse ser instaurada nos discursos do Papa Francisco e apresentasse os valores semânticos citados anteriormente, era necessário que houvesse uma fonte volitiva da qual adviria à volição. Nos discursos do Papa Francisco, foi possível identificarmos quatro tipos de fonte volitiva: *Enunciador*, *Instituição*, *Indivíduo* e *Domínio Comum*. Vejamos a Tabela 6:

Tabela 6: Tipos de fonte volitiva nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Fonte Volitiva		
	No.	%
Enunciador	72	61,5
Domínio Comum	31	26,5
Indivíduo	11	9,4
Instituição	3	2,6
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como podemos verificar na Tabela 6, os tipos de fonte volitiva de maior frequência foram as de tipo *Enunciador* (falante – Papa Francisco) e *Domínio Comum*. Isso se justifica, tendo em vista que durante a sua construção discursiva, o Papa Francisco coloca-se como “fonte volitiva” da desejabilidade expressa, fazendo com que o evento volitivo, por ele

¹⁹⁴ A autora prefere o termo “modalidade desiderativa”.

¹⁹⁵ Acerca da relação existente entre a fonte volitiva, o alvo volitivo e os valores semânticos, deixaremos para mostrar na análise quantitativa por meio do cruzamento dos dados pelo programa SPSS.

apresentado, seja interpretado pelo ouvinte como sendo “bom e agradável para o Sumo Pontífice” (o que, de certa forma, faz com que haja um comprometimento por parte do falante, tendo em vista que ele teria sabedoria em relação ao que é proferido, corroborando aquilo que ele pretende mostrar ao ouvinte). Nos casos em que o Papa Francisco coloca “a si mesmo” e “aos demais” como “fonte volitiva”, acreditamos que o Sumo Pontífice pretenda fazer com o seu ouvinte entenda ou interprete que o evento volitivo expresso seja algo relacionado “a uma desejabilidade de âmbito coletivo”, tendo, pois, “ligação com aquilo que, normalmente, se espera dos indivíduos em questões de normas e condutas sociais”. Vejamos as fontes volitivas *Enunciador, Indivíduo, Instituição e Domínio Comum*, respectivamente, de (35) a (38):

(35) *“Estoy contento de estar con ustedes aquí, en las cercanías del «Cerro del Tepeyac», como en los albores de la evangelización de este Continente y, por favor, les pido que me consientan que todo cuanto les diga pueda hacerlo partiendo desde la Guadalupana. Cuánto quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores y, por medio de ustedes, a cada una de sus Iglesias particulares presentes en este vasto México, todo lo que fluye intensamente del corazón del Papa [...].” (DAR-3).*

[Estou feliz de estar com os senhores aqui, nas proximidades do “Cerro del Tepeyac”, como nos primórdios da evangelização deste continente e, por favor, peço-lhes que me permitam que tudo aquilo que lhes fale, possa fazê-lo partindo desde a Guadalupana. Quanto queria que fosse Ela mesma quem lhes levasse até o mais profundo de suas almas de pastores e, por meio dos senhores, a cada uma de suas Igrejas particulares presentes neste vasto México, tudo o que flui, intensamente, do coração do Papa].

(36) *“[...] Jesús es el Pan de Vida de nuestras familias, Él quiere estar siempre presente alimentándonos con su amor, sosteniéndonos con su fe, ayudándonos a caminar con su esperanza, para que en todas las circunstancias podamos experimentar que Él es el verdadero Pan del cielo.” (DAR-2).*

[Jesus é o Pão da Vida de nossas famílias, Ele quer estar sempre presente alimentando-nos com seu amor, sustentando-nos com sua fé, ajudando-nos a caminhar com sua esperança, para que em todas as circunstâncias possamos experimentar que Ele é o verdadeiro Pão do Céu].

(37) “[...] *Y la Iglesia quiere una sociedad que encuentra su reaseguro cuando valora, admira y custodia también a sus mayores que son los que nos traen la sabiduría de los pueblos [...].*” (DAP-7).

[E a Igreja quer uma sociedade que encontra seu resguardo quando valoriza, admira e protege também aos idosos que são aqueles que nos trazem a sabedoria dos povos].

(38) “[...] *Lo dramático de toda esta situación de exclusión e inequidad, con sus claras consecuencias, me lleva junto a todo el pueblo cristiano y a tantos otros a tomar conciencia también de mi grave responsabilidad al respecto, por lo cual alzo mi voz, junto a la de todos aquellos que anhelan soluciones urgentes y efectivas.*” (DAP-3).

[O mais dramático de toda esta situação de exclusão e iniquidade, com suas claras consequências, leva-me junto a todos os cristãos e a tantos outros a tomar consciência também da minha grave responsabilidade a respeito, pela qual alço minha voz, junto à voz de todos aqueles que desejam soluções urgentes e efetivas].

Em (35), temos uma fonte volitiva do tipo *Enunciador*, pois temos o falante (Papa Francisco) como sendo a fonte da volição instaurada em relação ao Ouvinte 2 ao expressar-lhes um desejo seu de que a Virgem de Guadalupe os levasse em seu “colo maternal”.

Em (36), temos uma fonte do tipo *Indivíduo*, em que o Papa Francisco reporta ao Ouvinte 2 o desejo de Jesus Cristo (divindade a qual o Papa Francisco representa) de estar próximo dele, de “alimentá-los” com o seu amor e de ajudá-los em sua missão cristã.

Em (37), temos uma fonte do tipo *Instituição*, onde o Papa Francisco reporta ao Ouvinte 1 o desejo advindo da instituição a qual ele não apenas representa em suas viagens apostólicas, mas é:

“o bispo de Roma e sucessor de S. Pedro, é princípio perpétuo e visível, e fundamento da unidade que liga, entre si, tanto os bispos como a multidão dos fiéis (408). Com efeito, em virtude do seu cargo de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, o Pontífice Romano tem sobre a mesma Igreja um poder pleno, supremo e universal, que pode sempre livremente exercer” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2010, p. 280).

Ao falar em nome da Igreja Católica, o Papa Francisco atenua ainda mais a necessidade volitiva expressa (construção de uma sociedade justa e fraterna para todos) do que se falasse apenas em seu nome (apresentando ao Ouvinte 1 como sendo um desejo pessoal), já que está reportando um desejo que advém de uma instituição reconhecida

socialmente como um “agente moralmente responsável”. Ao reportar um desejo advindo da instituição a qual representa, o Papa queira manifestar ao Ouvinte 1 que não apenas ele (chefe da Igreja Católica), mas toda a Igreja Católica (incluindo os bispos, sacerdotes, religiosos, leigos, etc.) desejam a construção de uma sociedade justa e fraterna para todos.

Em (38), temos uma fonte de tipo *Domínio Comum*, o Papa Francisco aqui reporta a um desejo de âmbito coletivo, referente a um estado-de-coisas desejável por todos no que refere a solucionar o problema da exclusão econômica e social que aflige a sociedade.

Sabendo-se que há uma “fonte volitiva” que instaura a “volição”, também podemos encontrar, na maioria dos casos, um “alvo volitivo” sobre quem recai a “volição”. No que diz respeito aos tipos de alvo volitivo, constatamos uma preferência pelo alvo volitivo de tipo *Domínio Comum*. Vejamos a Tabela 7:

Tabela 7: Tipos de alvo volitivo nos discursos do Papa para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Alvo Volitivo		
	No.	%
Domínio Comum	55	47,0
Enunciador	19	16,2
Coenunciador	18	15,4
Inexistente	14	12,0
Instituição	8	6,8
Indivíduo	3	2,6
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

O fato do alvo volitivo de *Domínio Comum* ter sido o mais recorrente se explica, tendo em mente que, ao discursar para os seus ouvintes, os tipos de fonte volitiva (que na maioria dos casos coincidiu com o próprio Papa Francisco, fonte do tipo *Enunciador*) preferiram instaurar a volição sobre “as pessoas de um modo geral” ou “um grupo de pessoas em particular”, desejando-lhes um evento volitivo favorável (algo bom e agradável)¹⁹⁶ ou esperando que eles concretizem o evento volitivo pela fonte desejado. Em relação aos tipos de alvos volitivos, vejamos (39), (40) e (41):

(39) “[...] Como hizo San Juan Diego, y lo hicieron las sucesivas generaciones de los hijos de la Guadalupana, también el Papa cultivaba desde hace tiempo el deseo de mirarla. Más aún, **quería** yo mismo ser alcanzado por su mirada

¹⁹⁶ Um dado evento volitivo pode ser desfavorável, quando se refere a um “mau desejo”, entendido como “imprecação”.

materna. He reflexionado mucho sobre el misterio de esta mirada y les ruego acojan cuanto brota de mi corazón de Pastor en este momento [...].” (DAR-3).

[Como fez São João Diego, e o fizeram as sucessivas gerações dos filhos da Guadalupana, também o Papa cultivava há algum tempo o desejo de olhá-la. Mais ainda, queria eu mesmo ser alcançado por seu olhar materno. Refleti muito sobre o mistério deste olhar e peço-lhes que acolham quanto brota de meu coração de Pastor nesse momento].

(40) “[...] *Nos mueve a ello la certeza de nuestra fe en Dios, que **quiso hacerse hombre y, viviendo entre nosotros, compartir nuestra suerte.**” (DAP-8)*

[Move-nos a isso a certeza de nossa fé em Deus, que quis fazer-se homem e, vivendo entre nós, experimentar de nossa sorte].

(41) “[...] *voy a tener el honor de dirigirme al Congreso, donde **espero**, como un hermano de este País, **transmitir palabras de aliento a los encargados de dirigir el futuro político de la Nación en fidelidad a sus principios fundacionales.**” (DAP-1).*

[Terei a honra de dirigir-me ao Congresso, onde espero, como um irmão deste País, transmitir palavras de consolo aos encarregados de decidir o futuro político da Nação na fidelidade de seus princípios fundacionais].

Em (39), temos um alvo volitivo de tipo *Enunciador*, em que o Papa Francisco manifesta ao Ouvinte 2 um desejo pessoal que recai sobre ele mesmo (alvo volitivo), haja vista que o Papa Francisco deseja que o “olhar maternal” da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, presente no Santuário Nacional de Guadalupe no México, possa alcançá-lo.

Em (40), temos um alvo volitivo de tipo *Indivíduo*, no qual o Jesus Cristo (Deus) desejou (desideração) “tornar-se humano” para que pudesse estar entre os seres humanos, segundo o Papa Francisco, e experimentar as vicissitudes da “vida terrena”. O Papa Francisco apenas reporta, ao Ouvinte 1, a pretensão de Jesus Cristo em “tornar-se humano”, sendo o próprio Jesus Cristo o alvo daquilo que é desejado.¹⁹⁷ Vemos que o evento volitivo, em (40),

¹⁹⁷ Partimos da definição da própria GDF de que conteúdos proposicionais versam sobre as crenças do indivíduo, sendo o conteúdo preposicional apresentado localizado apenas na mente do falante, estando, pois, relacionado a não-factalidade do evento volitivo; o que justifica a nossa classificação do valor semântico de *desideração*, já que tomamos como um dos traços semânticos para o valor da modalidade volitiva, a *factualidade*. Entretanto, se tomarmos como base a não-factalidade do evento volitivo como parâmetro básico, teríamos, para esse exemplo, um valor semântico de *intenção*, o que explicaria o uso do modalizador *querer*, ainda que no tempo passado, para fazer a marcação da “intencionalidade” do falante ou do participante expresso no predicado.

está associado a crença católica da “encarnação de Jesus Cristo no seio da Virgem Maria”¹⁹⁸, algo que é celebrado pelos católicos e que se renova na profissão de fé católica em cada celebração da Santa Missa.

Em (41), temos um alvo volitivo de tipo *Instituição*, no qual o Papa Francisco deseja que suas palavras possam confortar os representantes do governo americano, que se trata do alvo volitivo (o governo americano sendo representado pelo chefe de estado e as demais autoridades políticas do Estado Americano).

Vejamos os outros casos relacionados ao alvo volitivo, em (42), (43) e (44):

(42) “[...] *Me dispongo a recorrer este hermoso y gran País como misionero y peregrino que **quiere renovar** con ustedes la experiencia de la misericordia como un nuevo horizonte de posibilidad que es inevitablemente portador de justicia y de paz.*” (DAP-5)

[Disponho-me a percorrer este belo e grande País como missionário e peregrino que quer renovar com vocês a experiência da misericórdia como um novo horizonte da possibilidade que é, inevitavelmente, portador de justiça e de paz].

(43) “*La guerra es la negación de todos los derechos y una dramática agresión al ambiente. Si se **quiere** un verdadero desarrollo humano integral para todos, se debe continuar incansablemente con la tarea de evitar la guerra entre las naciones y entre los pueblos [...].*” (DAP-3).

[A guerra é a negação de todos os direitos e uma dramática agressão ao meio ambiente. Se se quer um verdadeiro desenvolvimento humano e integral para todos, deve-se continuar, incansavelmente, com a tarefa de evitar a guerra entre as nações e entre os povos].

(44) “**Es importante**, hoy como en el pasado, que la voz de la fe, que es una voz de fraternidad y de amor, que busca sacar lo mejor de cada persona y de cada sociedad, pueda seguir siendo escuchada [...]” (DAP-2)

[É preferível, hoje como no passado, que a voz da fé, que é uma voz de fraternidade e de amor, que buscar retirar o melhor de cada pessoa e de cada sociedade, possa seguir sendo escutada].

Em (42), temos um alvo volitivo de tipo *Coenunciador*, em que o Papa Francisco instaura a volição sobre o Ouvinte 1, com quem fala diretamente, o que pode ser comprovado

¹⁹⁸ Catecismo da Igreja Católica (2010, p. 164).

pelo emprego do pronome pessoal *ustedes*, para que juntos possam “viver a experiência da misericórdia, da justiça e da paz” (aquilo que é desejado).

Em (43), temos um alvo volitivo de tipo *Domínio Comum* (reforçado pela construção com a partícula “se”), em que o Papa Francisco expressa uma necessidade volitiva de âmbito coletivo (fonte da atitude volitiva) no que diz respeito ao desejo de “desenvolvimento humano” (estado-de-coisas desejado) sobre o alvo volitivo “todos”.

Em (44), não há a presença de um alvo volitivo, já que a volição expressa faz referência a desejabilidade de um evento “que a voz da fé possa seguir sendo escutada”. Dessa forma, temos um alvo volitivo de tipo *Inexistente*.

Ressaltamos que os valores semânticos da modalidade volitiva instaurados pela fonte volitiva sobre o alvo volitivo são reflexos das escolhas linguísticas feitas pelo falante ao modalizar de forma volitiva seu enunciado, fazendo com que o falante faça diferentes tipos de marcação em relação ao tempo e modo verbais (categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático) e utilizando-se de distintas formas de expressão (categoria também relativa ao Nível Morfossintático) ao fazer uso da modalidade volitiva.

5.1.4 As categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático

As categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático foram pautadas em relação:

(i) ao tempo verbal:

a) presente; b) pretérito perfeito simples; c) pretérito perfeito composto; d) pretérito pluscuamperfeito; e) pretérito imperfeito; f) condicional simples; g) condicional composto; h) futuro simples; j) futuro composto.

(ii) ao modo verbal:

a) indicativo; b) subjuntivo; c) imperativo.

(iii) às formas de expressão:

a) verbos modais; b) verbos de significação plena; c) adjetivo em posição predicativa; d) substantivo; e) construções volitivas.

No que diz respeito à marcação do tempo verbal, obtivemos uma preferência pelo uso do presente. Vejamos a Tabela 8:

Tabela 8: Tempo verbal dos modalizadores volitivos nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Tempo Verbal		
	No.	%
Presente	95	81,2
Não se aplica	14	12,0
Pretérito Imperfeito	4	3,4
Pretérito Perfeito Simples	2	1,7
Pretérito Perfeito Composto	2	1,7
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como podemos visualizar na Tabela 8, o tempo *presente* (tanto do indicativo quanto do subjuntivo) foi o mais utilizado. O presente do indicativo, segundo a GRAE (2010), seria de caráter mais pontual ou assertivo, haja vista que no momento da enunciação, o que é dito pelo falante, ocupa a situação referente no predicado; portanto, os casos de modalidade volitiva marcados pelo emprego de modalizadores volitivos no presente do indicativo, garantiriam ao ouvinte a maior possibilidade de concretização do evento volitivo (estando mais relacionado à instauração do valor semântico de *intenção*). Para os casos em que foi utilizado o presente do subjuntivo para a instauração da modalidade volitiva, o falante teria um menor grau de certeza em relação à possibilidade de concretização do evento volitivo, já que o presente do subjuntivo, segundo Grande Alija (2016), seria de caráter menos assertivo e, portanto, mais hipotético, atenuando a deseabilidade expressa ao ouvinte (o que teria alguma relação com o valor semântico de *opção*). Em relação ao tempo verbal, vejamos (45) e (46):

(45) “[...] *Cuando tú empiezas a vivir la familia como un problema, te estancas, no caminas, porque estás muy centrado en ti mismo. Se discute hoy mucho sobre el futuro, sobre qué mundo queremos dejarle a nuestros hijos, qué sociedad queremos para ellos. Creo que una de las posibles respuestas se encuentra en mirarlos a ustedes. Una familia que habló a cada uno de ustedes. Dejemos un mundo con familias, es la mejor herencia, dejemos un mundo con familias.*” (DAR-2).

[Quando você começa a viver em família como se fosse um problema, você fica parado, não caminha, porque você está centrado em você mesmo. Discute-se muito sobre o futuro, sobre que mundo nós queremos deixar para os nossos filhos, que sociedade queremos para eles. Acredito que uma das possíveis respostas se encontram em olhar-se para vocês mesmos. Uma família que falou

a cada um de vocês. Deixemos um mundo com famílias, é a melhor herança, deixemos um mundo com famílias].

(46) “*Se están haciendo muchos esfuerzos para que Paraguay progrese por la senda del crecimiento económico. Se han dado pasos importantes en el campo de la educación y la sanidad. Que no cese el esfuerzo de todos los actores sociales.*”
(DAP-8)

[Muitos esforços estão sendo feitos para que Paraguai progrese pelo caminho do crescimento econômico. Passos importantes têm sido dados no caminho da educação e da saúde. Que não se cesse o esforço de todos os atores sociais].

Em (45), temos que o modalizador volitivo *querer* foi empregado pelo Papa Francisco no presente do indicativo (por meio de uma pergunta retórica indireta) para indicar um tipo de desejo de âmbito coletivo (o que incluiria também o Papa Francisco, pois ele emprega o modal *querer* na primeira pessoa do plural, *queremos*) em relação ao tipo de “sociedade desejável” que se pretende deixar para as futuras gerações. Segundo a Gramática de Real Academia Espanhola (2010), o emprego do presente do indicativo pelo falante (Papa Francisco), como em (45), pode ser explicado, pois esse tempo verbal é usado, não apenas para expressar a coincidência do estado-de-coisas que é designado no momento do evento de fala, mas porque esse tempo verbal pode também fazer alusão a estados-de-coisas futuros, posteriores ao momento da enunciação, especialmente, quando estiver relacionado a estados-de-coisas previstos ou planejados; sendo definido pela Gramática da Real Academia Espanhola (2010, p. 437) como *presente prospectivo* (presente prospectivo) ou *presente pro futuro* (presente para o futuro).

Em (46), temos que o Sumo Pontífice expressa a desejabilidade de que “os trabalhos sociais nas áreas da educação e saúde sigam sendo realizados” (evento volitivo). Para isso, o Papa Francisco emprega a construção volitiva *que+subjuntivo* (nesse caso, o presente do subjuntivo). Segundo Grande Alija (2016), o subjuntivo trata-se do modo verbal em que lhe falta a “plenitude sintática e semântica”, pois se refere aos casos de “não asserção”, de informação já conhecida ou da incapacidade para manifestar um compromisso pleno. O subjuntivo é empregado, geralmente, em contextos de subordinação ou é empregado condicionado pela presença de outro elemento, geralmente, elementos linguísticos para a

expressão de desejo, como *que* ou *ojalá*¹⁹⁹ (oxalá), mostrando certa resistência em aparecer como elemento independente. Em (46), o emprego do presente do subjuntivo, com base na Gramática da Real Academia Espanhola (2010), justifica-se por se referir a desejabilidade de um evento do qual o falante não teria controle [- controle], mas que seria possível de concretizar-se [+ diretivo], haja vista que “os trabalhos nas áreas de educação e saúde poderiam continuar sendo realizados ou intensificados por parte das autoridades políticas e dos órgãos competentes”.

Os modalizadores volitivos não foram apenas empregados no presente pelo Papa Francisco, pudemos constatar também casos de emprego nos pretéritos do indicativo. Vejamos:

(47) “[...] **Me he animado** a esbozar algunas de las riquezas de su patrimonio cultural, del alma de su pueblo [...]” (DAP-2).

[Pretendia esboçar algumas das riquezas de seu patrimônio cultural, da alma de seu povo].

(48) “[...] *cuando genera una cultura que permita a sus hombres «soñar» con plenitud de derechos para sus hermanos y hermanas, como **intentó** hacer Martin Luther King [...].*” (DAP-2).

[Quando se promove uma cultura que permita aos seus homens sonhar com plenitude de direitos para seus irmãos e irmãs como pretendeu fazer Martin Luther King].

(49) “[...] *Más aún, **quería** yo mismo ser alcanzado por su mirada materna.*” (DAR-3).

[Mais ainda, queria eu mesmo ser alcançado por seu olhar maternal].

Em (47), notamos que o Papa Francisco utilizou o modalizador volitivo *animar* (no sentido de “pretender”, “intencionar”) em sua forma plena no pretérito perfeito composto. Como mencionado anteriormente, o pretérito perfeito composto, também conhecido como *antepresente* (BELLO, 1995), é definido pela Gramática da Real Academia Espanhola (2010), como um tempo verbal que expressa anterioridade da situação denotada com respeito a um ponto de referência situado a um momento no presente, o que facilita que a sua caracterização como tempo relativo; fazendo com que a situação pretérita mencionada seja pontual ou durativa. Em outras palavras, o emprego do modalizador *animar* pelo Papa Francisco, em

¹⁹⁹ Segundo a Gramática da Real Academia Espanhola (2010), a expressão *ojalá* advém do árabe e é empregada para expressar a desejabilidade de algo, sendo, necessariamente, acompanhada de algum verbo no subjuntivo (*ojalá+subjuntivo*).

(47), no pretérito perfeito composto, para a Gramática da Real Academia Espanhola (2010), pode ser explicado pelo efeito de sentido que o emprego desse tempo verbal traz à modalização volitiva, fazendo com que a volição (intenção) situada no passado, *He animado*, se prolongue até o momento da enunciação, corroborando que o estado-de-coisas apresentado seja avaliado a partir do momento em que o Papa expressa a volição (intenção) em seu discurso “pretensão de relatar a respeito do patrimônio cultural do povo mexicano”. Ainda em relação ao modalizador *animar*, para Sedano (2006), como verbo pleno, funcionaria como um “verbo de influência” (influindo sobre a conduta dos demais ou sobre situações) ou um “verbo psicológico” (fazendo referência a estados de ânimo e/ou emoções por parte do falante). Para Schulze (2016), quando o verbo animar vem acompanhado da preposição *a* (*animar a*), refere-se a um indicativo de “verbo voluntativo” (volição), sinalizando alguma “intenção” de performatização de algum evento volitivo, como em (47).

Em (48), o Papa Francisco reporta a intenção do participante expresso no predicado (Martin Luther King) de construir uma cultura que permitisse que os homens e mulheres tivessem seu direito resguardado.²⁰⁰ O emprego do modalizador volitivo *intentar* no pretérito perfeito simples pelo Papa Francisco se justifica, pois, segundo a Gramática da Real Academia Espanhola (2010), esse tempo verbal está relacionado com a localização de uma situação em um ponto da linha temporal anterior ao evento de fala. Em (48), temos que o Papa Francisco reporta a intenção advinda de um terceiro-reportado, de tipo *Indivíduo*, situado em momento da história americana em que alguns líderes políticos ou religiosos lutavam pelos direitos iguais de toda a população americana; referindo-se, pois, a intenção do participante expresso no predicado por meio do pretérito perfeito simples.

Em (49), o Papa Francisco empregou o modalizador *querer* em sua forma plena no pretérito imperfeito para fazer menção a um desejo seu de ser “alcançado pelo olhar materno” da Mãe de Jesus Cristo (aqui representada sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe). Ao empregar o modalizador no pretérito imperfeito, o Papa Francisco pretende apresentar ao Ouvinte 2 (bispos e sacerdotes católicos) um desejo não apenas restrito ao momento do evento de fala, mas enfocá-lo em um estado-de-coisas sem aludir a um começo ou a um fim, ou seja, aquilo que é desejado (ser alcançado pelo olhar materno da Mãe de Jesus Cristo) não está restrito nem ao momento passado e nem ao momento presente, mas se refere a um “desejo em curso” (o Papa Francisco diz ao Ouvinte 2 que “desejou e deseja e

²⁰⁰ Nesse caso, entendemos o emprego do verbo “intentar” como “pretender” ou “intencionar” (o que seria uma marca de intenção) dadas às características do contexto em que o Papa Francisco discursou para a sociedade americana em sua viagem apostólica realizada aos Estados Unidos.

continuará desejando” que a Mãe de Jesus Cristo alcance-lhe com seu “olhar maternal”), conforme explicado na Gramática da Real Academia Espanhola (2010). Em outras palavras, não tem relação com localização no tempo, poderia, portanto, ter interpretação modal.

Ainda em relação ao emprego dos modalizadores volitivos no pretérito, este não esteve apenas restrito ao modo indicativo. Temos também alguns casos em que o Papa Francisco preferiu empregar os modais no pretérito do subjuntivo. Vejamos:

(50) “[...] *A su vez, **quisiera** que mi saludo llegase especialmente a todas aquellas personas que, por diversos motivos, no podré encontrar y a todos los cubanos dispersos por el mundo. Como usted señor Presidente señaló, este año 2015 se celebra el 80 aniversario del establecimiento de relaciones diplomáticas ininterrumpidas entre la República de Cuba y la Santa Sede.*” (DAP-4).

[Por sua vez, desejaria que minha saudação chegasse especialmente a todas aquelas pessoas que, por diversos motivos, não poderei encontrar e a todos os cubanos dispersos pelo mundo. Como o senhor, Senhor Presidente, destacou, este ano de 2015 se celebra o 80 aniversário do estabelecimento das relações diplomáticas ininterruptas entre a República de Cuba e a Santa Sé].

(51) “[...] *Cuánto **quisiera** que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores y, por medio de ustedes, a cada una de sus Iglesias particulares presentes en este vasto México [...]*” (DAR-3)

[Quanto desejaria que fosse Ela mesma quem lhes levasse até o mais fundo de suas almas de Pastores e, por meio de vocês, a cada uma de suas Igrejas particulares presentes neste vasto México].

Em (50) e (51), vemos que o Papa Francisco empregou o modal *querer* em sua forma plena para expressar seus desejos, aqui representados, respectivamente, pelo povo cubano disperso pelo mundo e pela desejabilidade de que a Mãe de Jesus, representada pelo título católico de Nossa Senhora de Guadalupe proteja aos bispos e sacerdotes mexicanos, conduzindo-os em sua missão pastoral perante o povo. Em relação ao emprego do modalizador *querer* no subjuntivo, Carbolová (2007) esclarece que o subjuntivo em espanhol se emprega para expressar incerteza, possibilidade ou subjetividade, sendo que as ações verbais podem ser apresentadas como “reais”, “irreais”, “possíveis”, “prováveis”, “incertas”, “necessárias”, “duvidosas”, “lamentáveis”, e, especialmente, “desejáveis”, principalmente, quando se deseja ou se tem esperança da realização de um dado estado-de-coisas.

Ressaltamos que o modo subjuntivo está relacionado ao aspecto *irrealis* e, por isso, há uma maior atitude de incerteza em relação ao que é desejado. Segundo Hengeveld (1998), o emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo garantiria a pressuposição do domínio *não-factual* (o que explicaria o valor semântico de *desejção* em nossa análise), levando-nos a pressupor que o evento volitivo poderia ser *irreal* (do ponto de vista factual) ou que o conteúdo proposicional seria falso.

Em relação ao emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo, Carbolová (2007) chama a atenção para o fato de este tempo verbal estar, particularmente, relacionado com a expressão de possibilidades e a manifestação de desejos, principalmente, quando o que se deseja parece ser “irrealizável” ou “pouco provável”, mas se deseja que aconteça; como em (50), em que o Papa Francisco deseja que sua saudação de boas vindas ao povo cubano (em sua viagem apostólica a Cuba) chegasse a todos os cubanos, não apenas os cubanos ali presentes no momento do discurso papal, mas também os cubanos dispersos pelo mundo; o que parece ser “pouco provável”, haja vista que nem todos os cubanos do mundo (salvo os que estiveram ali fisicamente) puderam acompanhar o seu discurso pela televisão ou outro meio de comunicação, o que justificaria o emprego do modal *querer* no pretérito imperfeito do subjuntivo. Segundo Carbolová (2007), o emprego do verbo *querer* no pretérito imperfeito do subjuntivo, além de marcar a desejabilidade de algo em sua forma plena, pode estar relacionado também a uma marca de polidez e cortesia, principalmente, quando empregado em forma perifrástica, *querer+infinitivo*, como nesses exemplos apontados por Carbolová (2007, p. 16): *Quisesse/queria falar com seu chefe*²⁰¹ ou *Quisesse/queria lhe perguntar algo importante*.²⁰²

Em relação ao futuro, ainda que não tenhamos encontrado ocorrências de modalizadores volitivos conjugados em tempos verbais no futuro, salientamos que há uma estreita relação entre a volição e a futuridade, em especial, quando esta apresenta o valor semântico de *intenção*.²⁰³ Segundo Martín (2008), a volição²⁰⁴ quando expressa algum tipo de estado-de-coisas com valor de futuridade está, especialmente, relacionada com enunciados que favorecem uma leitura de tipo *intencional*, ou seja, para que a volição (desejo) expresse

²⁰¹ Tradução nossa. O original diz: “Quisiera hablar con su jefe” (CARBOLOVÁ, 2007, p. 16).

²⁰² Tradução nossa. O original diz: “Quisiera preguntarle por algo importante” (CARBOLOVÁ, 2007, p. 16).

²⁰³ Ratificamos que a volição é presente, o estado-de-coisas (o objeto da volição) é que é futuro.

²⁰⁴ Martín (2008) cita como exemplo de volição projetando um estado-de-coisas futuro pelo emprego da perífrase *ir+a+infinitivo* na primeira pessoa do singular e que, semanticamente, o enunciado indique intencionalidade. Topor (2011) também faz menção às intenções do falante em relação ao uso da perífrase *ir+a+infinitivo*. Vale ressaltar que para Martín (2008) e Topor (2011), a perífrase *ir+a+infinitivo* terá o valor semântico de tipo *intencional* com base nos aspectos pragmáticos e nos contextuais do evento de fala.

futuridade é preciso que o falante ou o participante contido no predicado seja um ser animado, capaz de volição e que seja um estado-de-coisas controlado. Martín (2008) acrescenta que o valor semântico de *intención* faz referência à existência de um “plano prévio” ou da disposição do falante ou do participante expresso no predicado em realizar aquilo que é desejado.

De acordo com Martín (2008), alguns modalizadores podem manifestar o valor semântico de *intención* quando são empregados em predicados que denotam volição, sendo geralmente, utilizados na primeira pessoa do singular, mas podendo ser empregados na terceira pessoa do singular, quando o falante (enunciador) reporta a *intencionalidade* de terceiros. Martín (2008) apresenta, como verbos volitivos que indicam “intención” com projeção de futuridade, os verbos *querer*, *desear*, *necesitar* e *pretender*. Como exemplo, Martín (2008, p. 305) cita os seguintes casos: *A empresa quer que o pacote chegue intacto*²⁰⁵ ou *Quero que você vá trabalhar como garçom*.²⁰⁶

Vejamos outros casos retirados do nosso *corpus*:

(52) “[...] *Permítanme tan sólo, con la libertad del amor, que les hable como un hermano entre hermanos. No pretendo decirles lo que hay que hacer, porque todos sabemos lo que el Señor nos pide.*” (DAR-1)

[Permitam-me apenas, com a liberdade do amor, que lhes fale como um irmão entre irmãos. Não pretendo dizer-lhes o que é preciso fazer, porque todos nós sabemos o que o Senhor nos pede].

(53) “[...] *Solidaridad de hermanos para defender la fe y además que esa fe solidaria sea mensaje para toda la ciudad. Quiero rezar por su familia y rezar a la Sagrada Familia para que su modelo y su testimonio siga siendo luz en el camino, estímulo en los momentos difíciles y que nos dé la gracia de un regalo que lo pedimos juntos todos.*” (DAR-5).

[Solidariedade de irmãos para defender a fé e, ainda mais, que essa fé seja mensagem para toda a cidade. Quero rezar por sua família e rezar para a Sagrada Família para que seu modelo e que seu testemunho siga sendo luz no caminho, estímulo nos momentos difíceis e que nos dê a graça de um presente que o pedimos todos juntos].

Em (52) e (53), temos que a volição instaurada pelo Papa Francisco apresenta o valor semântico de *intención* e um evento volitivo de projeção futura (com a volição no

²⁰⁵ Tradução nossa. O original diz: “La empresa quiere que el paquete vaya a llegar intacto” (MARTIN, 2008, p. 305)

²⁰⁶ Tradução nossa. O original diz: “Quiero que vaya a trabajar de camarero” (MARTIN, 2008, p. 305).

presente), além de ser mais controlado [+ controle] pelo falante (Papa Francisco), já que a performatividade do evento volitivo em si depende, exclusivamente, do falante. A modalização volitiva expressa poderia ser parafraseada, respectivamente, da seguinte forma: *No les diré lo que hay que hacer e Rezaré por su familia*. O aspecto de futuridade presente nas modalizações volitivas se explica, pois, de acordo com Zieliński (2009), o futuro desempenha um valor importantíssimo na expressão linguística porque alude a ações ou desejos vindouros, ligando-se, facilmente, a noções de volição (modalidade volitiva) ou de obrigação (modalidade deôntica). Rojo (1974) acrescenta que o desenvolvimento dos significados de “volição” e “obrigação” rumo à expressão de futuro é facilmente explicável, pois a projeção de futuridade não é outra a não ser a continuação lógica da determinação expressa pelo falante. Rojo (1974) pontua que a “volição” e a “obrigação” podem direcionar-se, precisamente, para o futuro por meio de algumas perífrases verbais ou verbos léxicos, tais como *tener+que+infinitivo/deber+infinitivo* (futuridade advinda de uma obrigação manifestada pelo falante) e *querer+infinitivo*²⁰⁷/*haber+de+infinitivo* (futuridade advinda de uma intenção expressa pelo falante). Para Rojo (1974, p. 86), o “significado de futuridade deriva do significado de obrigação, de intenção, firme propósito e determinação”.²⁰⁸

Em relação ao emprego do modal *querer* expressando futuridade para a modalidade volitiva, Zieliński (2009) explica que isso provém da origem do verbo *querer* na língua espanhola, pois como o espanhol é uma “língua filha” do latim, o verbo *querer* veio de uma evolução do verbo latino *quaerere*, que significava em latim vulgar “procurar ou buscar”, e começou a substituir o verbo do latim clássico *velle* (desejar) em todas as construções em que este era empregado. Dessa forma, temos que a construção espanhola *querer+infinitivo* descende, logicamente, da construção *quaerere+infinitivo* que adveio da construção latina clássica *velle+infinitivo*, que era empregada pelo falante para expressar, semanticamente, algum tipo de “mandado”, “proibição” ou “petição”. Segundo Zieliński (2009), o emprego da construção latina *velle+infinitivo*, que depois evoluiu para o espanhol como *quaerere+infinitivo*, trouxe também consigo o significado de vontade (volição) do qual se desprende claramente o valor de intenção e do qual também advém à expressão de futuridade, explicada pela metonímia *voluntad por posterioridad* (vontade por posterioridade).

²⁰⁷ Segundo Topor (2011), ainda que o verbo *querer* se apresente em forma perifrástica, ele não se comporta como uma perífrase de fato, mas como um verbo léxico.

²⁰⁸ Tradução nossa. O original diz: “El significado de futuridad deriva del significado de obligación, de intención, firme propósito y determinación (ROJO, 1974, p. 86).”

Em resumo, temos que a volição pode ser instaurada pelo falante empregando tanto o modo indicativo quanto o modo subjuntivo, podendo expressar algum desejo ou vontade com relação ao momento presente ou passado, podendo também, semanticamente, expressar algum tipo de projeção futura. Sabendo-se que a marcação de tempo e modo verbal tem relação com as formas de expressão na qual os modalizadores volitivos são empregados pelo falante, é salutar que discorramos a respeito disso.

Atrrelado ao tempo verbal, temos também o modo verbal para fazer a marcação da modalidade volitiva, nos discursos do Papa Francisco, mostrou-se mais recorrente o emprego do indicativo, seguido pelo uso do subjuntivo. Vejamos a Tabela 9:

Tabela 9: Modo verbal dos modalizadores volitivos nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Modo Verbal		
	No.	%
Indicativo	59	50,4
Subjuntivo	44	37,6
Não se aplica	14	12,0
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor.

Como vemos na Tabela 9, o modo *indicativo* foi o mais utilizado pelo Papa Francisco para fazer a instauração da modalidade volitiva, geralmente, para os casos em que o Sumo Pontífice apresentou os eventos volitivos como menos *irrealis*, já que a volição estava relacionada com a “futuridade” e, portanto, “proximidade de potencialização da volição”; enquanto com o subjuntivo, os eventos volitivos apresentaram-se mais *irrealis*, haja vista que a volição expressa estava mais relacionada “com a possibilidade de potencialização do evento volitivo”. Segundo Palmer (1986), o conceito de *realis* está relacionado a situações entendidas pelo falante com reais, ocorridas ou que estejam acontecendo realmente; enquanto o conceito de *irrealis* estaria relacionado a eventos que pertenceriam ao campo do pensamento, daquilo que é conhecido ou imaginado pelo falante (o que teria mais relação com a modalidade volitiva).

Para a modalidade volitiva, podemos inferir que o modo indicativo, utilizado nas modalizações volitivas, estaria um pouco mais próximo do aspecto *realis*, ou seja, diria respeito ao *desejar-fazendo*, já que o falante teria controle [+ controle] sobre o evento volitivo e, por isso, ao desejar, estaria na iminência de “potencializar o evento volitivo” (o que poderia estar mais atrrelado ao valor semântico de *intenção*). O modo subjuntivo estaria mais

relacionado ao aspecto *irrealis* e versaria a respeito de dois tipos: (i) *desejar-esperando*, no qual o falante não teria controle [- controle] sobre o evento volitivo, já que dependeria de algo externo a ele (o que poderia estar mais relacionado ao valor semântico de *opção*); e (ii) *desejar-querendo*, no qual o falante também não teria controle [- controle], haja vista que o evento volitivo poderia ser apenas localizado na sua mente ou fruto da sua imaginação e/ou crenças (o que poderia ter mais ligação como o valor semântico de *desideração*). Em relação ao modo verbal, vejamos (54) e (55):

(54) “[...] **Quiero rezar** por su familia y rezar a la Sagrada Familia para que su modelo y su testimonio siga siendo luz en el camino, estímulo en los momentos difíciles y que nos dé la gracia de un regalo que lo pedimos juntos todos... rezemos juntos una oración a nuestro Padre que nos hace hermanos, nos mandó a nuestro Hermano Mayor, su Hijo Jesús, y nos dio una Madre que nos acompañara [Padrenuestro]” (DAR-5)

[Quero rezar por sua família e rezar para a Sagrada Família para que seu modelo e testemunho siga sendo luz no caminho, estímulo nos momentos difíceis e que nos dê a graça de um presente que o pedimos todos juntos...rezemos juntos uma oração a nosso Pai que nos faz irmãos, mandou-nos o nosso irmão maior, seu Filho Jesus, e nos deu uma Mãe que nos acompanhasse].

(55) “**Quisiera** ahora que mis palabras fueran especialmente como una continuación de las palabras finales del discurso de Pablo VI [...]” (DAP-3).

[Queria agora que as minhas palavras fosse, especialmente, como uma continuação das palavras finais do discurso de Paulo VI].

Em (54), o Papa Francisco expressa ao Ouvinte 2 (o que fica evidenciado pelo emprego do modalizador *querer* no primeira pessoa do singular) a desejabilidade de “rezar pelas famílias”, direcionando suas orações a “Sagrada Família” (título católico dado a Família de Nazaré, Jesus, Maria e José), apresentando, pois, a volição, o valor semântico de *intenção*. Dessa forma, o Papa Francisco indicaria ao Ouvinte 2 a sua “disposição” em “potencializar o evento volitivo”. Tal certeza de potencialização do evento volitivo pode ser constatada, pois, logo que “manifestou a intenção de rezar pelas famílias”, o próprio Papa Francisco convoca a todos ali presentes a juntos rezarem a oração do Pai-Nosso, direcionado-a a Jesus Cristo e Maria (membros da Sagrada Família); o que seria um indicativo de que, ao desejar “rezar pelas famílias”, faze-o em seguida (potencializando o evento volitivo). Segundo Alarcos

Llorach (2000), o modo indicativo é o de maior amplitude em língua espanhola, designando a “não ficção” do que é indicado pela raiz léxica do verbo, pois faz referência a tudo aquilo que o falante estima como real, cuja realidade não é questionável.

Em (55), temos que o Papa Francisco preferiu empregar o modalizador volitivo *querer* no modo *subjuntivo*, ao expressar para o Ouvinte 2 um desejo seu de que “as palavras pronunciadas em seu discurso tivessem os mesmos efeitos das palavras proferidas por seu antecessor, o Papa Paulo VI”. Para Bello (1995), o emprego do subjuntivo se explica pelo fato deste modo verbal estar relacionado aos enunciados que expressem “desejo” ou “vontade” em relação a um estado-de-coisas positivo (desejável) ou negativo (indesejável). Segundo Bello (1995), o emprego do subjuntivo, geralmente, está relacionado às ilocuições de tipo *optativa* para significar o desejo de um ato positivo ou negativo, sendo, sintaticamente, empregadas por meio de construções volitivas (expressão desejo), tais como *que+subjuntivo*, como podemos verificar no caso (56):

(56) “*Agradezco de corazón al Cardenal Wuerl y al Arzobispo Kurtz las amables palabras que me han dirigido en nombre de todos... Que ningún miembro del Cuerpo de Cristo y de la nación americana se sienta excluido del abrazo del Papa. Que, donde se pronuncie el nombre de Jesús, resuene también la voz del Papa para confirmar: «¡Es el Salvador!».*” (DAR-1)

[Agradeço de coração ao Cardeal Wuerl e ao Arcebispo Kurtz as amáveis palavras que me disseram em nome de todos...Que nenhum membro do Corpo de Cristo e da nação americana se sinta excluído do abraço do Papa. Que onde se pronuncie o nome de Jesus, resoe também a voz do Papa para confirmar: «É o Salvador!»].

Em (56), o Papa Francisco manifesta seus desejos particulares de que “ninguém se sinta excluído de seu abraço” e que “onde se pronuncie o nome de Jesus, o nome do Sumo Pontífice seja lembrado” (eventos volitivos), empregando a construção volitiva *que+subjuntivo*. Sabendo-se que o Papa Francisco não teria controle sobre o evento volitivo manifestado, pois são de caráter subjetivo, resta-lhe apenas “esperar” que a desejabilidade expressa se performatize. O exemplo de Bello (1995, p. 155) também pode ilustrar isso: *Roguei a Deus, que você não tivesse se deixado levar por conselhos tão perniciosos.*²⁰⁹

²⁰⁹ Tradução nossa. O original diz: “Pluguiese a Dios, que no te hubieras dejado llevar de tan perniciosos consejos” (BELLO, 1995, p. 155).

Ressaltamos que o emprego do modo indicativo ou do modo subjuntivo para a instauração da modalidade volitiva faz com que o evento volitivo esteja mais próximo do aspecto *realis* ou *irrealis*, respectivamente, na instauração do valor semântico da volição. Vejamos (57) e (58):

(57) “**No quiero terminar sin hacer mención a la Eucaristía... La Eucaristía es la cena de la familia de Jesús, que a lo largo y ancho de la tierra se reúne para escuchar su Palabra y alimentarse con su Cuerpo. Jesús es el Pan de Vida de nuestras familias [...]**” (DAR-2)

[Não quero terminar sem fazer menção a Eucaristia...A Eucaristia é uma ceia da família de Jesus, que dos quatro cantos da Terra se reúne para escutar sua palavra e alimentar-se com seu corpo. Jesus e o Pão da Vida de nossas famílias].

(58) “**Que las miradas de ustedes, reposadas siempre y solamente en Cristo, sean capaces de contribuir a la unidad de su Pueblo; de favorecer la reconciliación de sus diferencias y la integración de sus diversidades [...]**” (DAR-3)

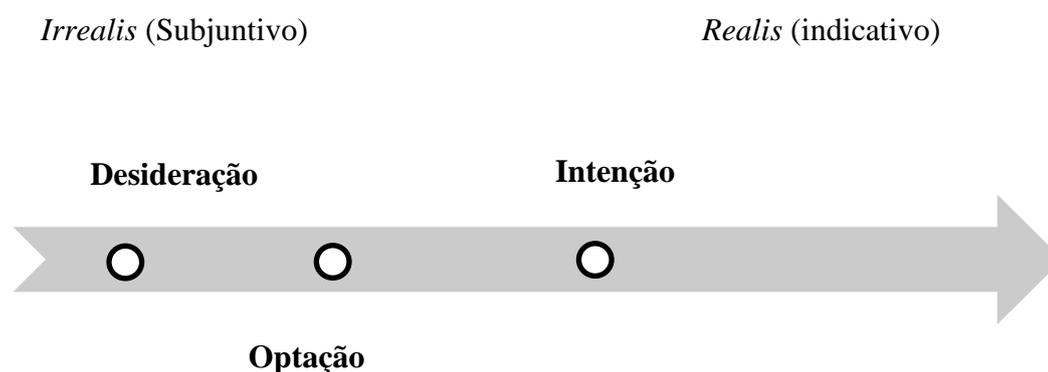
[Que os olhares de vocês, repousados sempre e somente em Cristo, sejam capazes de contribuir a unidade de seu povo; de favorecer a reconciliação de suas diferenças e a integração de suas diversidades].

Em (57), temos que o Papa Francisco expressa ao Ouvinte 2 a pretensão de finalizar o seu discurso falando a respeito da “Eucaristia”,²¹⁰ para isso emprega o modalizador volitivo *querer* em forma perifrástica no presente do indicativo, o que indicaria ao Ouvinte 2 uma asserção a respeito do que lhe parece desejável naquele momento em que discursava, isto é, há uma “disposição” do Papa Francisco em concretizar o evento volitivo, que versa “falar a respeito da Eucaristia”. Essa “disposição” tem estreita relação com aquilo que o modalizador toma como escopo, geralmente, algum verbo que indique performatividade, como “terminar”, por exemplo, mostrando, pois, o evento volitivo como mais próximo do aspecto *realis*. Em (58), vemos que o Santo Padre expressa ao Ouvinte 2 o desejo de que “os bispos e sacerdotes possam refletir a ‘imagem de Cristo’ e assim contribuir com a unidade da Igreja”. Para isso, o Sumo Pontífice emprega a construção volitiva *que+subjuntivo*, com valor semântico de *opção*. Por tratar-se de algo subjetivo (presente ainda no plano do pensamento) e de algo externo ao falante (Papa Francisco), faz com que haja uma atenuação da “desejabilidade

²¹⁰ Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010), a “Eucaristia” trata-se do “Corpo e Sangue” de Jesus Cristo, que “se faz presente na hóstia consagrada” durante a celebração da Missa (dogma da Transubstanciação).

expressa”, aproximando ainda mais a modalização volitiva expressa do aspecto *irrealis*. A Figura 7 sintetiza o aspecto *realis* e *irrealis* do emprego dos modos indicativo e subjuntivo em relação ao valor semântico:

Figura 7: Aspecto *realis* e *irrealis* em relação valor semântico dos modalizadores volitivos nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola



Fonte: Elaborado pelo autor

No Nível Morfossintático, além da marcação do tempo e modo, a forma de expressão do modalizador volitivo também influencia na forma como o Papa Francisco instaura a volição (como veremos mais adiante, na seção 5.2, com base no teste do *Qui-quadrado*). Dentre as formas de expressão pautadas para a expressão da modalidade volitiva, constatamos, em nosso *corpus*, que houve uma preferência pelo uso de *construção volitiva*, seguida de *verbo pleno* e *auxiliar modal*. Vejamos a Tabela 10:

Tabela 10: Formas de expressão da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Forma de Expressão		
	No.	%
Construção volitiva	40	34,2
Verbo pleno	34	29,1
Auxiliar modal	29	24,8
Substantivo	9	7,7
Adjetivo em posição predicativa	5	4,3
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

O emprego de construções volitivas era esperado, pois, segundo Jímenez (1999), as construções volitivas acompanhadas pelo modo subjuntivo recubririam a ideia de virtualidade ou eventualidade do evento volitivo expressado. O uso do modo subjuntivo, responde ao desejo que subjace como uma derivação da noção de intencionalidade, ou seja, o subjuntivo mostraria seu valor volitivo por meio das construções volitivas. Essas construções se caracterizam quanto ao seu conteúdo e por sua capacidade para expressar volição e, estruturalmente, o verbo, que as acompanha, adota as formas do subjuntivo, sendo acompanhadas pela conjunção “que”.

No que concerne o emprego das formas de expressão da modalidade volitiva, vejamos (59) e (60):

(59) “[...] *Acuérdense, cuando una fe no es solidaria, o es débil o está enferma o está muerta, ¡no es la fe de Jesús! Como les decía, el primero en ser solidario fue el Señor, que eligió vivir entre nosotros, que eligió vivir en medio nuestro. Y yo vengo como esos pastores que fueron a Belén. Me **quiero hacer prójimo.***” (DAR-5).

[Lembrem-se, quando uma fé não é solidária, ou é fraca ou está enferma ou está morta, não é a fé de Jesus! Como lhes dizia, o primeiro em ser solidário foi o Senhor, que decidiu viver entre nós, que escolheu viver em nosso meio. E eu venho como esses pastores que foram a Belém. Quero fazer-me próximo].

(60) “[...] **queremos** *seguridad, demos seguridad; queremos vida, demos vida; queremos oportunidades, brindemos oportunidades. El parámetro que usemos para los demás será el parámetro que el tiempo usará con nosotros. La regla de oro nos recuerda la responsabilidad que tenemos de custodiar y defender la vida humana en todas las etapas de su desarrollo.*” (DAP-2).

[Queremos segurança, demos segurança; queremos vida, demos vida; queremos oportunidades, brindemos oportunidades. O parâmetro que usamos para os demais será o parâmetro que o tempo usará para conosco. A regra de ouro nos lembra da responsabilidade que temos de proteger e defender a vida humana em todas as etapas de seu desenvolvimento].

Em (59) e (60), temos que o Papa Francisco preferiu empregar, para a instauração da modalidade volitiva, o modalizador *querer* em forma perifrástica e um verbo pleno respectivamente. Em (59), o Papa Francisco fala de sua intenção (o que fica evidenciado pelo emprego do modalizador volitivo na primeira pessoa do singular, *quiero*) de estar mais

próximo da Sagrada Família, para isso o Papa Francisco faz menção à tradição cristã do nascimento de Jesus Cristo na cidade de Belém e da visita dos pastores à gruta onde se encontrava a Sagrada Família; enquanto, em (60), o Papa Francisco expressa uma desejabilidade de âmbito coletivo ao construir um “enunciador genérico” (o que pode ser deduzido pelo emprego do modalizador na primeira pessoa do plural, *queremos*), a respeito de uma necessidade volitiva em relação à segurança, bem-estar e melhores oportunidades de desenvolvimento humano.

Em (59) e (60), como citado anteriormente, o modalizador *querer* foi empregado em forma perifrástica e como verbo pleno respectivamente. De acordo com Cruz (1995), ao utilizar o verbo volitivo *querer* em sua forma plena, o falante expressa ao ouvinte um desejo mais “rotundo” e “categórico”, principalmente, quanto ele é empregado no presente do indicativo, o que acentua a desejabilidade em relação ao estado-de-coisas expresso no enunciado. Cruz (1995) ressalta que o presente do indicativo implica uma menor transigência na mudança de planos do falante, ou seja, a possibilidade daquilo que é desejado não se trate de algo apenas passageiro, fazendo com que fique explícito ao ouvinte a desejabilidade do estado-de-coisas apresentado. Para Ruano (1996), o verbo *querer* (assim como o verbo volitivo *apetecer*) é um dos verbos mais prototípicos para a expressão da volição, pois seu significado semântico abarca os desejos e vontades do falante em realizar ou que se realize algo, podendo o estado-de-coisas apresentado ser concretizado ou não. Em relação à forma perifrástica do modal *querer*, segundo Tapia (2013), este pode estar relacionado tanto à questão da aspectualidade do verbo em indicar uma ação futura, fazendo que o modal *querer* perca suas propriedades semânticas volitivas (quando o querer não é desejar), como em *Parece que hoje quer nevar*;²¹¹ ou manifestar-se com suas características semânticas volitivas (quando o querer é desejar), como em *Quero comer*.²¹²

Para Topor (2011) e Tapia (2013), a forma perifrástica com o verbo *querer* assim como os demais verbos volitivos, tais como *desejar*, *pretender*, *esperar*, etc., não se tratam de uma perífrase de tipo *strictu sensu*, ou seja, não se comportam, necessariamente, como uma perífrase típica em língua espanhola, comportando-se apenas como verbos léxicos. Por sua vez, para Mandová (2008), em forma perifrástica, o modal *querer* funciona como uma espécie de verbo modal “semiauxiliar” (assim como outros verbos volitivos como *intentar*, *desejar* e *esperar*), no qual o falante expressaria ao ouvinte sua atitude volitiva que estaria direcionada

²¹¹ Tradução nossa. O original diz: “Parece que quiere ponerse a nevar” (TAPIA, 2013, p. 236).

²¹² Tradução nossa. O original diz: “Quiero comer” (TAPIA, 2013, p. 236).

para a forma não conjugada (o verbo principal), indicando uma vontade por parte do falante em realizar o desejo manifestado, como no exemplo: *Quero falar com minha amiga*.²¹³ Entretanto, para Hidalgo (2012), a forma perifrástica *querer+infinitivo* representa um estado de volição, como no exemplo: *João quer cantar uma canção*;²¹⁴ ou podendo ser utilizada pelo falante para usos “prospectivos esporádicos”, que Gómez Torrego (2009) chama de “volitivo debilitado ou mais afastado” (de tipo aspectual) e que Topor (2011) chama de significado “iminencial”, como no exemplo: *O sol quer raiar*²¹⁵ ou *Hoje quer chover*.²¹⁶ Salientamos que, para Rojo (1974, p. 99), para esses casos, o verbo *querer* formaria, de fato, uma perífrase verbal, já que não expressaria o sentido de volição em seu sentido pleno, como nos exemplos: *Parece que quer chover*²¹⁷ (perífrase verbal de futuro imediato ou potencial). Argüello (2000) reforça o fato de que o verbo pleno *querer* pode ser encontrado, sintaticamente, em duas formas: *querer+infinitivo* e *querer+que+verbo*; mas sem que essas formas sejam consideradas como perífrases de fato, estando mais relacionadas em expressar os desejos e vontades do falante como algum tipo de “ordem” ou “mandado” quando se estabelece algum tipo de relação hierárquica entre os falantes,²¹⁸ como nos exemplos: *É... Miriam quer perguntar (.) algo algo (.) a alguém agora?*²¹⁹ e *Quero que leiam o que é anunciado*.²²⁰

Para a GRAE (2010), a construção *querer+infinitivo* assimila, parcialmente, as perífrases verbais, já que não integra todos os aspectos sintáticos das estruturas perifrásticas já gramaticalizadas em espanhol, principalmente, quando apresenta um valor volitivo pleno, como no exemplo: *Ele insistia em ir ao cinema, mas ela não queria*;²²¹ no qual, o emprego do modalizador *querer* não permite o uso de clíticos no espanhol, ficando, pois, agramatical o seu emprego **Él insistia en ir al cine, pero ella no lo quería*²²² (Ele insistia em ir ao cinema, mas ela não o queria). No entanto, o verbo *querer*, em sua forma perifrástica, admite a anteposição do pronome átono, como no exemplo: *Lo quiero intentar*²²³ (Quero tentá-lo). A GRAE (2010) esclarece que algumas características próprias para as perífrases verbais da língua espanhola já gramaticalizadas não são próprias para o verbo *querer* em forma

²¹³ Tradução nossa. O original diz: “Quiero hablar con mi amiga” (MANDOVÁ, 2008, p. 24).

²¹⁴ Tradução nossa. O original diz: “Juan quiere cantar una canción” (HIDALGO, 2012, p. 06).

²¹⁵ Tradução nossa. O original diz: “El sol quiere apuntar” (HIDALGO, 2012, p. 120).

²¹⁶ Tradução nossa. O original diz: “Hoy quiere llover” (TOPOR, 2011, p. 98).

²¹⁷ Tradução nossa. O original diz: “Parece que quiere llover” (ROJO, 1974, p. 99).

²¹⁸ Argüello (2000) cita a relação entre professor e aluno.

²¹⁹ Tradução nossa. O original diz: “Eh ¿Miriam quieres preguntar (.) algo algo (.) a alguien ahora?” (ARGÜELLO, 2000, p. 391).

²²⁰ Tradução nossa. O original diz: “Y quiero que leáis lo que anuncian” (ARGÜELLO, 2000, p. 391).

²²¹ Tradução nossa. O original diz: “Él insistia en ir al cine, pero ella no quería” (GRAE, 2010, p. 534).

²²² Gramática da Real Academia Espanhola (2010, p. 534).

²²³ Gramática da Real Academia Espanhola (2010, p. 534).

perifrástica, como a impossibilidade de passivização com o verbo *ser* com “sujeito de coisa”, **Soluciones que no quisieron ser adoptadas*²²⁴ (Soluções que não quiseram ser adotadas); ou o fato do grupo do infinitivo alternar com subordinadas substantivas do verbo na forma pessoal e com grupos nominais, podendo coordenar com ambas as estruturas, como nos exemplos seguintes: *Quiero [ir a su casa y que ustedes vengan a la mía]*²²⁵ (Quero ir a sua casa e que vocês venham a minha casa) ou *Quiere [trabajar en el hospital y la licencia necesaria para hacerlo]*²²⁶ (Quer trabalhar no hospital e a licença necessária para isso). De acordo com a GRAE (2010), o verbo *querer* só funcionaria como uma perífrase, de fato, nos casos em que se referisse a usos “iminentes”, equivalendo, pois, a perífrase *ir+a+infinitivo*, como no exemplo: *Quer chover*²²⁷ ou *Você quer ficar doente*,²²⁸ que poderia ser parafraseado da seguinte forma, respectivamente, *Vai chover* e *Você vai ficar doente*.

Para esta pesquisa, em relação ao modalizador *querer*, consideramos apenas os casos em que havia de fato modalização volitiva, ou seja, a expressão do valor de volição (quando o “querer é desejar”), desconsiderando os casos de polidez e cortesia e aspectualidade. Para os casos em que o modal *querer* encontrava-se em forma perifrástica, mas com valor volitivo (manifestação de volição), entendemos seu uso como um “verbo léxico”; especificando o termo “em forma perifrástica” apenas para nos referir que se manifestava, estruturalmente, como uma perífrase (*querer+infinitivo*), sem que se comportasse como uma perífrase no sentido *strictu sensu*.

No que diz respeito às formas de expressão não verbais para a expressão da modalidade volitiva, encontramos em nosso *corpus* o emprego de adjetivos em posição predicativa e substantivos, tais como *voluntad* (vontade), *anhelo* (anelo), etc. Vejamos de (61) a (63):

(61) “[...] *Que encuentren siempre en sus labios el reconocimiento de su capacidad de hacer y construir, en la libertad y la justicia, la prosperidad de la que esta tierra es pródiga. Pero que no falte sereno valor de confesar que es necesario buscar no «el alimento que perece, sino el que perdura para la vida eterna» (Jn 6,27)*” (DAR-1).

²²⁴ Gramática da Real Academia Espanhola (2010, p. 534).

²²⁵ Gramática da Real Academia Espanhola (2010, p. 534).

²²⁶ Gramática da Real Academia Espanhola (2010, p. 534).

²²⁷ Tradução nossa. O original diz: “Quiere llover” (GRAE, 2010, p. 534).

²²⁸ Tradução nossa. O original diz: “Te quieres enfermar” (GRAE, 2010, p. 534).

[Que encontrem sempre em seus lábios o reconhecimento de sua capacidade de fazer e de construir, na liberdade e na justiça, a prosperidade de que esta terra é pródiga. Mas que não falte sereno valor para confessar que é necessário buscar não «o alimento que perece, mas aquele que perdura para a vida eterna» (Jn 6,27)].

(62) “[...] *Le aseguro señor Presidente que, en este esfuerzo, el Gobierno mexicano puede contar con la colaboración de la Iglesia Católica, que ha acompañado la vida de esta Nación y que renueva su compromiso y **voluntad** de servicio a la gran causa del hombre: la edificación de la civilización del amor.*” (DAP-5).

[Asseguro-lhe senhor Presidente que, neste esforço, o Governo mexicano pode contar com a colaboração da Igreja Católica, que tem acompanhado a vida desta Nação e que renova o seu compromisso e vontade de serviço a grande causa do homem: a edificação da civilização do amor].

(63) “[...] *en este continente, las miles de personas que se ven obligadas a viajar hacia el norte en búsqueda de una vida mejor para sí y para sus seres queridos, en **un anhelo** de vida con mayores oportunidades [...]*” (DAP-2)

[Neste continente, as milhares de pessoas que se veem obrigadas a viajar para o norte em busca de uma vida melhor para si e para seus entes queridos, em um desejo de vida com maiores oportunidades].

Em (61), temos que o Papa Francisco modalizou a volição expressa por meio de um adjetivo em posição predicativa (*Es necesario*), para referir-se a desejabilidade de que a humanidade busque pelo “alimento espiritual que não perece, mas que perdura para a vida eterna”. Portanto, temos um evento volitivo mais relacionado a não-factualidade [- factual], já que se refere ao que é “espiritual” e “subjetivo”. Em (62), o Papa Francisco reporta e assegura ao Ouvinte 1 a vontade (volição) da Igreja Católica (terceiro-reportado do tipo *Instituição*) de continuar servindo da humanidade na edificação da “civilização do amor”; apresentando a modalização volitiva por meio do substantivo *voluntad* (vontade) que, segundo Topor (2011), é entendido como “a disposição em realizar o estado-de-coisas apresentado”, o que apresentaria o evento volitivo, em termos de seu valor semântico, como uma *intenção*; sendo também atenuado pelo emprego da completiva com “que” e o uso do verbo “renovar” no presente do indicativo (disposição e atualização do evento volitivo). Em (63), temos que o Papa Francisco faz uso do substantivo *anhelo* (anelo), que em espanhol se utiliza para atenuar

o que é desejado, para fazer referência à volição de todos os imigrantes que se dirigem aos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida.

Ressaltamos que os substantivos *deseo* (desejo) e *intención* (intenção) também foram utilizados pelo Papa Francisco como uma forma de modalização volitiva, como em (64) e (65) respectivamente:

(64) “[...] Como hizo San Juan Diego, y lo hicieron las sucesivas generaciones de los hijos de la Guadalupana, también el Papa cultivaba desde hace tiempo **el deseo de mirarla** [...]” (DAR-3).

[Como fez São João Diego e o fizeram as sucessivas gerações dos filhos da Guadalupana, também o Papa cultivava há algum tempo o desejo de olhá-la]

(65) [...] **No es mi intención** trazar un programa o delinear una estrategia. No he venido para juzgarles o para impartir lecciones. Confío plenamente en la voz de Aquel que «enseña todas las cosas» (cf. Jn 14,26). (DAR-1)

[Não é minha intenção traçar um programa ou delinear uma estratégia. Não vim para lhes julgar ou para lhes dar lições de moral. Confio plenamente na voz d’Aquele que «ensina todas as coisas» (cf. Jn 14,26)].

Em (64), notamos que o Papa Francisco emprega o substantivo *deseo* (desejo) para expressar ao Ouvinte 2 um desejo seu de contemplar a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe como fizeram gerações de “filhos da Guadalupana”. Podemos também inferir que, em (64), ao apresentar-se como “Papa” e empregar a terceira pessoa do singular, *cultivaba*, fosse, possivelmente, da intenção do Sumo Pontífice expressar para os seus ouvintes que “até mesmo o Papa sentia necessidade de ir ao encontro da Mãe de Jesus”. Em (65), o Sumo Pontífice emprega o substantivo *intención* (intenção) para se referir a uma indesejabilidade sua de apresentar qualquer tipo “plano” ou “estratégia” ao Ouvinte 2 (os bispos em particular) a respeito da forma de atuação dele em suas paróquias ou comunidades no tratamento que é dado aos fiéis católicos que se congregam nos bispados deles ou de fazer qualquer tipo de julgamento. Em relação ao valor semântico, temos, em (64) e (65), modalização volitiva de *intención* referente a eventos volitivos controlados pelo falante [+ controle] e de maior probabilidade de potencialização [+ certeza] e de realização no mundo real [+ factual].

Além do emprego de “verbos plenos”, “auxiliares modais”, “adjetivos em posição predicativa” e “substantivos”; também constatamos o uso de “construções volitivas”, o que apresentou uma maior ocorrência nos discursos do Santo Padre. Vejamos (66) e (67):

(66) “[...] *El reciente acuerdo sobre la cuestión nuclear en una región sensible de Asia y Oriente Medio es una prueba de las posibilidades de la buena voluntad política y del derecho, ejercidos con sinceridad, paciencia y constancia. Hago votos para que este acuerdo sea duradero y eficaz y dé los frutos deseados con la colaboración de todas las partes implicadas [...].*” (DAP-3).

[O recente acordo sobre a situação nuclear em uma região sensível da Ásia e do Oriente Médio é uma prova das responsabilidades da boa vontade política e do direito, exercidos com sinceridade, paciência e perseverança. Faço votos para que este acordo seja duradouro e eficaz e que dê os frutos desejados com a colaboração de todas as partes envolvidas].

(67) “[...] *Hoy tengo que hablarles a los sacerdotes, a los seminaristas a las religiosas, a los religiosos y decirles algo, tengo un discurso preparado pero no tengo ganas de leer, así que se lo doy al presidente de la conferencia de religiosos para que lo haga público después y pensaba en la Virgen, pensaba en María.*” (DAR-4).

[Hoje tenho que falar-lhes aos sacerdotes, aos seminaristas e as religiosas, aos religiosos e dizer-lhes algo, tenho um discurso preparado, mas não tenho vontade de lê-lo, assim que o darei ao presidente da conferência de religiosos para que ele o faça público depois e pensava na Virgem, pensava em Maria].

Em (66), o Papa Francisco expressa ao Ouvinte 1 seu desejo de que o acordo sobre a questão nuclear produza os efeitos esperados e desejados com a colaboração dos governos envolvidos na realização desse acordo. Para isso, o Papa Francisco utiliza a construção volitiva *hacer votos* (fazer votos),²²⁹ que poderia ser parafraseada da seguinte forma: *Quiero que este acuerdo sea duradero y eficaz y que dé los frutos deseados con la colaboración de todas las partes implicadas*; empregando um “verbo suporte”, *hacer* (fazer). Em (67), o Papa Francisco expressa ao Ouvinte 2 a sua indesejabilidade de proferir o discurso que fora elaborado para ser dirigido aos seminaristas e aos religiosos. Ao instaurar a modalidade volitiva, o Papa Francisco prefere utilizar-se de uma construção volitiva já

²²⁹ Construção volitiva com “verbo suporte”.

lexicalizada na língua espanhola *tener ganas* (ter vontade), também com o uso de um “verbo suporte”, *tener* (ter). Em (66) e (67), o Papa Francisco modaliza volitivamente por meio de ilocuções *declarativas*, fazendo asserções a respeito do que lhe parece desejável, em (66); e do que lhe parece indesejável, em (67).

Vejamos agora (68) e (69):

(68) “[...] *les aseguro mi apoyo, mi oración y el apoyo y las oraciones de todos los fieles de la Iglesia Católica, para que esta Institución, todos sus Estados miembros y cada uno de sus funcionarios, rinda siempre un servicio eficaz a la humanidad, un servicio respetuoso de la diversidad y que sepa potenciar, para el bien común, lo mejor de cada pueblo y de cada ciudadano. Que Dios los bendiga a Todos.*” (DAP-3).

[Asseguro-lhes meu apoio, minha oração e o apoio e as orações de todos os fiéis da Igreja Católica, para que esta Instituição, todos os seus Estados membros e cada um dos funcionários, renda sempre um serviço eficaz a humanidade, um serviço respeitoso da diversidade e que saiba potenciar, para o bem-comum, o melhor de cada povo e de cada cidadão. Que Deus abençoe-os a todos].

(69) “[...] *Estén atentos a que la grey encuentre siempre en el corazón del Pastor esa reserva de eternidad que ansiosamente se busca en vano en las cosas del mundo. Que encuentren siempre en sus labios el reconocimiento de su capacidad de hacer y construir, en la libertad y la justicia, la prosperidad de la que esta tierra es pródiga.*” (DAR-1).

[Estejam atentos para que a messe encontre sempre no coração do Pastor essa reserva de eternidade que ansiosamente se busca em vão nas coisas do mundo. Que encontrem sempre em seus lábios o reconhecimento de sua capacidade de fazer e construir, na liberdade e a justiça, a prosperidade de que esta terra é pródiga].

Em (68), temos que o Papa Francisco expressa ao ouvinte 1 o desejo de que “Deus possa abençoar a todos que ali se encontram”, empregando para isso a construção volitiva *que+subjuntivo* já gramaticalizada em língua espanhola (GRANDE e GARCÍA, 1995). Em (69), o Papa Francisco também emprega a construção volitiva *que+subjuntivo*, mas para expressar ao Ouvinte 2 a desejabilidade de que eles (os bispos e sacerdotes) possam reconhecer a sua própria capacidade de construir um país próspero, onde atuam em sua missão pastoral. Em (68) e (69), o Papa Francisco emprega ilocuções *optativas* para modalizar

volitivamente. Essas ilocuções referem-se a um padrão ilocucional (Nível Interpessoal) com codificação morfossintática do verbo no subjuntivo (Nível Morfossintático).

De acordo com Grande e García (1995), a construção volitiva *que+subjuntivo* (em especial, quando empregada no *presente do subjuntivo*) aparece em língua espanhola como uma estrutura autônoma de conteúdo semântico desiderativo, podendo referir-se a uma desejabilidade em relação ao presente ou ao futuro, como nos exemplos: *Que você durma bem!*²³⁰ ou *Que você não se canse!*²³¹ Grande e García (1995) ressaltam que a construção volitiva *que+subjuntivo* pode relacionar-se a ilocuções que se organizam em torno da estrutura de “desejar”²³² (desejos positivos), como no exemplo: *Que você tenha sorte prova!*²³³ ou ilocuções que façam referência a “maldizer”,²³⁴ como no exemplo: *Que um raio parta você!*²³⁵ A GRAE (2010, p. 803) complementa que os enunciados que empregam a construção *que+subjuntivo* podem manifestar tanto desejos, como nos enunciados: *Que alguém me ajude!/Que Deus a guarde!/Que a Virgem te proteja!/Que você morra!/Que o pendurem!*;²³⁶ ou para transmitir ordens, como no exemplo: *Que passe!*²³⁷

As formas de expressão da modalidade volitiva estão relacionadas com os valores semânticos (instaurados pela fonte volitiva e recaindo ou não sobre o alvo volitivo), que, por sua vez, estão relacionados com os tipos de ilocução, com a posição do falante, com a marcação de tempo e modo verbais, além dos aspectos contextuais (ambiente e tipo de ouvinte), que também são influenciados pelo alvo da avaliação modal que, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), diz respeito à parte do enunciado que é modalizada, podendo a modalidade está *orientada para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*.

²³⁰ Tradução nossa. O original diz: “¡Que duermas bien!” (GRANDE e GARCÍA, 1995, p. 306).

²³¹ Tradução nossa. O original diz: “¡Que no te canses!” (GRANDE e GARCÍA, 1995, p. 306).

²³² Para Hengeveld e Mackenzie (2008), os enunciados desiderativos com significado positivo de desejo relacionam-se à ilocuções de tipo optativa.

²³³ Tradução nossa. O original diz: “¡Que tengas suerte en el examen!” (GRANDE e GARCÍA, 1995, p. 307).

²³⁴ Para Hengeveld e Mackenzie (2008), os enunciados desiderativos com significado negativo de desejo relacionam-se à ilocuções de tipo imprecativa.

²³⁵ Tradução nossa. O original diz: “¡Que te parta un rayo!” (GRANDE e GARCÍA, 1995, p. 307).

²³⁶ Tradução nossa. O original diz: “¡Que alguien me ayude!/¡Que Dios la guarde!/¡Que la Virgen te proteja!/¡Que se muera!/¡Que lo cuelguen!” (GRAE, 2010, p. 803).

²³⁷ Tradução nossa. O original diz: “¡Que pase!” (GRAE, 2010, p. 803).

5.1.5 O alvo da avaliação da modalidade volitiva

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a categoria modalidade está relacionada ao Nível Representacional na GDF, sendo que as distinções modais são feitas a partir do cruzamento de dois parâmetros de análise: o alvo da avaliação e o domínio semântico; o que também é ratificado em trabalhos posteriores acerca da teoria da GDF, tais como, Durigon (2015), Rinaldi (2015), Dall'Aglio Hattner e Hengeveld (2015, 2016) e Sousa (2016). Em relação às categorias de análise referentes ao alvo da avaliação proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), temos que a modalidade pode estar *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*.

Como citado anteriormente, segundo Sousa (2016), as modalidades orientadas para o *Participante* atuam na camada das Propriedades Configuracionais, afetando a parte relacional da sentença expressa por meio de um predicado, fazendo referência à relação entre as propriedades do participante relacionado a um evento, e a potencialidade de realização desse evento. As modalidades orientadas para o *Evento*, por sua vez, atuam na camada do Estado-de-Coisas, afetando a descrição do evento que está contido na sentença, ou seja, está relacionado com a parte descritiva de uma sentença, referindo-se à avaliação objetiva do estatuto de atualidade do evento, mas sem que o falante se comprometa por essas avaliações (o falante não se responsabiliza por esses julgamentos, apenas expressando-os ao ouvinte). Em contrapartida, as modalidades orientadas para a *Proposição* atuam na camada do Conteúdo Proposicional, afetando o conteúdo proposicional da sentença expressa, sentença esta que se refere às visões e crenças do falante e com a qual o falante se compromete em relação ao conteúdo Proposicional apresentado. Considerando as reformulações acerca da teoria da GDF para a modalidade, Hengeveld (2011) e Hengeveld e Dall'Aglio Hattner (2016) estabelecem que as modalidades orientadas para o *Episódio* atuam na camada do Episódio, caracterizando os episódios em relação a sua possibilidade ou impossibilidade de ocorrência no mundo, tendo em vista os conhecimentos e as crenças do falante.

Baseando-nos em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Olbertz (2016), a modalidade volitiva pode estar *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*; podendo, então, atuar tanto na camada da Propriedade Configuracional (*orientada-para-o-participante*), do Estado-de-Coisas (*orientada-para-o-evento*) e do Conteúdo Proposicional (*orientada-para-a-proposição*).

Em relação ao alvo da avaliação modal, constatamos que houve uma maior ocorrência de modalidade volitiva *orientada-para-o-participante*. Vejamos a Tabela 11:

Tabela 11: Alvo da avaliação da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Alvo da Avaliação		
	No.	%
Participante	85	72,6
Proposição	18	15,4
Evento	14	12,0
Total	117	100,0

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

A maior ocorrência de alvo da avaliação da modalidade volitiva *orientado-para-o-participante* era esperado, sabendo-se que esse tipo de alvo da avaliação descreve, como citado anteriormente, as intenções do participante expresso no predicado (podendo ser o falante ou um terceiro-reportado) em potencializar aquilo que é descrito no evento volitivo; o que estaria relacionado, de alguma forma, com as características do discurso religioso do Papa Francisco, no qual este recorreria à difusão das crenças e dos valores éticos morais e espirituais que representam a visão de mundo de seu grupo religioso para, a partir disso, manifestar aos seus ouvintes seus desejos e intenções particulares (ou de um terceiro-reportado) do que seria melhor para o homem e para que a sua convivência em sociedade fosse harmoniosa.

Vejamos (70) e (71):

(70) “*Cristo nos abre el camino de la misericordia, que asentado sobre la justicia, va más allá, y alumbra la caridad, para que nadie se quede al margen de esta gran familia que es el Paraguay, al que aman y quieren servir.*” (DAP-8)

[Cristo nos abre o caminho da misericórdia, que assentado sobre a justiça, vai muito além, e iluminando com caridade, para que ninguém fique a margem desta grande família que é o Paraguai, a quem amam e querem servir].

(71) “[...] *es muy triste cuando uno ve a un sacerdote, a un consagrado o a una consagrada que en su casa hablaba el dialecto, o hablaba otra lengua, una de esas nobles lenguas antiguas que tienen los pueblos, que Ecuador cuántas tiene y es muy triste cuando se olvidan de la lengua, es muy triste cuando no quieren*

hablar, *eso significa que se olvidaron de donde lo sacaron. No se olviden de eso.*” (DAR-4).

[É muito triste quando se vê a um sacerdote, a uma consagrada ou a um consagrado que em sua casa falava o dialeto, ou falava outra língua, uma dessas nobres línguas antigas que tem os povos indígenas, que Equador quantas tem e é muito triste quando se esquecem de sua língua materna, é muito triste quando não querem falar, isso significa que eles se esqueceram de suas origens. Nunca se esqueçam disso].

Em (70) e (71), temos que a modalidade volitiva está *orientada-para-o-participante*, haja vista que há uma relação entre o participante²³⁸ expresso no predicado e a possibilidade de realização daquilo que é desejado (intencionado). Em (70), o Papa Francisco reporta a desejabilidade de todo o povo paraguaio, de continuar servindo ao seu país. Por meio do modalizador *querer*, em forma perifrástica e conjugado na terceira pessoa do plural, a volição apresenta o valor semântico de *intenção*, sendo a potencialidade do evento volitivo dada por meio daquilo que o modalizador toma como “servir ao país”. Em (71), temos que o Papa reporta o fato dos religiosos católicos (participantes reportados no predicado) não quererem (pretenderem) mais falar a sua língua materna, geralmente, uma língua indígena, procurando até evitar usá-la entre os familiares. Ambas ocorrências coincidem pelo fato do participante expresso no predicado tratar-se de um terceiro-reportado.

Em (70) e (71), percebemos que, além da modalidade volitiva estar *orientada-para-o-participante*, o valor semântico que a modalização volitiva apresenta é de *intenção*, pois os estados-de-coisas apresentados são mais controlados pelo participante expresso no predicado [+ controle], são de caráter subjetivo [+ subjetivo], pois há uma “disposição” em concretizar o estado-de-coisas apresentado, estando, pois, relacionados com a factualidade [+ factual], o que facilita que aquilo que é desejado pelo participante venha a ser concretizado [+ diretivo]. De acordo com Giomi (2010), há, de fato, uma relação entre as “intenções” manifestadas pelo falante e o alvo da avaliação quando a modalidade volitiva está *orientada-para-o-participante* como proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Para Giomi (2010), na categoria dos volitivos (modalidade volitiva) cabem todos os desejos, as vontades e as intenções de um participante descrito no predicado ou do próprio falante. Entretanto, Giomi (2010, p. 85) julga necessário que se faça uma distinção entre a

²³⁸ O participante, nesse caso, é do estado-de-coisas designado pela predicação e não o participante do discurso no Nível Interpessoal (Falante - P1).

intenção e o desejo²³⁹ no que diz respeito ao alvo da avaliação modal: “nos enunciados, que expressam intenção, a modalização volitiva é orientada para um participante; ao contrário, o valor modal é orientado para a proposição nos enunciados que se referem aos desejos do locutor”. Segundo Giomi (2010), a modalidade volitiva *orientada-para-o-participante* descreve o desejo oriundo da fonte volitiva em realizar a situação descrita no predicado, o que estaria mais relacionado com a manifestação da volição com valor semântico de *intenção*; enquanto a modalidade volitiva *orientada-para-a-proposição* estaria mais relacionada com a *desideração*, na qual o falante expressaria seus desejos em relação ao que lhe parece pouco provável ou irrealizável do ponto de vista da factualidade.

No que diz respeito à modalidade volitiva *orientada-para-o-evento*, vejamos (72) e (73):

(72) “[...] *Pero que no falte sereno valor de confesar que es necesario buscar no «el alimento que perece, sino el que perdura para la vida eterna» (Jn 6,27). No apacentarse a sí mismos, sino saber retroceder, abajarse, descentrarse, para alimentar con Cristo a la familia de Dios.*” (DAR-1).

[Mas que não falte sereno valor para confessar que é desejável buscar não «o alimento que perece, mas o que perdura para a vida eterna» (Jn 6,27). Não se apacentar a si mesmos, mas saber retroceder, descentralizar-se, para alimentar com Cristo a família de Deus].

(73) “[...] *A ese grito es necesario responder que Dios existe y está cerca a través de Jesús. Que sólo Dios es la realidad sobre la cual se puede construir [...].*” (DAR-3).

[A esse grito é preferível responder que Deus existe e que está próximo por meio de Jesus. Que só Deus é a realidade sobre a qual se pode construir].

Em (72) e (73), o Papa Francisco expressou, respectivamente, a desejabilidade de que as pessoas, de um modo geral, busquem “pelo alimento que não perece” (ao mencionar esse fragmento do evangelho, o Papa Francisco refere-se a que o homem busque as coisas divinas) e a necessidade de que as pessoas respondam que “Deus existe” a esse “mundo cada vez mais afastado de Deus”. Entendemos (72) e (73) como casos de modalidade volitiva e não

²³⁹ Para Giomi (2010), os desejos e esperanças do falante estariam relacionados à manifestação da volição em relação a estado-de-coisas não controlado pelo falante e pouco prováveis de serem realizados, restringindo-se apenas ao plano do pensamento (o que para a nossa pesquisa está relacionado ao valor semântico de *desideração*).

de modalidade deôntica, tendo em vista que a sociedade “não esteja obrigada a guiar-se por valores espirituais” ou “acreditar na existência de um ser superior”, estando, pois, a volitividade (elemento do desejo) restrita apenas ao que parece ao falante (ou ao participante expresso no predicado) como algo desejável e não como uma regra de conduta moral que deva ser aplicada a todos os indivíduos (coletividade).

Segundo Giomi (2010), a modalidade volitiva *orientada-para-o-evento* é de sentido mais genérico, caracterizando uma situação ou evento em termos do que é geralmente aceito como desejável, sem que o falante se comprometa por essa avaliação feita. Esse não comprometimento do qual Giomi (2010) fala, pode ter relação com o uso do adjetivo em posição predicativa (*es necesario*) e o emprego de um verbo no infinitivo, fazendo com que haja uma impessoalização da desejabilidade expressa, como sendo um desejo de âmbito coletivo, compartilhado tanto pelo Papa Francisco quanto por seu Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos). Ressaltamos que a modalização volitiva expressa por meio do adjetivo em posição predicativa, para os casos (72) e (73), toma como escopo estado-de-coisas de menor controle [- controle] tanto por parte do falante quanto do ouvinte, sendo de caráter mais subjetivo [+ subjetivo], por se encontrarem ainda restritos ao plano do pensamento e advindos das crenças do falante e/ou ouvinte acerca do que lhes parece desejável em relação ao evento volitivo expresso. Por isso, a volição expressa apresenta o valor semântico de *desideração*, já que aquilo que o adjetivo em posição predicativa toma como escopo está relacionado às crenças do falante e do ouvinte, em “alimentar-se do alimento que não perece”, em (72); e “anunciar a existência de um Deus Todo-Poderoso”, em (73).

Além das modalidades volitivas *orientada-para-o-participante* e *orientada-para-o-evento*, também constatamos a modalidade volitiva *orientada-para-a-proposição*. Vejamos (74) e (75):

(74) “[...] *Repitiendo las palabras de Pablo VI, «el edificio de la civilización moderna **debe levantarse** sobre principios espirituales, los únicos capaces no sólo de sostenerlo, sino también de iluminarlo» [...]*” (DAP-3)

[Repetindo as palavras de Paulo VI, «o edifício da civilização moderna deve se levantar sobre princípios espirituais, os únicos capazes não apenas de sustentá-lo, mas também de iluminá-lo»].

(75) “*Nos mueve a ello la certeza de nuestra fe en Dios, que **quiso hacerse** hombre y, viviendo entre nosotros, compartir nuestra suerte. Cristo nos abre el*

camino de la misericordia, que asentado sobre la justicia, va más allá, y alumbra la caridad, para que nadie se quede al margen [...]” (DAP-8)

[Move-nos a isso a certeza da nossa fé em Deus, que quis fazer-se homem, e vivendo entre nós, experimentar da nossa sorte. Cristo nos abre o caminho da misericórdia, que assentado sobre a justiça, vai muito além, e ilumina a caridade, para que ninguém fique a margem].

Em (74) e (75), temos que a modalidade volitiva expressa pelo Papa Francisco apresenta o valor semântico de *desideração*, já que os eventos volitivos apresentados são menos controlados [- controle], sendo, portanto, de caráter mais subjetivo [+ subjetivo] e menos diretivo [- diretivo], já que aquilo que é desejado é pouco provável de ser realizado ou que esteja relacionado à factualidade [- factual] (em termos não abstratos e espirituais). Em (74), constatamos que o Papa Francisco reporta a uma desejabilidade advinda de seu antecessor no papado, o Papa Paulo VI, a respeito de uma necessidade volitiva acerca da “humanidade deixar-se guiar sobre princípios espirituais”, já que seriam os únicos “capazes de sustentar e iluminar a humanidade”. Para isso, o Papa Francisco faz uso do discurso direto, reportando as palavras proferidas pelo seu antecessor. Ainda que o Papa Paulo VI (indivíduo reportado no discurso do Papa Francisco) tenha empregado o modal *deber* (dever) em seu discurso, acreditamos que aquilo que o modalizador toma como escopo esteja relacionado à modalidade volitiva e não à modalidade deôntica. Entendemos que a desejabilidade do evento em si, que remete à “sustentação e à iluminação da sociedade com base em princípios espirituais”, esteja atrelado a não-factalidade (as crenças e a fé do Sumo Pontífice em alguém “superior” e nos valores advindos e desejados por esse “ser superior”) [- factual], do que com a factualidade (regras e convenções sociais pautadas pelos governantes).²⁴⁰ Dessa forma, o modalizador *deber* estaria atuando na camada do Conteúdo Proposicional. Por isso, a modalização expressa, seria *volitiva*, com valor semântico de *desideração*. Em (75), o Santo Padre fala a respeito de algo restrito à fé cristã acerca da “encarnação do Filho de Deus”, no caso, Jesus Cristo. Para isso, o Papa Francisco emprega o modalizador *querer* em forma perifrástica para marcar a intencionalidade de Jesus Cristo (divindade a qual representa), que “quis fazer-se homem para experimentar das vicissitudes humanas” (evento volitivo), estando o modalizador volitivo *querer* também atuando na camada do Conteúdo Proposicional.

²⁴⁰ De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), os conteúdos proposicionais são construtos mentais como crenças e desejos, podendo ser *factuais*, quando correspondem a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou *não-factuais*, quando correspondem a desejos e expectativas em relação a um mundo imaginário ou do qual apenas o falante tenha acesso.

Nas ocorrências (74) e (75), a modalidade volitiva está *orientada-para-a-proposição* que, segundo Giomi (2010), trata-se da expressão da volição relacionada às crenças e as convicções do falante. Em ambas as ocorrências, os eventos volitivos apresentados são apenas realizáveis do ponto de vista da crença do falante (Papa Francisco) e daqueles que compartilham da mesma crença (Ouvinte 2), estando à realização potencial daquilo que é desejado restrita a um mundo não-factual [- factual]. Portanto, os conteúdos proposicionais reportados pelo Papa Francisco (“*el edificio de la civilización moderna debe levantarse sobre principios espirituales*” e “*la certeza de nuestra fe en Dios, que quiso hacerse hombre y, viviendo entre nosotros, compartir nuestra suerte*”) podem ser classificados em termos de sua origem ou fonte (o conhecimento comum compartilhado pelos católicos e não-católicos a respeito da existência de “valores espirituais” e “encarnação de uma divindade”). Em outras palavras, a desejabilidade dos eventos volitivos apresentados poderia ser avaliada, a priori, como sendo verdadeiro para os fiéis católicos (o que faz com que a asserção daquilo que é desejado pelo Papa Francisco se trate de algo possível a partir da crença cristã católica) e não-verdadeiro para os não-católicos (o que faz com que a asserção daquilo que é desejado pelo Papa Francisco se trate de algo impossível para aqueles que não compartilham da crença cristã católica).²⁴¹

Além dos casos de *desideração* reportados pelo falante, constatamos também casos em que a fonte da atitude volitiva tratava-se do próprio falante (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008). Vejamos (76) e (77):

(76) “*Estoy contento de estar con ustedes aquí... Como hizo San Juan Diego, y lo hicieron las sucesivas generaciones de los hijos de la Guadalupana, también el Papa cultivaba desde hace tiempo el deseo de mirarla. Más aún, quería yo mismo ser alcanzado por su mirada materna. He reflexionado mucho sobre el misterio de esta mirada*” (DAR-3)

[Estou contente de estar aqui com vocês... Como fez São João Diego, e o fizeram as sucessivas gerações dos filhos da Guadalupana, também o Papa cultivava o desejo de olhá-la. Mas ainda, queria eu mesmo ser alcançado pelo seu olhar maternal. Refleti muito sobre o mistério do seu olhar].

²⁴¹ Os eventos volitivos expressos ou reportados pelo Papa Francisco foram definidos, para esta pesquisa, como não-factuais (tendo em vista o traço semântico da factualidade escolhido para esta pesquisa). Entretanto, por motivo da crença que é compartilhada pelo Papa Francisco e o Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos), os eventos volitivos, para esta pesquisa, considerados como não-factuais, são entendidos, por aqueles, como factuais, considerando o mundo em que a fé católica dá acesso.

(77) “[...] *les pido que me consientan que todo cuanto les diga pueda hacerlo partiendo desde la Guadalupana. Cuánto quisiera que fuese Ella misma quien les lleve [...]*” (DAR-3)

[Peço-lhes que me consintam que tudo que lhes fale possa sê-lo a partir da Guadalupana. Quanto queria que fosse Ela mesma quem os conduzisse].

Em (76) e (77), temos que o Papa Francisco expressa o desejo “de que o olhar maternal de Nossa Senhora de Guadalupe o alcançasse” e que “fosse a própria Virgem Maria, representada pelo título de Nossa Senhora de Guadalupe, que guiasse os bispos mexicanos” (os eventos volitivos). Para Hengeveld e Mackenzie (2008) e Florea (2016), os eventos volitivos apresentados tratam-se da asserção do falante em relação ao que é por ele desejado, com base nas suas crenças, podendo ser apenas localizado, segundo Olbertz (2016), na mente do falante e/ou daqueles que compartilham da mesma crença. Ao empregar o modalizador volitivo *querer* em sua forma plena, o Papa Francisco assevera a desejabilidade por ele expressa, apresentando a volição com valor semântico de *desejabilidade*.

Dessa forma, podemos afirmar, resumidamente, que a modalidade volitiva: (i) *orientada-para-o-participante*: descreve as intenções do participante expresso no predicado (podendo ser o falante ou um terceiro-reportado) em performatizar aquilo que é designado pelo predicado; (ii) *orientada-para-o-evento*: caracteriza a desejabilidade de um evento volitivo reportado pelo falante, sendo, geralmente, aceito como desejável e de âmbito coletivo; e (iii) *orientada-para-a-proposição*: descreve um desejo pessoal do falante (ou do participante expresso no predicado) acerca de algo relacionado às suas crenças em relação a um evento volitivo considerado desejável, de caráter subjetivo, geralmente, irrealizável (em termos não abstratos) e relacionado a um mundo não-factual do qual apenas o falante ou aqueles que compartilham da mesma crença teriam acesso.

Como citado anteriormente, a categoria modalidade também poderia estar *orientada-para-o-episódio*, como podemos comprovar em trabalhos mais recentes acerca da teoria da GDF, tais como Hengeveld (2011) e Hengeveld e Dall’Aglio Hattner (2016). Ao sabermos que a modalidade deôntica subjetiva também poderia estar *orientada-para-o-episódio* (OLBERTZ, 2016), instigou-nos o fato da modalidade volitiva (que também contém o “elemento do desejo”, assim como a modalidade deôntica) também pode apresentar esse tipo de orientação modal, fazendo que a modalidade volitiva também atue na camada do Episódio (Nível Representacional).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), um episódio se configura a partir de um ou mais estados-de-coisas que são tematicamente coerentes, no sentido de que mostram uma unidade ou continuidade de tempo (t), localização (L) e indivíduos (x). Segundo os autores, em diversas línguas, a categoria semântica do Episódio é manifestada no sistema gramatical, sendo formados por longas cadeias de orações que juntas constituem um episódio dentro de uma narrativa maior, como no exemplo apresentado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 158): “*Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, mantendo um olhar para a entrada dos automóveis e fazendo uma pausa para ajustar o chapéu, ele caminhou até o carro.*”²⁴² Nesse exemplo, apenas o último verbo, *caminhar*, apresenta-se conjugado, codificando a localização temporal em um tempo absoluto em relação a toda a série dos estados-de-coisas encadeados; enquanto os demais verbos, no gerúndio, indicam uma simultaneidade. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Episódio indica que a localização temporal é absoluta, enquanto o Estado-de-Coisas indica uma localização temporal relativa. Destacamos, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que os estados-de-coisas encadeados para a formação de um episódio são interpretados como subsequente um ao outro, porque a sua ordem de apresentação segue a ordem cronológica dos estados-de-coisas e não porque a forma verbal empregada marque essa subsequência.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a relevância dos episódios não é visível apenas em sua constituição interna, mas também na forma como os estados-de-coisas estão conectados entre si. Um exemplo disso poderia ser encontrado em receitas de culinária (um tipo de gênero textual encontrado em diversas línguas), onde várias etapas importantes devem ser tomadas na preparação de um prato. Como exemplo, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 158), citam uma receita espanhola: *Em uma panela, coloque a água, o alho, a cebola, o pimentão, colorau, espinafre e vegetais picados em pedaços. Quando começar a ferver, adicione as ervas aromáticas. Uma vez que os vegetais estejam brandos, pode retirá-los, se assim desejar, os pedaços de alho, pimentão e a cebola. Retire as ervas e comece a processar pouco a pouco as verduras com o caldo. Uma vez que tenham consistência de creme, acrescente a margarina e o leite, e bata no liquidificador e leve novamente para a panela.*²⁴³ Resumidamente, temos, para a constituição de um Episódio, um encadeamento de estados-de-

²⁴² Tradução nossa. O original diz: “Coming out, stopping to check the mailbox, taking a look at the driveway and pausing to adjust his hat, he walked to his car.” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 158)

²⁴³ Tradução nossa. O original diz: “En una olla coloca el agua, el ajo, cebolla, pimentón, ají dulce, la espinaca y los vegetales picados en trozos, cuando comience a hervir, añade las hierbas aromáticas. Una vez blandos los vegetales puedes retirar, si los deseas, los trozos de ajo, pimentón, ají y cebolla, retira las hierbas y comienza a licuar poco a poco las verduras con el caldo. Una vez que tenga consistencia de crema, anade la margarina, la leche, licua bien y lleva nuevamente a la olla.” (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 158).

coisas tematicamente coerentes, revelando uma continuidade de tempo, com a presença de um ou mais indivíduos e localização.

Como citado anteriormente, segundo Rinaldi (2015) e Dall’Aglio Hattner e Hengeveld (2016), o único tipo de modalidade que poderia atuar na camada do Episódio seria a modalidade epistêmica. No entanto, para Nagamura (2016) e Olbertz (2016), é possível encontrarmos também a modalidade deôntica subjetiva *orientada-para-o-episódio*, haja vista que os modais deônticos subjetivos poderiam tomar como escopo pelo menos dois estados-de-coisas que estejam relacionados, como no exemplo citado por Olbertz (2016, p. 13): *Eu acho que Sadam já deveria ter se rendido antes e não esperar que [...] como disseram os demais.*²⁴⁴

Segundo Nagamura (2016), a modalidade deôntica subjetiva (que estaria *orientada-para-o-episódio*) descreveria uma avaliação de obrigação imposta pelo próprio falante (desejabilidade de que um dado estado-de-coisas aconteça), como no exemplo: *Há uma crise e o ministro deve agir agora,*²⁴⁵ podendo essa responsabilidade de avaliação ser transferida para o ouvinte em contextos interrogativos, como no exemplo: *O ministro deve agir agora?*²⁴⁶ Para Nagamura (2016, p. 61): “uma vez que o falante não pode questionar a sua própria avaliação, a responsabilidade pela avaliação deôntica expressa pode ser transferida ao ouvinte em contextos interrogativos” para os casos em que a modalidade deôntica instaurada fosse subjetiva. Para Olbertz (2016), a modalidade deôntica subjetiva *orientada-para-o-episódio* está relacionada aos casos em que o falante não tem poder sobre a situação envolvida, já que ele não teria autoridade suficiente sobre o participante expresso no predicado ou porque o evento avaliado se localizasse no passado.

Podemos ainda acrescentar, com base em Thegel (2017), que a modalidade deôntica subjetiva, geralmente, está mais relacionada a estado-de-coisas contrafactuais (relacionados ao passado), tendo em vista que o falante faria uma avaliação a respeito de um estado-de-coisas anterior ao momento de fala, sendo, portanto, instaurada por meio de modalizadores deônticos que tenham alcance sobre um tempo absoluto, como nos exemplos de Thegel (2017), p. 82): *[Acerca do resultado de um campeonato de basquete] Alguns dizem que deveria ter ganhado Gordon. Bom, eu não sei o que dizer*²⁴⁷ ou *[Acerca da reconstrução*

²⁴⁴ Tradução nossa. O original diz: “yo creo que Sadam se tendría que haber rendido antes y no esperar a que [...] se lo dijeran los demás” (OLBERTZ, 2016, p. 13).

²⁴⁵ Nagamura (2016, p. 61).

²⁴⁶ Nagamura (2016, p. 61).

²⁴⁷ Tradução nossa. O original diz: “[Acerca del resultado de un campeonato de baloncesto.] Algunos dicen que debería haber ganado Gordon. Bueno, yo no se q decir.” (THEGEL, 2017, p. 82).

*de um bairro de Buenos Aires] Já sei que muitos dizem que tinham que haver colocado parques e não edifícios, mas a verdade é que me parece muito melhor esta proposta.*²⁴⁸

Assumimos a possibilidade de encontrarmos a modalidade deôntica com atuação na camada do Episódio e ser de caráter subjetivo, pois seria possível encontrarmos também alguma ocorrência em que a modalidade volitiva também atuasse na camada do Episódio, tendo em mente que, na perspectiva de Narrog (2012) e Olbertz (2016), tanto a modalidade deôntica quanto a modalidade volitiva tratar-se-iam de modalidades “volitivas” (conteria o “elemento o desejo”). Segundo Nagamura (2016, p. 69), o fato de haver “uma lacuna de uma expressão da modalidade volitiva na camada do Episódio implicaria em uma falha na abordagem da gramaticalização segundo a própria GDF”. Para o autor, essa lacuna na camada do Episódio poderia ser explicada, por exemplo, com base no modal *dever* e nos seus valores semânticos que pode, simultaneamente, expressar modalidade volitiva *orientada-para-a-proposição*, como neste exemplo: *Devia existir replay nos melhores momentos da vida;*²⁴⁹ e modalidade deôntica *orientada-para-o-episódio*, como neste exemplo: *bom... na minha escola... eu acho que ela é muito boa né?... não precisa de mudança... meus professores... alguns... deveriam tê(r) mais:... éh:... deveriam ouví(r) MAIS a gente...*²⁵⁰

Tendo por base Hengeveld e Mackenzie (2008), Nagamura (2016), Olbertz (2016) e Thegel (2017), poderíamos interpretar para a modalidade volitiva *orientada-para-o-episódio* (comparando-a com a modalidade deôntica subjetiva) como a avaliação do falante em relação à desejabilidade do participante expresso no predicado, tendo o modalizador volitivo como escopo de um ou mais estado-de-coisas tematicamente coerentes e com referência a um evento localizado no passado. Vejamos (78):

(78) “[...] *es verdad, el Papa San Juan Pablo II tenía un estilo de pensamiento circular, profesor, era un hombre de Dios, entonces hay que leerla varias veces para sacarle todo el jugo que tiene y dice que **quizás María**, no recuerdo bien la frase, estoy citando o quiero citar el hecho, **en el momento de la cruz de su fidelidad, hubiera tenido ganas de decir ¿y Éste me dijeron que iba a salvar a Israel? ¡Me engañaron! no lo dijo ni se permitió decirlo, porque era la mujer que sabía que todo lo había recibido gratuitamente.**” (DAR-4)*

²⁴⁸ Tradução nossa. O original diz: “[Acerca de una reconstrucción de un barrio de Buenos Aires.] Ya sé que muchos dicen que tenían que haber puesto parque y no edificios, pero la verdad es que me parece mucho mejor esta propuesta.” (THEGEL, 2017, p. 82).

²⁴⁹ Nagamura (2016, p. 76).

²⁵⁰ Nagamura (2016, p. 72).

[É verdade, o Papa São João Paulo II tinha um estilo de pensamento circular, professor, era um homem de Deus, então é preciso lê-la várias vezes para que se possa entender o que nela contem e diz que talvez Maria, não me lembro bem a frase, estou citando ou quero citar o fato, no momento da cruz de sua fidelidade, tivesse tido vontade de dizer: e Este que me disseram que ia salvar a Israel? Enganaram-me! Não disse e nem se permitiu dizer, porque era a mulher que sabia que tudo que havia recebido foi gratuitamente].

Em (78), temos que o Papa Francisco reporta algo escrito pelo seu antecessor no papado, o Papa João Paulo II, na qual este faz uma avaliação, o que fica evidenciado pelo emprego do modalizador *quizás* (talvez), acerca da deseabilidade do participante expreso no predicado, *Maria* (indivíduo), no que diz respeito à possibilidade dela “ter sentido vontade” (volição) de dizer que: “Disseram-me que ele ia salvar a Israel, mas me enganaram”; porém, segundo o Papa Francisco, ela não o disse, nem se permitiu dizer. Em (78), notamos que a avaliação feita pelo Papa João Paulo II está relacionada a um episódio ocorrido no passado, o que fica evidenciado pelo emprego não apenas do modalizador volitivo no pretérito pluscuamperfeito do subjuntivo (*hubiera tenido*), mas pelo emprego dos demais verbos no passado, *dijeron* (disseram), *engañaron* (enganaram), *dijo* (disse), *permitió* (permitiu) (indicativo de tempo absoluto), em um lugar preciso, *en el momento de la cruz* (localização), referindo o momento da crucificação em que Maria, a mãe de Jesus Cristo, encontrava-se diante de seu filho pregado na cruz.

Com base no que foi mencionado anteriormente, acreditamos que, em (78), tratar-se-ia de um caso de modalidade volitiva *orientada-para-o-episódio*, haja vista que temos um falante (Papa João Paulo II) que faz uma avaliação a respeito de uma possível volição do participante expreso no predicado, tendo em vista que o modalizador, *hubiera tenido ganas*, toma como escopo um único estado-de-coisas que configura em um episódio ocorrido no passado. Dessa forma, poderíamos então reformular o Quadro 4 apresentado anteriormente no Capítulo 3. Vejamos o Quadro 8:

Quadro 8: Proposta de reformulação dos parâmetros da modalidade volitiva em relação ao alvo da avaliação e ao domínio semântico

Alvo da avaliação	Domínio semântico
	Modalidade volitiva
Proposição	Descreve um desejo pessoal do falante (ou do participante expresso no predicado) acerca de algo relacionado às suas crenças em relação a um evento volitivo considerado por ele desejável, de caráter subjetivo, geralmente, irrealizável (em termos não abstratos) e relacionado a um mundo não-factual do qual apenas o falante teria acesso.
Episódio	Descreve a avaliação do falante em relação à desejabilidade do participante expresso no predicado, tendo o modalizador volitivo como escopo de um ou mais estado-de-coisas tematicamente coerentes e com referência a um evento localizado no passado.
Evento	Caracteriza a desejabilidade de um evento volitivo reportado pelo falante, sendo, geralmente, aceito como desejável e de âmbito coletivo.
Participante	Descreve as intenções do participante expresso no predicado (podendo ser o falante ou um terceiro-reportado) em realizar aquilo que é designado pelo predicado.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), Nagamura (2016) e Olbertz (2016)

Após a análise quantitativo-qualitativa das categorias de análise apresentadas nessa seção, passaremos agora a inter-relação entre as categorias de análise relativas ao mesmo nível com base na rodagem dos dados no SPSS versão 22 para o *Windows*.

5.2 A inter-relação entre as categorias de análise

A inter-relação entre as nossas categorias de análise se deu com base nos questionamentos e hipóteses que foram pensados para esta pesquisa. Ressaltamos que, ao fazermos o cruzamento (utilizando o SPSS versão 22 para o *Windows*) entre as nossas categorias de análise, consideramos o teste do *Qui-quadrado* que, segundo Guy e Zilles (2007), trata-se de um procedimento relevante para que se possa calcular a probabilidade de que uma dada hipótese seja verdadeira, sendo que, para isso, o valor deve ser $\leq 0,05$ (critério mais comumente aceito nos estudos estatísticos).

5.2.1 A inter-relação entre os níveis do Componente Gramatical e o Componente Contextual

Tendo por base o nosso problema primário que consistia em saber qual seria a relação entre a Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional), a Codificação (Nível Morfossintático) e o Componente Contextual, da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, tendo em vista a Gramática Discursivo-Funcional (GDF); levou-nos a hipotetizar que: o Nível Morfossintático (tempo verbal, modo verbal e formas de expressão) codificaria diferentemente a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica tendo em vista os elementos do Nível Interpessoal (posição do falante e o tipo de ilocução), do Nível Representacional (fonte volitiva, alvo volitivo e os valores semânticos da modalidade volitiva) e o Componente Contextual (tipo de ambiente e de ouvinte).

Após fazermos a rodagem dos dados no SPSS, pudemos constatar que a nossa hipótese primária era verdadeira, tendo em vista que o teste do *Qui-quadrado* revelou-nos que as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático (NM) estavam relacionadas com as categorias de análise referentes ao Nível Representacional (NR), ao Nível Interpessoal (NI) e com as categorias de análise referentes ao Componente Contextual, comprovando, assim, a nossa hipótese primária.

Ao inter-relacionarmos as categorias de análise relativas ao NI com as categorias de análise referentes ao NM, comprovamos que tanto a *posição do falante* quanto o *tipo de ilocução* tem relação com o *modo verbal* e as *formas de expressão* da volição.²⁵¹ Isso se explica, sabendo-se que a *inclusão* ou *não-inclusão* no tipo de enunciador construído pelo Papa Francisco em seu discurso religioso, dependendo das intenções desse tipo de “enunciador construído” ao modalizar os enunciados, corroboraria instaurar a volição apresentando-a mais próxima do modo *realis* (indicativo) ou mantendo-a mais próxima do modo *irrealis* (subjuntivo); o que também influenciaria na forma de expressão adequada para os propósitos comunicativos do Santo Padre.

Vejamos a Tabela 12 sobre a inter-relação entre a posição do falante e o modo verbal:

²⁵¹ O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,00 para a posição do falante e modo verbal e para a posição do falante e a forma de expressão. O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,00 para o tipo de ilocução e o modo verbal e para o tipo de ilocução e a forma de expressão.

Tabela 12: Inter-relação entre a posição do falante e o modo verbal nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Posição do falante	Modo verbal			Total
	Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	
Inclusão	(26) 22,2%	(40) 34,2%	(06) 5,1%	(72) 61,5%
Não-inclusão	(33) 28,2%	(04) 3,4%	(08) 6,8%	(45) 38,5%
Total	(59) 50,4%	(44) 37,6%	(14) 12,0%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como podemos perceber, os casos de *inclusão* apresentam uma maior frequência de verbos conjugados no *subjuntivo* (o que tem mais relação com o emprego das construções volitivas que são, geralmente, empregadas em algum tempo do subjuntivo), o que se justifica se considerarmos que o Papa Francisco tende a manifestar a volição em relação a um evento volitivo do qual ele não teria controle, mas que desejaria que ocorresse; enquanto os casos de *não-inclusão* apresentaram uma maior ocorrência do *indicativo*, o que pode ser explicado pelo fato do Papa Francisco fazer asserções acerca de alguma desejabilidade de âmbito coletivo ou da desejabilidade de um terceiro-reportado sem que ele fizesse uma avaliação acerca da volição expressa. Para esta inter-relação, enfatizamos a relação entre a “posição do falante” e o “tipo de modo verbal” empregado para a instauração das modalizações volitivas, e não da natureza da volição. Vejamos (79) e (80)

(79) “*Y quiero reconocer con emoción y admiración el papel desempeñado por la mujer paraguaya en esos momentos tan dramáticos de la historia... **Que Dios bendiga a la mujer paraguaya, la más gloriosa de América.***” (DAP-8)

[E quero reconhecer com emoção e admiração o papel desempenhado pela mulher paraguaia nestes momentos tão dramáticos da história... Que Deus abençoe a mulher paraguaia, a mais gloriosa da América].

(80) “*Las víctimas inocentes del aborto, los niños que mueren de hambre o bajo las bombas, los inmigrantes se ahogan en busca de un mañana, los ancianos o los enfermos, de los que se **quiere prescindir**, las víctimas del terrorismo, de las guerras, de la violencia y del tráfico de drogas, el medio ambiente devastado por una relación predatoria del hombre con la naturaleza, en todo esto está siempre en juego el don de Dios, del que somos administradores nobles [...]*” (DAR-1)

[As vítimas inocentes do aborto, as crianças que morrem de fome ou por causa das bombas, os imigrantes que se aventuram em busca de um amanhã, os anciãos ou os enfermos, dos quais se querem desfazer; as vítimas do terrorismo, das guerras, da violência e do tráfico de drogas, o meio

ambiente devastado pela relação predatória do homem com a natureza, em tudo isto está sempre em jogo o dom de Deus, do qual somos administradores por excelência].

Em (79), temos um caso de *inclusão*, em que o Papa Francisco expressa o desejo de que “Deus abençoe a mulher paraguaia cada vez mais”, tendo em vista o que a mulher paraguaia tem passado nos tempos de guerra, empregando, para isso a construção volitiva *que+subjuntivo*. Em (80), temos um caso de *não-inclusão*, no qual o Santo Padre reporta a intenção de algumas pessoas ou setores da sociedade que “pretenderiam desfazer-se dos mais idosos e dos doentes” (disposição em concretizar o evento volitivo intencionado), empregando para isso o modalizador *querer* no presente do indicativo. Passemos à Tabela 13 sobre a inter-relação entre a posição do falante e a forma de expressão:

Tabela 13: Inter-relação entre a posição do falante e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Posição do falante	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Inclusão	(15) 12,8%	(13) 11,1%	(03) 2,6%	(03) 2,6%	(38) 32,5%	(72) 61,5%
Não-inclusão	(14) 12,0%	(21) 17,9%	(06) 5,1%	(02) 1,7%	(02) 1,7%	(45) 38,5%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Vemos que os casos de *inclusão* corroboraram uma maior porcentagem de emprego de *construções volitivas*, utilizadas pelo Papa Francisco para expressar seus desejos e anseios ao(s) seu(s) ouvinte(s) em relação a um evento volitivo externo a ele ou que dependesse de outrem em concretizá-lo; enquanto os casos de *não-inclusão* revelaram-nos uma maior ocorrência de *verbo pleno*, empregadas pelo Papa Francisco que, ao construir um enunciador distinto a sua pessoa, fazia uma asserção do que é desejado por um “enunciador genérico” ou um “terceiro-reportado”. Como citado anteriormente, os casos de *inclusão* do Papa Francisco em relação ao tipo de enunciador construído no discurso, corrobora que ele manifeste mais o que lhe parece desejável por meio de construções volitivas; enquanto os casos de *não-inclusão* corroboram o emprego de verbos plenos, haja vista que esta forma de expressão é mais assertiva em representar a carga semântica do modalizador volitivo empregado. Vejamos (81) e (82):

(81) “*Ofrézcanles el calor del amor de Cristo y descifrarán el misterio de su corazón. Estoy seguro de que, una vez más, esta gente enriquecerá a su País y a su Iglesia. Que Dios los **bendiga** y la Virgen los **cuide**.*” (DAR-1)

[Ofereçam-lhes o calor do amor de Cristo e decifrarão o mistério de seu coração. Estou certo de que, uma vez mais, esta gente se enriquecerá a seu País e a sua Igreja. Que Deus os abençoe e a Virgem os cuide].

(82) “[...] *de todos aquellos que **anhelan** soluciones urgentes y efectivas. La adopción de la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible en la Cumbre mundial que iniciará hoy mismo, es una importante señal de esperanza [...]*” (DAP-3)

[De todos aqueles que desejam soluções urgentes e efetivas. A adoção da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável na reunião mundial que se iniciará hoje mesmo é um oportunidade sinal de esperança].

Em (81), temos um caso de *inclusão*, no qual o Papa Francisco expressa um desejo seu de que “Deus abençoe o povo e a Virgem os cuide”, empregando a construção volitiva *que+subjuntivo*, enquanto, em (82), constatamos um caso de *não-inclusão*, no qual o Sumo Pontífice reporta a desejabilidade de “todos aqueles que desejam que soluções urgentes e efetivas sejam tomadas em relação às mudanças climáticas”, empregando um verbo para isso, *anhelar* (desejar).

Salvo a posição do falante, a categoria de análise *tipo de ilocução* também esteve relacionada com o modo verbal e as formas de expressão (categorias de análise relativas ao NM). A Tabela 14 mostra a inter-relação entre o tipo de ilocução e o modo verbal:

Tabela 14: Inter-relação entre o tipo de ilocução e o modo verbal nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Tipo de ilocução	Modo verbal			Total
	Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	
Declarativa	(54) 46,2%	(05) 4,3%	(14) 12,0%	(73) 62,4%
Optativa	(00) 0,0%	(38) 32,5%	(00) 0,0%	(38) 32,5%
Interrogativa	(04) 3,4%	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(05) 4,3%
Imprecativa	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(01) 0,9%
Total	(59) 50,4%	(44) 37,6%	(14) 12,0%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como mostra a Tabela 14, comprovamos que as ilocuições de tipo *declarativas* têm relação direta com o modo *Indicativo*, enquanto as ilocuições de tipo *optativas* estiveram relacionadas com o modo *Subjuntivo*. Salientamos que isso já era esperado, tendo em vista

que, ao empregar o Indicativo, o Papa Francisco faria alguma asserção em relação à desejabilidade de prospecção de algum evento volitivo que estivesse na iminência de ocorrer; empregando, por sua vez, o Subjuntivo para expressar a desejabilidade de algum evento volitivo o qual não poderia assegurar a potencialidade de concretização. Vejamos (83) e (84):

(83) “*Terminaré mi visita a su País en Filadelfia, donde participaré en el Encuentro Mundial de las Familias. He querido que en todo este Viaje Apostólico la familia fuese un tema recurrente...No puedo esconder mi preocupación por la familia, que está amenazada, quizás como nunca, desde el interior y desde el exterior [...]*” (DAP-2)

[Terminarei minha visita a seu País na Filadelfia, onde participarei no Encontro Mundial das Famílias. Quis que, em toda essa Viagem Apostólica, a família fosse um tema recorrente...Não posso esconder minha preocupação pela família, que está ameaçada, talvez como nunca, desde o interior e desde o exterior].

(84) “*El sol es Jesucristo y si la iglesia se aparta o se esconde de Jesucristo se vuelve oscura y no da testimonio. Que estos días se nos haga más evidente a todos la cercanía ‘del sol que nace de lo alto’ [...]*” (DAP-6)

[O sol é Jesus Cristo e se a Igreja se afasta ou se esconde de Jesus Cristo se torna escura e não testemunha. Que nestes dias se faça mais evidente para todos nós essa proximidade do ‘do sol que nasce do alto’].

Em (83), ao fazer uso do pretérito perfeito composto do espanhol no modo indicativo, também chamado de antepresente, o Papa Francisco asseguraria ao(s) seu(s) ouvinte(s) uma desejabilidade sua (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular, *he querido*) de que “debater sobre a situação das famílias” (evento volitivo) foi pensado por ele e culminar-se-á no Encontro Mundial das Famílias na Filadélfia (há a disposição de realizar o evento volitivo, o que justificaria o emprego do indicativo, aproximando a volição do aspecto *realis*). Em (84), ao empregar a construção volitiva *que+subjuntivo*, o Santo Padre expressa ao(s) seu(s) ouvinte(s) o desejo de que “Jesus Cristo (representado pelo sol) estivesse mais próximo do seu povo”, expressando, pois, um evento volitivo com base nas suas crenças e desejos acerca de sua fé, aproximando o evento volitivo do aspecto *irrealis*.

A Tabela 15, por sua vez, apresenta-nos a inter-relação entre o tipo de ilocução e a forma de expressão:

Tabela 15: Inter-relação entre o tipo de ilocução e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Tipo de ilocução	Formas de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Declarativa	(27) 23,1%	(30) 25,6%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(02) 1,7%	(73) 62,4%
Optativa	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(38) 32,5%	(38) 32,5%
Interrogativa	(02) 1,7%	(03) 2,6%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(05) 4,3%
Imprecativa	(00) 0,0%	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(01) 0,9%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Com base na Tabela 15, constatamos que as ilocuições de tipo *declarativas* estão mais relacionadas ao emprego de *auxiliares modais* e *verbos plenos*, enquanto as ilocuições *optativas* relacionam-se mais com as *construções volitivas*. Isso pode ser explicado, tendo em vista que o Papa Francisco, ao fazer asserções sobre o que ele deseja com base em suas crenças e em sua fé, tende a usar mais os auxiliares modais e os verbos plenos, pois estas formas de expressão seriam mais enfáticas ao serem empregadas para manifestar o evento volitivo, já que trazem consigo a carga semântica plena do modalizador volitivo, atenuando a desejabilidade expressa. As ilocuições optativas estariam mais relacionadas às construções volitivas, haja vista que estas expressariam melhor a desejabilidade de algo que é externo ao falante, algo do qual ele não teria controle, mas que desejaria que se concretizasse. Vejamos (85), (86) e (87):

(85) “*Se discute hoy mucho sobre el futuro, sobre qué mundo **queremos dejarle a nuestros hijos** (DAR-2)*

[Discute-se hoje muito sobre o futuro, sobre que tipo de mundo queremos deixar para os nossos filhos].

(86) “[...] **queremos vida, demos vida; queremos oportunidades, brindemos oportunidades. El parámetro que usemos para los demás será el parámetro que el tiempo usará con nosotros**” (DAP-2).

[Queremos vida, demos vida; queremos oportunidades, brindemos oportunidades. O parâmetro que usamos para os demais será o parâmetro que o tempo usará conosco].

(87) “*Señor Presidente, una vez más, le agradezco su acogida, y tengo puestas grandes esperanzas en estos días en su País. ¡Que Dios bendiga a América!* (DAP-1)

[*Senhor Presidente, uma vez mais, agradeço o seu acolhimento, e tenho grandes esperanças em relação ao que será feito no seu país nestes dias. Que Deus abençoe a América!*].

Em (85), temos uma ilocução declarativa, na qual o Papa Francisco faz uso do modalizador *querer* em forma perifrástica para expressar o que parece ser uma desejabilidade de âmbito coletivo “deixar um mundo melhor para as gerações futuras”. Em (86), por meio do emprego do verbo pleno *querer*, o Santo Padre reporta o que também parece ser uma desejabilidade de âmbito coletivo “querer viver bem, desejar qualidade de vida”, empregando uma ilocução do tipo declarativa. Em (87), o Bispo de Roma, emprega a construção volitiva *que+subjuntivo* para expressar a desejabilidade de que “Deus abençoe o povo americano”, empregando, dessa forma, uma ilocução optativa.

Passemos agora a inter-relação entre as categorias de análise referentes ao NR com as categorias de análise relativas ao NM, em que pudemos constatar que: (i) o *valor semântico* da volição tem relação com o *modo verbal* e as *formas de expressão*;²⁵² o que se explica, tendo em vista que a forma de expressão mais adequada corrobora manifestar o valor semântico da volição mais próximo do aspecto *realis*, quando o Papa Francisco emprega o modo indicativo (disposição em performatizar o evento volitivo manifestado); ou do aspecto *irrealis*, quando o Papa Francisco faz uso do modo subjuntivo (desejabilidade de concretização de algum evento futuro); e (ii) a *fonte volitiva* e o *alvo volitivo* se relacionam com todas as categorias de análise relativas ao NM, ou seja, com o *tempo* e o *modo verbais* e a *forma de expressão*;²⁵³ o que se justifica, sabendo-se que ao instaurar a volição sobre o alvo volitivo, a fonte volitiva faz a marcação de tempo e modo verbais e emprega a forma de expressão que contribua, significativamente, com os seus propósitos comunicativos, tais como, por exemplo, o emprego da primeira pessoa do singular no presente do indicativo ou do subjuntivo para reforçar que o evento volitivo desejado advém da fonte (quando a fonte refere-se ao Santo Padre ou à divindade a qual ele representa), reforçando, dessa forma, os

²⁵² O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,00 para o valor semântico e o modo verbal e para o valor semântico e a forma de expressão.

²⁵³ O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,01 para a fonte volitiva e o tempo verbal; e de 0,00 para a fonte volitiva e seu cruzamento com o modo verbal e a forma de expressão. O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,00 para os cruzamentos entre o alvo volitivo e o tempo verbal, o modo verbal e a forma de expressão.

rogos e as súplicas ao longo do discurso; ou a utilização de construções volitivas no intuito de que o ouvinte possa identificar os desejos, os valores e as crenças católicas acerca de determinados assuntos políticos ou religiosos. Resumidamente, temos que todas as categorias de análise relativas ao NR tem relação direta com o *modo verbal* e a *forma de expressão* (NM). Em outras palavras, o tipo de fonte volitiva, ao instaurar a volição sobre o alvo volitivo, escolhe determinado tipo de forma de expressão e marca um tipo específico de modo verbal que melhor caracterize o valor semântico da volição pretendido pelo falante.

Sabendo-se que o modo verbal apresentou apenas dois tipos em nossa pesquisa, o *indicativo* e o *subjuntivo*, pontuaremos brevemente acerca disso. Para os tipos de fonte volitiva, instaurando a volição sobre o alvo volitivo, temos, resumidamente, que os valores semânticos de *desideração* e *optação* estiveram mais relacionados ao modo *subjuntivo*, tendo em vista seu aspecto *irrealis*; enquanto a *intenção* esteve mais relacionada com o modo *indicativo*, haja vista que o Papa Francisco indicaria ao(s) seu(s) ouvinte(s) a “disposição” em concretizar o evento volitivo ou a desejabilidade expressa. Para o valor semântico de *exortação*, o Papa Francisco fez mais uso do *subjuntivo* (por meio de construções volitivas) para exortar aos bispos e aos sacerdotes católicos acerca do que lhe parece desejável em relação à conduta, a fé e aos valores cristãos católicos que deveriam ser ensinados em suas “igrejas particulares” (o Santo Padre faz referência aos bispados e arcebispados). Acreditamos que, possivelmente, o Santo Padre tenha empregado mais o subjuntivo por meio das construções volitivas, por estas estarem relacionadas à expressão de eventos volitivos hipotéticos (haja vista que o Sumo Pontífice não poderia garantir a performatização da volição por parte dos bispos e sacerdotes), o que atenuaria a desejabilidade, segundo Grande Alija (2016), apresentado o evento volitivo mais próximo do aspecto *irrealis* (o que teria relação com a *futuridade*). Dessa forma, ao “ordenar” que os líderes católicos “pussem em prática seus conselhos”, o Papa Francisco, ao empregar as construções volitivas, pareceria menos “incisivo” e, talvez, quisesse transpor para eles um *ethos* mais “amigável” e “menos autoritário”.

Em relação às formas de expressão (categoria de análise relativa ao NM), vimos que esta esteve relacionada também com todas as categorias de análise relativas ao NR. Vejamos a Tabela 16 que nos revela a inter-relação entre o valor semântico e a forma de expressão:

Tabela 16: Inter-relação entre o valor semântico e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Valor semântico	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Intenção	(21) 17,9%	(13) 11,1%	(05) 4,3%	(00) 0,0%	(01) 0,9%	(40) 34,2%
Optação	(04) 3,4%	(12) 10,3%	(04) 3,4%	(01) 0,9%	(15) 12,8%	(36) 30,8%
Desideração	(04) 3,4%	(05) 4,3%	(00) 0,0%	(02) 1,7%	(17) 14,5%	(28) 23,9%
Exortação	(00) 0,0%	(04) 3,4%	(00) 0,0%	(02) 1,7%	(07) 6,0%	(13) 11,1%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como vemos na Tabela 16, os valores semânticos de *desideração* e *optação* foram mais expressos por meio das *construções volitivas*, haja vista que o emprego do modo subjuntivo aproxima o evento volitivo do aspecto *irrealis*, enquanto o valor semântico de *intenção* foi mais expresso por meio de *auxiliares modais* e *verbos plenos*, pois, ao empregar o modo indicativo, o Papa Francisco demonstraria ao(s) seu(s) ouvinte(s) a “disposição” e a certeza de “potencialização” do evento volitivo, aproximando-o mais do aspecto *realis*. Como citado anteriormente, o valor semântico de *exortação* teve mais relação com o emprego das *construções volitivas*, e, conseqüentemente, o emprego do modo subjuntivo, apresentando, dessa forma, suas “ordens” e seus “mandados” como se fossem “desejos”, geralmente, acerca de que algo relacionado à conduta dos bispos e sacerdotes católicos. Vejamos de (88) a (91):

(88) “*Me gustaría que esta alma siga tomando forma y crezca, para que los jóvenes puedan heredar y vivir en una tierra que ha permitido a muchos soñar. Que Dios bendiga a América*” (DAP-2).

[Gostaria que esta alma tomasse forma e crescesse, para que os jovens possam herdar e viver em uma terra que já permitiu a muitos sonhar. Que Deus abençoe a América].

(89) “*Nosotros, los cristianos, identificamos a Jesucristo con el sol... que seamos reflejos de su luz y de su amor [...]*” (DAP-6)

[Nós, os cristãos, identificamos a Jesus Cristo como o sol...que sejamos reflexos de sua luz e de seu amor].

(90) “*el Paraguay, al que aman y quieren servir*” (DAP-8)

[O Paraguai, o país que amam e que querem servir].

(91) “*Sean Pastores cercanos a la gente, Pastores próximos y servidores...que sean expresión de la maternidad de la Iglesia que engendra y hace crecer a sus hijos*” (DAR-1)

[Sejam Pastores mais próximos das pessoas, Pastores próximos e servidores...que sejam expressão da maternidade da Igreja que estimula e faz crescer a seus filhos].

Em (88), temos a modalidade volitiva sendo instaurada por meio da construção volitiva *que+subjuntivo*, em que o Papa Francisco deseja que “Deus abençoe a Nação Americana”, tendo a volição expressa o valor semântico de *desideração*, haja vista que essa “benção” dar-se-ia com base na crença do falante “de existência de um ser transcendental a qual ele representa”, segundo a fé católica (o evento volitivo se situa no campo da não-factualidade). Em (89), o Santo Padre expressa o desejo de que todos os cristãos (e não apenas os cristãos católicos, haja vista que o Ouvinte 1 abarca toda a sociedade civil, incluindo os cristãos não-católicos) sejam “reflexo de luz e amor do próprio Cristo”. Ao empregar, o Papa Francisco, a construção volitiva *que+subjuntivo*, a volição adquire o valor semântico de *opção* (o evento volitivo se situa no campo de factualidade, pois, tomando por base os ensinamentos de Jesus Cristo, os bispos e sacerdotes poderiam “agir” de maneira semelhante a Cristo junto aos fiéis). Em (90), vemos que o Sumo Pontífice emprega o modal *querer* em forma perifrástica para reportar o que parece ser a pretensão do povo paraguaio de “servir ao seu país” (evento volitivo), dessa forma, a modalização volitiva adquire o valor semântico de *intenção*. Em (91), ao fazer uso da construção volitiva *que+subjuntivo*, o Bispo de Roma exorta aos bispos e sacerdotes católicos que eles “estejam mais próximos dos fiéis” (já que essa proximidade “faz com que a Igreja fortaleça a fé dos fiéis”), fazendo que a volição apresente o valor semântico de *exortação*, tendo em vista que a relação hierárquica entre o Papa e os demais bispos e sacerdotes católicos.

Na Tabela 17, apresentamos a inter-relação entre a fonte volitiva e a forma de expressão:

Tabela 17: Inter-relação entre a fonte volitiva e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Fonte volitiva	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Enunciador	(15) 12,8%	(13) 11,1%	(03) 2,6%	(03) 2,6%	(38) 32,5%	(72) 61,5%
Domínio Comum	(10) 8,5%	(15) 12,8%	(03) 2,6%	(01) 0,9%	(02) 1,7%	(31) 26,5%
Indivíduo	(04) 3,4%	(05) 4,3%	(01) 0,9%	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(11) 9,4%
Instituição	(00) 0,0%	(01) 0,9%	(02) 1,7%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(03) 2,6%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Baseando-nos na Tabela 17, notamos que a fonte volitiva de tipo *Enunciador* está mais relacionada com o emprego de *construções volitivas*. Isso se explica, sabendo-se que se trata do próprio falante manifestando seus desejos e vontades em relação a um evento volitivo sobre o qual não teria controle, haja vista que dependeria de outrem, fazendo com que o emprego da construção volitiva atenua a desejabilidade expressa. Para a fonte volitiva de tipo *Domínio Comum*, a forma de expressão de tipo *verbo pleno* esteve mais relacionada a ela, pois o falante, ao empregar um verbo volitivo em sua forma plena, pretendia fazer uma asserção acerca de um desejo de âmbito coletivo. Vejamos (92) e (93):

(92) “**Hago votos para que este acuerdo sea duradero y eficaz y dé los frutos deseados con la colaboración de todas las partes implicadas.** (DAP-3)

[Faço votos para que este acordo seja duradouro e eficaz e dê os frutos desejados com a colaboração de todas as partes implicadas].

(93) “*Esta realidad nos lleva inevitablemente a reflexionar sobre la propia responsabilidad a la hora de construir el México que **queremos*** (DAP-5)

[Esta realidade nos leva, inevitavelmente, a refletir sobre a própria responsabilidade na hora de construir o México que queremos].

Em (92), a fonte volitiva de tipo *Enunciador* emprega a construção volitiva com um verbo suporte, *hacer votos*, para expressar a desejabilidade de que “os acordos sobre as mudanças climáticas sejam duradouros e eficazes”. Em (93), a fonte volitiva de tipo *Domínio Comum* emprega o verbo pleno *querer* para expressar a desejabilidade de “construção de um México que é desejado por todos os mexicanos”.

Vejamos agora a Tabela 18, na qual mostraremos a inter-relação entre o alvo volitivo e a forma de expressão:

Tabela 18: Inter-relação entre o alvo volitivo e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Alvo volitivo	Forma de expressão					Total
	Auxiliar verbal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Domínio Comum	(13) 11,1%	(20) 17,1%	(03) 2,6%	(00) 0,0%	(19) 16,2%	(55) 47,0%
Enunciador	(11) 9,4%	(04) 3,4%	(03) 2,6%	(00) 0,0%	(01) 0,9%	(19) 16,2%
Coenunciador	(02) 1,7%	(05) 4,3%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(11) 9,4%	(18) 15,4%
Inexistente	(00) 0,0%	(02) 1,7%	(02) 1,7%	(03) 2,6%	(07) 6,0%	(14) 12,0%
Instituição	(01) 0,9%	(02) 1,7%	(01) 0,9%	(02) 1,7%	(02) 1,7%	(08) 6,8%
Indivíduo	(02) 1,7%	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(03) 2,6%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

De acordo com a Tabela 18, constatamos que o alvo volitivo de tipo *Domínio Comum* está mais relacionado ao emprego de *verbos plenos*, o que se justifica, sabendo-se que sobre esse tipo de alvo volitivo recai, geralmente, aquilo que a fonte volitiva espera que seja realizado por aquele, sendo o verbo pleno utilizado como um “enfazador” ou “atenuador” da performatização do evento volitivo expresso. Para os casos em que o alvo volitivo seja do tipo *Inexistente*, o emprego da construção volitiva se justifica, sabendo-se que o falante manifestaria a esperança de que um dado evento ocorresse, sendo a construção volitiva, acompanhada do emprego do subjuntivo, um “asseverador” tanto da desejabilidade do evento volitivo quanto da “incerteza” de realização deste.

Vejamos (94) e (95):

(94) “[...] *Esta regla nos da un parámetro de acción bien preciso... queremos oportunidades, brindemos oportunidades.*” (DAP-2)

[Esta regra nos dá um parâmetro de ação bem preciso...queremos oportunidades, brindemos oportunidades].

(95) “**Que** los sacramentos los **alimenten** con ese sustento que no se pueden proporcionar a sí mismos...Vigilar sin descanso, elevándose para abarcar con la mirada de Dios a la grey que sólo a él pertenece. Elevarse hasta la altura de la

Cruz de su Hijo, el único punto de vista que abre al pastor el corazón de su rebaño.” (DAR-1)

[Que os sacramentos os alimentem com esse sustento que não podem proporcionar a si mesmos...Vigiar sem descanso, elevando-se para abarcar com o olhar de Deus a messe que só a ele pertence. Elevar-se até a altura da Cruz de seu Filho, o único ponto de vista que abre ao pastor o coração de seu rebanho].

Em (94), temos que a desejabilidade de “querer oportunidades” (a volição) é instaurada e recai ao mesmo tempo sobre toda a sociedade mexicana (alvo volitivo), que, para o falante (Papa Francisco), remete a uma desejabilidade de âmbito coletivo (se é desejado oferecer oportunidades, é preciso oferecer oportunidades). Em (95), a desejabilidade de que “os sacramentos possam alimentar e sustentar a fé” recaindo sobre o alvo volitivo “messe” (os fiéis católicos confiados aos bispos e sacerdotes católicos americanos), a partir do emprego da construção volitiva *que+subjuntivo*.

Como dito anteriormente, as categorias de análise relativas ao Componente Contextual também estiveram relacionadas com as categorias de análise referentes ao NM. Após realizarmos a inter-relação por meio do SPSS, constatamos que tanto o *tipo de ambiente* quanto o *tipo de ouvinte* estiveram relacionados com a *forma de expressão*.²⁵⁴ Dessa forma, podemos inferir que o tipo de ambiente e o tipo de ouvinte (categorias de análise relativas ao Componente Contextual) influenciam na forma de expressão (categoria relativa ao NM) empregada pelo Papa Francisco ao modalizar de forma volitiva.

Vejamos a Tabela 19, que nos mostra a inter-relação entre o tipo de ambiente e a forma de expressão:

Tabela 19: Inter-relação entre o tipo de ambiente e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Tipo de Ambiente	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Religioso	(19) 16,2%	(11) 9,4%	(02) 1,7%	(04) 3,4%	(26) 22,2%	(62) 53,0%
Político	(10) 8,5%	(23) 19,7%	(07) 6,0%	(01) 0,9%	(14) 12,0%	(55) 47,0%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

²⁵⁴ O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,05 para a inter-relação entre o tipo de ambiente e a forma de expressão. Para o cruzamento entre o tipo de ouvinte e a forma de expressão, o teste do *Qui-quadrado* foi de 0,02.

Tendo por base a Tabela 19, comprovamos que em ambientes *políticos* há uma preferência por *verbos plenos* para a instauração da modalidade volitiva, enquanto, em ambientes *religiosos*, há uma maior ocorrência de *construções volitivas*. Em ambientes políticos, o emprego de verbos plenos se justifica, tendo em mente a “carga semântica” que o verbo ocasiona ao modalizar o discurso volitivamente, já que possui um núcleo de significação verbal em si mesmo, asseverando a desejabilidade expressa ao Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil) acerca de assuntos, geralmente, políticos. Nos ambientes religiosos, a maior incidência de construções volitivas pode ser explicada, com base em Grande Alija (2016), devido ao seu caráter desiderativo-apelativo, ou seja, as construções volitivas funcionariam como uma espécie de “rogo” ou “súplica” mais atenuada do que é desejado pelo falante, movendo o Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos) a performatizar o evento volitivo expresso.

Vejamos (96) e (97):

(96) “*Si se **quiere** un verdadero desarrollo humano integral para todos.*” (DAP-3)

[Se se quer um verdadeiro desenvolvimento humano integral para todos].

(97) “*Por favor, **que** nuestra pastoral **sea** gratuita [...]*” (DAR-4)

[Por favor, que nossa pastoral seja gratuita].

Em (96), o Papa Francisco faz uso do verbo pleno *querer*, em ambiente político, para reportar o que parece ser uma desejabilidade de âmbito coletivo (que fica evidenciado pelo emprego da terceira pessoa do singular e da partícula “se”) que consiste em “desejar o desenvolvimento humano para todos” (volição). Em (97), o Santo Padre faz uso da construção volitiva *que+subjuntivo* para exortar, em um ambiente religioso, aos bispos e sacerdotes católicos a “realizarem sua ação pastoral de forma gratuita” (evento volitivo).

Por fim, na Tabela 20, trazemos a inter-relação entre o tipo de ouvinte e a forma de expressão:

Tabela 20: Inter-relação entre o tipo de ouvinte e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola

Tipo de ouvinte	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Ouvinte 2	(19) 16,2%	(10) 8,5%	(02) 1,7%	(04) 3,4%	(26) 22,2%	(61) 52,1%
Ouvinte 1	(10) 8,5%	(24) 20,5%	(07) 6,0%	(01) 0,9%	(14) 12,0%	(56) 47,9%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Com base na Tabela 20, temos uma predominância de *verbo pleno* quando o Papa Francisco instaurou a modalidade volitiva para o *Ouvinte 1*, enquanto para o *Ouvinte 2*, houve uma maior incidência de *construções volitivas*. Reiteramos o que foi já dito anteriormente, que, tendo em vista o ambiente político e o Ouvinte 1, os verbos plenos seriam utilizados, possivelmente, no intuito de asseverar a desejabilidade expressa, enquanto em ambiente religioso e para o Ouvinte 2, o emprego de construções volitivas se explica, sabendo-se que estas funcionariam como uma espécie de “súplica” ou “apelo” para que se concretize o que é desejado pelo falante.

Vejamos (98) e (99):

(98) “*Busquemos para los demás las mismas posibilidades que deseamos para nosotros.*” (DAP-2)

[Busquemos para os demais as mesmas possibilidades que desejamos para nós].

(99) “*Hermanos, que sus corazones sean capaces de seguirlos y alcanzarlos más allá de las fronteras.*” (DAR-3)

[Irmãos, que seus corações sejam capazes de segui-los e de alcançá-los muito além das fronteiras].

Em (98), ao discursar para o Ouvinte 1, o Papa Francisco emprega o verbo pleno *desejar* para instigar ao(s) seu(s) ouvinte(s) de “buscar as mesmas possibilidades para todos, da mesma forma que desejamos para nós”. Em (99), ao empregar a construção volitiva *que+subjuntivo*, o Santo Padre exorta ao Ouvinte 2, particularmente os bispos e sacerdotes católicos, a “apascentar o rebanho, seguindo ‘os corações’ dos fiéis, até ultrapassar todas as fronteiras”.

Com base nas inter-relações apresentadas nesta subsecção, comprovamos, dessa forma, que a nossa teoria de base, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), está se

comprovando empiricamente, no que concerne a estratificação descendente dos níveis, haja vista a organização morfossintática (Nível Morfossintático) para a expressão dos “desejos”, “vontades” e “intenções” do falante (Papa Francisco) ou do participante expresso no predicado é influenciada pela semântica (Nível Representacional) e pelos aspectos pragmático-discursivos (Nível Interpessoal), além de ser influenciada pelo contexto (Componente Contextual), o qual está fora do Componente Gramatical, mas que também influencia na produção das expressões linguísticas, já que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), é o responsável pelo domínio discursivo. Após apresentarmos a inter-relação entre as categorias de análise com base no nosso problema e hipótese primária, passaremos agora à inter-relação com base nos problemas e hipóteses secundárias.

5.2.2 A inter-relação entre as categorias de cada nível do Componente Gramatical e do Componente Contextual

Tendo por ponto de partida os nossos problemas secundários, formulamos, para cada um deles, algumas hipóteses referentes à inter-relação entre as categorias de análise relativas aos níveis do Componente Gramatical e entre eles e o Componente Contextual. Dessa forma, levantamos hipóteses que inter-relacionavam entre si as categorias de análise relativas a cada nível e ao Componente Contextual. Após fazermos a rodagem dos dados no SPSS, pudemos constatar que as categorias de análise, de fato, estavam relacionadas, tendo em vista o teste do *Qui-quadrado*; comprovando-nos, dessa forma, que as nossas hipóteses estavam corretas.

A nossa primeira hipótese fazia referência às categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal: (i) no que diz respeito à Formulação (Nível Interpessoal), a *inclusão* do Papa Francisco em relação ao tipo de enunciador por ele construído no discurso acarretará ilocuções *optativas*, pois o Papa expressaria ao ouvinte suas necessidades volitivas no que concerne ao evento volitivo expressado, enquanto a *não-inclusão* condicionará ilocuções *declarativas*, haja vista que o Papa reportará as necessidades volitivas de um terceiro-reportado, podendo ser a divindade a qual ele representa, Jesus Cristo, ou aquilo que é desejável por parte de alguma instituição em particular.

Ao fazermos o cruzamento entre a *posición do falante* e o tipo de *ilocução* (ambas as categorias de análise relativas ao NI) constatamos que há uma relação entre essas categorias de análise.²⁵⁵ Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 21:

Tabela 21: Cruzamento entre a posição do falante e o tipo de ilocução nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Posição do Falante	Tipo de ilocução				Total
	Declarativa	Interrogativa	Optativa	Imprecativa	
Inclusão	(36) 30,8%	(00) 0,0%	(36) 30,8%	(00) 0,0%	(72) 61,5%
Não-inclusão	(37) 31,6%	(05) 4,3%	(2) 1,7%	(01) 0,9%	(45) 38,5%
Total	(73) 62,4%	(05) 4,3%	(38) 32,5%	(01) 0,9%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Com base na Tabela 21, concluímos que, nos casos em que o falante coincidia com o enunciador por ele construído na construção discursiva (*inclusão*), prevaleceram as ilocuições *declarativas* e *optativas* (e não apenas as optativas como havíamos pensado antes), enquanto nos casos em que o falante construiu um “enunciador genérico” ou um “terceiro-reportado” (*não-inclusão*), sobressaíram-se as ilocuições de tipo *declarativas*. Acreditamos que os casos de inclusão favoreciam que o falante (Papa Francisco) fizesse mais asserções (por meio de ilocuições declarativas) acerca do que era desejado ou atenuasse mais aquilo que lhe parecia desejável (por meio de ilocuições optativas); enquanto os casos de *não-inclusão* eram favoráveis ao emprego de ilocuições declarativas, já que o falante apenas reportava o que era o desejo da coletividade ou de um indivíduo ou instituição em particular.

Vejamos (100), (101) e (102):

(100) “[...] **Prefiero** más bien **realizar** de nuevo ese esfuerzo –antiguo y siempre nuevo– de preguntarnos por los caminos a seguir, los sentimientos que hemos de conservar mientras trabajamos, el espíritu con que tenemos que actuar” (DAR-1)
[Prefiro mais que realizar de novo esse esforço – antigo e sempre novo – de nos perguntar pelos caminhos a seguir, os sentimentos que teremos de conservar enquanto trabalhamos, o espírito com que temos de atuar].

(101) “[...] comparto con ustedes algunas reflexiones que considero oportunas para nuestra misión...**Que** el estilo de nuestra misión **suscite** en cuantos nos

²⁵⁵ O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,00.

escuchan la experiencia del «por nosotros» de este anuncio: que la Palabra dé sentido y plenitud a cada fragmento de su vida [...]» (DAR-1)

[Compartilho com vocês algumas reflexões que considero oportunas para a nossa missão...Que o estilo de nossa missão suscite em quantos nos escutam a experiência do «por nós» deste anúncio: que a Palavra dê sentido e plenitude a cada momento de sua vida].

(102) “Ese mismo fue el deseo de San Juan Pablo II con su ardiente llamamiento «que Cuba se abra con todas sus magníficas posibilidades al mundo y que el mundo se abra a Cuba»” (DAP-4)

[Esse mesmo foi o desejo de São Paulo II com seu ardente chamado «que Cuba se abra com todas as suas magníficas possibilidades ao mundo e que o mundo se abra a Cuba»].

Em (100) e (101), temos que o Papa Francisco constroi-se como o “enunciador” na construção discursiva (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular, *prefiero* e *comparto*), expressando ao seu Ouvinte 2 seus desejos particulares por meio de ilocuções declarativas e do modalizador volitivo *preferir+infinitivo* e da construção volitiva *que+subjuntivo*, acerca do que lhe parece desejável em relação “aos caminhos que os bispos católicos devem seguir e com espírito devem atuar no meio da comunidade de fiéis” e “a realização da missão episcopal, atraindo novos adeptos por meio da evangelização” (eventos volitivos). Em (102), o Santo Padre reporta os anseios de seu antecessor no papado, o Papa João Paulo II, modalizando, volitivamente, por meio do substantivo *deseo* (desejo) e de uma ilocução declarativa, a respeito do que parecia desejável a este em relação à situação de Cuba no momento em que neste país discursou, “a abertura de Cuba ao mundo, e o acolhimento do mundo a essa abertura” (evento volitivo). Prafraseando que foi reportado pelo Papa Francisco, temos: *San Juan Pablo II queria «que Cuba se abra con todas sus magníficas posibilidades al mundo y que el mundo se abra a Cuba»*; já que Cuba ainda se encontra “isolada” dos demais países ocidentais hodiernamente, fazendo com que a desejabilidade expressa aponte para uma possível abertura do Governo Cubano para o Ocidente.

Salvo a inter-relação entre as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal, a nossa segunda hipótese fazia referência a duas categorias de análise do Nível Representacional (a fonte volitiva e o valor semântico), a saber: (ii) no que diz respeito à Formulação (Nível Representacional), haverá predileção por um valor semântico a depender do tipo de fonte que instaura a volição, podendo a fonte volitiva de tipo *Enunciador* utilizar mais o valor semântico de *desideração*, ao expressar a volição mais relacionada a não-

factualidade do evento volitivo; enquanto as fontes volitivas de tipo *Instituição* ou *Indivíduo* seriam relacionadas mais ao valor semântico de *optação*, para expressar a desejabilidade de algum evento volitivo ocorra. A fonte volitiva de tipo *Domínio Comum* seria utilizada mais com o valor semântico de *intenção*, para expressar um maior comprometimento com o evento volitivo apresentado.

Ao fazermos o cruzamento entre a *fonte volitiva* e o *valor semântico da volição* (ambas as categorias de análise referentes ao NR), comprovamos que as categorias de análise estavam relacionadas de modo significativo.²⁵⁶ Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 22:

Tabela 22: Cruzamento entre a fonte volitiva e o valor semântico da volição nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Fonte volitiva	Valor semântico da volição				
	Desideração	Optação	Intenção	Exortação	Total
Enunciador	(20) 17,1%	(20) 17,1%	(20) 17,1%	(12) 10,3%	(72) 61,5%
Domínio Comum	(02) 1,7%	(13) 11,1%	(16) 13,7%	(00) 0,0%	(31) 26,5%
Indivíduo	(06) 5,1%	(01) 0,9%	(03) 2,6%	(01) 0,9%	(11) 9,4%
Instituição	(00) 0,0%	(02) 1,7%	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(03) 2,6%
Total	(28) 23,9%	(36) 30,8%	(40) 34,2%	(13) 11,1%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Tendo por base a Tabela 22, comprovamos que a fonte de tipo *Enunciador* (que diz respeito ao próprio falante) instaura mais os valores semânticos prototípicos da modalidade volitiva (e não apenas o valor semântico de *desideração* como havíamos hipotetizado); o que pode ser explicado, sabendo-se que em seus discursos religiosos, o Bispo de Roma poderia falar abertamente sobre o que lhe parecia desejável acerca de assuntos tanto políticos quanto religiosos, referindo-se tanto a eventos volitivos ligados à factualidade (*optação* e *intenção*) quanto a eventos volitivos ligados a não-factualidade (*desideração*). A fonte de tipo de *Indivíduo* instaurou mais o valor semântico de *desideração* (e não o valor de *optação*), tendo em vista que a maioria dos casos encontrados desse tipo de fonte fazia referência a alguma entidade relacionada à fé católica. A fonte de tipo *Instituição* esteve mais relacionada, frequentemente, com a instauração do valor de *optação*, sabendo-se que o Papa Francisco, na maioria dos casos, reportava a desejabilidade da Igreja Católica (instituição a qual ele representa) ou alguma instituição política no que diz respeito à desejabilidade de algum evento volitivo externo a instituição que era reportada. Para a fonte de tipo *Domínio*

²⁵⁶ O teste do Qui-quadrado foi de 0,05.

Comum, constatamos que houve uma preferência pelo valor semântico de *intenção*, em que o Sumo Pontífice reportava o que era a “disposição” da coletividade ou de um grupo de pessoas (jovens, idosos, políticos, etc.).

Vejamos (103), (104) e (105):

(103) “[...] **quisiera** que mi saludo llegase especialmente a todas aquellas personas que, por diversos motivos, no podré encontrar [...]” (DAP-4)

[Desejaria que a minha saudação chegasse especialmente a todas aquelas pessoas que por diversos motivos, não poderei encontrar].

(104) “Los animo a que sigan trabajando con todas sus fuerzas...**que no haya** más víctimas de la violencia, la corrupción o el narcotráfico” (DAR-1)

[Espero que sigam trabalhando com todas as suas forças...que não haja mais vítimas da violência, da corrupção ou do narcotráfico].

(105) “[...] **Quiero bendecir** la fe de ustedes, **quiero bendecir** sus manos, **quiero bendecir** su comunidad. Vine a dar gracias con ustedes, porque la fe se ha hecho esperanza y es una esperanza que estimula el amor...que los bendiga Dios Todopoderoso El Padre, y el Hijo y el Espíritu Santo.” (DAR-5)

[Quero abençoar a fé de vocês, quero abençoar suas mãos, quero abençoar sua comunidade. Vim para dar graças com vocês, porque a fé se fez esperança e é uma esperança que estimula ao amor...que os abençoe Deus Todo-poderoso o Pai, o Filho e o Espírito Santo].

De (103) a (105), temos uma fonte volitiva de tipo *Enunciador* (que coincide com o próprio falante, o Papa Francisco). Em (103), o Papa Francisco utiliza o modalizador volitivo *querer* para instaurar um desejo seu de que “sua saudação possa chegar a todos” (evento volitivo), tendo a volição expressa o valor semântico de *desejabilidade*. Em (104), a fonte volitiva instaura a volição por meio da construção volitiva *que+subjuntivo*, com valor semântico de *optação*, instaurando a desejabilidade acerca da “inexistência de vítimas da violência, corrupção e narcotráfico” (evento volitivo). Em (105), o Santo Padre expressa a desejabilidade (intenção) de “abençoar a fé dos bispos católicos, suas mãos (para que continuem abençoando os fiéis católicos) e a comunidade de fiéis católicos a esses bispos confiados”. A volição expressa apresenta o valor semântico de *intenção*, em que a

“disposição” de realizar aquilo que é desejado culmina em um ato performativo (benção por meio de um ritual litúrgico).

Passemos agora aos outros tipos de fonte volitiva. Vejamos (106), (107) e (108):

(106) “[...] *el diablo quiere que se peleen entre ustedes porque así divide y los derrota y les roba la fe.*” (DAR-5)

[O diabo quer que vocês briguem entre vocês porque assim divide-os, derrota-os e rouba-lhes a fé].

(107) “[...] *la Iglesia católica...que renueva su compromiso y voluntad de servicio a la gran causa del hombre: la edificación de la civilización del amor.*” (DAP-5)

[A Igreja Católica...que renova seu compromisso e vontade de serviço a grande causa do homem: a edificação da civilização do amor].

(108) “[...] *A pesar de tantas dificultades como las que aquejan hoy a nuestras familias en el mundo, no nos olvidemos de algo, por favor: las familias no son un problema, son principalmente una oportunidad... Se discute hoy mucho sobre el futuro, sobre qué mundo queremos dejarle a nuestros hijos [...]*” (DAR-2)

[Apesar de tantas dificuldades como as que se queixam hoje as nossas famílias no mundo, não nos esquecemos de algo, por favor: as famílias não são um problema, são principalmente uma oportunidade...se discute muito sobre o futuro, sobre que mundo queremos deixar aos nossos filhos].

Em (106), a fonte de tipo *Indivíduo* (o diabo - reportada pelo Papa Francisco) instaura a volição, com valor semântico de *desideração*, sobre o que lhe parece desejável (entendido como uma imprecação) de “fazer com que os bispos discutam entre si, para derrotá-los”. Salientamos que o valor semântico se deve ao fato de o indivíduo, em questão, estar relacionado à crença cristã, podendo ser apenas localizado na mente daqueles que compartilham da mesma fé. Em (107), vemos uma fonte de tipo *Instituição* (também reportada pelo Santo Padre), instaurando a volição, com valor semântico de *optação*, sobre o que lhe parece desejável acerca da “construção de um mundo melhor para todos” (evento volitivo). Em (108), a fonte de tipo *Domínio Comum* (nesse caso, o Papa Francisco constrói um “enunciador genérico” ao empregar a primeira pessoa do plural, *nosotros*), instaura a volição por meio do modalizador *querer+infinitivo* e com valor semântico de *intenção*, ao

fazer uma pergunta retórica na qual estaria contida a deseabilidade de “deixar para os descendentes um mundo melhor” (evento volitivo).

Além da inter-relação entre a fonte volitiva e o valor semântico da volição, consideramos também o alvo volitivo (outra categoria de análise referente ao Nível Representacional) para fazermos a inter-relação. Por isso, a nossa terceira hipótese fazia referência ao valor semântico e o alvo volitivo, a saber: (iii) no que diz respeito à Formulação (Nível Representacional), haverá predileção por um valor semântico a depender do tipo de alvo volitivo sobre quem a volição é instaurada, podendo o alvo volitivo de tipo *Enunciador* estar mais relacionado ao valor semântico de *intenção*, pois haveria um maior envolvimento e comprometimento com o evento volitivo manifestado; enquanto os alvos volitivos de *Indivíduo*, *Instituição* ou *Domínio Comum* estariam mais relacionados ao valor semântico de *opção*, haja vista que se esperaria deles a realização do evento volitivo. O alvo volitivo de *Coenunciador* poderia estar mais relacionado ao valor semântico de *exortação*, haja vista que há um maior envolvimento e comprometimento não apenas com o evento volitivo, mas com a fonte volitiva (com quem o alvo volitivo tem uma relação hierárquica). Para os casos de alvo volitivo do tipo *Inexistente*, o valor semântico mais relacionado seria o de *opção*, pois acreditamos que se trate de eventos volitivos dos quais a fonte volitiva espera que se potencializem.

Ao fazermos o cruzamento entre o *alvo volitivo* e o *valor semântico da volição* (ambas as categorias de análise referentes ao NR), verificamos que há uma relação significativa entre essas categorias de análise.²⁵⁷ Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 23:

Tabela 23: Cruzamento entre alvo volitivo e valor semântico da volição nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Alvo volitivo	Valor semântico da volição				Total
	Desideração	Opção	Intenção	Exortação	
Domínio Comum	(15) 12,8%	(17) 14,5%	(19) 16,2%	(04) 3,4%	(55) 47,0%
Enunciador	(02) 1,7%	(00) 0,0%	(17) 14,5%	(00) 0,0%	(19) 16,2%
Coenunciador	(06) 5,1%	(04) 3,4%	(01) 0,9%	(07) 6,0%	(18) 15,4%
Inexistente	(02) 1,7%	(12) 10,3%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(14) 12,0%
Instituição	(02) 1,7%	(03) 2,6%	(01) 0,9%	(02) 1,7%	(08) 6,8%
Indivíduo	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(02) 1,7%	(00) 0,0%	(03) 2,6%
Total	(28) 23,9%	(36) 30,8%	(40) 34,2%	(13) 11,1%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

²⁵⁷ O teste do Qui-quadrado foi de 0,00.

Com base na Tabela 23, comprovamos que, sobre o alvo volitivo de tipo *Enunciador*, foi instaurada mais a volição com valor semântico de *intenção*, bem como ocorreu com os alvos volitivos de tipo *Indivíduo* e *Domínio Comum* (e não o valor de *opção* como havíamos hipotetizado); o que pode ser justificado, haja vista que para esses três tipos de alvo volitivo, no nosso *corpus*, tinham o mesmo referente da fonte volitiva, isto é, eram referentes ao mesmo tempo fonte e alvo volitivos; assegurando, dessa forma, a potencialização do evento volitivo, ou seja, a disposição em concretizar aquilo que é desejado. Para o alvo volitivo de *Instituição* recaiu mais a volição com valor semântico de *opção* (como havíamos hipotetizado), tendo em vista que o Papa Francisco instaurou mais a volição sobre esse tipo de alvo volitivo acerca do que lhe parecia desejável que se performatizasse por parte deste. Para o alvo volitivo de tipo *Coenunciador* recaiu mais o valor semântico de *exortação* (como havíamos hipotetizado), o que se explica, sabendo-se que nesses casos o Papa Francisco direcionava seu discurso, diretamente, sobre os bispos e sacerdotes católicos, exortando-os a concretizarem o que lhes era pedido. Para o alvo volitivo de tipo *Inexistente*, recaiu mais o valor semântico de *opção* (como também havíamos hipotetizado), já que o Papa Francisco apenas expressou o que parecia desejável de concretizar-se em relação ao evento volitivo manifestado.

Vejamos (109), (110) e (111):

(109) “[...] **No quiero terminar sin hacer mención a la Eucaristía [...]**” (DAR-2)
[Não quero terminar sem fazer menção a Eucaristia].

(110) “[...] **Jesús quiere utilizar como espacio de su memorial, una cena.**”
(DAR-2)
[Jesus quer utilizar como espaço de seu memorial, uma ceia].

(111) “**Yo les voy a proponer algo a todas aquellas mujeres que están embarazadas de esperanza, porque un hijo es una esperanza, que en este momento se toquen la panza [...]**” (DAR-2)
[Vou propor-lhes algo a todas aquelas mulheres que estão grávidas de esperança, porque um filho é uma esperança, que neste momento toquem a barriga].

Em (109), temos um alvo volitivo de tipo *Enunciador* (a volição recai sobre a fonte volitiva), em que o Papa Francisco (fonte volitiva) pretende finalizar seu discurso,

falando a respeito da Eucaristia (evento volitivo), satisfazendo, dessa forma, um desejo seu e para ele próprio (alvo volitivo). Para isso, o Santo Padre emprega o modalizador *querer+infinitivo*, sendo a volição expressa com valor semântico de *intenção*. Em (110), temos um alvo volitivo tipo *Indivíduo* (a volição recai sobre uma pessoa especificamente), em que Jesus (fonte volitiva) pretendeu “utilizar de um lugar apropriado para realizar um jantar” (evento volitivo), satisfazendo, assim, um desejo dele e para ele próprio (alvo volitivo), sendo também a volição expressa com valor semântico de *intenção*. Em (111), a fonte volitiva (Papa Francisco) instaura a volição (intenção) sobre o alvo volitivo (*las mujeres embarazadas*) de tipo *Domínio Comum* (grupo de pessoas, nesse caso, todas as mulheres grávidas), expressando a intenção de “propor-lhes que toquem a sua barriga para abençoar ao filho que estão esperando”. De acordo com Topor (2011), a perífrase *ir+a+infinitivo*, teria também se gramaticalizado na língua espanhola para a marcação de alguma “intenção” do falante ou do participante exposto no predicado, como no exemplo: Vou denunciar os ladrões.²⁵⁸ Em (109), (110) e (111), o valor semântico da volição é de *intenção*.

Em relação aos alvos volitivos de *Instituição* e *Inexistente*, vejamos (112) e (113):

(112) “**Animo** a los responsables políticos a continuar avanzando por este camino y a desarrollar todas sus potencialidades [...]” (DAP-4)

[Espero que os responsáveis políticos continuem avançando por este caminho e desenvolvam todas as suas potencialidades].

(113) “[...] en ese mismo amor tiene que ser el impulso para crecer cada día más en gestiones transparentes y que luchan impetuosamente contra la corrupción. Sé que existe una firme **voluntad** para desterrar hoy la corrupción.” (DAP-8)

[Neste mesmo amor tem que ser o impulso para crescer cada dia mais em gestões transparentes e que lutam, impetuosamente, contra a corrupção. Sei que existe uma firme vontade para acabar com a corrupção].

Em (112), o alvo volitivo é de tipo *Instituição*, em que a fonte volitiva (Enunciador) instaura a volição sobre “os responsáveis políticos” (representantes das instituições governamentais), desejando que o alvo da volição “possa seguir avançando por um caminho de paz e de desenvolvimento de suas potencialidades” (evento volitivo); por meio do modalizador volitivo *animo*, o Papa Francisco instaura a volição com valor

²⁵⁸ Tradução nossa. O original diz: “Voy a denunciar a los ladrones” (TOPOR, 2011, p. 177).

semântico de *optação*. Em (113), também com valor semântico de *optação*, o Papa Francisco reporta o que parece ser a desejabilidade comum ao povo paraguaio (fonte volitiva) de “erradicar a corrupção no país” (evento volitivo). Nesse caso, não há um alvo volitivo específico, mas apenas a desejabilidade de que um dado evento ocorra. Ressaltamos que, ainda que se tomem medidas para “banir a corrupção”, ela é praticada por seres humanos não podendo, estes, “serem controlados”, mas apenas “conscientizados”, o que evidenciaria o emprego do substantivo *voluntad* (vontade) para o evento volitivo reportado. Ressaltamos que o alvo volitivo de tipo *Inexistente* esteve mais relacionado ao valor semântico de *optação*, já que a fonte volitiva não teria controle [- controle] sobre o evento volitivo expressado, pois se referia a algo externo à fonte volitiva.

No que diz respeito ao alvo volitivo de tipo *Coenunciador*, este esteve mais atrelado ao valor semântico de *exortação*, nos casos em que o Papa Francisco (fonte volitiva) instaurava a volição diretamente para os bispos e sacerdotes católicos (alvo volitivo), já que lhes falava diretamente. Vejamos (114):

(114) “[...] *La esencia de nuestra identidad se ha de buscar en la oración asidua, en la predicación...Que encuentren siempre en sus labios el reconocimiento de su capacidad de hacer y construir, en la libertad y la justicia, la prosperidad de la que esta tierra es pródiga*” (DAR-2)

[A essência da nossa identidade deve ser buscada na oração assídua, na evangelização...Que encontrem sempre em seus lábios o reconhecimento de sua capacidade de fazer e construir, na liberdade e a justiça, a prosperidade de que esta terra é pródiga].

Em (114), o Papa Francisco (fonte volitiva) instaura a volição sobre o alvo volitivo (bispos católicos), o que fica evidenciado pelo emprego do pronome possessivo *sus* (seus) e *su* (seu), por meio da construção volitiva *que+subjuntivo*, para exortar-lhes acerca “da construção de uma sociedade livre e mais justa para todos por meio das palavras deles” (evento volitivo).

Após hipotetizarmos acerca da inter-relação entre as categorias de análise referente ao Nível Representacional, a nossa quarta hipótese esteve relacionada a duas categorias de análise do Nível Morfossintático, a saber: (iv) no que diz respeito à Codificação (Nível Morfossintático), haverá uma relação entre o modo *indicativo* e as formas de expressão *auxiliar modal* e *verbo pleno*, pois o falante conseguiria expressar a potencialidade e performatividade do evento volitivo expresso ao ouvinte, enquanto o modo *subjuntivo* estaria

mais relacionado à *construção volitiva*, haja vista que o falante expressaria de forma mais atenuada a desejabilidade do evento volitivo (do qual ele não teria controle) ao ouvinte, de quem dependeria a potencialidade e performatividade do evento volitivo expresso.

Ao fazermos o cruzamento entre o *modo verbal* e a *forma de expressão* (ambas as categorias de análise referentes ao NM), averiguamos que há uma relação entre essas categorias de análise.²⁵⁹ Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 24:

Tabela 24: Cruzamento entre o modo verbal e a forma de expressão nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Modo verbal	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Indicativo	(29) 24,8%	(29) 24,8%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(01) 0,9%	(59) 50,4%
Subjuntivo	(00) 0,0%	(05) 4,3%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(39) 33,3%	(44) 37,6%
Não se aplica	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(00) 0,0%	(14) 12,0%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Com base na Tabela 24, pudemos constatar que há uma relação entre o modo *indicativo* e as formas de expressão de tipo *auxiliar modal* e *verbo pleno*; o que se explica, sabendo-se que ao ser empregado o modo indicativo por meio de auxiliares modais e verbos plenos, haveria uma asseveração da desejabilidade expressa, já que a carga semântica do verbo volitivo se encarregaria de expressar a “disposição” do falante ou do participante contido no predicado acerca da potencialidade de performatização do evento volitivo, que estaria mais próximo do aspecto *realis*. Para o modo *subjuntivo*, as *construções volitivas* foram as mais recorrentes, o que se justifica, com base na expressão da desejabilidade de que o evento volitivo (não controlado pelo falante, já que dependeria de algo externo a ele) venha a se concretizar, o que levaria a atenuação da volição expressa por meio da construção volitiva. Os casos de “não se aplica” fazem referência aos “adjetivos em posição predicativa” (que não foram considerados, já que os casos de modalizações volitivas mantiveram-se constantes, com o emprego do verbo *ser* na terceira pessoa do singular seguido de um adjetivo) e aos “substantivos”.

Vejamos (115), (116) e (117):

²⁵⁹ O teste do Qui-quadrado foi de 0,00.

(115) “[...] porque la fe se ha hecho esperanza y es una esperanza que estimula el amor. La fe que despierta Jesús es una fe con capacidad de soñar futuro y de luchar por eso en el presente. Precisamente por eso yo los **quiero estimular** a que sigan siendo misioneros de esta fe, a seguir contagiando esta fe por estas calles, por estos pasillos.” (DAR-5)

[Porque a fé se fez esperança e é uma esperança que estimula ao amor. A fé que desperta Jesus é uma fé com capacidade de sonhar com o futuro e de lutar por isso no presente. Precisamente, por isso, eu quero estimulá-los a que sigam sendo missionários desta fé, a seguir contagiando esta fé por estas ruas, por estes corredores].

(116) “**Confío** también que la Conferencia de París sobre el cambio climático logre acuerdos fundamentales y eficaces.” (DAP-3)

[Espero que a Conferência de Paris sobre as mudanças climáticas consiga acordos fundamentais e eficazes].

(117) “Quiero rezar por su familia...**Que** la Sagrada Familia nos **regale** pastores, **que** nos **regale** curas, obispos, capaces de acompañar, de sostener y de estimular la vida de sus familias, capaces de hacer crecer esa fe solidaria que nunca es vencida.” (DAR-5)

[Quero rezar por sua família...Que a Sagrada Família nos presenteie pastores, que nos presenteie padres, bispos, capazes de acompanhar, de sustentar e de estimular a vida das famílias, capazes de fazer crescer essa fé solidária que nunca é vencida].

Em (115), temos o modalizador *querer*, funcionando como um *auxiliar modal* e empregado no modo *indicativo*, para expressar a desejabilidade do Papa Francisco em “estimular”, o que se dá por meio de palavras, fazendo com que os “bispos e fiéis católicos”, entendam a importância da “fé cristã”, exortando-os para que persistam e propaguem a fé católica (evento volitivo). Em (116), temos que o Papa Francisco expressa a desejabilidade de que a Conferência de Paris “consiga produzir os efeitos esperados em relação as mudanças climáticas” (evento volitivo); para isso, o Sumo Pontífice emprega o modalizador *querer* como de *verbo pleno* e no *indicativo*. Em (117), o Santo Padre emprega a construção volitiva *que+subjuntivo* para expressar seus desejos com relação ao “surgimento de novas vocações religiosas, em especial, sacerdotes e bispos” para “apascentar a messe católica” ao direcionar suas orações para a Sagrada Família (título católico dado a Jesus, Maria e José).

Além da relação entre o modo verbal e a forma de expressão, ambas as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático, a nossa quinta hipótese também esteve relacionada a esse mesmo nível: (v) no que diz respeito à Codificação (Nível Morfossintático), haverá uma relação entre o tempo *presente* e a forma de expressão do tipo *auxiliar modal*, pois o evento volitivo apresentado estaria mais próximo de sua concretização (futuridade); enquanto os tempos no *pretérito* estariam mais associados aos *verbos plenos* (que é empregado com o verbo conjugado em algum tempo do subjuntivo), pois o evento volitivo estaria mais relacionado a uma desejabilidade relacionada ao tempo passado (contrafactualidade).

Ao fazermos o cruzamento entre o *tempo verbal* e *forma de expressão* (ambas as categorias de análise referentes ao NM), examinamos que há uma relação entre essas categorias de análise.²⁶⁰ Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 25:

Tabela 25: Cruzamento entre tempo verbal e forma de expressão nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Tempo verbal	Forma de expressão					Total
	Auxiliar modal	Verbo pleno	Substantivo	Adjetivo em posição predicativa	Construção volitiva	
Presente	(27) 23,1%	(28) 23,9%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(40) 34,2%	(95) 81,2%
Não se aplica	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(00) 0,0%	(14) 12,0%
Pretérito imperfeito	(01) 0,9%	(03) 2,6%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(04) 3,4%
Pretérito perfeito simples	(01) 0,9%	(01) 0,9%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(02) 1,8%
Pretérito perfeito composto	(00) 0,0%	(02) 1,7%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(00) 0,0%	(02) 1,7%
Total	(29) 24,8%	(34) 29,1%	(09) 7,7%	(05) 4,3%	(40) 34,2%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Com base na Tabela 25, comprovamos que o tempo *presente* se mostrou mais recorrente em relação ao emprego dos *auxiliares modais* e *verbos plenos* (presente do indicativo), o que pode ser explicado com base nas características desse tempo verbal que indica ações pontuais, sendo para a modalidade volitiva e a expressão dos desejos, uma forma de marcar “a certeza de potencialização do evento volitivo”, principalmente, quando o presente mostra “marcas de futuridade”, atrelado ao emprego do modalizador por meio do auxiliar modal ou do verbo pleno; e *construções volitivas* (presente do subjuntivo), podendo ser justificado, já que as construções volitivas marcam algo como desejado, mas o evento

²⁶⁰ O teste do Qui-quadrado foi de 0,00.

volitivo expresso traz consigo uma menor marca de “certeza de potencialização”, devido ao caráter hipotético do modo subjuntivo. Os tempos no *pretérito* se mostraram mais relacionados ao emprego dos *verbos plenos*, para referir-se aos casos de volição que estiveram ligadas a um evento volitivo desejado no passado, pelo falante ou pelo participante expresso no predicado.

Vejamos os casos relacionados à marcação do tempo presente para a expressão da volição (118), (119) e (120):

(118) “[...] un sacerdote, a un consagrado o a una consagrada que en su casa hablaba el dialecto, o hablaba otra lengua...es muy triste cuando se olvidan de la lengua, es muy triste cuando no **quieren hablar**, eso significa que se olvidaron de donde lo sacaron [...]” (DAR-4)

[Um sacerdote, a um consagrado ou a uma consagrada que em sua casa falava o dialeto, ou falava outra língua...é muito triste quando se esquecem de sua língua materna, é muito triste quando não querem falar, isso significa que se esqueceram de suas origens].

(119) “[...] los hombres necesitan dejarse guiar por su luz, para tener la certidumbre del puerto al que acudir, seguros de que sus barcas no se estrellarán en los escollos ni quedarán a merced de las olas. Así que les **animo** a hacer frente a los desafíos de nuestro tiempo. En el fondo de cada uno de ellos está siempre la vida como don y responsabilidad [...]” (DAR-1)

[Os homens necessitam deixar-se guiar por sua luz, para ter a certeza do porto ao qual acudir, certos de que suas barcas não se romperão nos escombros nem ficaram a mercê das ondas. Assim que espero que façam frente aos desafios do nosso tempo. No fundo de cada um deles está sempre a vida como dom e responsabilidade].

(120) “[...] les propongo otra receta que está en la misma línea, en la misma del Corazón de Jesús, sentido de la gratuidad...**Que** el Señor les **conceda** esta gracia a todos, nos las conceda a todos los que estamos aquí (DAR-4)

[Proponho-lhes outra receita que está nessa mesma linha, na mesma linha do Coração de Jesus, sentido de gratuidade...Que o Senhor conceda-lhes esta graça a todos, conceda-nos a todos aqueles que estão aqui].

Em (118), temos que o Papa Francisco, ao empregar o *auxiliar modal no presente* (*querer+infinitivo*), reporta a desejabilidade (intenção) daqueles sacerdotes ou religiosos que

“não pretendem falar sua língua indígena ou dialeto de origem” (volição), esquecendo, assim, de suas origens. Em (119), o Santo Padre emprega o modalizador *animo* (no sentido de esperar), em sua forma *plena* e no *presente* do indicativo, para expressar sua desejabilidade (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular) acerca dos bispos católicos “fazerem frente aos desafios da falta de fé dos homens na atualidade” (evento volitivo). Em (120), por meio da construção volitiva *que+subjuntivo* (o verbo é empregado no presente, *conceda*), o Sumo Pontífice expressa seus desejos com relação à “gratuidade da missão apostólica confiada aos bispos, sacerdotes e religiosos” (volição).

Ressaltamos que o emprego do presente do indicativo “mitigaria a desejabilidade expressa”, no sentido de que aquilo que é desejado estaria mais próximo da performatividade, em relação ao que o modalizador volitivo toma como escopo, em (118), a “não intenção de falar a língua ou dialeto de origem” e, em (119), “a esperança de que os bispos católicos façam frente à falta de fé dos homens” (o que é esperado, tendo em vista a visão pastoral dos bispos católicos ao fazer uso dos meios necessários para a propagação da fé católica). Para o emprego do presente do subjuntivo, por meio da construção volitiva, a “atenuação da volição expressa”, haja vista que o evento volitivo expressado diz respeito a algo externo ao falante e do qual ele não teria controle, como, em (120), em que os “bispos e sacerdotes católicos deveriam entender que sua missão se dá por meio da gratuidade, da entrega à missão confiada por Jesus Cristo, que deve ser feita com amor” (algo do qual o Papa Francisco não teria controle).

Salvo a inter-relação entre as categorias de análise do Componente Gramatical, a nossa sexta hipótese tem relação com as duas categorias de análise referentes ao Componente Contextual: (vi) No que diz respeito ao Componente Contextual, haveria uma maior modalização volitiva direcionada ao *Ouvinte 1* em *ambientes políticos*, enquanto, em *ambientes religiosos*, a modalização volitiva estará mais direcionada ao *Ouvinte 2*.

Ao fazermos o cruzamento entre o *tipo de ambiente* e a *tipo de ouvinte* (ambas as categorias de análise referentes ao Componente Contextual), evidenciamos que há uma relação entre essas categorias de análise.²⁶¹ Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 26:

²⁶¹ O teste do *Qui-quadrado* foi de 0,00.

Tabela 26: Cruzamento entre o tipo de ambiente e o tipo de ouvinte nos discursos do Papa Francisco para instauração da modalidade volitiva em língua espanhola

Tipo de ambiente	Tipo de ouvinte		
	Ouvinte 1	Ouvinte 2	Total
Religioso	(04) 3,4%	(58) 49,6%	(62) 53,0%
Político	(52) 44,4%	(03) 2,6%	(55) 47,0%
Total	(56) 47,9%	(61) 52,1%	(117) 100,0%

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises do autor

Como podemos constatar na Tabela 26, houve uma preferência de direcionar o discurso para o *Ouvinte 1* (chefes de estado, altas autoridades, sociedade civil) em ambientes *políticos*, instaurando, dessa forma a modalidade volitiva para esse tipo de ouvinte. Em ambientes *religiosos*, o discurso do Papa Francisco esteve mais direcionado para o *Ouvinte 2* (bispos, sacerdotes e fiéis católicos) ao instaurar a modalidade volitiva. Resguardamos que isso já era esperado, tendo em vista o direcionamento dos discursos do Papa Francisco conforme o seu público alvo.

Vejamos (121) e (122):

(121) *“En ese sentido, no faltan duras pruebas de las consecuencias negativas de las intervenciones políticas y militares no coordinadas entre los miembros de la comunidad internacional. Por eso, aun deseando no tener **la necesidad** de hacerlo, no puedo dejar de reiterar mis repetidos llamamientos en relación con la dolorosa situación de todo el Oriente Medio, del norte de África y de otros países africanos [...]” (DAP-3)*

[Neste sentido, não faltam duras provas das consequências negativas das intervenções políticas e militares não coordenadas entre os membros da comunidade internacional. Por isso, ainda desejando não ter a necessidade de fazê-lo, não posso deixar de reiterar meus repetidos chamados em relação com a dolorosa situação de todo o Oriente Médio, do norte da África e de outros países africanos].

(122) *“[...] **sería muy importante** que la Pontificia Universidad de México esté cada vez más en el corazón de los esfuerzos eclesiales para asegurar aquella mirada de universalidad sin la cual la razón, resignada a módulos parciales, renuncia a su más alta aspiración de búsqueda de la verdad [...]” (DAR-3)*

[Seria desejável que a Pontificia Universidade do México estivesse mais no coração dos esforços eclesiais para garantir aquele olhar de universalidade sem a qual a razão, resignada a módulos parciais, renuncia a sua mais alta aspiração de busca pela verdade].

Em (121), temos que o Papa Francisco expressa a “necessidade volitiva” (intenção) de “não voltar a fazer mais pedidos com relação à situação dolorosa de guerra dos países do Oriente Médio e do Norte da África”, empregando, pois, o substantivo *necesidad* (necessidade) para expressar a volição, sendo atenuado pelo emprego do gerúndio do verbo *desejar* (*deseando*).²⁶² Parafraseando o que foi dito pelo Sumo Pontífice, teríamos: “Ainda que eu não desejasse ter a necessidade de fazê-lo, não posso deixar de reinterar meus chamados com relação à situação dolorosa de todo o Oriente Médio, do Norte da África e de outros países africanos”. O Papa Francisco, estando em um ambiente político, direciona seu discurso para o Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil) para expressar-lhes o que lhe parece desejável em termos de assuntos políticos. Em (122), o Papa Francisco, ao fazer uso de um adjetivo em posição predicativa (*es importante*), asseverado pelo emprego do advérbio *muy*, expressa o que parece desejável (de âmbito coletivo) acerca da Pontifícia Universidade de México aproximar “seus trabalhos em consonância com os ensinamentos eclesiais aspirados pela Igreja Católica” (evento volitivo). O Santo Padre, estando em um ambiente religioso, direciona seu discurso para o Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis católicos) para expressar-lhes o que parece desejável em termos de assuntos religiosos. Ressaltamos que o emprego do “condicional simples” do espanhol no verbo “ser” (para o adjetivo em posição predicativa, *es necesario*) assevera que aquilo que é desejado, em âmbito coletivo, passa pela avaliação daquele que fala, ou seja, o Papa Francisco.

Após a inter-relação das categorias de análise referentes ao Componente Gramatical e ao Componente Contextual, a nossa sétima e última hipótese esteve relacionada com o tipo de alvo da avaliação mais frequente em relação à modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco, a saber: (vii) no que diz respeito ao tipo de alvo da avaliação modal, haverá uma maior frequência de modalidade volitiva *orientada-para-o-participante*, haja vista que o evento volitivo expresso por meio da modalização volitiva estaria mais relacionado com o participante que é expresso no predicado e a potencialização do evento volitivo. Tal hipótese foi confirmada conforme vemos na Tabela 11, em que a modalidade volitiva *orientada-para-o-participante* foi registrada como a mais recorrente.

Após apresentarmos as inter-relações entre as categorias de análise relativas ao mesmo nível no Componente Gramatical e as relativas ao Componente Contextual,

²⁶² Acreditamos que o emprego do gerúndio, nos casos em que ele funcione como um substantivo, poderia ser entendido como uma das formas de expressão da modalidade volitiva. Pensamos que a modalidade volitiva, no caso (121), é mais bem instaurada pelo gerúndio (*deseando*) que pelo emprego do substantivo (*necesidad*).

passaremos agora aos casos de dificuldades que foram encontrados durante a análise da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco.

5.3 As dificuldades na análise da modalidade volitiva

No que concerne aos casos “problemáticos” de expressão da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica, obtivemos duas situações distintas: (i) os casos “atípicos” de modalidade volitiva, por não apresentarem modalizadores volitivos;²⁶³ e (ii) os casos de não-modalização volitiva, ainda que fossem empregados modalizadores volitivos.

Os casos “atípicos” de *modalidade volitiva* foram subdivididos em dois, a saber:

- (i) a expressão da modalidade volitiva (aquilo que é desejável) pelo contexto;
- (ii) a expressão da modalidade volitiva (aquilo que é desejável) a partir do emprego de orações finais com *para+que+subjuntivo*.

Os casos de *não-modalização volitiva*, que apesar de serem empregados com verbos tipicamente volitivos, não versariam, estritamente, sobre a manifestação da desejabilidade do falante, mas de alguma “marca” ou “aspecto” que o verbo volitivo acarretaria a construção linguística. Subdividimo-lo também em dois, a saber:

- (i) as marcas de polidez e cortesia por meio dos verbos *desejar* e *querer* em forma perifrástica acompanhados de *verbos de cognição* e *verbos dicendi*;
- (ii) os casos de aspectualidade dos verbos volitivos em relação à “desejabilidade” de seres “inanimados”.

Passemos aos casos “problemáticos” de expressão “atípica” da modalidade volitiva. Vejamos alguns casos em que a “aquilo que é desejável se deu pelo contexto”, passemos a (123) e (124):

²⁶³ Os casos “atípicos” de manifestação da modalidade volitiva (referente àquilo que é desejável) não foram considerados na análise por não apresentarem alguma “marca” de modalização, sendo a desejabilidade entendida apenas pelo contexto. Devido à falta de alguma marcação que fizesse a instauração da modalidade volitiva para essas partes do discurso do Papa Francisco, elas não estariam em consonância com a teoria da GDF e, por isso, não foram incluídas em nossa análise.

(123) “*La regla de oro nos recuerda la responsabilidad que tenemos de custodiar y defender la vida humana en todas las etapas de su desarrollo. Esta certeza es la que me ha llevado, desde el principio de mi ministerio, a trabajar en diferentes niveles para solicitar la abolición mundial de la pena de muerte.*” (DAP-2)

[A regra de ouro nos lembra da responsabilidade que temos de custodiar e defender a vida humana em todas as etapas de seu desenvolvimento. Esta certeza é a que me tem levado, desde o princípio do meu ministério, a trabalhar em diferentes níveis para solicitar a abolição mundial da pena de morte].

(124) “*El diálogo es nuestro método, no por astuta estrategia sino por fidelidad a Aquel que nunca se cansa de pasar una y otra vez por las plazas de los hombres hasta la undécima hora para proponer su amorosa invitación (cf. Mt 20,1-16). Por tanto, la vía es el diálogo entre ustedes, diálogo en sus Presbiterios, diálogo con los laicos, diálogo con las familias, diálogo con la sociedad. No me cansaré de animarlos a dialogar sin miedo.*” (DAR-1)

[O diálogo é nosso método, não por astuta estratégia, mas por fidelidade Àquele que nunca se cansa de passar uma e outra vez pelas vias dos homens até a décima primeira hora para propor-lhes seu amoroso convite (cf. Mt 20,1-16). Portanto, a via é o diálogo entre vocês, diálogo entre seus Presbíteros, diálogo com os laicos, diálogo com as famílias, diálogo com a sociedade. Não me cansarei de incentivá-los a dialogar sem medo].

Em (123), o Papa Francisco expressa o que lhe parece desejável (o que fica evidenciado pelo emprego do pronome *me*) acerca da pena de morte nos países que ainda utilizam-na como forma de “punição por algum tipo de crime grave cometido”, expressando ao seu(s) ouvinte(s) a desejabilidade de “lutar em defesa da vida” e, por isso, “combater a pena de morte”, defendendo a “vida humana em todas as etapas de seu desenvolvimento”. A desejabilidade expressa poderia ser parafraseada da seguinte forma: *Pretendo trabajar en diferentes niveles para solicitar la abolición mundial de la pena de muerte*. Teríamos, então, a modalidade volitiva com valor semântico de *intenção*. Em (124), o Papa Francisco expressa o que parece ser algo desejável por todos os bispos católicos (o que fica evidenciado pelo emprego do adjetivo possessivo *nuestro*) em relação ao “diálogo como método de entendimento e de estratégia para manter a unidade não apenas entre os bispos, mas com toda a sociedade”. A desejabilidade expressa poderia ser assim parafraseada: *Quiero que dialoguéis sin miedo*; sendo a modalidade volitiva expressa com valor semântico de *exortação*.

A modalidade volitiva pelo contexto também esteve atrelada aos casos de “imprecação”, ou seja, quando a desejabilidade expressa pelo falante tratar-se-ia de um “mau desejo” (considerando o “bom desejo” em termos do que parece ser agradável e aceitável). Vejamos (125):

(125) “*El maligno ruge como un león tratando de devorarla, arruinando todo lo que estamos llamados a ser, no por nosotros mismos, sino por el don y al servicio del «Pastor y guardián de nuestras almas» (1 P 2,25)*” (DAR-1)

[O maligno ruge como um leão tratando de devorá-la, arruinando tudo aquilo que estamos chamados a ser, não por nós mesmos, mas pelo dom e pelo serviço do «Pastor e guardião de nossas almas» (1 P 2,25)].

Em (125), temos que o Papa Francisco expressa a “imprecação” daquele que é considerado na fé cristã como o “inimigo de Deus” (*el maligno*), manifestando ao(s) seu(s) ouvinte(s) o “mau desejo” deste em “devorar como um leão a Igreja de Cristo”. Parafraseando a desejabilidade (intenção) entendida pelo contexto, teríamos: *El maligno pretende devorarla, arruinando todo lo que estamos llamados a ser*. Ressaltamos que o emprego do gerúndio, *tratando de devorarla*, seria um indicativo de que essa pretensão ainda está em curso, já que há uma “luta constante” entre o “inimigo da Igreja” e a própria “Igreja Católica”.

Ainda em relação aos casos “problemáticos” de expressão da modalidade volitiva, notamos que a desejabilidade expressa pelo falante poderia ser manifestada também por meio de orações finais (*para que+subjuntivo*) em alguns casos. De acordo com Benítez Rosete (2015), as orações finais, em língua espanhola, tratam-se daquelas que expressam alguma finalidade ou *intención* (modalidade volitiva) que se produz a partir da ação expressa pelo verbo principal. Estruturalmente, segundo a autora, as orações finais se formam a partir dos nexos que as introduzem e da forma típica do verbo na unidade de dependência (infinitivo vs subjuntivo), sendo a finalidade decodificada a partir de três nexos principais: *para (que)*, *a (que)* e *por (que)*. Centrando-nos no nexo *para* e *para que* identificados em nosso *corpus*, Benítez Rosete (2015) afirma que o nexo *para* aparece quando o sujeito da oração principal e o sujeito da oração dependente são idênticos, enquanto o nexo *para que* surge quando os sujeitos da oração principal e da oração dependente não coincidem.

Em relação aos traços semânticos das orações finais, Benítez Rosete (2015) esclarece que as orações finais entendidas como “puras” são interpretadas no domínio da “causa final”, implicando na consequência de duas ações em uma relação de prospectividade

de tal maneira que o conteúdo da unidade dependente é o fim e também o motivo pelo qual ocorre a ação da unidade principal. Com base nessa relação de prospectividade de eventos, é necessário que haja um agente com as características de [+ animado] e [+ humano] (o que seria necessário também para a expressão da volição), que se expressa na unidade principal e que atua, intencionalmente, para conseguir determinado propósito (aquilo que é desejado) na oração dependente. Segundo Benítez Rosete (2015), as orações finais (a autora também as chama de orações de propósito) se definem como a codificação de uma relação particular entre estados-de-coisas vinculados, de modo que o estado-de-coisas apresentado na unidade principal se realiza com o objetivo de que o evento descrito na unidade dependente se concretize.

Para a expressão da modalidade volitiva (aquilo que é desejável) por meio de orações finais com *para+que+subjuntivo*, acreditamos que seja necessário, com base em Benítez Rosete (2015), que: (i) os estados-de-coisas apresentados estejam vinculados entre si, em que um se realiza com a intenção (modalidade volitiva) de que o outro ocorra; (ii) o estado-de-coisas desejado está direcionado para o futuro e que seja hipotético (não assertivo); e (iii) e que a ação da oração principal advenha de um agente prototípico que atua com volição e intenção e que seja o sujeito da oração principal.

Vejamos (126) e (127):

(126) *“Les hablo como Obispo de Roma, llamado por Dios –siendo ya mayor– desde una tierra también americana, **para** custodiar la unidad de la Iglesia universal y para animar en la caridad el camino de todas las Iglesias particulares, **para que progresen** en el conocimiento, en la fe y en el amor a Cristo.” (DAR-1)*

[Falo-lhes como Bispo de Roma, chamado por Deus – sendo o mais velho – desde uma terra também americana, para zelar a unidade da Igreja universal e para animar na caridade o caminho de todas as Igrejas particulares, para que progressem no conhecimento, na fé e no amor a Cristo].

(127) *“En estos días tendré ocasión de ir al Cobre, como hijo y como peregrino, **para** pedirle a nuestra Madre por todos sus hijos cubanos y por esta querida Nación, **para que transite** por los caminos de justicia, paz, libertad y reconciliación.” (DAP-4)*

[Nestes dias terei a ocasião de ir ao Cobre, como filho e como peregrino, para pedir a Nossa Mãe por todos os seus filhos cubanos e por esta querida Nação, para que transite pelos caminhos de justiça, paz, liberdade e reconciliação].

Em (126), temos que o Papa Francisco (ainda que se trate de um sujeito oculto) é tanto o sujeito da oração principal (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular, *hablo*) quanto o sujeito da primeira oração final (com o *para*), já que a “ele foi confiado a custódia da unidade da Igreja universal e animá-la na caridade”,²⁶⁴ tendo como volição o estado-de-coisas apresentado na segunda oração final (com o *para que*), que seria “o progresso no conhecimento, na fé e no amor a Cristo” (aquilo que é desejado e esperado da missão episcopal do Sumo Pontífice), recaindo sobre as Igrejas particulares²⁶⁵ (que se trataria do alvo da volição). As duas orações finais se mostram vinculadas, haja vista que o fato de “ser o representante de Jesus Cristo” traz por propósito “custodiar a Igreja Católica” e, a partir dessa finalidade, a desejabilidade de que “as igrejas particulares progredam na fé e no amor a Cristo” (prospectividade futura e hipotética).

Em (127), temos o Santo Padre como sujeito da oração principal (*En estos días tendré ocasión de ir al Cobre, como hijo y como peregrino*), e da primeira oração final (*para pedirle a nuestra Madre por todos sus hijos cubanos y por esta querida Nación*); acarretando o segundo estado-de-coisas manifestado (*para que transite por los caminos de justicia, paz, libertad y reconciliación*) que se refere ao que é desejado, recaindo sobre o povo cubano (alvo da volição). As duas orações finais também se mostram vinculadas, pois o fato do Papa Francisco ir ao Santuário de Nossa Senhora do Cobre tem por finalidade “fazer preces e orações a Nossa Senhora do Cobre pelo povo cubano e a nação cubana”, tendo em mente que o Papa Francisco deseja que “a nação cubana transite por caminhos de paz, justiça e prosperidade” (prospectividade futura e hipotética).

Resumidamente, percebemos que, em (126) e (127), há um vínculo entre os estados-de-coisas apresentados, realizados com base em algum tipo de “intenção”, estando o estado-de-coisas desejado direcionado para o futuro e de caráter hipotético, e com o sujeito da oração principal como o agente capaz de volição [+ animado] e [+ humano]. Com base no que foi apresentado anteriormente, acreditamos que seja possível que a volição se manifeste

²⁶⁴ Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010), a Igreja de Cristo é “universal” (Católica).

²⁶⁵ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2010), o Papa Francisco faz referência às pequenas comunidades de fiéis que formariam a Igreja de Cristo ou a cada católico em particular, haja vista que cada católico é entendido como uma “igreja particular” de Cristo.

também por meio de orações finais, desde que sejam observadas as características semânticas apresentadas.

No que diz respeito aos casos de *não-modalização volitiva*, constatamos significativas marcas de polidez e cortesia (ainda que fosse empregado pelo falante verbos volitivos típicos) nos discursos do Papa Francisco por meio do uso do verbo *querer*. Vejamos (128) e (129):

(128) “*En esta perspectiva quisiera hoy no sólo dirigirme a ustedes, sino con ustedes y en ustedes a todo el pueblo de los Estados Unidos [...]*” (DAP-2)

[Nesta perspectiva desejaria hoje não apenas dirigir-me a vocês, mas com vocês y em vocês a todo o povo dos Estados Unidos].

(129) “*Hoy vengo como misionero de misericordia y paz pero también como hijo que quiere rendir homenaje a su madre, la Virgen de Guadalupe, y dejarse mirar por ella.*” (DAP-5)

[Hoje venho como missionário de misericórdia e paz, mas também como filho que quer render homenagem a sua mãe, a Virgem de Guadalupe, e deixar-se olhar por ela].

Em (128) e (129), como citado anteriormente, o verbo *querer*, em forma perifrástica, sendo utilizado pelo falante como uma marca de polidez e cortesia, no qual aquilo que o verbo *querer* toma como escopo, que seria a expressão da marca de polidez e cortesia, em (128), “dirigir-me não apenas aos senhores, mas com os senhores e nos senhores a todo o povo norteamericano”, e, em (129), “render homenagem a Mãe de Jesus”. Para Ruano (1996), o verbo pleno *querer* no pretérito imperfeito do subjuntivo ou do condicional em espanhol apresenta, precisamente, valor de cortesia, fazendo com que as petições sejam mais “amáveis”, como no exemplo: *Quería ir a Laponia nas férias*.²⁶⁶

As marcas de polidez e cortesia também podem ser expressas por meio do verbo pleno *querer* quando este toma por escopo “verbos de cognição”. Vejamos (130), (131) e (132):

²⁶⁶ Tradução nossa. O original diz: “Quisiera ir a Laponia para las vacaciones” (RUANO, 1996, p. 414).

(130) “[...] y **quiero reconocer** con emoción y admiración el papel desempeñado por la mujer paraguaya en esos momentos tan dramáticos de la historia [...]” (DAP-8)

[E quero reconhecer com emoção e admiração o papel desempenhado pela mulher paraguaia nesses momentos tão dramáticos da história].

(131) “En esta sede **quiero recordar** también la marcha que, cincuenta años atrás, Martin Luther King encabezó desde Selma a Montgomery [...]” (DAP-2)

[Nesta sede quero recordar também a marcha que, cinquenta anos atrás, Martin Luther King encabeçou desde Selma a Montgomery].

(132) “A mis hermanos en el Episcopado, a los sacerdotes, religiosos y religiosas, y fieles cristianos, a toda la Iglesia que peregrina en Bolivia, **quiero expresar** mis sentimientos de fraterna comunión en el Señor [...]” (DAP-7)

[A meus irmãos no Episcopado, aos sacerdotes, aos religiosos e às religiosas, e aos fiéis cristãos, a toda a Igreja que peregrina na Bolívia, quero expressar-lhes meus sentimentos de fraterna comunhão no Senhor].

Em (130), o Papa Francisco expressa o seu reconhecimento (o que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular) em relação ao “papel desempenhado pela mulher paraguaia durante a história dramática do Paraguai”, empregando o verbo *querer* no sentido de “pretensão”. Em (131), o Papa Francisco manifesta ao(s) seu(s) ouvinte(s) também a “pretensão” de fazer memória à “marcha realizada por Martin Luther King na defesa dos direitos iguais para negros e brancos nos Estados Unidos”, também empregando o verbo pleno *querer* conjugado na primeira pessoa do singular. Em (132), o verbo *querer* toma como escopo a “expressão dos sentimentos do Papa Francisco em relação à fraterna comunhão de todos os bispos, sacerdotes e religiosos com o Senhor (Jesus Cristo)”.

As marcas de polidez e cortesia não configuraram apenas com “verbos de cognição”, mas também com “verbos *dicendi*”. Vejamos (133) e (134):

(133) “A estos pueblos y a sus naciones, desde el corazón de la democracia norteamericana, **deseo reafirmarles** mi más alta estima y reconocimiento.” (DAP-2)

[A estes povos e a suas nações, desde o coração da democracia norteamericana, desejo reafirmar-lhes minha mais alta estima e reconhecimento].

(134) “[...] *es verdad, el Papa San Juan Pablo II tenía un estilo de pensamiento circular, profesor, era un hombre de Dios, entonces hay que leerla varias veces para sacarle todo el jugo que tiene y dice...no recuerdo bien la frase, estoy citando o **quiero citar** el hecho [...]*” (DAR-4)

[É verdade, o Papa São João Paulo II tinha um estilo de pensamento circular, professor, era um homem de Deus, então se deve lê-la várias vezes para conseguir tirar todas as informações que tem e diz...não lembro bem a frase, estou citando ou quero citar o fato].

Em (133), o verbo *desear* toma como escopo um verbo *dicendi* (reafirmar), em que o Papa Francisco manifestaria ao(s) seu(s) ouvinte(s) a sua “mais alta estima e reconhecimento aos povos e as nações que formam a democracia norteamericana”. Em (134), o verbo *querer* toma como escopo o verbo *dicendi* (citar), em que o Sumo Pontífice manifesta a “pretensão” de fazer uma “citação de uma passagem de um livro escrito pelo seu antecessor no papado, o Papa João Paulo II”. Ressaltamos que o emprego do presente do indicativo, em (134), seria um indicativo de “mitigação” da deseabilidade, na qual o verbo pleno *querer* vai perdendo suas características volitivas e vai tornando-se uma perífrase verbal *strictu sensu*, passando a apresentar na língua espanhola *aspectualidade*.

De acordo com Géhová (2008), o emprego do verbo pleno *querer* atrelado a “verbos de dizer” (em forma de perífrase verbal) seria um indicativo de gramaticalização desse verbo, principalmente, nos casos de *aspectualidade* incoativa (“estava a ponto de”), como no exemplo: *Quería dizer-lhe tudo*.²⁶⁷ Reforçando o que foi dito anteriormente, para Sanna (2016), a dificuldade em delimitar os usos do verbo pleno *querer* como uma perífrase (ainda que esteja, estruturalmente, em forma perifrástica) ou apenas como um verbo léxico se deve ao fato do verbo *querer* apresentar tanto propriedades modais (nos casos em que expressa volição) quanto propriedades temporal-*aspectuais*.

Ainda em relação aos casos mais “problemáticos” na análise da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica não se deram apenas no que diz respeito às *marcas de polidez e cortesia* (em que o verbo *querer* parece ter um emprego formulaico, estereotipado). Constatamos também os casos de *aspectualidade*, ou seja, quando a “deseabilidade” expressa “adviria” de um “ser inanimado” (mais relacionado aos casos de imanência). Retomamos aqui os casos que, segundo Gómez

²⁶⁷ Tradução nossa. O original diz: “Quería decírselo todo” (GÉHOVÁ, 2008, p. 30).

Torrego (2009), as formas de expressão da desejabilidade em língua espanhola se “afastariam” de seu “sentido pleno” (expressar desejo) e passariam a expressar *aspectualidade*, nos termos do autor, sentido “volitivo debilitado”. Vejamos (135) e (136):

(135) “*El mundo contemporáneo con sus heridas, que sangran en tantos hermanos nuestros, nos convoca a afrontar todas las polarizaciones que **pretenden dividirlo** en dos bandos.*” (DAP-2)

[O mundo contemporâneo com suas feridas, que sagram em tantos irmãos nossos, nos chama a afrontar todas as polarizações que pretendem dividi-lo em duas partes].

(136) “*Los diseños de Dios no están condicionados por los colores y por los hilos, sino que están determinados por la irreversibilidad de su amor que **quiere** persistentemente **imprimirse** en nosotros [...]*” (DAR-3)

[Os desenhos de Deus não estão condicionados pelas cores e pelos seus fios, mas que estão determinados pela irreversibilidade de seu amor que quer, persistentemente, imprimir-se em nós].

Em (135), o Papa Francisco “reporta” o que seria a “desejabilidade” das “polarizações do mundo contemporâneo”, que, segundo o Sumo Pontífice, teriam a “pretensão” de “dividir o mundo em duas partes opostas”. Em (136), o Papa Francisco reporta ao(s) seu(s) ouvinte(s) que “o amor de Deus” teria a “vontade” de “imprimir-se nas pessoas”. Ressaltamos que a principal característica que define a desejabilidade é que ela só adviria de um “ser capaz de volição”, como dito anteriormente.

Segundo Géhová (2008), os casos de aspectualidade do verbo *querer* (quando este perde suas características volitivas e torna-se um verbo auxiliar), podem ocorrer, em língua espanhola, em mais dois casos distintos: (i) o modal de potência, indicando possibilidade: *Hoje quer nevar*;²⁶⁸ e (ii) o aspecto conativo: *Queria me dizer algo*?²⁶⁹

Com base nas dificuldades apresentadas nesta subseção em relação à manifestação “atípica” da modalidade volitiva ou nos casos em que os verbos volitivos prototípicos são utilizados sem que estes expressem “desejabilidade”, mas apenas marcas de polidez e cortesia e aspectualidade; leva-nos a postular que a modalidade volitiva e, conseqüentemente, a expressão da desejabilidade em língua espanhola, não poderia ser delimitada e diferenciada dos outros tipos de modalidade, considerando apenas os aspectos morfossintáticos (formas de

²⁶⁸ Tradução nossa. O original diz: “Hoy quiere nevar” (GÉHOVÁ, 2008, p. 30).

²⁶⁹ Tradução nossa. O original diz: “¿Querría decirme algo?” (GÉHOVÁ, 2008, p. 30).

expressão da volição) e as características semânticas dos verbos volitivos, já que estes poderiam não expressar “desejo” (modalidade), mas aspectualidade. Por isso, decidimos acrescentar, a nossa pesquisa, os aspectos pragmáticos (tipo de ilocução e a posição do falante em relação ao tipo de enunciador construído na construção discursiva) e os aspectos contextuais (tipo de ambiente onde o discurso foi proferido e o tipo de ouvinte), pois estes nos auxiliaram a “selecionar”, de forma mais precisa, o que era, de fato, “expressão dos desejos, vontades e intenções” do falante (modalidade), daquilo que não era “volitivo” (marcas de polidez e cortesia e aspectualidade).

5.4 Síntese conclusiva

Neste capítulo, apresentamos a nossa análise *quantitativo-qualitativa* das ocorrências de modalidade volitiva encontradas no *corpus* por nós elaborado, bem como a inter-relação entre as categorias de análise, exibindo tabelas contendo as frequências de ocorrência das nossas categorias de análise e a inter-relação entre elas.

A análise *quantitativo-qualitativa* foi feita com base na amostragem das frequências de ocorrência, em porcentagem, das nossas categorias de análise, buscando explicitar a razão das maiores porcentagens apresentadas, tendo em vista as características do discurso religioso do Papa Francisco e da categoria analisada em questão, a modalidade volitiva, com base nos pressupostos teóricos da GDF e em consonância com outros trabalhos relativos à categoria. Nesta parte, decidimos apresentar as nossas categorias de análise, procurando explicitá-las em razão de seu emprego por parte do falante na sua construção discursiva. Expomos também como as categorias de análise referentes ao Componente Gramatical (Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático) e ao Componente Contextual se apresentaram nos discursos do Santo Padre. Discorremos também a respeito dos tipos de alvo da avaliação da modalidade volitiva (orientada-para-o-participante, orientada-para-o-evento e orientada-para-a-proposição), descrevendo e analisando um possível tipo de alvo da avaliação da modalidade volitiva orientado-para-o-episódio.

Em seguida, discorremos sobre a inter-relação entre as categorias de análise com base nos questionamentos e hipóteses (tanto os primários quanto os secundários) que foram elaborados para esta pesquisa. Ressaltamos que, com base no teste do *Qui-quadrado*, pudemos comprovar que havia, de fato, uma inter-relação entre as categorias de análise que foram cruzadas, haja vista que o valor do *Qui-quadrado* foi de $\leq 0,05$ (critério mais

comumente aceito nos estudos estatísticos). Ainda com base nesse teste, foi possível comprovar tanto a nossa hipótese primária, de que o NM seria influenciado tanto pelos demais níveis do Componente Gramatical (NI e NR) quanto pelo o Componente Contextual. Para finalizar, apresentamos as nossas dificuldades em relação à análise e descrição da modalidade volitiva, explicitando os casos “atípicos” da volição e os casos de não-volição, que seriam as marcas de polidez e cortesia e a aspectualidade de alguns verbos volitivos.

CONCLUSÃO

Tendo em vista que a categoria modalidade apresenta um caráter multidisciplinar e que muitos trabalhos foram feitos na tentativa de delimitá-la, na tentativa de “demarcar as fronteiras” existentes entre os diversos tipos de modalidade, buscamos, neste trabalho, abordar acerca de um subtipo de modalidade, a *modalidade volitiva*, que, na perspectiva tipológica de Hengeveld e Mackenzie (2008), está relacionada ao que é (in)desejável e, conseqüentemente, a volição (os desejos, as vontades e as intenções) manifestada pelo falante. Para essa empreitada, necessitávamos de um modelo de análise linguístico que considerasse os aspectos morfossintáticos, os aspectos semânticos e os aspectos pragmáticos (relativos ao Componente Gramatical), além do contexto discursivo (referente ao Componente Contextual), levando-nos a trabalhar com o modelo funcionalista, especificamente, com a linha holandesa e a sua Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

A GDF, cuja teoria foi dissertada no Capítulo 2, trata-se de um modelo de interação verbal desenvolvido por Kees Hengeveld e J. Lachlan Mackenzie e tem por base um modelo de interação verbal no qual o *Componente Gramatical* se relaciona a outros três componentes: o *Componente Conceitual*, o *Componente Contextual* e o *Componente de Saída*. O modelo *top-down* da GDF inicia com a intenção do falante no Componente Conceitual, passando ao Componente Gramatical para que ocorram as operações de Formulação e Codificação sob a interação do Componente Contextual para, posteriormente, chegar ao momento da articulação que ocorre no Componente de Saída. No Componente Gramatical, temos que as escolhas linguísticas feitas pelo falante determinam as escolhas pragmáticas (relativas ao Nível Interpessoal), que influenciam nas escolhas semânticas (referentes ao Nível Representacional) que, por sua vez, serão codificadas no Nível Morfossintático e, em seguida, passarão ao Nível Fonológico. Esse modelo de gramática funcional foi relevante para que pudéssemos fazer uma análise e descrição da modalidade volitiva, pois os princípios analíticos propostos pela GDF nos permitiu analisar os modalizadores volitivos em diferentes níveis e camadas, fazendo com que entendéssemos os usos específicos e os efeitos de sentido pretendidos pelo Papa Francisco ao instaurar a modalidade volitiva em seus discursos.

Em relação à modalidade volitiva e, conseqüentemente, à manifestação da volição, dedicamo-lhes um capítulo a parte. No capítulo 3, discorreremos acerca de algumas

propostas tipológicas em relação à volição manifestada pelo falante e a sua categorização. Vimos que alguns teóricos enquadraram a volição como um valor modal pertencente à modalidade deôntica, como na proposta de Lyons (1977) e Palmer (1986). Em outras tipologias, a volição foi entendida como um subtipo específico de modalidade, relacionada ao que é desejável, como nas tipologias de Rescher (1968), Perkins (1983), Hengeveld (2004) e Topor (2011). No entanto, em outras tipologias, a volição foi entendida como uma categoria acima da modalidade, a *volitividade*, dividindo-a em modalidades volitivas (que conteriam o elemento do desejo) de modalidades não-volitivas (que não conteriam o elemento do desejo), como na perspectivas tipológicas de Jespersen (1924), Narrog (2012) e Olbertz (2016), ainda que esses autores propusessem um subtipo específico para a modalidade referente às expressões dos desejos do falante, como *modalidade intrínseca*, *modalidade bulomaica* e *modalidade desiderativa* respectivamente.

Ainda no Capítulo 3, discorremos também acerca da volição na GDF, que incluía, para a categoria modalidade, dois novos parâmetros, o *alvo da avaliação*, que se trata da parte do enunciado que é modalizada, subdividindo-a em *orientada-para-o-participante*, *orientada-para-o-evento* e *orientada-para-a-proposição*; e o *domínio semântico*, a partir do qual é feita a avaliação modal, classificando os tipos de modalidade em cinco: *facultativa*, *deôntica*, *volitiva*, *epistêmica* e *evidencial*. A respeito da modalidade volitiva, dissertamos que ela está relacionada ao que é desejável, podendo estar orientada-para-o-participante, orientada-para-o-evento e orientada-para-a-proposição. Vimos que a modalidade volitiva orientada-para-o-participante descreve o desejo de um participante de se engajar no evento descrito pelo predicado, enquanto a modalidade volitiva orientada-para-o-evento caracteriza eventos em termos do que é geralmente desejável ou indesejável, mas sem que o falante faça uma avaliação do estado-de-coisas apresentado. Por sua vez, na modalidade volitiva orientada-para-a-proposição, o falante é a fonte da atitude volitiva expressa na proposição, estando relacionada aos seus desejos pessoais acerca de um evento volitivo pouco controlado, de caráter mais subjetivo e irrealizável (em termos factuais).

Sabendo-se que a modalidade volitiva está relacionada ao que é (in)desejável, fomos à busca de um tipo de discurso que fosse propício a manifestação dos desejos, vontades e intenções do falante, sendo escolhidos, para tal finalidade, os discursos proferidos pelo Papa Francisco em língua espanhola. No capítulo 4, pontuamos sobre o nosso objetivo principal que consistia em analisar e descrever a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos

do Papa Francisco em viagem apostólica, procurando analisar a relação entre a Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional), a Codificação (Nível Morfossintático) e o Componente Contextual, conforme os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Com base em nossas categorias de análise apresentadas no Capítulo 2 e no Capítulo 3, apresentamos a nossa metodologia de análise que consistiu na análise *qualitativa e quantitativo-qualitativa* das categorias de análise coletadas em nosso *corpus* que se formou a partir da seleção de 13 (treze) discursos, sendo 8 (oito) proferidos em ambiente político e 5 (cinco) em ambiente religioso, pelo Santo Padre em 4 (quatro) viagens apostólicas realizadas aos Estados Unidos, a Cuba, ao México e à América do Sul (Bolívia, Equador e Paraguai) entre os anos de 2015 e 2016. Pontuamos que para a análise qualitativa, utilizamo-nos do arcabouço teórico da GDF e de outros trabalhos referentes à categoria modalidade volitiva; enquanto, para a análise quantitativa, foi feita a verificação da frequência absoluta e do cruzamento das categorias de análise, ao utilizarmos o *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 22 para o *Windows*.

Em relação ao discurso religioso, discorremos também, no Capítulo 4, que se refere, segundo Peña-Alfaro (2005), a uma prática sociodiscursiva, em que o líder religioso transmite aos fiéis, e para aqueles que tenham interesse em seu discurso, um sistema de crenças sobre as relações que se estabelecem entre os homens e a divindade (no caso dos grupos monoteístas) ou das divindades (no caso dos grupos politeístas), apresentando-lhes o que é desejável para o bem-estar do próprio homem e o que estaria em consonância com as vontades da(s) divindade(s). Dessa forma, os discursos religiosos do Papa Francisco foram significativos e relevantes para os objetivos que nortearam a nossa pesquisa, possibilitando-nos encontrar 117 ocorrências de modalização volitiva tanto nos discursos direcionados para o Ouvinte 2 (bispos, sacerdotes e fiéis) quanto para o Ouvinte 1 (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil). Resumidamente, nossos procedimentos metodológicos, após a identificação dos modalizadores volitivos, consistiram na confecção de uma ficha de ocorrências e, posteriormente, na análise e classificação de cada uma das ocorrências e rodagem dos dados por meio do SPSS. Após o tratamento estatístico, passamos a análise *quantitativo-qualitativa* dos casos.

Tendo encontrado essas 117 ocorrências de modalizadores volitivos em nosso *corpus*, partimos para análise e descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica no Capítulo 5. Na seção 5.1, discorremos

sobre a análise *quantitativo-qualitativa* das categorias de análise propostas em um quadro resumo no Capítulo 4. Nessa análise, descrevemos e analisamos cada uma das categorias de análise encontradas nos discursos do Sumo Pontífice, procurando explicitá-las em relação ao porquê de seu emprego nos discursos do Santo Padre e qual a sua relação com a categoria modalidade volitiva, tendo em vista, para a GDF, o Componente Gramatical em três de seus níveis (Nível Interpessoal, Nível Representacional, Nível Morfossintático), haja vista que não pautamos nenhuma categoria de análise referente ao Nível Fonológico, e o Componente Contextual. Ainda na seção 5.1, apresentamos também algumas ocorrências relativas ao alvo da avaliação para a modalidade volitiva, apresentando o que já era previsto pela GDF no que concerne a modalidade volitiva e sua orientação: (i) para o *Participante*, descrevendo um desejo pessoal do falante ou a desejabilidade de algo relacionado às suas crenças em relação a um evento volitivo considerado por ele desejável, de caráter subjetivo, geralmente, irrealizável (em termos não abstratos) e relacionado a um mundo não-factual do qual apenas o falante teria acesso; (ii) para o *Evento*, caracterizando a desejabilidade de um evento volitivo reportado pelo falante, sendo, geralmente, aceito como desejável e de âmbito coletivo; (iii) para a *Proposição*, descrevendo as intenções do participante expresso no predicado (podendo ser o falante ou um terceiro-reportado) em realizar aquilo que é designado pelo predicado; e propondo um possível caso de modalidade volitiva com orientação (iv) para o *Episódio*, consistindo na avaliação do falante em relação à desejabilidade do participante expresso no predicado, tendo o modalizador volitivo como escopo de um ou mais estado-de-coisas tematicamente coerentes e com referência a um evento localizado no passado.

A seção 5.1 foi subdividida em 5 (cinco) subseções relativas à frequência das categorias de análise encontradas no *corpus*. Na subseção 5.1.1, discorremos acerca da frequência das categorias de análise relativas ao Componente Contextual, na qual pudemos constatar que houve uma maior frequência de modalizações volitivas em *ambientes religiosos* (53%), haja vista que o Papa Francisco realiza suas viagens apostólicas no intuito de propagar a fé católica, manifestando ao(s) seu(s) ouvinte(s) aquilo que é desejável em termos de conduta e moral católica. Constatamos também uma maior ocorrência de instauração de modalidade volitiva para o *Ouvinte 2* (52,1%), o que também já era esperado por nós, tendo em vista a finalidade das viagens apostólicas do Sumo Pontífice. Na subseção 5.1.2, expomos a frequência das categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal, na qual comprovamos uma maior ocorrência de *inclusão* (61,5%) do Papa Francisco ao constituir um tipo de enunciador específico na sua construção discursiva (*Enunciador 1*) e uma maior incidência de

ilocações de tipo *declarativas* (62,4%), o que se justifica, tendo em vista que, ao proferir seus discursos, o Papa Francisco poderia fazer asserções acerca do que lhe parece desejável aos seus ouvintes, empregando para isso ilocações declarativas. Na subsecção 5.1.3, analisamos a frequência das categorias de análise referentes ao Nível Representacional, na qual constatamos que o valor semântico de *intenção* (34,2%) foi o mais recorrente na instauração da modalidade volitiva, seguido pelos valores semânticos de *desideração* (30,8%) e *optação* (23,9%), o que se explica, haja vista que se tratam dos valores prototípicos da modalidade volitiva. Em relação à fonte volitiva, vimos que a fonte de tipo *Enunciador* (61,5%), no qual o próprio falante (o Papa Francisco) seria a fonte da instauração da volição; e, tendo como alvo volitivo predominante, sobre quem recai a volição, o de tipo *Domínio Comum* (47,0%), tendo em mente que a desejabilidade expressa recai mais sobre as pessoas de um modo geral (a humanidade) ou a um grupo geral de pessoas (todos os jovens, todos os idosos, todas as mulheres grávidas, etc.); o que por nós já era esperado, já que em seus discursos o Papa Francisco relata o que ele espera que se faça ou o que as pessoas, de uma maneira geral, poderiam fazer para promover o bem-estar de todos. Na subsecção 5.1.4, apresentamos as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático, na qual constatamos uma maior percentagem de marcações, em relação ao tempo, no *presente* (81,2%), e, no que diz respeito à marcação do modo, o *indicativo* (50,4%); o que poderia ser interpretado como sendo um indicativo de “certeza” de “potencialização do evento volitivo”, apresentando mais próximo do aspecto *realis*, ou seja, o Papa Francisco teria a pretensão de manifestar aos seus ouvintes que o evento volitivo seria possível do ponto de vista factual (assuntos políticos, econômicos, etc.) ou não-factual (relacionados à fé e à crença cristã). Para as formas de expressão da modalidade volitiva, também relativas ao Nível Morfossintático, verificamos que a maior incidência foi de *construções volitivas* (34,2%), seguidas de *verbo pleno* (29,1%) e *auxiliar modal* (24,8%), sendo as construções volitivas utilizadas para apresentar o desejo de concretização daquilo que é almejado pelo Sumo Pontífice, mas que dependeria de outrem, e o emprego dos verbos plenos e auxiliares modais para fazer asserções acerca do que lhe é desejável ou daquilo que é desejado por outrem (indivíduo ou instituição). Na subsecção 5.1.5, discorreremos acerca da frequência dos tipos de alvo da avaliação para a modalidade volitiva, sendo a *orientada-para-o-participante* a de maior incidência (72,6%); o que pode ser explicado com base na manifestação de desejos por parte do Papa Francisco que poderiam ser performatizados por ele ou por seu(s) ouvinte(s).

Ainda em relação ao Capítulo 5, na seção 5.2, que foi subdividida em duas subseções, a 5.2.1 e a 5.2.2, apresentamos a inter-relação entre as categorias de análise relativas tanto ao Componente Gramatical quanto ao Componente Contextual. Na subseção 5.2.1, discorreremos acerca das inter-relações entre as categorias de análise com base no nosso problema e na nossa hipótese primária, estabelecendo as inter-relações entre as categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático e as demais categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal e Nível Representacional quanto às categorias relativas ao Componente Contextual. Por meio do teste do *Qui-quadrado*, pudemos, então, comprovar que, de fato, havia relação, confirmando a nossa hipótese primária de que o Nível Morfossintático codifica diferentemente a modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica tendo em vista os elementos do Nível Representacional (valores semânticos, fonte volitiva, alvo volitivo), do Nível Interpessoal (posição do falante e o tipo de ilocução) e do Componente Contextual (tipo de ambiente e tipo de ouvinte).

Ao fazermos a inter-relação entre as categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal e ao Nível Morfossintático, verificamos que há uma estreita relação entre a posição do falante e o tipo de ilocução com a marcação do modo verbal e as formas de expressão da modalidade volitiva; sendo a *inclusão* do falante mais relacionada ao modo *subjuntivo* (34,2%), e a *não-inclusão*, mais relacionada com o modo *indicativo* (28,2%). No que diz respeito à forma de expressão, para a *inclusão*, predominaram as *construções volitivas* (32,5%) e, para a *não-inclusão*, prevaleceu o uso de *verbo pleno* (17,9%). Para os tipos de ilocução, obtivemos, para as ilocuições *declarativas*, uma predominância do modo *indicativo* (46,2%) e, para as ilocuições *optativas*, prevaleceu o modo *subjuntivo* (32,5%). Para as formas de expressão, as ilocuições *declarativas* estiveram mais relacionadas com o emprego de *verbos plenos* (25,6%) e *auxiliares modais* (23,1%) e, para as ilocuições *optativas*, o uso de *construções volitivas* (32,5%), o que se explica, se considerarmos que os casos de *inclusão* são propícios para que o Papa Francisco manifeste seus desejos em relação ao que lhe é externo e dependente do ouvinte, contribuindo para o uso do *subjuntivo* e o emprego de *construções volitivas* por meio de ilocuições *optativas*; enquanto os casos de *não-inclusão* são favoráveis para que o Papa Francisco construa um “enunciador genérico” ou um “terceiro-reportado”, fazendo asserções acerca da desejabilidade de um dado evento volitivo possível de se concretizar, empregando, para isso, ilocuições *declarativas* e modalizando seus enunciados por meio de *verbos plenos* e *auxiliares modais* no modo *indicativo*.

Na inter-relação entre as categorias de análise relativas ao Nível Representacional e ao Nível Morfossintático, constatamos também uma relação entre todas as categorias do Nível Representacional (valor semântico, fonte volitiva e alvo volitivo) com o modo verbal e as formas de expressão (relativas ao Nível Morfossintático). Em relação ao modo verbal, decidimos fazer apenas um resumo, tendo em mente que eram apenas dois tipos de modo verbal encontrados no *corpus*. Para os tipos de fonte volitiva, instaurando a volição sobre o alvo volitivo, verificamos que os valores semânticos de *desideração* e *optação* estiveram mais relacionados ao modo *subjuntivo*, tendo em vista seu aspecto *irrealis*; enquanto a *intenção* esteve mais relacionada com o modo *indicativo*, apresentando a volição como mais próxima do aspecto *realis*. Para o valor semântico de *exortação*, o Papa Francisco fez mais uso do *subjuntivo* (por meio de construções volitivas) para exortar aos bispos e aos sacerdotes católicos acerca do que lhe parecia desejável em relação à conduta, à fé e aos valores cristãos católicos, ensinamentos estes que deveriam ser propagados aos fiéis e/ou acerca do comportamento dos bispos, sacerdotes e religiosos; o que poderia ser explicado, considerando o tipo de *ethos* que o Papa Francisco projeta em seu coenunciador, como sendo “Sucessor de Pedro” ou “Vigário de Cristo”. Em relação às formas de expressão, comprovamos que os valores semânticos de *desideração* e *optação* estiveram mais relacionados ao uso das *construções volitivas* (14,8% e 12,8% respectivamente); apresentando o evento volitivo como algo relacionado a não-facturalidade (*desideração*) ou a facturalidade (*optação*), e dependente de outrem (o que justificaria o emprego da construção volitiva para esses valores semânticos mais próximos do aspecto *irrealis*). Para os casos de *desideração*, a dependência envolveria a divindade, enquanto para os casos de *optação*, a dependência envolveria algum indivíduo ou instituição. O valor semântico de *intenção*, por sua vez, esteve mais atrelado ao emprego de *auxiliares modais* (17,9%), haja vista que a carga semântica do auxiliar modal se encarregaria de “atenuar” a intencionalidade de performatizar o evento volitivo. Para os tipos de fonte volitiva, a de tipo *Enunciador* esteve mais relacionada com as *construções volitivas* (32,5%), sendo o próprio Papa Francisco manifestando seu desejo em relação a algo que lhe é externo; e a de tipo *Domínio Comum* que esteve mais atrelada ao emprego dos *verbos plenos* (12,8%), já que, ao empregar um verbo volitivo em sua forma plena, o falante pretenderia fazer uma asserção acerca daquilo que é desejável em âmbito coletivo. Em relação aos tipos de alvo volitivo, o de tipo *Domínio Comum* teve mais relação com o emprego de *verbos plenos* (17,1%), o que se justifica, sabendo-se que sobre esse tipo de alvo volitivo recai mais aquilo

que a fonte volitiva espera que o alvo volitivo performatize, sendo a carga semântica apresentada pelo verbo pleno um asseverador da desejabilidade expressa pela fonte.

Na inter-relação entre as categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático e o Componente Contextual, pudemos comprovar, com base no teste do *Qui-quadrado*, que o tanto o *tipo de ambiente* (político ou religioso) quanto o tipo de ouvinte (Ouvinte 1 ou Ouvinte 2) estiveram relacionados com a *forma de expressão* (Nível Morfossintático). Comparando o tipo de ambiente com a forma de expressão, obtivemos que, em ambientes *políticos*, há uma predominância do uso de *verbos plenos* (19,7%) e, em ambientes *religiosos*, o emprego de *construções volitivas* (22,2%). Ao realizarmos a inter-relação entre o tipo de ouvinte e a forma de expressão, averiguamos que: para o *Ouvinte 1*, há uma predominância de emprego de *verbos plenos* (20,5%); enquanto, para o *Ouvinte 2*, predomina o uso de *construções volitivas* (22,2%). Acreditamos que, em *ambientes políticos*, o emprego de *verbos plenos* se justifica, tendo em mente a “carga semântica” que o verbo traz ao modalizar o discurso volitivamente, já que possui um núcleo de significação verbal em si mesmo, asseverando a desejabilidade expressa ao *Ouvinte 1* (chefes de estado, altas autoridades e sociedade civil) acerca de assuntos, geralmente, políticos. Nos *ambientes religiosos*, a maior incidência de *construções volitivas* pode ser explicada devido ao seu caráter desiderativo-apelativo, funcionando como uma espécie de “rogo” ou “súplica” mais atenuada do que é desejado pelo falante, movendo o *Ouvinte 2* (bispos, sacerdotes e fiéis católicos) a performatizar o evento volitivo expresso.

Na subseção 5.2.2, as inter-relações entre as categorias de análise deram-se com base nos nossos problemas e nas nossas hipóteses secundárias que foram formuladas para esta pesquisa, sendo 7 (sete) hipóteses no total. Ao fazermos a inter-relação entre as categorias de análise referentes ao mesmo nível, verificamos que elas estão inter-relacionadas com base no teste do *Qui-quadrado*, que foi de $\leq 0,05$ (critério mais comumente aceito nos estudos estatísticos). Ao postularmos nossa primeira hipótese, relativa às categorias do Nível Interpessoal, comprovamos que, nos casos de *inclusão*, tivemos uma maior frequência tanto de ilocuções *declarativas* quanto de ilocuções *optativas* (30,8%); enquanto os casos de *não-inclusão*, predominaram as ilocuções *declarativas* (31,6%). Pontuamos que os casos de *inclusão* favoreciam que o Papa Francisco fizesse mais asserções, por meio de ilocuções *declarativas* acerca do que era desejado ou atenuasse mais aquilo que lhe parecia desejável, por meio de ilocuções *optativas*; enquanto os casos de *não-inclusão* eram favoráveis ao

emprego de ilocuções *declarativas*, já que o falante apenas reportava o que era o desejo da coletividade ou de um indivíduo ou instituição em particular. No que diz respeito à segunda e à terceira hipótese, que faziam referência às categorias de análise do Nível Representacional, constatamos que a fonte volitiva de tipo *Enunciador* (61,5%) instaura a volição relacionada aos três valores semânticos prototípicos da modalidade volitiva, *desideração* (17,1%), *opção* (17,1%) e *intenção* (17,1%), o que pode ser explicado, sabendo-se que em seus discursos religiosos, o Bispo de Roma poderia falar abertamente acerca do que lhe parecia desejável acerca de assuntos tanto políticos quanto religiosos, referindo-se a eventos volitivos ligados à factualidade (*opção* e *intenção*) quanto a eventos volitivos ligados à não-factualidade (*desideração*); enquanto, para o alvo volitivo e o valor semântico, obtivemos uma predominância de alvo volitivo de tipo *Domínio Comum* (47,0%), relacionado aos três valores semânticos prototípicos da volição, *desideração* (12,8%), *opção* (14,5%) e *intenção* (16,2%), o que poderia ser justificado, sabendo-se que a fonte instaura, sobre o alvo, eventos volitivos que podem estar ligados à factualidade (*opção* e *intenção*), esperando que o alvo concretize o que é desejado; ou à não-factualidade (*desideração*), ao expressar a desejabilidade de que um dado evento volitivo se concretize com base nas crenças e na fé que o falante (Papa Francisco) compartilha com seu ouvinte (fiéis católicos).

Ainda em relação à subseção 5.2.2, expomos também a nossa quarta e quinta hipóteses, mas referentes ao Nível Morfossintático, em que verificamos que houve uma maior recorrência no modo *indicativo* (50,4%), relacionado com as formas de expressão de tipo *auxiliar modal* (24,8%) e *verbo pleno* (24,8%), o que se explica, sabendo-se que ao ser empregado o modo indicativo por meio de auxiliares modais e verbos plenos, há uma atenuação da desejabilidade expressa, já que a carga semântica do verbo volitivo se encarrega de expressar a “disposição” do falante ou do participante contido no predicado acerca da potencialidade de performatização do evento volitivo, que estaria mais próximo do aspecto *realis*. Para a inter-relação entre tempo e forma de expressão, obtivemos uma maior incidência do presente (81,2%), relacionado mais com a forma de expressão do tipo *construção volitiva* (34,2%), seguido pelo *verbo pleno* (23,9%) e pelo *auxiliar modal* (23,1%). O que se justifica com base nas características do *presente* que indica ações pontuais, sendo para a modalidade volitiva e a expressão dos desejos, uma forma de marcar “a certeza de potencialização do evento volitivo”, principalmente, quando o presente mostra “marcas de futuridade”, atrelado ao emprego do modalizador por meio do auxiliar modal ou do verbo pleno; enquanto as construções volitivas (presente do subjuntivo) marcariam algo

como desejado, mas o evento volitivo expresso traria consigo uma menor marca de “certeza de potencialização”, devido ao caráter hipotético do modo subjuntivo.

Para o Componente Contextual (localizado fora do Componente Gramatical), na subseção 5.2.2, formulamos a nossa sexta hipótese que versava sobre a inter-relação entre as categorias de análise relativas ao Componente Contextual, em que constatamos haver uma relação entre o tipo de ambiente e o tipo ouvinte, sendo que, em ambientes *políticos* (47,0%), houve uma predominância pelo *Ouvinte 1* (44,4%) e, em ambientes *religiosos* (53,0%), houve uma maior predileção pelo *Ouvinte 2* (49,6%); o que já era esperado, tendo em vista o direcionamento dos discursos do Papa Francisco conforme o seu público alvo. A nossa sétima e última hipótese dizia respeito à frequência dos tipos de alvo da avaliação relativos à modalidade volitiva, apresentando uma maior incidência de modalidade volitiva *orientada-para-o-participante* (72,6%); haja vista que o evento volitivo expresso por meio da modalização volitiva estaria mais relacionado com o participante que é expresso no predicado e a potencialização do evento volitivo.

Por fim, na seção 5.3, também relativa ao Capítulo 5, apresentamos as nossas dificuldades em relação à análise e a descrição da modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica. Apresentamos os casos em que a volição pode se dar de forma “atípica”, isto é, por meio do contexto ou por meio de orações finais, tendo em vista, segundo Benítez Rosete (2015), alguns critérios semânticos de uso, tais como: (i) os estados-de-coisas apresentados estejam vinculados entre si, em que um se realiza com a intenção (volição) de que o outro ocorra; (ii) o estado-de-coisas desejado está direcionado para o futuro e que seja hipotético (não assertivo); e (iii) e que a ação da oração principal advenha de um agente prototípico que atua com volição e intenção e que seja o sujeito da oração principal. Outros casos “problemáticos” em relação ao emprego dos verbos volitivos são as marcas de polidez e cortesia que esses verbos podem apresentar quando são postos em forma perifrástica, especialmente, acompanhados de “verbos cognitivos” ou de “verbos de dizer”, e os casos de aspectualidade dos verbos volitivos, quando estes indicam casos de imanência ou estão relacionados a seres inanimados [- humano].

Dessa forma, a modalidade volitiva está relacionada ao que é desejável (domínio semântico), como pontua Hengeveld e Mackenzie (2008), podendo ser, em relação ao alvo da avaliação modal, *orientada-para-o-participante* (o modalizador volitivo atuaria na camada da Propriedade Configuracional), *orientada-para-o-evento* (o modalizador volitivo atuaria na

camada do Estado-de-Coisas), *orientada-para-a-proposição* (o modalizador volitivo atua na camada do Conteúdo Proposicional) e, possivelmente, podendo também, ser *orientada-para-o-episódio* (o modalizador volitivo atua na camada do Episódio). Em relação ao Componente Gramatical e ao Componente Contextual, constatamos que as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático não apenas se inter-relacionam entre si, como também são influenciadas pelo Componente Contextual. Ao fazermos a inter-relação entre as categorias de análise, de fato, comprovamos que tanto os aspectos pragmáticos quanto os aspectos contextuais foram significativos nas escolhas linguísticas (morfossintáticas) feitas pelo Papa Francisco ao modalizar volitivamente, influenciadas também pelos aspectos semânticos, como apregoa a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Nesta pesquisa, concluímos também que, a depender de alguns traços semânticos, a modalidade volitiva pode apresentar quatro tipos de valores, o de: (i) *desideração* (volição relacionada aos desejos apenas localizados na mente no falante); (ii) *optação* (volição relacionada às vontades do falante de que um dado evento se concretize ou que o seu ouvinte performatize aquilo que é desejado); (iii) *intenção* (volição relacionada às intenções do falante em concretizar o que por ele é desejado, sem a incumbência de terceiros); e (iv) *exortação* (volição como um tipo de ordem ou mandado quando há uma relação hierárquica entre falante e ouvinte). A modalidade volitiva pode apresentar quatro tipos de fonte, *Enunciador*, *Indivíduo*, *Instituição* (representada por seres animados) e *Domínio Comum*; e seis tipos de alvo, *Enunciador*, *Indivíduo*, *Instituição*, *Domínio Comum*, *Coenunciador* e *Inexistente* (quando a volição não recai sobre alguém especificamente). No que diz respeito à marcação de tempo e modo, vimos que a modalidade volitiva pode ser expressa tanto pelo *indicativo* quanto pelo *subjuntivo*, podendo ser instaurada por meio do *presente* ou de alguma forma de *pretérito*. Ainda que não tenhamos encontrado nenhuma marcação de algum tempo no futuro, nesta pesquisa, podemos identificar que a futuridade esteve relacionada à volição, ainda que o falante tenha utilizado o presente do indicativo. Em relação às formas de expressão, a modalidade volitiva, em língua espanhola, pode ser expressa por meio de *auxiliares modais* (que na maioria dos casos comportam-se como verbos léxicos que modificam o valor semântico do verbo principal, tais como *querer+infinitivo*, *pretender+infinitivo*, *desejar+infinitivo*, etc.), de *verbos plenos* (*querer*, *desejar*, *anhelar*, *preferir*, *intentar*, etc.), de *substantivos* (*deseo*, *anhelo*, *intención*, *voluntad*, *esperanza*, etc.), de *adjetivos em posição*

predicativa (es necesario, es deseable, es preferible, etc.) e de construções volitivas (tener ganas, que+subjuntivo, hacer votos, etc.).

Com base nas nossas dificuldades de análise, seria desejável que se fizessem trabalhos relacionados aos casos “atípicos” de expressão da modalidade volitiva, em especial, a manifestação da volição por meio de orações finais, considerando os aspectos semânticos apresentados nesta pesquisa. Outro aspecto relevante apontado seria a realização de pesquisas voltadas para o processo de gramaticalização do modalizador *querer* em língua espanhola, quando este venha acompanhado de “verbos de cognição” ou “verbo *dicendi*”, o que poderia ser um indicativo de que esse modal estaria “deixando de se comportar” como um “verbo léxico”, ainda que se apresente, estruturalmente, em forma de perífrase, e “passando a se comportar” como um “auxiliar modal” (e não apenas nos casos de iminência, o que contradiria o que é apregoado pela gramática normativa) para a marcação de alguma intencionalidade por parte do falante ou do participante expresso no predicado. Para finalizar, um aspecto relevante apontado nesta pesquisa e que poderia ser abordado em trabalhos futuros, seria a *volitividad*e como um domínio de distinção para os tipos de modalidade, como propõem Narrog (2012) e Olbertz (2016), tal como o são ao *alvo da avaliação modal* e o *domínio semântico* para Hengeveld e Mackenzie (2008).

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la Lengua Española**. Editorial Espasa Calpe: Madrid, 2000.

ARGÜELLO, M. V. G. El imperativo y su presentación en los manuales de español como lengua extranjera para nivel principiante. 2000. **Revista Centro Virtual Cervantes**, ASELE, Actas XI, 2000. Disponível em: <<http://zip.net/bmtGX1>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BELLO, A. **Gramática**: Gramática de la Lengua Española destinada al uso de los americanos. Editorial Obras completas: La Casa de Bello, 1995.

BENÍTEZ ROSETE, V. A. Las oraciones finales y de propósito con para (que) en un corpus de lengua oral. 2015. **Portal de Revistas Eletrônicas UAM**, v. 2, 2015. Disponível em: <<http://zip.net/bdtNsM>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

BITTENCOURT, D. L. R. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo**: entre temporalidade e modalidade. 2014. 345f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://zip.net/bytHRN>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

BOAVENTURA, L. H.; FREITAS, E. C. A construção do *ethos* nos discursos do Papa Francisco. 2016. **Revista Gragoatá**, v. 21, n. 40, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bhttG3>> Acesso em: 02 set. 2016.

BOSH, E. La modalización: ejemplo del discurso subjetivo en un texto persuasivo. 1999. **Revista Centro Virtual Cervantes**, ASELE, Actas X, 1999. Disponível em: <<http://zip.net/bdtCsp>> Acesso em: 19 ago. 2016.

BRIZ, A. Notas sobre los llamados usos temporales «dislocados» en la conversación coloquial. 2004. **Revista ELUA**, v. 2, 2004. Disponível em: <<http://zip.net/bttHNd>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

BUSTAMANTE, I. El pretérito perfecto o pretérito imperfecto en el español quiteño. 1991. **Revista Lexis**, v. 15, n. 2, 1991. Disponível em: <encurtador.com.br/bpvD8>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BUSTOS, E. **Pragmática del español**: negación, cuantificación y modo. Universidad Nacional de Educación a distancia: Madrid, 1986.

CARBOLOVÁ, K. **Categoría verbal de modo en el español moderno**. 2007. 70f. Monografía (Faculdade de Letras e Literatura) – Departamento de Línguas Românicas e Literatura. Universidade de Masaryk, República Tcheca, 2007. Disponível em: <<http://zip.net/bbtGP4>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

CARRETERO, M. Una propuesta de tipología de la modalidad: la aceptación como categoría modal. 1991. **Cuadernos de Filología Hispânica**, v. 10, n. 42, 1991. Disponível em: <<http://zip.net/bytsFT>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2010. Edições Loyola: São Paulo, 2010.

CONNOLLY, J. H. The contextual component within a dynamic implementation of the FDG model: structure and interaction. 2014. **Revista Pragmatics**, v. 24, p. 229-248, 2014. Disponível em: <<http://zip.net/bqtvzh>> Acesso em: 30 ago. 2016.

CRESPO, E. Sintaxis y semántica de las formas modales en griego español. 1992. **Revista Española de Lingüística**, n. 22, v. 2, p. 277-307. 1992. Disponível em: <<http://zip.net/bmtGJ5>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

CRUZ, N. M. La expresión del deseo, ruego y mandato en español: punto de vista onomasiológico. **Revista Centro Virtual Cervantes**, ASELE, Actas VI, 1995. Disponível em: <<http://zip.net/bktDMI>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Revista Gragoatá**, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <<http://zip.net/bjtsbs>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

DALL'AGLIO HATTNER, M. M.; HENGEVELD, K. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. 2015. **Revista Linguistics**, v. 53, p. 479-524, 2015. Disponível em: <<http://zip.net/bdtCss>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

_____. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. 2016. **Journal of Portuguese Linguistics**, v.15, p. 1-14, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bltBtQ>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

DIK, S. **The Theory Functional Grammar**. Vol. 01, Ed. By Hengeveld (kees). Mouton de Gruyter. Berlin, New York, 1997.

DURIGON, V. Q. **Uma investigação funcional do verbo modal *deber* no espanhol falado peninsular**. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2015. Disponível em: <<http://zip.net/bxtJg5>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FERNÁNDEZ DE LARA, R. A. **Estudio experimental de la validez psicológica de la metáfora espacial del tiempo en el Pretérito Imperfecto, el Pretérito Perfecto Simple y el Pretérito Imperfecto de Subjuntivo del castellano**. 2010. 166f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Psicologia Básica, Evolutiva e de Educação. Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Disponível em: <<http://zip.net/bbtF4z>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FERREIRA, Armando M. **SPSS – Manual de Utilização**. Escola Superior Agrária de Castelo Branco. 1999.

FLOREA, L. S. Introduction optatif et types de phrase: réécrire un chapitre de grammaire romane. 2016. **Revista Dacoromania**, v. 21, n. 2, p. 253-262, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bstKbj>>. Acesso em: 19 maio 2017.

GARCÍA, E. J. **Un estudio comparado de partículas modales en ruso y en español**. 2009. 607f. Tese (Doutorado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia Grega e Eslava, Universidade de Granada, Espanha. Disponível em: <<http://zip.net/bxts99>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

GARCÍA, J. M. B. **La expresión de la futuridad en el español de valencia: estudio sociolingüístico**. 2013. 809f. Tese (Doutorado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia, Tradução e Comunicação, Universidade de Valência, Espanha. Disponível em: <<http://zip.net/bmtF3l>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

GARCÍA, J. R. La santa sede como sujeto de derecho internacional. 2003. **Revista Mariana**, v. 1, 2003. Disponível em: <<http://zip.net/bbtrP>> Acesso em: 04 set. 2016.

GÉHOVÁ, K. **Perífrasis verbales en la prensa española**. 2008. 59f. Dissertação (Mestrado em Línguas Românicas) – Programa de Pós-Graduação em Línguas Românicas e suas Literaturas, Universidade de Masaryk, República Tcheca. Disponível em: <<http://zip.net/bntM50>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

GIOMI, R. **Para uma caracterização semântica do futuro sintético românico**: descrição e análise dos valores do futuro do indicativo em Português e em Italiano. 2010. 232f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://zip.net/bdtGNc>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

GÓMEZ TORREGO, L. **Gramática Didáctica del Español**. Edições SM: São Paulo, 2005.

GRAMÁTICA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 2010. Espasa Libros S. L.: Madrid, 2010.

GRANDE ALIJA, F. J. **Las modalidades de la enunciación**. 1996. 1129f. Tese (Doutorado em Filologia) - Programa de Pós-Graduação em Filologia Hispânica, Universidade de León, Espanha. 1996. Disponível em: <<http://zip.net/bqtHkh>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

_____. Imperativo, subjuntivo y el espacio desiderativo-apelativo. 2016. **Revista Científica Complutense**, v. 67, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bbtF8N>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

GRANDE, M. P.; GARCÍA, N. A. ¡Que viva España! Un enfoque comunicativo para la explicación de 'que + presente de subjuntivo' en las clases de E.L.E. 1995. **Revista Centro Virtual Cervantes**, ASELE, Actas VI, 1995. Disponível em: <<http://zip.net/bntG7K>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. Parábola Editorial: São Paulo, 2007.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.

_____. Interpersonal, representation and morphosyntactic alignment in Functional Discourse Grammar. 2009. **Revista Delta**, v. 25, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://zip.net/bmtyXV>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

_____. *Functional Discourse Grammar*. 2010. **Editorial The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**, Oxford University Press, v. 1, 2010. Disponível em: <<http://zip.net/bgtGfp>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2017.

_____. *La gramática Discursivo-Funcional*. 2011. **Revista Lucense de Lingüística y Literatura**, v. 17, p. 5-45, 2011. Disponível em: <<http://zip.net/bvtGGt>>. Acesso em: 20 maio 2016.

_____. *Grammar and context in Functional Discourse Grammar*. 2014. **Revista Pragmatics**, v. 24, n. 2, p. 203-227, 2014. Disponível em: <<http://zip.net/bhtGnm>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

HENGEVELD, K. *Illocution, mood and modality in a Functional Grammar of Spanish*. 1988. **Journal of Semantics**, v. 6, n.1, p. 227-269, 1988. Disponível em: <encurtador.com.br/FXY48>. Acesso em: 25 jan. 2017.

_____. *Adverbial clauses in the languages of Europe*. In: Van Der AUWERA, J. **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

_____. *Illocution, mood, and modality*. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. **Morphology: a handbook on inflection and word formation**. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.1190-1201.

_____. **The grammaticalization of tense and aspect**. 2011. Disponível em: <<http://zip.net/bltBtV>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

HIDALGO, M. J. **Tiempo y lenguaje: restricciones cognitivo-fenomenológicas en la evolución de las formas de futuro**. 2012. 240f. Tese (Doutorado em Estudos Cognitivos) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Humanidades. Universidade do Chile, Santiago do Chile. Disponível em: <<http://zip.net/bgtG3h>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

JESPERSEN, O. **The philosophy of Grammar**. London: Allen & Unwin, Universidade de Cambridge, 1924.

JÍMENEZ, S. U. S. **La expresión lingüística de la finalidad en textos histórico-cronísticos medievales**. 1999. 418f. Tese (Doutorado em Filologia) - Programa de Pós-Graduação em Filologia, Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Disponível em: <encurtador.com.br/foR13>. Acesso em: 15 nov. 2017.

JÍMENEZ JULIA, T. **Modalidad, modo verbal y *modus clausal* en español**. 1989.

Disponível em: <encurtador.com.br/aFY47>. Acesso em: 12 nov. 2017.

LARA, Leandro Zanetti. **Um estudo acerca da representação Semântico-Lexical no modelo da Gramática Discursivo-Funcional**. 2012. 209f. Tese (Teoria e Análise

Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012. Disponível em: <<http://zip.net/bhtHws>>. Acesso em: 30 maio 2016.

LLAMAZARES, M. V. Lingüística con corpus. 2008. **Revista de Estudios Humanísticos**, v. 30, p. 329-349, 2008. Disponível em: <<http://zip.net/bmtr9W>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

LIU, J. **Análisis sociopragmático del eufemismo**. 2016. 42f. Dissertação (Mestrado em Internacional em Língua Espanhola e Linguística) – Programa Internacional de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Linguística. Universidade de Oviedo, Oviedo. Disponível em: <<http://zip.net/bxtHZm>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

LYONS, J. **Semantics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACKENZIE, J. L. The contextual component in a dialogic FDG. 2014. **Revista Pragmatics**, v. 24, n. 2, p. 249-273, 2014. Disponível em: <<http://zip.net/bnttGN>> Acesso em: 30 ago. 2016.

MANDOVÁ, J. **Perífrasis modales en la prensa española**. 2008. 45f. Monografia (Faculdade de Letras e Literatura) – Departamento de Línguas Românicas e Literatura. Universidade de Masaryk, República Tcheca, 2008. Disponível em: <<http://zip.net/bhtHbk>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MARQUES, N. B. N.; PEZATTI, E. G. O estatuto de nem na gramática do português. 2016. **Revista Scripta**, v. 20, n. 38, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bftGYY>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

MARTÍN, A. B. **La perífrasis “ir a + infinitivo” en el sistema temporal y aspectual del español**. 2008. 399f. Tese (Doutorado em Lingüística Teórica e Aquisição de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Filologia. Universidade Complutense de Madrid, Madrid. Disponível em: <<http://zip.net/bmtGQT>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

MARTÍNEZ, I. B. El empleo de "nosotros" por las mujeres: estudio en la comunidad de sueño de santiago de cuba. 2009. **Revista Científica de América Latina**, v.1, n. 3, p. 35-44, 2009. Disponível em: <encurtador.com.br/ISWZ0>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MEDRANO, J. M. La expresión de la optatividad y modo subjuntivo en el habla culta costarricense. 2000. **Revista Universidad de Costa Rica**, v. 26, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://zip.net/bwtKID>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MENEZES, L. C. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa**: um exercício de análise retórico-funcional. 2011. 334f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza. Disponível em: <<http://zip.net/bytNGp>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

MERCKX, K. ¿Vamos a hablar andaluz o cantaremos flamenco?: la expresión de futuro en el español de Andalucía. 2006. **Cuadernos de Investigación Filológica**, v. 31, n.2, p. 47-71, 2006. Disponível em: <<http://zip.net/bwtGll>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

NAGAMURA, G. H. O tratamento da subjetividade na Gramática Discursivo-Funcional. 2014. **Revista do SELL**, v.4, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://zip.net/brtJs8>>. Acesso em: 07 maio 2017.

_____, **A expressão da subjetividade na Gramática Discursivo-Funcional**. 2016. 167f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bftL4J>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

NARROG, H. **Modality, Subjectivity, and Semantic Change**. Oxford University Press: New York, 2012.

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, I.G.V. (org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996, p. 163-199.

_____. **Texto e Gramática**. Editora Contexto: São Paulo, 2006.

NUÑEZ, S. **Semántica de la modalidad en latín**. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada: Granada, 1991.

OCHOA, C. N. **Las normas morfosintácticas del español: la enseñanza del uso correcto de los pronombres personales en español como lengua extranjera.** 2016. 68f. Monografía (Faculdade de Tradução e Interpretação) – Faculdade de Tradução da Universidade de Valladolid. Universidade de Valladolid. 2016. Disponível em: <encurtador.com.br/eiO39>. Acesso em: 12 nov. 2017.

OLANO, C. O. La modalidad: con especial referencia a la lengua española. 1988. **Revista de Filología Española**, v. 68, n. 1, 1988. Disponível em: <encurtador.com.br/bkoM6>. Acesso em: 12 nov. 2017.

OLBERTZ, H. G. **Verbal periphrases in a Functionnal Grammar of Spanish.** Mouton de Gruyter: Berlín, Nueva York: 1998.

_____. **Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessity in Spanish: a semantic description.** 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bhtFDy>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

OLIVEIRA, N. F. **O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa: uma abordagem construcional.** 2016. 245f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bttLQZ>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento.** Campinas: Pontes, 1996.

PALMER, F. R. **Mood and Modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PEIXOTO, C. S. **Polissemia nos usos do verbo ter: arbitrariedade ou iconicidade?** 2012. 161f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2012. Disponível em: <<http://zip.net/bytHRI>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

PEÑA-ALFARO, A. A. **Estratégias discursivas de Persuasão em um discurso religioso neopentecostal.** 2005. 248f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<http://zip.net/bbtHhX>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

PENHAVEL, E. Vocativos e marcadores discursivos na Gramática Textual-Interativa. 2012. **Revista Linha D'água**, v. 25, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://zip.net/bxtN05>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

PÉREZ, C. Explotación de los corpóra textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. In: **Estudios de Lingüística Española (ELiEs)**. 2002. Disponível em: <<http://zip.net/bntGf9>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

PERKINS, M. R. **Modal expressions in English**. London: Frances Pinter, 1983.

PESSOA, N. P. **Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional**. 2011. 224f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza. Disponível em: <<http://zip.net/bvtHQN>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

PEZATTI, E. G. **O Contexto na Gramática Discursivo-Funcional**. 2010. Disponível em: <<http://zip.net/bctF93>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

_____. GDF: Uma Teoria Gramatical ou Uma Teoria do Uso? 2011. **Revista Guavira Letras**, v. 12, n. 1, p. 25-35, 2011. Disponível em: <<http://zip.net/bltyx5>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

RASMUSSEN, L. S. La estructura semántica y cognoscitiva de los verbos complejos. 2000. **Revista Española de Linguística Aplicada**, v. 1, p. 309-338, 2000. Disponível em: <<http://zip.net/bktGQ2>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

RESCHER, N. **Topics in philosophical logic**. Dortrecht: Reidel, 1968.

RETTO, J. A. P. **O problema da liberdade da vontade e a psicologia cognitiva**. 2016. 173f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bhtLg8>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

RINALDI, N. **Um estudo sobre os diferentes valores modais do verbo 'poder' em entrevistas jornalísticas do espanhol**. 2015. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2015. Disponível em: <<http://zip.net/bktHq3>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ROCHA, D. Escribir Soberano. 2011. **Revista Escritura e Imagen**, v. 1, p. 23-40, 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/dlsJY>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ROJO, G. **Perífrasis verbales en el gallego actual**. Universidade de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela, 1974.

RUANO, M. A. S. Para hablar de un momento posterior a otro: la referencia al futuro. **Revista Centro Virtual Cervantes**, ASELE, Actas VII, 1996. Disponível em: <<http://zip.net/bntG3S>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

SANNA, A. **La colocación de los clíticos en las estructuras pluriverbales del español**. 2016. 282f. Dissertação (Mestrado em Línguas e Literaturas Europeias e Americanas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Ibéricos e Ibero-americanos. Universidade de Veneza, Itália. Disponível em: <<http://zip.net/bftMXK>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

SANTOS, V. C. **Intenção e desejo: os usos de querer com implicaturas de futuridade**. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://zip.net/bxtHTW>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SCHULZE, C. **El valor del modo subjuntivo en español, inglés y alemán, y sus implicaciones en la enseñanza de estas lenguas**. 2016. 68f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Linguística, Universidade de Oviedo, Espanha, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2iz5V1E>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

SEDANO, L. H. Un acercamiento a la gramática de los verbos volitivos, de influencia e psicológicos. 2006. Universidad de León, **Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Linguística**, Filología Hispánica y Clásica, 2006. Disponível em: <<http://zip.net/bctsg4>> Acesso em: 16 de março de 2016.

SILVA, I. L. L. **A expressão da evidencialidade no português escrito do século xx no contexto de gêneros textuais**. 2013. 224f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza. Disponível em: <<http://zip.net/bbtHhY>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SILVA, J. P. **A vontade sob o impacto da pós-modernidade**. 2007. 295f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2007. Disponível em: <<http://zip.net/bytLBd>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SIQUEIRA, C. **Gênero epistolar e marcas linguísticas de polidez em cartas institucionais: um estudo de caso sincrônico e diacrônico**. 2013. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. Disponível em: <<http://zip.net/bftFZx>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SOARES, F. N. A. Hume sobre a volição e a faculdade da vontade. 2013. **Revista Natureza Humana**, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://zip.net/bhtLhb>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SOUSA, C. N. **Análise de usos modais do verbo dar em entrevistas no português brasileiro**. 2016. Revista de Estudos Linguísticos, v. 45, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://zip.net/bhtHfT>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

SOUSA, F. C. **Volição, futuridade e irrealis: gramaticalização nas construções com o verbo querer**. 2011. 193f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2011. Disponível em: <<http://zip.net/bvtLyC>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SOUZA, E. R. F. Gramática Funcional: da oração rumo ao discurso. 2008. **Revista Domínios de Linguagem**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://zip.net/bmtJfW>>. Acesso em: 06 maio 2017.

TAPIA, S. R. Equivalencias en español de los verbos modales en alemán: enfoque aplicado a la traducción. 2013. **Revista Skopos**, v. 3, 2013. Disponível em: <<http://zip.net/bntG4f>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

THEGEL, M. **¿Opiniones, normas o pura necesidad? La modalidad deóntica y la modalidad dinámica a través de deber y tener que**. 2017. 228f. Mestrado (Dissertação em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia. Universidade Uppsala, Suécia. Disponível em: <<http://zip.net/bktL9g>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

TOPOR, M. **Perífrasis verbales del español y rumano un estudio contrastivo**. 2011. 722f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Lleida, Espanha. Disponível em: <<http://zip.net/bktsjX>> Acesso em: 18 mar. 2016.

VALENCIA, S. M.; ROMO, A. C. **Manual introductorio al SPSS Statistics Standard Edition 22**. Universidad de Celaya e Instituto Politécnico Nacional: México, 2014. Disponível em: <<http://zip.net/bhtvXv>>. Acesso em: 25 out. 2016.

ZIELIŃSKI, A. La metáfora y la metonimia en el proceso de la gramaticalización de las expresiones perifrásticas de futuridad en español medieval. 2009. **Revista de Etudes Romanes de Brno**, v. 2, p. 167-177, 2009. Disponível em: <<http://zip.net/bctGTV>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

ANEXO A - O *CORPUS* CONSTITUÍDO COM 13 DOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO EM LÍNGUA ESPANHOLA PROFERIDOS NAS QUATRO VIAGENS APOSTÓLICAS REALIZADAS PELO SUMO PONTÍFICE ENTRE OS ANOS DE 2015 E 2016 AOS ESTADOS UNIDOS, A CUBA, AO MÉXICO E À AMÉRICA DO SUL (BOLIVIA, EQUADOR E PARAGUAI).

DISCURSOS – AMBIENTE POLÍTICO (DAP)

VIAGEM APOSTÓLICA AOS ESTADOS UNIDOS EM SETEMBRO DE 2015

DISCURSO 01

DISCURSO EN LA CEREMONIA DE BIENVENIDA EN EL SOUTH LAWN DE LA CASA BLANCA EN WASHINGTON D.C. (Miércoles 23 de setiembre de 2015)

Buenos días, Señor Presidente:

Le agradezco mucho la bienvenida que me ha dispensado en nombre de todos los ciudadanos estadounidenses. Como hijo de una familia de inmigrantes, me alegra estar en este país, que ha sido construido en gran parte por tales familias. En estos días de encuentro y de diálogo, me gustaría escuchar y compartir muchas de las esperanzas y sueños del pueblo norteamericano. Durante mi visita, voy a tener el honor de dirigirme al Congreso, donde espero, como un hermano de este País, transmitir palabras de aliento a los encargados de dirigir el futuro político de la Nación en fidelidad a sus principios fundacionales. También iré a Filadelfia con ocasión del Octavo Encuentro Mundial de las Familias, para celebrar y apoyar a la institución del matrimonio y de la familia en este momento crítico de la historia de nuestra civilización. Señor Presidente, los católicos estadounidenses, junto con sus conciudadanos, están comprometidos con la construcción de una sociedad verdaderamente tolerante e incluyente, en la que se salvaguarden los derechos de las personas y las comunidades, y se rechace toda forma de discriminación injusta. Como a muchas otras personas de buena voluntad, les preocupa también que los esfuerzos por construir una sociedad justa y sabiamente ordenada respeten sus más profundas inquietudes y su derecho a la libertad religiosa. Libertad, que sigue siendo una de las riquezas más preciadas de este País. Y, como han recordado mis hermanos Obispos de Estados Unidos, todos estamos llamados a estar vigilantes, como buenos ciudadanos, para preservar y defender esa libertad de todo lo que pudiera ponerla en peligro o comprometerla. Señor Presidente, me complace que usted haya propuesto una iniciativa para reducir la contaminación atmosférica. Reconociendo la urgencia, también a mí me parece evidente que el cambio climático es un problema que no se puede dejar a la próxima generación. Con respecto al cuidado de nuestra «casa común», estamos viviendo en un momento crítico de la historia. Todavía tenemos tiempo para hacer los cambios necesarios para lograr «un desarrollo sostenible e integral, pues sabemos que las cosas pueden cambiar» (Laudato si', 13). Estos cambios exigen que tomemos conciencia seria y responsablemente, no sólo del tipo de mundo que podríamos estar dejando a nuestros hijos, sino también de los millones de personas que viven bajo un sistema que les ha ignorado. Nuestra casa común ha formado parte de este grupo de excluidos, que clama al cielo y afecta

fuertemente a nuestros hogares, nuestras ciudades y nuestras sociedades. Usando una frase significativa del reverendo Martin Luther King, podríamos decir que hemos incumplido un pagaré y ahora es el momento de saldarlo. Nosotros sabemos que la fe nos dice que «el Creador no nos abandona, nunca hizo marcha atrás en su proyecto de amor, no se arrepiente de habernos creado. La humanidad aún posee la capacidad de colaborar para construir nuestra casa común» (Laudato si', 13). Como cristianos movidos por esta certeza, queremos comprometernos con el cuidado consciente y responsable de nuestra casa común. Señor Presidente, los esfuerzos realizados recientemente para reparar relaciones rotas y abrir nuevas puertas a la cooperación dentro de nuestra familia humana constituyen pasos positivos en el camino de la reconciliación, la justicia y la libertad. Me gustaría que todos los hombres y mujeres de buena voluntad de esta gran Nación apoyaran las iniciativas de la comunidad internacional para proteger a los más vulnerables de nuestro mundo y para suscitar modelos integrales e inclusivos de desarrollo, para que nuestros hermanos y hermanas en todas partes gocen de la bendición de la paz y la prosperidad que Dios quiere para todos sus hijos. Señor Presidente, una vez más, le agradezco su acogida, y tengo puestas grandes esperanzas en estos días en su País. ¡Que Dios bendiga a América!

DISCURSO 02

DISCURSO EN LA VISITA AL CONGRESO DE ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA EN WASHINGTON, D.C. (Jueves 24 de setiembre de 2015)

Señor Vicepresidente,

Señor Presidente,

Distinguidos Miembros del Congreso,

Queridos amigos:

Les agradezco la invitación que me han hecho a que les dirija la palabra en esta sesión conjunta del Congreso en «la tierra de los libres y en la patria de los valientes». Me gustaría pensar que lo han hecho porque también yo soy un hijo de este gran continente, del que todos nosotros hemos recibido tanto y con el que tenemos una responsabilidad común. Cada hijo o hija de un país tiene una misión, una responsabilidad personal y social. La de ustedes como Miembros del Congreso, por medio de la actividad legislativa, consiste en hacer que este País crezca como Nación. Ustedes son el rostro de su pueblo, sus representantes. Y están llamados a defender y custodiar la dignidad de sus conciudadanos en la búsqueda constante y exigente del bien común, pues éste es el principal desvelo de la política. La sociedad política perdura si se plantea, como vocación, satisfacer las necesidades comunes favoreciendo el crecimiento de todos sus miembros, especialmente de los que están en situación de mayor vulnerabilidad o riesgo. La actividad legislativa siempre está basada en la atención al pueblo. A eso han sido invitados, llamados, convocados por las urnas. Se trata de una tarea que me recuerda la figura de Moisés en una doble perspectiva. Por un lado, el Patriarca y legislador del Pueblo de Israel simboliza la necesidad que tienen los pueblos de mantener la conciencia de unidad por medio de una legislación justa. Por otra parte, la figura de Moisés nos remite directamente a Dios y por lo tanto a la dignidad trascendente del ser humano. Moisés nos ofrece una buena síntesis de su labor: ustedes están invitados a proteger, por medio de la ley, la imagen y semejanza plasmada por Dios en cada vida humana. En esta perspectiva quisiera hoy no sólo dirigirme a ustedes, sino con ustedes y en ustedes a todo el pueblo de los Estados Unidos. Aquí junto con sus Representantes, quisiera tener la oportunidad de dialogar con miles de hombres y mujeres

que luchan cada día para trabajar honradamente, para llevar el pan a su casa, para ahorrar y – poco a poco– conseguir una vida mejor para los suyos. Que no se resignan solamente a pagar sus impuestos, sino que –con su servicio silencioso– sostienen la convivencia. Que crean lazos de solidaridad por medio de iniciativas espontáneas pero también a través de organizaciones que buscan paliar el dolor de los más necesitados. Me gustaría dialogar con tantos abuelos que atesoran la sabiduría forjada por los años e intentan de muchas maneras, especialmente a través del voluntariado, compartir sus experiencias y conocimientos. Sé que son muchos los que se jubilan pero no se retiran; siguen activos construyendo esta tierra. Me gustaría dialogar con todos esos jóvenes que luchan por sus deseos nobles y altos, que no se dejan atomizar por las ofertas fáciles, que saben enfrentar situaciones difíciles, fruto muchas veces de la inmadurez de los adultos. Con todos ustedes quisiera dialogar y me gustaría hacerlo a partir de la memoria de su pueblo. Mi visita tiene lugar en un momento en que los hombres y mujeres de buena voluntad conmemoran el aniversario de algunos ilustres norteamericanos. Salvando los vaivenes de la historia y las ambigüedades propias de los seres humanos, con sus muchas diferencias y límites, estos hombres y mujeres apostaron, con trabajo, abnegación y hasta con su propia sangre, por forjar un futuro mejor. Con su vida plasmaron valores fundantes que viven para siempre en el alma de todo el pueblo. Un pueblo con alma puede pasar por muchas encrucijadas, tensiones y conflictos, pero logra siempre encontrar los recursos para salir adelante y hacerlo con dignidad. Estos hombres y mujeres nos aportan una hermenéutica, una manera de ver y analizar la realidad. Honrar su memoria, en medio de los conflictos, nos ayuda a recuperar, en el hoy de cada día, nuestras reservas culturales. Me limito a mencionar cuatro de estos ciudadanos: Abraham Lincoln, Martin Luther King, Dorothy Day y Thomas Merton. Estamos en el ciento cincuenta aniversario del asesinato del Presidente Abraham Lincoln, el defensor de la libertad, que ha trabajado incansablemente para que «esta Nación, por la gracia de Dios, tenga una nueva aurora de libertad». Construir un futuro de libertad exige amor al bien común y colaboración con un espíritu de subsidiaridad y solidaridad. Todos conocemos y estamos sumamente preocupados por la inquietante situación social y política de nuestro tiempo. El mundo es cada vez más un lugar de conflictos violentos, de odio nocivo, de sangrienta atrocidad, cometida incluso en el nombre de Dios y de la religión. Somos conscientes de que ninguna religión es inmune a diversas formas de aberración individual o de extremismo ideológico. Esto nos urge a estar atentos frente a cualquier tipo de fundamentalismo de índole religiosa o del tipo que fuere. Combatir la violencia perpetrada bajo el nombre de una religión, una ideología, o un sistema económico y, al mismo tiempo, proteger la libertad de las religiones, de las ideas, de las personas requiere un delicado equilibrio en el que tenemos que trabajar. Y, por otra parte, puede generarse una tentación a la que hemos de prestar especial atención: el reduccionismo simplista que divide la realidad en buenos y malos; permítanme usar la expresión: en justos y pecadores. El mundo contemporáneo con sus heridas, que sangran en tantos hermanos nuestros, nos convoca a afrontar todas las polarizaciones que pretenden dividirlo en dos bandos. Sabemos que en el afán de querer liberarnos del enemigo exterior podemos caer en la tentación de ir alimentando el enemigo interior. Copiar el odio y la violencia del tirano y del asesino es la mejor manera de ocupar su lugar. A eso este pueblo dice: No. Nuestra respuesta, en cambio, es de esperanza y de reconciliación, de paz y de justicia. Se nos pide tener el coraje y usar nuestra inteligencia para resolver las crisis geopolíticas y económicas que abundan hoy. También en el mundo desarrollado las consecuencias de estructuras y acciones injustas aparecen con mucha evidencia. Nuestro trabajo se centra en devolver la esperanza, corregir las injusticias, mantener la fe en los compromisos, promoviendo así la recuperación de las personas y de los pueblos. Ir hacia delante juntos, en un renovado espíritu de fraternidad y solidaridad, cooperando con entusiasmo al bien común. El reto que tenemos que afrontar hoy nos pide una renovación del espíritu de colaboración que ha producido tanto bien

a lo largo de la historia de los Estados Unidos. La complejidad, la gravedad y la urgencia de tal desafío exigen poner en común los recursos y los talentos que poseemos y empeñarnos en sostenernos mutuamente, respetando las diferencias y las convicciones de conciencia. En estas tierras, las diversas comunidades religiosas han ofrecido una gran ayuda para construir y reforzar la sociedad. Es importante, hoy como en el pasado, que la voz de la fe, que es una voz de fraternidad y de amor, que busca sacar lo mejor de cada persona y de cada sociedad, pueda seguir siendo escuchada. Tal cooperación es un potente instrumento en la lucha por erradicar las nuevas formas mundiales de esclavitud, que son fruto de grandes injusticias que pueden ser superadas sólo con nuevas políticas y consensos sociales. Apelo aquí a la historia política de los Estados Unidos, donde la democracia está radicada en la mente del Pueblo. Toda actividad política debe servir y promover el bien de la persona humana y estar fundada en el respeto de su dignidad. «Sostenemos como evidentes estas verdades: que todos los hombres son creados iguales; que han sido dotados por el Creador de ciertos derechos inalienables; que entre estos está la vida, la libertad y la búsqueda de la felicidad» (Declaración de Independencia, 4 julio 1776). Si es verdad que la política debe servir a la persona humana, se sigue que no puede ser esclava de la economía y de las finanzas. La política responde a la necesidad imperiosa de convivir para construir juntos el bien común posible, el de una comunidad que resigna intereses particulares para poder compartir, con justicia y paz, sus bienes, sus intereses, su vida social. No subestimo la dificultad que esto conlleva, pero los aliento en este esfuerzo. En esta sede quiero recordar también la marcha que, cincuenta años atrás, Martin Luther King encabezó desde Selma a Montgomery, en la campaña por realizar el «sueño» de plenos derechos civiles y políticos para los afro-americanos. Su sueño sigue resonando en nuestros corazones. Me alegro de que Estados Unidos siga siendo para muchos la tierra de los «sueños». Sueños que movilizan a la acción, a la participación, al compromiso. Sueños que despiertan lo que de más profundo y auténtico hay en los pueblos. En los últimos siglos, millones de personas han alcanzado esta tierra persiguiendo el sueño de poder construir su propio futuro en libertad. Nosotros, pertenecientes a este continente, no nos asustamos de los extranjeros, porque muchos de nosotros hace tiempo fuimos extranjeros. Les hablo como hijo de inmigrantes, como muchos de ustedes que son descendientes de inmigrantes. Trágicamente, los derechos de cuantos vivieron aquí mucho antes que nosotros no siempre fueron respetados. A estos pueblos y a sus naciones, desde el corazón de la democracia norteamericana, deseo reafirmarles mi más alta estima y reconocimiento. Aquellos primeros contactos fueron bastantes convulsos y sangrientos, pero es difícil enjuiciar el pasado con los criterios del presente. Sin embargo, cuando el extranjero nos interpela, no podemos cometer los pecados y los errores del pasado. Debemos elegir la posibilidad de vivir ahora en el mundo más noble y justo posible, mientras formamos las nuevas generaciones, con una educación que no puede dar nunca la espalda a los «vecinos», a todo lo que nos rodea. Construir una nación nos lleva a pensarnos siempre en relación con otros, saliendo de la lógica de enemigo para pasar a la lógica de la recíproca subsidiaridad, dando lo mejor de nosotros. Confío que lo haremos. Nuestro mundo está afrontando una crisis de refugiados sin precedentes desde los tiempos de la Segunda Guerra Mundial. Lo que representa grandes desafíos y decisiones difíciles de tomar. A lo que se suma, en este continente, las miles de personas que se ven obligadas a viajar hacia el norte en búsqueda de una vida mejor para sí y para sus seres queridos, en un anhelo de vida con mayores oportunidades. ¿Acaso no es lo que nosotros queremos para nuestros hijos? No debemos dejarnos intimidar por los números, más bien mirar a las personas, sus rostros, escuchar sus historias mientras luchamos por asegurarles nuestra mejor respuesta a su situación. Una respuesta que siempre será humana, justa y fraterna. Cuidémonos de una tentación contemporánea: descartar todo lo que moleste. Recordemos la regla de oro: «Hagan ustedes con los demás como quieran que los demás hagan con ustedes» (Mt 7,12). Esta regla nos da

un parámetro de acción bien preciso: tratemos a los demás con la misma pasión y compasión con la que queremos ser tratados. Busquemos para los demás las mismas posibilidades que deseamos para nosotros. Acompañemos el crecimiento de los otros como queremos ser acompañados. En definitiva: queremos seguridad, demos seguridad; queremos vida, demos vida; queremos oportunidades, brindemos oportunidades. El parámetro que usemos para los demás será el parámetro que el tiempo usará con nosotros. La regla de oro nos recuerda la responsabilidad que tenemos de custodiar y defender la vida humana en todas las etapas de su desarrollo. Esta certeza es la que me ha llevado, desde el principio de mi ministerio, a trabajar en diferentes niveles para solicitar la abolición mundial de la pena de muerte. Estoy convencido que este es el mejor camino, porque cada vida es sagrada, cada persona humana está dotada de una dignidad inalienable y la sociedad sólo puede beneficiarse en la rehabilitación de aquellos que han cometido algún delito. Recientemente, mis hermanos Obispos aquí, en los Estados Unidos, han renovado el llamamiento para la abolición de la pena capital. No sólo me uno con mi apoyo, sino que animo y aliento a cuantos están convencidos de que una pena justa y necesaria nunca debe excluir la dimensión de la esperanza y el objetivo de la rehabilitación. En estos tiempos en que las cuestiones sociales son tan importantes, no puedo dejar de nombrar a la Sierva de Dios Dorothy Day, fundadora del Movimiento del trabajador católico. Su activismo social, su pasión por la justicia y la causa de los oprimidos estaban inspirados en el Evangelio, en su fe y en el ejemplo de los santos. ¡Cuánto se ha progresado, en este sentido, en tantas partes del mundo! ¡Cuánto se viene trabajando en estos primeros años del tercer milenio para sacar a las personas de la extrema pobreza! Sé que comparten mi convicción de que todavía se debe hacer mucho más y que, en momentos de crisis y de dificultad económica, no se puede perder el espíritu de solidaridad internacional. Al mismo tiempo, quiero alentarlos a recordar cuán cercanos a nosotros son hoy los prisioneros de la trampa de la pobreza. También a estas personas debemos ofrecerles esperanza. La lucha contra la pobreza y el hambre ha de ser combatida constantemente, en sus muchos frentes, especialmente en las causas que las provocan. Sé que gran parte del pueblo norteamericano hoy, como ha sucedido en el pasado, está haciéndole frente a este problema. No es necesario repetir que parte de este gran trabajo está constituido por la creación y distribución de la riqueza. El justo uso de los recursos naturales, la aplicación de soluciones tecnológicas y la guía del espíritu emprendedor son parte indispensable de una economía que busca ser moderna pero especialmente solidaria y sustentable. «La actividad empresarial, que es una noble vocación orientada a producir riqueza y a mejorar el mundo para todos, puede ser una manera muy fecunda de promover la región donde instala sus emprendimientos, sobre todo si entiende que la creación de puestos de trabajo es parte ineludible de su servicio al bien común» (Laudato si', 129). Y este bien común incluye también la tierra, tema central de la Encíclica que he escrito recientemente para «entrar en diálogo con todos acerca de nuestra casa común» (ibíd., 3). «Necesitamos una conversación que nos una a todos, porque el desafío ambiental que vivimos, y sus raíces humanas, nos interesan y nos impactan a todos» (ibíd., 14). En Laudato si', aliento el esfuerzo valiente y responsable para «reorientar el rumbo» (N. 61) y para evitar las más grandes consecuencias que surgen del degrado ambiental provocado por la actividad humana. Estoy convencido de que podemos marcar la diferencia y no tengo alguna duda de que los Estados Unidos –y este Congreso– están llamados a tener un papel importante. Ahora es el tiempo de acciones valientes y de estrategias para implementar una «cultura del cuidado» (ibíd., 231) y una «aproximación integral para combatir la pobreza, para devolver la dignidad a los excluidos y simultáneamente para cuidar la naturaleza» (ibíd., 139). La libertad humana es capaz de limitar la técnica (cf. ibíd., 112); de interpelar «nuestra inteligencia para reconocer cómo deberíamos orientar, cultivar y limitar nuestro poder» (ibíd., 78); de poner la técnica al «servicio de otro tipo de progreso más sano, más humano, más social, más integral» (ibíd.,

112). Sé y confío que sus excelentes instituciones académicas y de investigación pueden hacer una contribución vital en los próximos años. Un siglo atrás, al inicio de la Gran Guerra, «masacre inútil», en palabras del Papa Benedicto XV, nace otro gran norteamericano, el monje cisterciense Thomas Merton. Él sigue siendo fuente de inspiración espiritual y guía para muchos. En su autobiografía escribió: «Aunque libre por naturaleza y a imagen de Dios, con todo, y a imagen del mundo al cual había venido, también fui prisionero de mi propia violencia y egoísmo. El mundo era trasunto del infierno, abarrotado de hombres como yo, que le amaban y también le aborrecían. Habían nacido para amarle y, sin embargo, vivían con temor y ansias desesperadas y enfrentadas». Merton fue sobre todo un hombre de oración, un pensador que desafió las certezas de su tiempo y abrió horizontes nuevos para las almas y para la Iglesia; fue también un hombre de diálogo, un promotor de la paz entre pueblos y religiones. En tal perspectiva de diálogo, deseo reconocer los esfuerzos que se han realizado en los últimos meses y que ayudan a superar las históricas diferencias ligadas a dolorosos episodios del pasado. Es mi deber construir puentes y ayudar lo más posible a que todos los hombres y mujeres puedan hacerlo. Cuando países que han estado en conflicto retoman el camino del diálogo, que podría haber estado interrumpido por motivos legítimos, se abren nuevos horizontes para todos. Esto ha requerido y requiere coraje, audacia, lo cual no significa falta de responsabilidad. Un buen político es aquel que, teniendo en mente los intereses de todos, toma el momento con un espíritu abierto y pragmático. Un buen político opta siempre por generar procesos más que por ocupar espacios (cf. *Evangelii gaudium*, 222-223). Igualmente, ser un agente de diálogo y de paz significa estar verdaderamente determinado a atenuar y, en último término, a acabar con los muchos conflictos armados que afligen nuestro mundo. Y sobre esto hemos de ponernos un interrogante: ¿por qué las armas letales son vendidas a aquellos que pretenden infligir un sufrimiento indecible sobre los individuos y la sociedad? Tristemente, la respuesta, que todos conocemos, es simplemente por dinero; un dinero impregnado de sangre, y muchas veces de sangre inocente. Frente al silencio vergonzoso y cómplice, es nuestro deber afrontar el problema y acabar con el tráfico de armas. Tres hijos y una hija de esta tierra, cuatro personas, cuatro sueños: Abraham Lincoln, la libertad; Martin Luther King, una libertad que se vive en la pluralidad y la no exclusión; Dorothy Day, la justicia social y los derechos de las personas; y Thomas Merton, la capacidad de diálogo y la apertura a Dios. Cuatro representantes del pueblo norteamericano. Terminaré mi visita a su País en Filadelfia, donde participaré en el Encuentro Mundial de las Familias. He querido que en todo este Viaje Apostólico la familia fuese un tema recurrente. Cuán fundamental ha sido la familia en la construcción de este País. Y cuán digna sigue siendo de nuestro apoyo y aliento. No puedo esconder mi preocupación por la familia, que está amenazada, quizás como nunca, desde el interior y desde el exterior. Las relaciones fundamentales son puestas en duda, como el mismo fundamento del matrimonio y de la familia. No puedo más que confirmar no sólo la importancia, sino por sobre todo, la riqueza y la belleza de vivir en familia. De modo particular quisiera llamar su atención sobre aquellos componentes de la familia que parecen ser los más vulnerables, es decir, los jóvenes. Muchos tienen delante un futuro lleno de innumerables posibilidades, muchos otros parecen desorientados y sin sentido, prisioneros en un laberinto de violencia, de abuso y desesperación. Sus problemas son nuestros problemas. No nos es posible eludirlos. Hay que afrontarlos juntos, hablar y buscar soluciones más allá del simple tratamiento nominal de las cuestiones. Aun a riesgo de simplificar, podríamos decir que existe una cultura tal que empuja a muchos jóvenes a no poder formar una familia porque están privados de oportunidades de futuro. Sin embargo, esa misma cultura concede a muchos otros, por el contrario, tantas oportunidades, que también ellos se ven disuadidos de formar una familia. Una Nación es considerada grande cuando defiende la libertad, como hizo Abraham Lincoln; cuando genera una cultura que permita a sus hombres «soñar» con plenitud de derechos para sus hermanos y

hermanas, como intentó hacer Martin Luther King; cuando lucha por la justicia y la causa de los oprimidos, como hizo Dorothy Day en su incesante trabajo; siendo fruto de una fe que se hace diálogo y siembra paz, al estilo contemplativo de Merton. Me he animado a esbozar algunas de las riquezas de su patrimonio cultural, del alma de su pueblo. Me gustaría que esta alma siga tomando forma y crezca, para que los jóvenes puedan heredar y vivir en una tierra que ha permitido a muchos soñar Que Dios bendiga a América.

DISCURSO 03

DISCURSO EN LA VISITA A LA SEDE DE LA ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS EN NUEVA YORK (Viernes 25 de setiembre de 2015)

Señor Presidente,
Señoras y Señores,
Buenos días,

Una vez más, siguiendo una tradición de la que me siento honrado, el Secretario General de las Naciones Unidas ha invitado al Papa a dirigirse a esta honorable Asamblea de las Naciones. En nombre propio y en el de toda la comunidad católica, Señor Ban Ki-moon, quiero expresarle el más sincero y cordial agradecimiento. Agradezco también sus amables palabras. Saludo asimismo a los Jefes de Estado y de Gobierno aquí presentes, a los Embajadores, diplomáticos y funcionarios políticos y técnicos que los acompañan, al personal de las Naciones Unidas empeñado en esta 70 Sesión de la Asamblea General, al personal de todos los programas y agencias de la familia de la ONU, y a todos los que de un modo u otro participan de esta reunión. Por medio de ustedes saludo también a los ciudadanos de todas las naciones representadas en este encuentro. Gracias por los esfuerzos de todos y de cada uno en bien de la humanidad. Esta es la quinta vez que un Papa visita las Naciones Unidas. Lo hicieron mis predecesores Pablo VI en 1965, Juan Pablo II en 1979 y 1995 y, mi más reciente predecesor, hoy el Papa Emérito Benedicto XVI, en 2008. Todos ellos no ahorraron expresiones de reconocimiento para la Organización, considerándola la respuesta jurídica y política adecuada al momento histórico, caracterizado por la superación tecnológica de las distancias y fronteras y, aparentemente, de cualquier límite natural a la afirmación del poder. Una respuesta imprescindible ya que el poder tecnológico, en manos de ideologías nacionalistas o falsamente universalistas, es capaz de producir tremendas atrocidades. No puedo por menos que asociarme al aprecio de mis predecesores, reafirmando la importancia que la Iglesia Católica concede a esta institución y las esperanzas que pone en sus actividades. La historia de la comunidad organizada de los Estados, representada por las Naciones Unidas, que festeja en estos días su 70 aniversario, es una historia de importantes éxitos comunes, en un período de inusitada aceleración de los acontecimientos. Sin pretensión de exhaustividad, se puede mencionar la codificación y el desarrollo del derecho internacional, la construcción de la normativa internacional de derechos humanos, el perfeccionamiento del derecho humanitario, la solución de muchos conflictos y operaciones de paz y reconciliación, y tantos otros logros en todos los campos de la proyección internacional del quehacer humano. Todas estas realizaciones son luces que contrastan la oscuridad del desorden causado por las ambiciones descontroladas y los egoísmos colectivos. Es cierto que aún son muchos los graves problemas no resueltos, pero también es evidente que, si hubiera faltado toda esa actividad internacional, la humanidad podría no haber sobrevivido al uso descontrolado de sus propias potencialidades. Cada uno de estos progresos políticos, jurídicos y técnicos son un camino de concreción del ideal de la fraternidad humana y un medio para su mayor realización. Rindo pues, homenaje a todos los hombres y mujeres que han servido leal y

sacrificadamente a toda la humanidad en estos 70 años. En particular, quiero recordar hoy a los que han dado su vida por la paz y la reconciliación de los pueblos, desde Dag Hammarskjöld hasta los muchísimos funcionarios de todos los niveles, fallecidos en las misiones humanitarias, de paz y reconciliación. La experiencia de estos 70 años, más allá de todo lo conseguido, muestra que la reforma y la adaptación a los tiempos siempre es necesaria, progresando hacia el objetivo último de conceder a todos los países, sin excepción, una participación y una incidencia real y equitativa en las decisiones. Esta necesidad de una mayor equidad, vale especialmente para los cuerpos con efectiva capacidad ejecutiva, como es el caso del Consejo de Seguridad, los organismos financieros y los grupos o mecanismos especialmente creados para afrontar las crisis económicas. Esto ayudará a limitar todo tipo de abuso o usura sobre todo con los países en vías de desarrollo. Los organismos financieros internacionales han de velar por el desarrollo sostenible de los países y la no sumisión asfixiante de éstos a sistemas crediticios que, lejos de promover el progreso, someten a las poblaciones a mecanismos de mayor pobreza, exclusión y dependencia. La labor de las Naciones Unidas, a partir de los postulados del Preámbulo y de los primeros artículos de su Carta Constitucional, puede ser vista como el desarrollo y la promoción de la soberanía del derecho, sabiendo que la justicia es requisito indispensable para obtener el ideal de la fraternidad universal. En este contexto, cabe recordar que la limitación del poder es una idea implícita en el concepto de derecho. Dar a cada uno lo suyo, siguiendo la definición clásica de justicia, significa que ningún individuo o grupo humano se puede considerar omnipotente, autorizado a pasar por encima de la dignidad y de los derechos de las otras personas singulares o de sus agrupaciones sociales. La distribución fáctica del poder (político, económico, de defensa, tecnológico, etc.) entre una pluralidad de sujetos y la creación de un sistema jurídico de regulación de las pretensiones e intereses, concreta la limitación del poder. El panorama mundial hoy nos presenta, sin embargo, muchos falsos derechos, y –a la vez– grandes sectores indefensos, víctimas más bien de un mal ejercicio del poder: el ambiente natural y el vasto mundo de mujeres y hombres excluidos. Dos sectores íntimamente unidos entre sí, que las relaciones políticas y económicas preponderantes han convertido en partes frágiles de la realidad. Por eso hay que afirmar con fuerza sus derechos, consolidando la protección del ambiente y acabando con la exclusión. Ante todo, hay que afirmar que existe un verdadero «derecho del ambiente» por un doble motivo. Primero, porque los seres humanos somos parte del ambiente. Vivimos en comunión con él, porque el mismo ambiente comporta límites éticos que la acción humana debe reconocer y respetar. El hombre, aun cuando está dotado de «capacidades inéditas» que «muestran una singularidad que trasciende el ámbito físico y biológico» (Laudato si', 81), es al mismo tiempo una porción de ese ambiente. Tiene un cuerpo formado por elementos físicos, químicos y biológicos, y solo puede sobrevivir y desarrollarse si el ambiente ecológico le es favorable. Cualquier daño al ambiente, por tanto, es un daño a la humanidad. Segundo, porque cada una de las creaturas, especialmente las vivientes, tiene un valor en sí misma, de existencia, de vida, de belleza y de interdependencia con las demás creaturas. Los cristianos, junto a otras religiones monoteístas, creemos que el universo proviene de una decisión de amor del Creador, que permite al hombre servirse respetuosamente de la creación para el bien de sus semejantes y para gloria del Creador, pero que no puede abusar de ella y mucho menos está autorizado a destruirla. Para todas las creencias religiosas, el ambiente es un bien fundamental (cf. *ibíd.*, 81). El abuso y la destrucción del ambiente, al mismo tiempo, van acompañados por un imparable proceso de exclusión. En efecto, un afán egoísta e ilimitado de poder y de bienestar material lleva tanto a abusar de los recursos materiales disponibles como a excluir a los débiles y con menos habilidades, ya sea por tener capacidades diferentes, discapacidades o porque están privados de los conocimientos e instrumentos técnicos adecuados o poseen insuficiente capacidad de decisión política. La exclusión económica y social es una negación total de la fraternidad

humana y un gravísimo atentado a los derechos humanos y al ambiente. Los más pobres son los que más sufren estos atentados por un triple grave motivo: son descartados por la sociedad, son al mismo tiempo obligados a vivir del descarte y deben injustamente sufrir las consecuencias del abuso del ambiente. Estos fenómenos conforman la hoy tan difundida e inconscientemente consolidada «cultura del descarte». Lo dramático de toda esta situación de exclusión e inequidad, con sus claras consecuencias, me lleva junto a todo el pueblo cristiano y a tantos otros a tomar conciencia también de mi grave responsabilidad al respecto, por lo cual alzo mi voz, junto a la de todos aquellos que anhelan soluciones urgentes y efectivas. La adopción de la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible en la Cumbre mundial que iniciará hoy mismo, es una importante señal de esperanza. Confío también que la Conferencia de París sobre el cambio climático logre acuerdos fundamentales y eficaces. No bastan, sin embargo, los compromisos asumidos solemnemente, aunque constituyen, ciertamente, un paso necesario para las soluciones. La definición clásica de justicia a que aludí anteriormente contiene como elemento esencial una voluntad constante y perpetua: *Iustitia est constans et perpetua voluntas ius suum cuique tribuendi*. El mundo reclama de todos los gobernantes una voluntad efectiva, práctica, constante, de pasos concretos y medidas inmediatas, para preservar y mejorar el ambiente natural y vencer cuanto antes el fenómeno de la exclusión social y económica, con sus tristes consecuencias de trata de seres humanos, comercio de órganos y tejidos humanos, explotación sexual de niños y niñas, trabajo esclavo, incluyendo la prostitución, tráfico de drogas y de armas, terrorismo y crimen internacional organizado. Es tal la magnitud de esta situación y el grado de vidas inocentes que va cobrando, que hemos de evitar toda tentación de caer en un nominalismo declaracionista con efecto tranquilizador en las conciencias. Debemos cuidar que nuestras instituciones sean realmente efectivas en la lucha contra todos estos flagelos. La multiplicidad y complejidad de los problemas exige contar con instrumentos técnicos de medida. Esto, empero, comporta un doble peligro: limitarse al ejercicio burocrático de redactar largas enumeraciones de buenos propósitos – metas, objetivos e indicadores estadísticos–, o creer que una única solución teórica y apriorística dará respuesta a todos los desafíos. No hay que perder de vista, en ningún momento, que la acción política y económica, solo es eficaz cuando se la entiende como una actividad prudencial, guiada por un concepto perenne de justicia y que no pierde de vista en ningún momento que, antes y más allá de los planes y programas, hay mujeres y hombres concretos, iguales a los gobernantes, que viven, luchan, sufren, y que muchas veces se ven obligados a vivir miserablemente, privados de cualquier derecho. Para que estos hombres y mujeres concretos puedan escapar de la pobreza extrema, hay que permitirles ser dignos actores de su propio destino. El desarrollo humano integral y el pleno ejercicio de la dignidad humana no pueden ser impuestos. Deben ser edificados y desplegados por cada uno, por cada familia, en comunión con los demás hombres y en una justa relación con todos los círculos en los que se desarrolla la socialidad humana –amigos, comunidades, aldeas y municipios, escuelas, empresas y sindicatos, provincias, naciones–. Esto supone y exige el derecho a la educación –también para las niñas, excluidas en algunas partes–, derecho a la educación que se asegura en primer lugar respetando y reforzando el derecho primario de las familias a educar, y el derecho de las Iglesias y de las agrupaciones sociales a sostener y colaborar con las familias en la formación de sus hijas e hijos. La educación, así concebida, es la base para la realización de la Agenda 2030 y para recuperar el ambiente. Al mismo tiempo, los gobernantes han de hacer todo lo posible a fin de que todos puedan tener la mínima base material y espiritual para ejercer su dignidad y para formar y mantener una familia, que es la célula primaria de cualquier desarrollo social. Este mínimo absoluto tiene en lo material tres nombres: techo, trabajo y tierra; y un nombre en lo espiritual: libertad de espíritu, que comprende la libertad religiosa, el derecho a la educación y todos los otros derechos cívicos. Por todo esto, la medida y el indicador más simple y adecuado del cumplimiento de la nueva

Agenda para el desarrollo será el acceso efectivo, práctico e inmediato, para todos, a los bienes materiales y espirituales indispensables: vivienda propia, trabajo digno y debidamente remunerado, alimentación adecuada y agua potable; libertad religiosa, y más en general libertad de espíritu y educación. Al mismo tiempo, estos pilares del desarrollo humano integral tienen un fundamento común, que es el derecho a la vida y, más en general, el que podríamos llamar el derecho a la existencia de la misma naturaleza humana. La crisis ecológica, junto con la destrucción de buena parte de la biodiversidad, puede poner en peligro la existencia misma de la especie humana. Las nefastas consecuencias de un irresponsable desgobierno de la economía mundial, guiado solo por la ambición de lucro y del poder, deben ser un llamado a una severa reflexión sobre el hombre: «El hombre no es solamente una libertad que él se crea por sí solo. El hombre no se crea a sí mismo. Es espíritu y voluntad, pero también naturaleza» (Benedicto XVI, Discurso al Parlamento Federal de Alemania, 22 septiembre 2011; citado en *Laudato si'*, 6). La creación se ve perjudicada «donde nosotros mismos somos las últimas instancias [...] El derroche de la creación comienza donde no reconocemos ya ninguna instancia por encima de nosotros, sino que solo nos vemos a nosotros mismos» (Id., Discurso al Clero de la Diócesis de Bolzano-Bressanone, 6 agosto 2008; citado *ibíd.*). Por eso, la defensa del ambiente y la lucha contra la exclusión exigen el reconocimiento de una ley moral inscrita en la propia naturaleza humana, que comprende la distinción natural entre hombre y mujer (cf. *Laudato si'*, 155), y el absoluto respeto de la vida en todas sus etapas y dimensiones (cf. *ibíd.*, 123; 136). Sin el reconocimiento de unos límites éticos naturales insalvables y sin la actuación inmediata de aquellos pilares del desarrollo humano integral, el ideal de «salvar las futuras generaciones del flagelo de la guerra» (Carta de las Naciones Unidas, Preámbulo) y de «promover el progreso social y un más elevado nivel de vida en una más amplia libertad» (*ibíd.*) corre el riesgo de convertirse en un espejismo inalcanzable o, peor aún, en palabras vacías que sirven de excusa para cualquier abuso y corrupción, o para promover una colonización ideológica a través de la imposición de modelos y estilos de vida anómalos, extraños a la identidad de los pueblos y, en último término, irresponsables. La guerra es la negación de todos los derechos y una dramática agresión al ambiente. Si se quiere un verdadero desarrollo humano integral para todos, se debe continuar incansablemente con la tarea de evitar la guerra entre las naciones y entre los pueblos. Para tal fin hay que asegurar el imperio incontestado del derecho y el infatigable recurso a la negociación, a los buenos oficios y al arbitraje, como propone la Carta de las Naciones Unidas, verdadera norma jurídica fundamental. La experiencia de los 70 años de existencia de las Naciones Unidas, en general, y en particular la experiencia de los primeros 15 años del tercer milenio, muestran tanto la eficacia de la plena aplicación de las normas internacionales como la ineficacia de su incumplimiento. Si se respeta y aplica la Carta de las Naciones Unidas con transparencia y sinceridad, sin segundas intenciones, como un punto de referencia obligatorio de justicia y no como un instrumento para disfrazar intenciones espurias, se alcanzan resultados de paz. Cuando, en cambio, se confunde la norma con un simple instrumento, para utilizar cuando resulta favorable y para eludir cuando no lo es, se abre una verdadera caja de Pandora de fuerzas incontrolables, que dañan gravemente las poblaciones inermes, el ambiente cultural e incluso el ambiente biológico. El Preámbulo y el primer artículo de la Carta de las Naciones Unidas indican los cimientos de la construcción jurídica internacional: la paz, la solución pacífica de las controversias y el desarrollo de relaciones de amistad entre las naciones. Contrasta fuertemente con estas afirmaciones, y las niega en la práctica, la tendencia siempre presente a la proliferación de las armas, especialmente las de destrucción masiva como pueden ser las nucleares. Una ética y un derecho basados en la amenaza de destrucción mutua –y posiblemente de toda la humanidad– son contradictorios y constituyen un fraude a toda la construcción de las Naciones Unidas, que pasarían a ser «Naciones unidas por el miedo y la desconfianza». Hay que empeñarse por

un mundo sin armas nucleares, aplicando plenamente el Tratado de no proliferación, en la letra y en el espíritu, hacia una total prohibición de estos instrumentos. El reciente acuerdo sobre la cuestión nuclear en una región sensible de Asia y Oriente Medio es una prueba de las posibilidades de la buena voluntad política y del derecho, ejercidos con sinceridad, paciencia y constancia. Hago votos para que este acuerdo sea duradero y eficaz y dé los frutos deseados con la colaboración de todas las partes implicadas. En ese sentido, no faltan duras pruebas de las consecuencias negativas de las intervenciones políticas y militares no coordinadas entre los miembros de la comunidad internacional. Por eso, aun deseando no tener la necesidad de hacerlo, no puedo dejar de reiterar mis repetidos llamamientos en relación con la dolorosa situación de todo el Oriente Medio, del norte de África y de otros países africanos, donde los cristianos, junto con otros grupos culturales o étnicos e incluso junto con aquella parte de los miembros de la religión mayoritaria que no quiere dejarse envolver por el odio y la locura, han sido obligados a ser testigos de la destrucción de sus lugares de culto, de su patrimonio cultural y religioso, de sus casas y haberes y han sido puestos en la disyuntiva de huir o de pagar su adhesión al bien y a la paz con la propia vida o con la esclavitud. Estas realidades deben constituir un serio llamado a un examen de conciencia de los que están a cargo de la conducción de los asuntos internacionales. No solo en los casos de persecución religiosa o cultural, sino en cada situación de conflicto, como en Ucrania, en Siria, en Irak, en Libia, en Sudán del Sur y en la región de los Grandes Lagos, hay rostros concretos antes que intereses de parte, por legítimos que sean. En las guerras y conflictos hay seres humanos singulares, hermanos y hermanas nuestros, hombres y mujeres, jóvenes y ancianos, niños y niñas, que lloran, sufren y mueren. Seres humanos que se convierten en material de descarte cuando solo la actividad consiste solo en enumerar problemas, estrategias y discusiones. Como pedía al Secretario General de las Naciones Unidas en mi carta del 9 de agosto de 2014, «la más elemental comprensión de la dignidad humana obliga a la comunidad internacional, en particular a través de las normas y los mecanismos del derecho internacional, a hacer todo lo posible para detener y prevenir ulteriores violencias sistemáticas contra las minorías étnicas y religiosas» y para proteger a las poblaciones inocentes. En esta misma línea quisiera hacer mención a otro tipo de conflictividad no siempre tan explicitada pero que silenciosamente viene cobrando la muerte de millones de personas. Otra clase de guerra que viven muchas de nuestras sociedades con el fenómeno del narcotráfico. Una guerra «asumida» y pobremente combatida. El narcotráfico por su propia dinámica va acompañado de la trata de personas, del lavado de activos, del tráfico de armas, de la explotación infantil y de otras formas de corrupción. Corrupción que ha penetrado los distintos niveles de la vida social, política, militar, artística y religiosa, generando, en muchos casos, una estructura paralela que pone en riesgo la credibilidad de nuestras instituciones. Comencé esta intervención recordando las visitas de mis predecesores. Quisiera ahora que mis palabras fueran especialmente como una continuación de las palabras finales del discurso de Pablo VI, pronunciado hace casi exactamente 50 años, pero de valor perenne, cito: «Ha llegado la hora en que se impone una pausa, un momento de recogimiento, de reflexión, casi de oración: volver a pensar en nuestro común origen, en nuestra historia, en nuestro destino común. Nunca, como hoy, [...] ha sido tan necesaria la conciencia moral del hombre, porque el peligro no viene ni del progreso ni de la ciencia, que, bien utilizados, podrán [...] resolver muchos de los graves problemas que afligen a la humanidad» (Discurso a los Representantes de los Estados, 4 de octubre de 1965). Entre otras cosas, sin duda, la genialidad humana, bien aplicada, ayudará a resolver los graves desafíos de la degradación ecológica y de la exclusión. Continúo con Pablo VI: «El verdadero peligro está en el hombre, que dispone de instrumentos cada vez más poderosos, capaces de llevar tanto a la ruina como a las más altas conquistas» (ibíd.). Hasta aquí Pablo VI. La casa común de todos los hombres debe continuar levantándose sobre una recta comprensión de la fraternidad universal y sobre el respeto de la sacralidad de cada vida humana, de cada hombre

y cada mujer; de los pobres, de los ancianos, de los niños, de los enfermos, de los no nacidos, de los desocupados, de los abandonados, de los que se juzgan descartables porque no se los considera más que números de una u otra estadística. La casa común de todos los hombres debe también edificarse sobre la comprensión de una cierta sacralidad de la naturaleza creada. Tal comprensión y respeto exigen un grado superior de sabiduría, que acepte la trascendencia de uno mismo, que renuncie a la construcción de una elite omnipotente, y comprenda que el sentido pleno de la vida singular y colectiva se da en el servicio abnegado de los demás y en el uso prudente y respetuoso de la creación para el bien común. Repitiendo las palabras de Pablo VI, «el edificio de la civilización moderna debe levantarse sobre principios espirituales, los únicos capaces no sólo de sostenerlo, sino también de iluminarlo» (ibíd.) El gaucho Martín Fierro, un clásico de la literatura en mi tierra natal, canta: «Los hermanos sean unidos porque esa es la ley primera. Tengan unión verdadera en cualquier tiempo que sea, porque si entre ellos pelean, los devoran los de afuera». El mundo contemporáneo, aparentemente conexo, experimenta una creciente y sostenida fragmentación social que pone en riesgo «todo fundamento de la vida social» y por lo tanto «termina por enfrentarnos unos con otros para preservar los propios intereses» (Laudato si', 229). El tiempo presente nos invita a privilegiar acciones que generen dinamismos nuevos en la sociedad hasta que fructifiquen en importantes y positivos acontecimientos históricos (cf. Evangelii gaudium, 223). No podemos permitirnos postergar «algunas agendas» para el futuro. El futuro nos pide decisiones críticas y globales de cara a los conflictos mundiales que aumentan el número de excluidos y necesitados. La laudable construcción jurídica internacional de la Organización de las Naciones Unidas y de todas sus realizaciones, perfeccionable como cualquier otra obra humana y, al mismo tiempo, necesaria, puede ser prenda de un futuro seguro y feliz para las generaciones futuras. Y lo será si los representantes de los Estados sabrán dejar de lado intereses sectoriales e ideologías, y buscar sinceramente el servicio del bien común. Pido a Dios Todopoderoso que así sea, y les aseguro mi apoyo, mi oración y el apoyo y las oraciones de todos los fieles de la Iglesia Católica, para que esta Institución, todos sus Estados miembros y cada uno de sus funcionarios, rinda siempre un servicio eficaz a la humanidad, un servicio respetuoso de la diversidad y que sepa potenciar, para el bien común, lo mejor de cada pueblo y de cada ciudadano. Que Dios los bendiga a Todos.

VIAGEM APOSTÓLICA A CUBA EM SETEMBRO DE 2015

DISCURSO 04

DISCURSO A LAS AUTORIDADES DE CUBA CEREMONIA DE BIENVENIDA EN LA HABANA (Sábado 19 de setiembre de 2015)

Señor Presidente,
Distinguidas Autoridades,
Hermanos en el Episcopado,
Señoras y señores:

Muchas gracias, señor Presidente, por su acogida y sus atentas palabras de bienvenida en nombre del Gobierno y de todo el pueblo cubano. Mi saludo se dirige también a las autoridades y a los miembros del Cuerpo diplomático que han tenido la amabilidad de hacerse presentes en este acto. Al Cardenal Jaime Ortega y Alamino, Arzobispo de La Habana, a Monseñor Dionisio Guillermo García Ibáñez, Arzobispo de Santiago de Cuba y Presidente de la Conferencia Episcopal, a los demás Obispos y a todo el pueblo cubano, les agradezco su fraterno recibimiento. Gracias a todos los que se han esmerado para preparar esta visita

pastoral. Quisiera pedirle a usted señor Presidente, que transmita mis sentimientos de especial consideración y respeto a su hermano Fidel. A su vez, quisiera que mi saludo llegase especialmente a todas aquellas personas que, por diversos motivos, no podré encontrar y a todos los cubanos dispersos por el mundo. Como usted señor Presidente señaló, este año 2015 se celebra el 80 aniversario del establecimiento de relaciones diplomáticas ininterrumpidas entre la República de Cuba y la Santa Sede. La Providencia me permite llegar hoy a esta querida Nación, siguiendo las huellas indelebles del camino abierto por los inolvidables viajes apostólicos que realizaron a esta Isla mis dos predecesores, San Juan Pablo II y Benedicto XVI. Sé que su recuerdo suscita gratitud y cariño en el pueblo y las autoridades de Cuba. Hoy renovamos estos lazos de cooperación y amistad para que la Iglesia siga acompañando y alentando al pueblo cubano en sus esperanzas y en sus preocupaciones, con libertad y todos los medios y espacios necesarios para llevar el anuncio del Reino hasta las periferias existenciales de la sociedad. Este viaje apostólico coincide además con el I Centenario de la declaración de la Virgen de la Caridad del Cobre como Patrona de Cuba, por Benedicto XV. Fueron los veteranos de la Guerra de la Independencia, movidos por sentimientos de fe y patriotismo, quienes pidieron que la Virgen mambisa fuera la patrona de Cuba como nación libre y soberana. Desde entonces Ella ha acompañado la historia del pueblo cubano, sosteniendo la esperanza que preserva la dignidad de las personas en las situaciones más difíciles y abanderando la promoción de todo lo que dignifica al ser humano. Su creciente devoción es testimonio visible de la presencia de la Virgen en el alma del pueblo cubano. En estos días tendré ocasión de ir al Cobre, como hijo y como peregrino, para pedirle a nuestra Madre por todos sus hijos cubanos y por esta querida Nación, para que transite por los caminos de justicia, paz, libertad y reconciliación. Geográficamente, Cuba es un archipiélago que mira hacia todos los caminos, con un valor extraordinario como «llave» entre el norte y el sur, entre el este y el oeste. Su vocación natural es ser punto de encuentro para que todos los pueblos se reúnan en amistad, como soñó José Martí, «por sobre la lengua de los istmos y la barrera de los mares» (La Conferencia Monetaria de las Repúblicas de América, en Obras escogidas II, La Habana 1992, 505). Ese mismo fue el deseo de San Juan Pablo II con su ardiente llamamiento a «que Cuba se abra con todas sus magníficas posibilidades al mundo y que el mundo se abra a Cuba» (Discurso en la ceremonia de llegada, 21-1-1998, 5). Desde hace varios meses, estamos siendo testigos de un acontecimiento que nos llena de esperanza: el proceso de normalización de las relaciones entre dos pueblos, tras años de distanciamiento. Es un proceso, es un signo de la victoria de la cultura del encuentro, del diálogo, del «sistema del acrecentamiento universal... por sobre el sistema, muerto para siempre, de dinastía y de grupos», decía José Martí (José Martí, *ibíd.*). Animo a los responsables políticos a continuar avanzando por este camino y a desarrollar todas sus potencialidades, como prueba del alto servicio que están llamados a prestar a favor de la paz y el bienestar de sus pueblos y de toda América, y como ejemplo de reconciliación para el mundo entero. El mundo necesita reconciliación en esta atmósfera de Tercera Guerra Mundial que por etapas que estamos viviendo. Pongo estos días bajo la intercesión de la Virgen de la Caridad del Cobre, de los beatos Olallo Valdés y José López Piteira y del venerable Félix Varela, gran propagador del amor entre los cubanos y entre todos los hombres, para que aumenten nuestros lazos de paz, solidaridad y respeto mutuo. Nuevamente, muchas gracias, Señor Presidente.

VIAGEM APOSTÓLICA AO MÉXICO EM FEVEREIRO DE 2016

DISCURSO 05

DISCURSO EN EL ENCUENTRO CON LAS AUTORIDADES, CON LAS SOCIEDAD CIVIL Y CON EL CUERPO DIPLOMÁTICO (Sábado 13 de febrero de 2016)

Señor Presidente,
Miembros del Gobierno de la República,
Distinguidas Autoridades,
Representantes de la sociedad civil,
Hermanos en el Episcopado,
Señoras y señores.

Le agradezco, señor Presidente, las palabras de bienvenida que me ha dirigido. Es motivo de alegría poder pisar estas tierras mexicanas que ocupan un lugar especial en el corazón de las Américas. Hoy vengo como misionero de misericordia y paz pero también como hijo que quiere rendir homenaje a su madre, la Virgen de Guadalupe, y dejarse mirar por ella. Buscando ser buen hijo, siguiendo las huellas de la madre, quiero, a su vez, rendirle homenaje a este pueblo y a esta tierra tan rica en culturas, historia y diversidad. En su persona, Señor Presidente, quiero saludar y abrazar al pueblo mexicano en sus múltiples expresiones y en las más diversas situaciones que le toca vivir. Gracias por recibirme hoy en su tierra. México es un gran País. Bendecido con abundantes recursos naturales y una enorme biodiversidad que se extiende a lo largo de todo su vasto territorio. Su privilegiada ubicación geográfica lo convierte en un referente de América; y sus culturas indígenas, mestizas y criollas, le dan una identidad propia que le posibilita una riqueza cultural no siempre fácil de encontrar y especialmente valorar. La sabiduría ancestral que porta su multiculturalidad es, por lejos, uno de sus mayores recursos biográficos. Una identidad que fue aprendiendo a gestarse en la diversidad y, sin lugar a dudas, constituye un patrimonio rico a valorar, estimular y cuidar. Pienso, y me animo a decir, que la principal riqueza de México hoy tiene rostro joven; sí, son sus jóvenes. Un poco más de la mitad de la población está en edad juvenil. Esto permite pensar y proyectar un futuro, un mañana. Da esperanzas y proyección. Un pueblo con juventud es un pueblo capaz de renovarse, transformarse; es una invitación a alzar con ilusión la mirada hacia el futuro y, a su vez, nos desafía positivamente en el presente. Esta realidad nos lleva inevitablemente a reflexionar sobre la propia responsabilidad a la hora de construir el México que queremos, el México que deseamos legar a las generaciones venideras. También a darnos cuenta de que un futuro esperanzador se forja en un presente de hombres y mujeres justos, honestos, capaces de empeñarse en el bien común, este «bien común» que en este siglo XXI no goza de buen mercado. La experiencia nos demuestra que cada vez que buscamos el camino del privilegio o beneficio de unos pocos en detrimento del bien de todos, tarde o temprano, la vida en sociedad se vuelve un terreno fértil para la corrupción, el narcotráfico, la exclusión de las culturas diferentes, la violencia e incluso el tráfico de personas, el secuestro y la muerte, causando sufrimiento y frenando el desarrollo. El pueblo mexicano afianza su esperanza en la identidad que ha sido forjada en duros y difíciles momentos de su historia por grandes testimonios de ciudadanos que han comprendido que, para poder superar las situaciones nacidas de la cerrazón del individualismo, era necesario el acuerdo de las Instituciones políticas, sociales y de mercado, y de todos los hombres y mujeres que se comprometen en la búsqueda del bien común y en la promoción de la dignidad de la persona. Una cultura ancestral y un capital humano esperanzador, como el vuestro, tienen que ser la fuente de estímulo para que encontremos nuevas formas de diálogo, de

negociación, de puentes capaces de guiarnos por la senda del compromiso solidario. Un compromiso en el que todos, comenzando por los que nos llamamos cristianos, nos entreguemos a la construcción de «una política auténticamente humana» (*Gaudium et spes*, 73) y una sociedad en la que nadie se sienta víctima de la cultura del descarte. A los dirigentes de la vida social, cultural y política, les corresponde de modo especial trabajar para ofrecer a todos los ciudadanos la oportunidad de ser dignos actores de su propio destino, en su familia y en todos los círculos en los que se desarrolla la sociabilidad humana, ayudándoles a un acceso efectivo a los bienes materiales y espirituales indispensables: vivienda adecuada, trabajo digno, alimento, justicia real, seguridad efectiva, un ambiente sano y de paz. Esto no es sólo un asunto de leyes que requieran de actualizaciones y mejoras —siempre necesarias—, sino de una urgente formación de la responsabilidad personal de cada uno, con pleno respeto del otro como corresponsable en la causa común de promover el desarrollo nacional. Es una tarea que involucra a todo el pueblo mexicano en las distintas instancias tanto públicas como privadas, tanto colectivas como individuales. Le aseguro señor Presidente que, en este esfuerzo, el Gobierno mexicano puede contar con la colaboración de la Iglesia católica, que ha acompañado la vida de esta Nación y que renueva su compromiso y voluntad de servicio a la gran causa del hombre: la edificación de la civilización del amor. Me dispongo a recorrer este hermoso y gran País como misionero y peregrino que quiere renovar con ustedes la experiencia de la misericordia como un nuevo horizonte de posibilidad que es inevitablemente portador de justicia y de paz. Y me pongo bajo la mirada de María, la Virgen de Guadalupe, pido que me mire, para que, por su intercesión, el Padre misericordioso nos conceda que estas jornadas y el futuro de esta tierra sean una oportunidad de encuentro, de comunión y de paz. Muchas gracias.

VIAGEM APOSTÓLICA A SUDAMÉRICA EM JULHO DE 2015

DISCURSO 06

ECUADOR - DISCURSO DEL SANTO PADRE EN LA CEREMONIA DE BIENVENIDA. QUITO (Domingo, 5 de julio de 2015).

Señor presidente,
Distinguidas autoridades del gobierno,
Hermanos en el episcopado,
Señoras y señores, amigos todos.

Doy gracias a dios por haberme permitido volver a América latina y estar hoy aquí con ustedes, en esta hermosa tierra del ecuador. Siento alegría y gratitud al ver esta calurosa bienvenida que me brindan: es una muestra más del carácter acogedor que tan bien define a las gentes de esta noble nación. Le agradezco, señor presidente, sus palabras, le agradezco sus palabras en consonancia con mi pensamiento, me ha citado demasiado, gracias. a las que correspondo con mis mejores deseos para el ejercicio de su misión que pueda lograr lo que quiere para el bien de su pueblo. Saludo cordialmente a las distinguidas autoridades del gobierno, a mis hermanos obispos, a los fieles de la iglesia en el país y a todos aquellos que me abren hoy las puertas de su corazón, de su hogar y de su patria, a todos ustedes mi afecto y sincero reconocimiento. Visité ecuador en distintas ocasiones por motivos pastorales; así también hoy, vengo como testigo de la misericordia de dios y de la fe en Jesucristo. La misma fe que durante siglos ha modelado la identidad de este pueblo y ha dado tan buenos frutos, entre los que se destacan figuras preclaras como santa mariana de jesús, el santo hermano

miguel febres, santa narcisa de jesús o la beata mercedes de jesús molina, beatificada en guayaquil hace treinta años durante la visita del papa san juan pablo II. Ellos vivieron la fe con intensidad y entusiasmo, y practicando la misericordia contribuyeron, desde distintos ámbitos, a mejorar la sociedad ecuatoriana de su tiempo, en el presente, también nosotros podemos encontrar en el evangelio las claves que nos permitan afrontar los desafíos actuales, valorando las diferencias, fomentando el diálogo y la participación sin exclusiones, para que los logros y el progreso y todo este progreso en desarrollo que se están consiguiendo y se consoliden y garanticen un futuro mejor para todos, poniendo una especial atención en nuestros hermanos más frágiles y en las minorías más vulnerables, que son la deuda que todavía toda américa latina tiene. Para esto, señor presidente, podrá contar siempre con el compromiso y la colaboración de la iglesia para servir a este pueblo ecuatoriano que se ha puesto de pie con dignidad. Amigos todos, comienzo con ilusión y esperanza los días que tenemos por delante. En ecuador está el punto más cercano al espacio exterior: es el chimborazo, llamado por esto al lugar ‘más cercano al sol’, a la luna y a las estrellas. Nosotros, los cristianos, identificamos a jesucristo con el sol, y a la luna con la iglesia y la luna no tiene luz propia y si la luna se esconde del sol se vuelve oscura. El sol es Jesucristo y si la iglesia se aparta o se esconde de jesucristo se vuelve oscura y no da testimonio. Que estos días se nos haga más evidente a todos la cercanía ‘del sol que nace de lo alto’, y que seamos reflejos de su luz y de su amor. Desde aquí quiero abrazar al ecuador entero. Que desde la cima del chimborazo, hasta las costas del pacífico; desde la selva amazónica, hasta las islas galápagos, nunca pierdan la capacidad de dar gracias a dios por lo que hizo y hace por ustedes, la capacidad de proteger lo pequeño y lo sencillo, de cuidar de sus niños y de sus ancianos que son la memoria de su pueblo, de confiar en la juventud, y de maravillarse por la nobleza de su gente y la belleza singular de su país, que según el señor presidente es el paraíso. Que el sagrado corazón de jesús y el inmaculado corazón de maría, a quienes ecuador ha sido consagrado, derramen sobre ustedes su gracia y bendición. Muchas gracias.

DISCURSO 07

BOLIVIA - DISCURSO EN LA CEREMONIA DE BIENVENIDA. LA PAZ (Miércoles, 8 de julio de 2015).

Señor Presidente,
Distinguidas Autoridades,
Hermanos en el Episcopado,
Queridos hermanos y hermanas:

Buenas tardes. Al iniciar esta visita pastoral, *quiero* dirigir mi saludo a todos los hombres y mujeres de Bolivia con los mejores deseos de paz y prosperidad. Agradezco al Señor Presidente del Estado Plurinacional de Bolivia la cálida acogida y *fraternal acogida* que me ha dispensado y sus amables palabras de bienvenida. Doy las gracias también a los señores Ministros y Autoridades del Estado, de las Fuerzas Armadas y de la Policía Nacional, que han tenido la bondad de venir a recibirme. A mis hermanos en el Episcopado, a los sacerdotes, religiosos y religiosas, y fieles cristianos, a toda la Iglesia que peregrina en Bolivia, quiero expresarle mis sentimientos de fraterna comunión en el Señor. Llevo en el corazón especialmente a los hijos de esta tierra, que por múltiples razones *no están aquí* y han tenido que buscar «otra tierra» que los cobije; otro lugar donde esta madre los haga fecundos y posibilite la vida. Me alegro de estar en esta país de singular belleza, bendecido por Dios en sus *diversas* zonas: el altiplano, los valles, las tierras amazónicas, los desiertos, los incomparables lagos; el preámbulo de su Constitución lo ha acuñado de modo poético: «En tiempos inmemoriales se erigieron montañas, se desplazaron ríos, se formaron lagos. Nuestra

amazonia, nuestro chaco, nuestro altiplano y nuestros llanos y valles se cubrieron de verdes y flores», y *esto* me recuerda que «el mundo es algo más que un problema a resolver, es un misterio gozoso que contemplamos con jubilosa alabanza» (Laudato si'12). Pero sobre todo, es una tierra bendecida en sus gentes, con su variada realidad cultural y étnica, que constituye una gran riqueza y un llamado permanente al respeto mutuo, al diálogo: pueblos originarios milenarios y pueblos originarios contemporáneos; cuánta alegría nos da saber que el castellano traído a estas tierras hoy convive con 36 idiomas originarios, amalgamándose – como lo hacen en las flores nacionales de kantuta y patujú el rojo y el amarillo– para dar belleza y unidad en lo diverso. En esta tierra y en este pueblo, arraigó con fuerza el anuncio del Evangelio, que a lo largo de los años ha ido iluminando la convivencia, contribuyendo al desarrollo del pueblo y fomentando la cultura. Como huésped y peregrino, vengo para confirmar la fe de los creyentes en Cristo resucitado, para que cuantos creemos en Él, mientras peregrinamos en esta vida, seamos testigos de su amor, fermento de un mundo mejor, y colaboremos en la construcción de una sociedad más justa y solidaria. Bolivia está dando pasos importantes para incluir a amplios sectores en la vida económica, social y política del País; cuenta con una Constitución que reconoce los derechos de los individuos, de las minorías, del medio ambiente, y con unas instituciones sensibles a estas realidades. Todo esto requiere un espíritu de colaboración ciudadana, de diálogo y participación de los individuos y los actores sociales en las cuestiones que interesan a todos. El progreso integral de un pueblo incluye el crecimiento en valores de las personas y la convergencia en ideales comunes que consigan aunar voluntades, sin excluir ni rechazar a nadie. Si el crecimiento es solo material, siempre se corre el riesgo de volver a crear nuevas diferencias, de que la abundancia de unos se construya sobre la escasez de otros. Por eso, además de la transparencia institucional, la cohesión social requiere un esfuerzo en la educación de los ciudadanos. En estos días me gustaría alentar la vocación de los discípulos de Cristo a comunicar la alegría del Evangelio, a ser sal de la tierra y luz del mundo. La voz de los Pastores, que tiene que ser profética, habla a la sociedad en nombre de la Iglesia madre, porque la Iglesia es madre y desde su opción preferencial y evangélica por los últimos. Por los descartados, por los excluidos, esa es la opción preferencial de la Iglesia. La caridad fraterna, expresión viva del mandamiento nuevo de Jesús, se expresa en programas, obras e instituciones que buscan la promoción integral de la persona, así como el cuidado y la protección de los más vulnerables. No se puede creer en Dios Padre sin ver un hermano en cada persona, y no se puede seguir a Jesús sin entregar la vida por los que Él murió en la cruz. En una época en la que tantas veces se tiende a olvidar o tergiversar los valores fundamentales, la familia merece una especial atención por parte de los responsables del bien común porque es la célula básica de la sociedad, que aporta lazos sólidos de unión sobre los que se basa la convivencia humana y, con la generación y educación de sus hijos, asegura el futuro y la renovación de la sociedad. La Iglesia también siente una preocupación especial por los jóvenes que, comprometidos con su fe y con grandes ideales, son promesa de futuro, «vigías que anuncian la luz del alba y la nueva primavera del Evangelio» decía Juan Pablo II, (Mensaje para la XVIII Jornada mundial de la Juventud, 6). Cuidar a los niños, hacer que la juventud se comprometa en nobles ideales, es garantía de futuro para una sociedad. *Y la Iglesia quiere* una sociedad que encuentra su reaseguro cuando valora, admira y custodia también a sus mayores que son los que nos traen la sabiduría de los pueblos, custodiar a los que hoy son descartados por tantos intereses que ponen al centro de la vida económica al dios dinero y son descartados los niños y los jóvenes que son el futuro de un país y los ancianos que son la memoria del pueblo, por eso hay que cuidarlos, hay que protegerlos son nuestro futuro. La Iglesia hace opción por ir generando una «cultura memoriosa» que les garantiza a los ancianos no solo la calidad de vida en sus últimos años sino la calidez, como bien lo expresa la Constitución de ustedes. Señor Presidente, queridos hermanas, hermanos, gracias

por estar aquí. Estos días nos permitirán tener diversos momentos de encuentro, diálogo y celebración de la fe. Lo hago alegre y contento de estar en esta Patria que se dice a sí misma pacifista, *patria de paz* y que promueve la cultura de la paz y el derecho a la paz. Pongo esta visita bajo el amparo de la Santísima Virgen de Copacabana, Reina de Bolivia, y a Ella le pido que proteja a todos sus hijos. Muchas gracias y que el Señor los bendiga. Jallalla Bolivia.

DISCURSO 08

PARAGUAY - DISCURSO EN EL ENCUENTRO CON LAS AUTORIDADES Y EL CUERPO DIPLOMÁTICO EN EL JARDÍN DEL PALACIO DE LÓPEZ. (Viernes, 10 de julio de 2015).

Señor Presidente Autoridades de la República

Miembros del Cuerpo diplomático

Señoras y señores:

Saludo cordialmente a Vuestra Excelencia, Señor Presidente de la República, y le agradezco las diferentes palabras de bienvenida y de afecto que me ha dirigido, en nombre también del gobierno, de las altas magistraturas del Estado y del querido pueblo paraguayo. Saludo también a los distinguidos miembros del Cuerpo diplomático y, a través de ellos, hago llegar mis sentimientos de respeto y aprecio a sus respectivos países. Un «gracias» especial para todas las personas e instituciones que han colaborado con esfuerzo y dedicación en la preparación de este viaje y a que me sienta en casa. No es difícil sentirse en casa en esta tierra tan acogedora. Paraguay es conocido como el corazón de América, y no sólo por la posición geográfica, sino también por el calor de la hospitalidad y cercanía de sus gentes. Ya desde sus primeros pasos como nación independiente, y hasta épocas muy recientes, la historia de Paraguay ha conocido sufrimiento terrible de la guerra, el enfrentamiento fratricida, de la falta de libertad y de la conculcación de los derechos humanos. ¡Cuánto dolor y cuánta muerte! Pero es admirable el tesón y el espíritu de superación del pueblo paraguayo para rehacerse ante tanta adversidad y seguir esforzándose por construir una Nación próspera y en paz. Aquí –en el jardín de este palacio que ha sido testigo de la historia paraguaya: desde cuando sólo era ribera del río y lo usaban los guaraníes, hasta los últimos acontecimientos contemporáneos– quiero rendir tributo a esos miles de paraguayos sencillos, cuyos nombres no aparecerán escritos en los libros de historia, pero que han sido y seguirán siendo verdaderos protagonistas de su pueblo. Y quiero reconocer con emoción y admiración el papel desempeñado por la mujer paraguaya en esos momentos tan dramáticos de la historia. De modo especial, esa guerra inicua que llegó a destruir casi la fraternidad de nuestro pueblo. Sobre sus hombros de madres, esposas y viudas, han llevado el peso más grande, han sabido sacar adelante a sus familias y a su País, infundiendo en las nuevas generaciones la esperanza en un mañana mejor. Dios bendiga a la mujer paraguaya, la más gloriosa de América. Un pueblo que olvida su pasado, su historia, sus raíces, no tiene futuro. La memoria, asentada firmemente sobre la justicia, alejada de sentimientos de venganza y de odio, transforma el pasado en fuente de inspiración para construir un futuro de convivencia y armonía, haciéndonos conscientes de la tragedia y la sinrazón de la guerra. ¡Nunca más guerras entre hermanos! ¡Construyamos siempre la paz! También una paz del día a día, una paz de la vida cotidiana, en la que todos participamos evitando gestos arrogantes, palabras hirientes, actitudes prepotentes, y fomentando en cambio la comprensión, el diálogo y la colaboración. Desde hace algunos años, Paraguay se está comprometiendo en la construcción de un proyecto democrático sólido y estable. Es justo reconocer con satisfacción lo mucho que se ha avanzado en este camino gracias al esfuerzo de todos, aún en medio de grandes dificultades e incertidumbres. Los animo a que sigan trabajando con todas sus fuerzas para consolidar las

estructuras e instituciones democráticas que den respuesta a las justas aspiraciones de los ciudadanos. La forma de gobierno adoptada en su constitución: «democracia representativa, participativa y pluralista», basada en la promoción y respeto de los derechos humanos nos aleja de la tentación de la democracia formal que Aparecida definía como la que se «contentaba con estar fundada en la limpieza de procesos electorales» (cf. Aparecida 74). Esa es una democracia formal. En todos los ámbitos de la sociedad, pero especialmente en la actividad pública, se ha de potenciar el diálogo como medio privilegiado para favorecer el bien común, sobre la base de la cultura del encuentro, del respeto y del reconocimiento de las legítimas diferencias y opiniones de los demás. No hay que detenerse en lo conflictivo; la unidad es siempre superior al conflicto, es un ejercicio interesante decantar en el amor a la patria y al pueblo, toda perspectiva que nace de las convicciones de una opción partidaria o ideológica. Y en ese mismo amor tiene que ser el impulso para crecer cada día más en gestiones transparentes y que luchan impetuosamente contra la corrupción. Sé que existe una firme voluntad para desterrar hoy la corrupción. Queridos amigos, en la voluntad de servicio y de trabajo por el bien común, los pobres y necesitados han de ocupar un lugar prioritario. Se están haciendo muchos esfuerzos para que Paraguay progrese por la senda del crecimiento económico. Se han dado pasos importantes en el campo de la educación y la sanidad. Que no cese el esfuerzo de todos los actores sociales, hasta que no haya más niños sin acceso a la educación, familias sin hogar, obreros sin trabajo digno, campesinos sin tierras que cultivar y tantas personas obligadas a emigrar hacia un futuro incierto; que no haya más víctimas de la violencia, la corrupción o el narcotráfico. Un desarrollo económico que no tiene en cuenta a los más débiles y desafortunados, no es verdadero desarrollo. La medida del modelo económico ha de ser la dignidad integral de la persona, especialmente la persona más vulnerable e indefensa. Señor Presidente, queridos amigos. En nombre también de mis hermanos Obispos del Paraguay, deseo asegurarles el compromiso y la colaboración de la Iglesia católica en el afán común por construir una sociedad justa e inclusiva, en la que se pueda convivir en paz y armonía. Porque todos, también los pastores de la Iglesia, estamos llamados a preocuparnos por la construcción de un mundo mejor (cf. *Evangelii Gaudium*, 183). Nos mueve a ello la certeza de nuestra fe en Dios, que quiso hacerse hombre y, viviendo entre nosotros, compartir nuestra suerte. Cristo nos abre el camino de la misericordia, que asentado sobre la justicia, va más allá, y alumbra la caridad, para que nadie se quede al margen de esta gran familia que es el Paraguay, al que aman y quieren servir. Con la inmensa alegría de encontrarme en esta tierra consagrada a la Virgen de Caacupé, Y quiero recordar también especialmente a mis hermanos s paraguayos en Buenos Aires, en mi anterior diócesis. Ellos tienen la parroquia de la Virgen de los Milagros Caacupé. Imploro la bendición del Señor sobre todos ustedes, sobre sus familias y sobre todo el querido pueblo paraguayo. Que Paraguay sea fecundo, como lo indica la flor de la pasiflora en el manto de la Virgen y como esa cinta con los colores paraguayos que tiene la imagen, así se abraza a la Madre de Caacupé. Muchas gracias.

DISCURSOS – AMBIENTE RELIGIOSO (DAR)

VIAGEM APOSTÓLICA AOS ESTADOS UNIDOS EM SETEMBRO DE 2015

DISCURSO 01

DISCURSO EN EL ENCUENTRO CON LOS OBISPOS DE LOS ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA EN LA CATEDRAL DE SAN MATEO EN WASHINGTON, D.C. (Miércoles 23 de setiembre de 2015)

Queridos Hermanos en el Episcopado:

Me alegra tener este encuentro con ustedes en este momento de la misión apostólica que me ha traído a su País. Agradezco de corazón al Cardenal Wuerl y al Arzobispo Kurtz las amables palabras que me han dirigido en nombre de todos. Muchas gracias por su acogida y por la generosa solicitud con que han programado y organizado mi estancia entre ustedes. Viendo con los ojos y con el corazón sus rostros de Pastores, quisiera saludar también a las Iglesias que amorosamente llevan sobre sus hombros; y les ruego encarecidamente que, por medio de ustedes, mi cercanía humana y espiritual llegue a todo el Pueblo de Dios diseminado en esta vasta tierra. El corazón del Papa se dilata para incluir a todos. Ensanchar el corazón para dar testimonio de que Dios es grande en su amor es la sustancia de la misión del Sucesor de Pedro, Vicario de Aquel que en la cruz extendió los brazos para acoger a toda la humanidad. Que ningún miembro del Cuerpo de Cristo y de la nación americana se sienta excluido del abrazo del Papa. Que, donde se pronuncie el nombre de Jesús, resuene también la voz del Papa para confirmar: «¡Es el Salvador!». Desde sus grandes metrópolis de la costa oriental hasta las llanuras del midwest, desde el profundo sur hasta el ilimitado oeste, en cualquier lugar donde su pueblo se reúna en asamblea eucarística, que el Papa no sea un nombre que se repite por fuerza de la costumbre, sino una compañía tangible destinada a sostener la voz que sale del corazón de la Esposa: «¡Ven, Señor!». Cuando echan una mano para realizar el bien o llevar al hermano la caridad de Cristo, para enjugar una lágrima o acompañar a quien está solo, para indicar el camino a quien se siente perdido o para fortalecer a quien tiene el corazón destrozado, para socorrer a quien ha caído o enseñar a quien tiene sed de verdad, para perdonar o llevar a un nuevo encuentro con Dios... sepan que el Papa los acompaña y los ayuda, pone también él su mano –vieja y arrugada pero, gracias a Dios, capaz todavía de apoyar y animar– junto a las suyas. Mi primera palabra es de agradecimiento a Dios por el dinamismo del Evangelio que ha hecho que la Iglesia de Cristo crezca con fuerza en estas tierras y le ha permitido ofrecer su aportación generosa, en el pasado y en la actualidad, a la sociedad estadounidense y al mundo. Aprecio vivamente y agradezco conmovido su generosidad y solidaridad con la Sede Apostólica y con la evangelización en tantas sufridas partes del mundo. Me alegro del firme compromiso de su Iglesia a favor de la vida y de la familia, motivo principal de mi visita. Sigo con atención el enorme esfuerzo que realizan para acoger e integrar a los inmigrantes que siguen llegando a Estados Unidos con la mirada de los peregrinos que se embarcan en busca de sus prometedores recursos de libertad y prosperidad. Admiro los esfuerzos que dedican a la misión educativa en sus escuelas a todos los niveles y a la caridad en sus numerosas instituciones. Son actividades llevadas a cabo muchas veces sin que se reconozca su valor y sin apoyo y, en todo caso, heroicamente sostenidas con la aportación de los pobres, porque esas iniciativas brotan de un mandato sobrenatural que no es lícito desobedecer. Conozco bien la valentía con que han afrontado momentos oscuros en su itinerario eclesial sin temer a la autocrítica ni evitar humillaciones y

sacrificios, sin ceder al miedo de despojarse de cuanto es secundario con tal de recobrar la credibilidad y la confianza propia de los Ministros de Cristo, como desea el alma de su pueblo. Sé cuánto les ha hecho sufrir la herida de los últimos años, y he seguido de cerca su generoso esfuerzo por curar a las víctimas, consciente de que, cuando curamos, también somos curados, y por seguir trabajando para que esos crímenes no se repitan nunca más. Les hablo como Obispo de Roma, llamado por Dios –siendo ya mayor– desde una tierra también americana, para custodiar la unidad de la Iglesia universal y para animar en la caridad el camino de todas las Iglesias particulares, para que progresen en el conocimiento, en la fe y en el amor a Cristo. Leyendo sus nombres y apellidos, viendo sus rostros, consciente de su alto sentido de la responsabilidad eclesial y de la devoción que han profesado siempre al Sucesor de Pedro, tengo que decirles que no me siento forastero entre ustedes. También yo vengo de una tierra vasta, inmensa y no pocas veces informe, que como la de ustedes, ha recibido la fe del bagaje de los misioneros. Conozco bien el reto de sembrar el Evangelio en el corazón de hombres procedentes de mundos diversos, a menudo endurecidos por el arduo camino recorrido antes de llegar. No me es ajeno el cansancio de establecer la Iglesia entre llanuras, montañas, ciudades y suburbios de un territorio a menudo inhóspito, en el que las fronteras siempre son provisionales, las respuestas obvias no perduran y la llave de entrada requiere conjugar el esfuerzo épico de los pioneros exploradores con la sabiduría prosaica y la resistencia de los sedentarios que controlan el territorio alcanzado. Como cantaba uno de sus poetas: «Alas fuertes e incansables», pero también la sabiduría de quien «conoce las montañas». No les hablo sólo yo. Mi voz está en continuidad con la de mis Predecesores. Desde los albores de la «nación americana», cuando apenas acabada la revolución fue erigida la primera diócesis en Baltimore, la Iglesia de Roma los ha acompañado y nunca les ha faltado su constante asistencia y su aliento. En los últimos decenios, tres de mis venerados Predecesores les han visitado, entregándoles un notable patrimonio de magisterio todavía actual, que ustedes han utilizado para orientar programas pastorales con visión de futuro, para guiar a esta querida Iglesia. No es mi intención trazar un programa o delinear una estrategia. No he venido para juzgarles o para impartir lecciones. Confío plenamente en la voz de Aquel que «enseña todas las cosas» (cf. Jn 14,26). Permítanme tan sólo, con la libertad del amor, que les hable como un hermano entre hermanos. No pretendo decirles lo que hay que hacer, porque todos sabemos lo que el Señor nos pide. Prefiero más bien realizar de nuevo ese esfuerzo –antiguo y siempre nuevo– de preguntarnos por los caminos a seguir, los sentimientos que hemos de conservar mientras trabajamos, el espíritu con que tenemos que actuar. Sin ánimo de ser exhaustivo, comparto con ustedes algunas reflexiones que considero oportunas para nuestra misión. Somos obispos de la Iglesia, pastores constituidos por Dios para apacentar su grey. Nuestra mayor alegría es ser pastores, y nada más que pastores, con un corazón indiviso y una entrega personal irreversible. Es preciso custodiar esta alegría sin dejar que nos la roben. El maligno ruge como un león tratando de devorarla, arruinando todo lo que estamos llamados a ser, no por nosotros mismos, sino por el don y al servicio del «Pastor y guardián de nuestras almas» (1 P 2,25). La esencia de nuestra identidad se ha de buscar en la oración asidua, en la predicación (cf. Hch 6,4) y el apacentar (cf. Jn 21,15-17; Hch 20,28-31). No una oración cualquiera, sino la unión familiar con Cristo, donde poder encontrar cotidianamente su mirada y escuchar la pregunta que nos dirige a todos: «¿Quién es mi madre y quiénes son mis hermanos?» (Mc 3,32). Y poderle responder serenamente: «Señor, aquí está tu madre, aquí están tus hermanos. Te los encomiendo, son aquellos que tú me has confiado». La vida del pastor se alimenta de esa intimidad con Cristo. No una predicación de doctrinas complejas, sino el anuncio gozoso de Cristo, muerto y resucitado por nosotros. Que el estilo de nuestra misión suscite en cuantos nos escuchan la experiencia del «por nosotros» de este anuncio: que la Palabra dé sentido y plenitud a cada fragmento de su vida, que los sacramentos los alimenten con ese sustento que no se pueden proporcionar a sí mismos, que la

cercanía del Pastor despierte en ellos la nostalgia del abrazo del Padre. Estén atentos a que la grey encuentre siempre en el corazón del Pastor esa reserva de eternidad que ansiosamente se busca en vano en las cosas del mundo. Que encuentren siempre en sus labios el reconocimiento de su capacidad de hacer y construir, en la libertad y la justicia, la prosperidad de la que esta tierra es pródiga. Pero que no falte sereno valor de confesar que es necesario buscar no «el alimento que perece, sino el que perdura para la vida eterna» (Jn 6,27). No apacentarse a sí mismos, sino saber retroceder, abajarse, descentrarse, para alimentar con Cristo a la familia de Dios. Vigilar sin descanso, elevándose para abarcar con la mirada de Dios a la grey que sólo a él pertenece. Elevarse hasta la altura de la Cruz de su Hijo, el único punto de vista que abre al pastor el corazón de su rebaño. No mirar hacia abajo, a la propia autoreferencialidad, sino siempre hacia el horizonte de Dios, que va más allá de lo que somos capaces de prever o planificar. Vigilar también sobre nosotros mismos, para alejar la tentación del narcisismo, que ciega los ojos del pastor, hace irreconocible su voz y su gesto estéril. En las muchas posibilidades que se abren en su solicitud pastoral, no olviden mantener indeleble el núcleo que unifica todas las cosas: «Lo hicieron conmigo» (Mt 25,31-45). Ciertamente es útil al obispo tener la prudencia del líder y la astucia del administrador, pero nos perdemos inexorablemente cuando confundimos el poder de la fuerza con la fuerza de la impotencia, a través de la cual Dios nos ha redimido. Es necesario que el obispo perciba lúcidamente la batalla entre la luz y la oscuridad que se combate en este mundo. Pero, ay de nosotros si convertimos la cruz en bandera de luchas mundanas, olvidando que la condición de la victoria duradera es dejarse despojarse y vaciarse de sí mismo (cf. Flp 2,1-11). No nos resulta ajena la angustia de los primeros Once, encerrados entre cuatro paredes, asediados y consternados, llenos del pavor de las ovejas dispersas porque el pastor ha sido abatido. Pero sabemos que se nos ha dado un espíritu de valentía y no de timidez. Por tanto, no es lícito dejarnos paralizar por el miedo. Sé bien que tienen muchos desafíos, que a menudo es hostil el campo donde siembran y no son pocas las tentaciones de encerrarse en el recinto de los temores, a lamerse las propias heridas, llorando por un tiempo que no volverá y preparando respuestas duras a las resistencias ya de por sí ásperas. Y, sin embargo, somos artífices de la cultura del encuentro. Somos sacramento viviente del abrazo entre la riqueza divina y nuestra pobreza. Somos testigos del abajamiento y la condescendencia de Dios, que precede en el amor incluso nuestra primera respuesta. El diálogo es nuestro método, no por astuta estrategia sino por fidelidad a Aquel que nunca se cansa de pasar una y otra vez por las plazas de los hombres hasta la undécima hora para proponer su amorosa invitación (cf. Mt 20,1-16). Por tanto, la vía es el diálogo entre ustedes, diálogo en sus Presbiterios, diálogo con los laicos, diálogo con las familias, diálogo con la sociedad. No me cansaré de animarlos a dialogar sin miedo. Cuanto más rico sea el patrimonio que tienen que compartir con parresía, tanto más elocuente ha de ser la humildad con que lo tienen que ofrecer. No tengan miedo de emprender el éxodo necesario en todo diálogo auténtico. De lo contrario no se puede entender las razones de los demás, ni comprender plenamente que el hermano al que llegar y rescatar, con la fuerza y la cercanía del amor, cuenta más que las posiciones que consideramos lejanas de nuestras certezas, aunque sean auténticas. El lenguaje duro y belicoso de la división no es propio del Pastor, no tiene derecho de ciudadanía en su corazón y, aunque parezca por un momento asegurar una hegemonía aparente, sólo el atractivo duradero de la bondad y del amor es realmente convincente. Es preciso dejar que resuene perennemente en nuestro corazón la palabra del Señor: «Tomen mi yugo sobre ustedes y aprendan de mí, que soy manso y humilde de corazón, y encontrarán descanso para sus almas» (Mt 11,28-29). El yugo de Jesús es yugo de amor y, por tanto, garantía de descanso. A veces nos pesa la soledad de nuestras fatigas, y estamos tan cargados del yugo que ya no nos acordamos de haberlo recibido del Señor. Nos parece solamente nuestro y, por tanto, nos arrastramos como bueyes cansados en el campo árido, abrumados por la sensación de haber trabajado en vano, olvidando la plenitud

del descanso vinculado indisolublemente a Aquel que hizo la promesa. Aprender de Jesús; mejor aún, aprender a ser como Jesús, manso y humilde; entrar en su mansedumbre y su humildad mediante la contemplación de su obrar. Poner nuestras iglesias y nuestros pueblos, a menudo aplastados por la dura pretensión del rendimiento bajo el suave yugo del Señor. Recordar que la identidad de la Iglesia de Jesús no está garantizada por el «fuego del cielo que consume» (cf. Lc 9,54), sino por el secreto calor del Espíritu que «sana lo que sangra, dobla lo que es rígido, endereza lo que está torcido». La gran misión que el Señor nos confía, la llevamos a cabo en comunión, de modo colegial. ¡Está ya tan desgarrado y dividido el mundo! La fragmentación es ya de casa en todas partes. Por eso, la Iglesia, «túnica inconsútil del Señor», no puede dejarse dividir, fragmentar o enfrentarse. Nuestra misión episcopal consiste en primer lugar en cimentar la unidad, cuyo contenido está determinado por la Palabra de Dios y por el único Pan del Cielo, con el que cada una de las Iglesias que se nos ha confiado permanece Católica, porque está abierta y en comunión con todas las Iglesias particulares y con la de Roma, que «preside en la caridad». Es imperativo, por tanto, cuidar dicha unidad, custodiarla, favorecerla, testimoniarla como signo e instrumento que, más allá de cualquier barrera, une naciones, razas, clases, generaciones. Que el inminente Año Santo de la Misericordia, al introducirnos en las profundidades inagotables del corazón divino, en el que no hay división alguna, sea para todos una ocasión privilegiada para reforzar la comunión, perfeccionar la unidad, reconciliar las diferencias, perdonarnos unos a otros y superar toda división, de modo que alumbré su luz como «la ciudad puesta en lo alto de un monte» (Mt 5,14). Este servicio a la unidad es particularmente importante para su amada nación, cuyos vastísimos recursos materiales y espirituales, culturales y políticos, históricos y humanos, científicos y tecnológicos requieren responsabilidades morales no indiferentes en un mundo abrumado y que busca con afán nuevos equilibrios de paz, prosperidad e integración. Por tanto, una parte esencial de su misión es ofrecer a los Estados Unidos de América la levadura humilde y poderosa de la comunión. Que la humanidad sepa que contar con el «sacramento de unidad» (Lumen Gentium, 1) es garantía de que su destino no es el abandono y la disgregación. Este testimonio es un faro que no se puede apagar. En efecto, en la densa oscuridad de la vida, los hombres necesitan dejarse guiar por su luz, para tener la certidumbre del puerto al que acudir, seguros de que sus barcas no se estrellarán en los escollos ni quedarán a merced de las olas. Así que les animo a hacer frente a los desafíos de nuestro tiempo. En el fondo de cada uno de ellos está siempre la vida como don y responsabilidad. El futuro de la libertad y la dignidad de nuestra sociedad dependen del modo en que sepamos responder a estos desafíos. Las víctimas inocentes del aborto, los niños que mueren de hambre o bajo las bombas, los inmigrantes se ahogan en busca de un mañana, los ancianos o los enfermos, de los que se quiere prescindir, las víctimas del terrorismo, de las guerras, de la violencia y del tráfico de drogas, el medio ambiente devastado por una relación predatoria del hombre con la naturaleza, en todo esto está siempre en juego el don de Dios, del que somos administradores nobles, pero no amos. No es lícito por tanto eludir dichas cuestiones o silenciarlas. No menos importante es el anuncio del Evangelio de la familia que, en el próximo Encuentro Mundial de las Familias en Filadelfia, tendré ocasión de proclamar con fuerza junto a ustedes y a toda la Iglesia. Estos aspectos irrenunciables de la misión de la Iglesia pertenecen al núcleo de lo que nos ha sido transmitido por el Señor. Por eso tenemos el deber de custodiarlos y comunicarlos, aun cuando la mentalidad del tiempo se hace impermeable y hostil a este mensaje (Evangelii Gaudium, 34-39). Los animo a ofrecer este testimonio con los medios y la creatividad del amor y la humildad de la verdad. Esto no sólo requiere proclamas y anuncios externos, sino también conquistar espacio en el corazón de los hombres y en la conciencia de la sociedad. Para ello, es muy importante que la Iglesia en los Estados Unidos sea también un hogar humilde que atraiga a los hombres por el encanto de la luz y el calor del amor. Como pastores, conocemos bien la oscuridad y el frío que todavía hay

en este mundo, la soledad y el abandono de muchos –también donde abundan los recursos comunicativos y la riqueza material–, el miedo a la vida, la desesperación y las múltiples fugas. Por eso, solamente una Iglesia que sepa reunir en torno al «fuego» es capaz de atraer. Ciertamente, no un fuego cualquiera, sino aquel que se ha encendido en la mañana de Pascua. El Señor resucitado es el que sigue interpelando a los Pastores de la Iglesia a través de la voz tímida de tantos hermanos: «¿Tienen algo que comer?». Se trata de reconocer su voz, como lo hicieron los Apóstoles a orillas del mar de Tiberíades (cf. Jn 21,4-12). Y es todavía más decisivo conservar la certeza de que las brasas de su presencia, encendidas en el fuego de la pasión, nos preceden y no se apagarán nunca. Si falta esta certeza, se corre el riesgo de convertirse en guardianes de cenizas y no custodios y en dispensadores de la verdadera luz y de ese calor que es capaz de hacer arder el corazón (cf. Lc 24,32). Antes de concluir estas reflexiones, permítanme hacerles aún dos recomendaciones que considero importantes. La primera se refiere a su paternidad episcopal. Sean Pastores cercanos a la gente, Pastores próximos y servidores. Esta cercanía ha de expresarse de modo especial con sus sacerdotes. Acompañenles para que sirvan a Cristo con un corazón indiviso, porque sólo la plenitud llena a los ministros de Cristo. Les ruego, por tanto, que no dejen que se contenten de medias tintas. Cuiden sus fuentes espirituales para que no caigan en la tentación de convertirse en notarios y burócratas, sino que sean expresión de la maternidad de la Iglesia que engendra y hace crecer a sus hijos. Estén atentos a que no se cansen de levantarse para responder a quien llama de noche, aun cuando ya crean tener derecho al descanso (cf. Lc 11,5-8). Prepárenles para que estén dispuestos para detenerse, abajarse, rociar bálsamo, hacerse cargo y gastarse en favor de quien, «por casualidad», se vio despojado de todo lo que creía poseer (cf. Lc 10,29-37). Mi segunda recomendación se refiere a los inmigrantes. Pido disculpas si hablo en cierto modo casi in causa propria. La iglesia en Estados Unidos conoce como nadie las esperanzas del corazón de los inmigrantes. Ustedes siempre han aprendido su idioma, apoyado su causa, integrado sus aportaciones, defendido sus derechos, promovido su búsqueda de prosperidad, mantenido encendida la llama de su fe. Incluso ahora, ninguna institución estadounidense hace más por los inmigrantes que sus comunidades cristianas. Ahora tienen esta larga ola de inmigración latina en muchas de sus diócesis. No sólo como Obispo de Roma, sino también como un Pastor venido del sur, siento la necesidad de darles las gracias y de animarles. Tal vez no sea fácil para ustedes leer su alma; quizás sean sometidos a la prueba por su diversidad. En todo caso, sepan que también tienen recursos que compartir. Por tanto, acójalos sin miedo. Ofrezcanles el calor del amor de Cristo y descifrarán el misterio de su corazón. Estoy seguro de que, una vez más, esta gente enriquecerá a su País y a su Iglesia. Que Dios los bendiga y la Virgen los cuide.

VIAGEM APOSTÓLICA A CUBA EM SETEMBRO DE 2015

DISCURSO 02

DISCURSO EN EL ENCUENTRO CON LAS FAMILIAS EN LA CATEDRAL DE NUESTRA SEÑORA DE LA ASUNCIÓN, EN SANTIAGO DE CUBA (Martes 22 de setiembre de 2015)

Estamos en familia. Y cuando uno está en familia se siente en casa. Gracias a ustedes familias cubanas, gracias cubanos por hacerme sentir todos estos días en familia, por hacerme sentir en casa. Gracias por todo esto. Este encuentro con ustedes es como «la frutilla de la torta». Terminar mi visita viviendo este encuentro en familia es un motivo para dar gracias a Dios por el «calor» que brota de gente que sabe recibir, que sabe acoger, que sabe hacer sentir en casa. Gracias a todos los cubanos. Agradezco a Mons. Dionisio García, Arzobispo de Santiago, el saludo que me ha dirigido en nombre de todos y al matrimonio que ha tenido la valentía de compartir con todos nosotros sus anhelos, sus esfuerzos por vivir el hogar como una «iglesia doméstica». El Evangelio de Juan nos presenta como primer acontecimiento público de Jesús las Bodas de Caná, en la fiesta de una familia. Ahí está con María su madre y algunos de sus discípulos compartían la fiesta familiar. Las bodas son momentos especiales en la vida de muchos. Para los «más veteranos», padres, abuelos, es una oportunidad para recoger el fruto de la siembra. Da alegría al alma ver a los hijos crecer y que puedan formar su hogar. Es la oportunidad de ver, por un instante, que todo por lo que se ha luchado valió la pena. Acompañar a los hijos, sostenerlos, estimularlos para que puedan animarse a construir sus vidas, a formar sus familias, es un gran desafío para los padres. A su vez, la alegría de los jóvenes esposos. Todo un futuro que comienza y todo tiene «sabor» a casa nueva, a esperanza. En las bodas, siempre se une el pasado que heredamos y el futuro que nos espera. Hay memoria y esperanza. Siempre se abre la oportunidad para agradecer todo lo que nos permitió llegar hasta el hoy con el mismo amor que hemos recibido. Y Jesús comienza su vida pública en una boda. Se introduce en esa historia de siembras y cosechas, de sueños y búsquedas, de esfuerzos y compromisos, de arduos trabajos que araron la tierra para que esta dé su fruto. Jesús comienza su vida en el interior de una familia, en el seno de un hogar. Y es precisamente en el seno de nuestros hogares donde continuamente él se sigue introduciendo, él sigue siendo parte. Le gusta meterse en la familia. Es interesante observar cómo Jesús se manifiesta también en las comidas, en las cenas. Comer con diferentes personas, visitar diferentes casas fue un lugar privilegiado por Jesús para dar a conocer el proyecto de Dios. Él va a la casa de sus amigos –Marta y María–, pero no es selectivo, ¿eh? no le importa si son publicanos o pecadores, como Zaqueo, va a la casa de Zaqueo. No sólo Él actuaba así, sino cuando envió a sus discípulos a anunciar la buena noticia del Reino de Dios, les dijo: «Quédense en la casa que los reciba, coman y beban de los que ellos tengan» (Lc 10,7). Bodas, visitas a los hogares, cenas, algo de «especial» tendrán estos momentos en la vida de las personas para que Jesús elija manifestarse allí. Recuerdo en mi diócesis anterior que muchas familias me comentaban que el único momento que tenían para estar juntos era normalmente en la cena, a la noche, cuando se volvía de trabajar, donde los más chicos terminaban la tarea de la escuela. Era un momento especial de vida familiar. Se comentaba el día, lo que cada uno había hecho, se ordenaba el hogar, se acomodaba la ropa, se organizaban tareas fundamentales para los demás días. Los chicos se peleaban, pero era el momento. Son momentos en los que uno llega también cansado y alguna que otra discusión, alguna que otra pelea, entre marido mujer, aparece, pero no hay que tenerle miedo. Yo le tengo más miedo a los matrimonios que me dicen que nunca, nunca tuvieron una discusión, es raro, es raro. Jesús

elige estos momentos para mostrarnos el amor de Dios, Jesús elige estos espacios para entrar en nuestras casas y ayudarnos a descubrir el Espíritu vivo y actuando en nuestras cosas cotidianas. Es en casa donde aprendemos la fraternidad, la solidaridad, el no ser avasalladores. Es en casa donde aprendemos a recibir y a agradecer la vida como una bendición y que cada uno necesita a los demás para salir adelante. Es en casa donde experimentamos el perdón, y estamos invitados continuamente a perdonar, a dejarnos transformar. Es curioso en casa no hay lugar para las «caretas», somos lo que somos y de una u otra manera estamos invitados a buscar lo mejor para los demás. Por eso la comunidad cristiana llama a las familias con el nombre de iglesias domésticas, porque en el calor del hogar es donde la fe empapa cada rincón, ilumina cada espacio, construye comunidad. Porque en momentos así es como las personas iban aprendiendo a descubrir el amor concreto y el amor operante de Dios. En muchas culturas hoy en día van desapareciendo estos espacios, van desapareciendo estos momentos familiares, poco a poco todo lleva a separarse, aislarse; escasean momentos en común, para estar juntos, para estar en familia. Entonces no se sabe esperar, no se sabe pedir permiso, no se sabe pedir perdón, no se sabe dar gracias, porque la casa va quedando vacía, no de gente, Sino, de padres, hijos, nietos, abuelos, hermanos, vacía de relaciones, vacía de contactos, vacía de encuentros. Hace poco, una persona que trabaja conmigo me contaba que su esposa e hijos se habían ido de vacaciones y él se había quedado solo. El primer día, la casa estaba toda en silencio, «en paz», estaba feliz, nada estaba desordenado. Al tercer día, cuando le pregunto cómo estaba, me dice: quiero que vengan ya todos de vuelta. Sentía que no podía vivir sin su esposa y sus hijos y eso es lindo. Sin familia, sin el calor de hogar, la vida se vuelve vacía, comienzan a faltar las redes que nos sostienen en la adversidad, las redes que nos alimentan en la cotidianidad y motivan la lucha para la prosperidad. La familia nos salva de dos fenómenos actuales, dos cosas que suceden: la fragmentación (la división) y la masificación. En ambos casos, las personas se transforman en individuos aislados fáciles de manipular y de gobernar y entonces encontramos en el mundo sociedades divididas, rotas, separadas o altamente masificadas que son consecuencia de la ruptura de los lazos familiares; cuando se pierden las relaciones que nos constituyen como personas, que nos enseñan a ser personas. Bueno uno se olvida de cómo se dice papá mamá, hijo, hija, abuelo, abuela. Se van como olvidando esa relaciones que son el fundamento, son fundamento del nombre que tenemos. La familia es escuela de humanidad, escuela que enseña a poner el corazón en las necesidades de los otros, a estar atento a la vida de los demás. Cuando vivimos bien en familia los egoísmos quedan chiquitos, existen porque todo tenemos algo de egoístas, pero cuando no se vive una vida de familia se van engendrando esas personalidades que las podemos llamar así: yo, me, mi, conmigo, para mí, totalmente centradas en sí mismo, que no saben de solidaridad, de fraternidad, de trabajo en común, de amor, de discusión entre hermanos, no saben. A pesar de tantas dificultades como las que aquejan hoy a nuestras familias en el mundo, no nos olvidemos de algo, por favor: las familias no son un problema, son principalmente una oportunidad. Una oportunidad que tenemos que cuidar, proteger y acompañar. Es una manera de decir que son una bendición. Cuando tú empiezas a vivir la familia como un problema, te estancas, no caminas, porque estás muy centrado en ti mismo. Se discute hoy mucho sobre el futuro, sobre qué mundo queremos dejarle a nuestros hijos, qué sociedad queremos para ellos. Creo que una de las posibles respuestas se encuentra en mirarlos a ustedes. Una familia que habló a cada uno de ustedes. Dejemos un mundo con familias, es la mejor herencia, dejemos un mundo con familias. Es cierto, no existe la familia perfecta, no existen esposos perfectos, padres perfectos ni hijos perfectos, y si no se enojan yo diría suegras perfectas. Pero eso no impide que no sean la respuesta para el mañana. Dios nos estimula al amor y el amor siempre se compromete con las personas que ama. El amor siempre se compromete con las personas que ama. Por eso, cuidemos a nuestras familias, verdaderas escuelas del mañana. Cuidemos a nuestras familias, verdaderos espacios de

libertad. Cuidemos a nuestras familias, verdaderos centros de humanidad. Y aquí me viene una imagen cuando en la audiencia de los miércoles paso a saludar a la gente y tantas tantas mujeres me muestran la panza y me dicen, Padre, me lo bendice. Yo les voy a proponer algo a todas aquellas mujeres que están embarazadas de esperanza, porque un hijo es una esperanza, que en este momento se toquen la panza. Si hay alguna acá, que lo haga acá, o las que están escuchando por radio o televisión, y yo a cada una de ellas, a cada chico o chica que está ahí adentro esperando te doy la bendición, así que cada una se toca la panza y yo le doy la bendición en el nombre del Padre y del Hijo y del Espíritu Santo y deseo que venga sanito, que crezca bien, que lo pueda criar lindo, acaricien al hijo que están esperando. No quiero terminar sin hacer mención a la Eucaristía. Se habrán dado cuenta que Jesús quiere utilizar como espacio de su memorial, una cena. Elige como espacio de su presencia entre nosotros un momento concreto en la vida familiar. Un momento vivido y entendible por todos, la cena. La Eucaristía es la cena de la familia de Jesús, que a lo largo y ancho de la tierra se reúne para escuchar su Palabra y alimentarse con su Cuerpo. Jesús es el Pan de Vida de nuestras familias, Él quiere estar siempre presente alimentándonos con su amor, sosteniéndonos con su fe, ayudándonos a caminar con su esperanza, para que en todas las circunstancias podamos experimentar que Él es el verdadero Pan del cielo. En unos días participaré junto a las familias del mundo en el Encuentro Mundial de las Familias y en menos de un mes en el Sínodo de los Obispos, que tiene como tema la Familia. Los invito a rezar, les pido por favor que recen por estas dos instancias, para que sepamos entre todos ayudarnos a cuidar la familia, para que sepamos seguir descubriendo al Emmanuel, es decir, al Dios que vive en medio de su Pueblo haciendo de cada familia y de todas las familias su hogar. Cuento con la oración de ustedes. Gracias.

VIAGEM APOSTÓLICA AO MÉXICO EM FEVEREIRO DE 2016

DISCURSO 03

DISCURSO EN EL ENCUENTRO CON LOS OBISPOS DE MÉXICO EN LA CATEDRAL (Sábado 13 de febrero de 2016)

Queridos Hermanos:

Estoy contento de poder encontrarlos al día siguiente de mi llegada a este amado País al cual, siguiendo los pasos de mis Predecesores, también yo he venido a visitar. No podía dejar de venir ¿Podría el Sucesor de Pedro, llamado del lejano sur latinoamericano, privarse de poder posar la propia mirada sobre la «Virgen Morenita»? Les agradezco que me reciban en esta Catedral, «casita» prolongada pero siempre «sagrada», que pidió la Virgen de Guadalupe, y por las amables palabras de acogida que me han dirigido. Porque sé que aquí se halla el corazón secreto de cada mexicano, entro con pasos suaves como corresponde entrar en la casa y en el alma de este pueblo y estoy profundamente agradecido por abrirme la puerta. Sé que mirando los ojos de la Virgen alcanzo la mirada de vuestra gente que, en Ella, ha aprendido a manifestarse. Sé que ninguna otra voz puede hablar así tan profundamente del corazón mexicano como me puede hablar la Virgen; Ella custodia sus más altos deseos y sus más recónditas esperanzas; Ella recoge sus alegrías y sus lágrimas; Ella comprende sus numerosos idiomas y les responde con ternura de Madre porque son sus propios hijos. Estoy contento de estar con ustedes aquí, en las cercanías del «Cerro del Tepeyac», como en los albores de la evangelización de este Continente y, por favor, les pido que me consientan que todo cuanto

les diga pueda hacerlo partiendo desde la Guadalupana. Cuánto quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores y, por medio de ustedes, a cada una de sus Iglesias particulares presentes en este vasto México, todo lo que fluye intensamente del corazón del Papa. Como hizo San Juan Diego, y lo hicieron las sucesivas generaciones de los hijos de la Guadalupana, también el Papa cultivaba desde hace tiempo el deseo de mirarla. Más aún, quería yo mismo ser alcanzado por su mirada materna. He reflexionado mucho sobre el misterio de esta mirada y les ruego acojan cuanto brota de mi corazón de Pastor en este momento. Una mirada de ternura ante todo, la «Virgen Morenita» nos enseña que la única fuerza capaz de conquistar el corazón de los hombres es la ternura de Dios. Aquello que encanta y atrae, aquello que doblega y vence, aquello que abre y desencadena no es la fuerza de los instrumentos o la dureza de la ley, sino la debilidad omnipotente del amor divino, que es la fuerza irresistible de su dulzura y la promesa irreversible de su misericordia. Un inquieto y notable literato de esta tierra dijo que en Guadalupe ya no se pide la abundancia de las cosechas o la fertilidad de la tierra, sino que se busca un regazo en el cual los hombres, siempre huérfanos y desheredados, están en la búsqueda de un resguardo, de un hogar. Transcurridos siglos del evento fundante de este País y de la evangelización del Continente, ¿acaso se ha diluido, se ha olvidado, la necesidad de regazo que anhela el corazón del pueblo que se les ha confiado a ustedes? Conozco la larga y dolorosa historia que han atravesado, no sin derramar tanta sangre, no sin impetuosas y desgarradoras convulsiones, no sin violencia e incomprendimientos. Con razón mi venerado y santo Predecesor, dijo, que en México estaba como en su casa y ha querido recordar que: «Como ríos a veces ocultos y siempre caudalosos, tres realidades que unas veces se encuentran y otras revelan sus diferencias complementarias, sin jamás confundirse del todo: la antigua y rica sensibilidad de los pueblos indígenas que amaron Juan de Zumárraga y Vasco de Quiroga, a quienes muchos de estos pueblos siguen llamando padres; el cristianismo arraigado en el alma de los mexicanos; y la moderna racionalidad de corte europeo que tanto ha querido enaltecer la independencia y la libertad» (JUAN PABLO II, Discurso en la ceremonia de bienvenida en México, 22 enero 1999). Y en esta historia, el regazo materno que continuamente ha generado a México, aunque a veces pareciera una «red que recogía ciento cincuenta y tres peces» (Jn 21,11), no se demostró jamás infecundo, y las amenazantes fracturas se recompusieron siempre. Por eso, les invito a partir nuevamente de esta necesidad de regazo que proclama el alma de vuestro pueblo. El regazo de la fe cristiana es capaz de reconciliar el pasado, frecuentemente marcado por la soledad, el aislamiento y la marginación, con el futuro continuamente relegado a un mañana que se escabulle. Sólo en aquel regazo se puede, sin renunciar a la propia identidad, «descubrir la profunda verdad de la nueva humanidad, en la cual todos están llamados a ser hijos de Dios» (ID., Homilía en la Canonización de San Juan Diego). Reclíñense pues, con delicadeza y respeto, sobre el alma profunda de su gente, desciendan con atención y descifren su misterioso rostro. El presente, frecuentemente disuelto en dispersión y fiesta, ¿acaso no es también propedéutico a Dios que es sólo y pleno presente? ¿La familiaridad con el dolor y la muerte no son formas de coraje y caminos hacia la esperanza? La percepción de que el mundo sea siempre y solamente para redimir, ¿no es el antídoto a la autosuficiencia prepotente de cuantos creen poder prescindir de Dios? Naturalmente, por todo esto se necesita una mirada capaz de reflejar la ternura de Dios. Sean por lo tanto obispos de mirada limpia, de alma transparente, de rostro luminoso. No le tengan miedo a la transparencia. La Iglesia no necesita de la oscuridad para trabajar. Vigilen para que sus miradas no se cubran de las penumbras de la niebla de la mundanidad; no se dejen corromper por el materialismo trivial ni por las ilusiones seductoras de los acuerdos debajo de la mesa; no pongan su confianza en los «carros y caballos» de los faraones actuales, porque nuestra fuerza es la «columna de fuego» que rompe dividiendo en dos las marejadas del mar, sin hacer grande rumor (cf. Ex 14,24-25). El mundo en el cual el Señor nos llama a desarrollar nuestra misión se ha vuelto muy complejo.

Y aunque la prepotente idea del «cogito», que no negaba que hubiese al menos una roca sobre la arena del ser, hoy está dominada por una concepción de la vida, considerada por muchos, más que nunca, vacilante, errabunda y anómica, porque carece de sustrato sólido. Las fronteras, tan intensamente invocadas y sostenidas, se han vuelto permeables a la novedad de un mundo en el cual la fuerza de algunos ya no puede sobrevivir sin la vulnerabilidad de otros. La irreversible hibridación de la tecnología hace cercano lo que está lejano pero, lamentablemente, hace distante lo que debería estar cerca. Y, precisamente en este mundo, así, Dios les pide tener una mirada capaz de interceptar la pregunta que grita en el corazón de vuestra gente, la única que posee en el propio calendario una «fiesta del grito». A ese grito es necesario responder que Dios existe y está cerca a través de Jesús. Que sólo Dios es la realidad sobre la cual se puede construir, porque «Dios es la realidad fundante, no un Dios sólo pensado o hipotético, sino el Dios de rostro humano» (BENEDICTO XVI, Discurso inaugural de la V Conferencia General de CELAM, 13 mayo 2007). En las miradas de ustedes, el Pueblo mexicano tiene el derecho de encontrar las huellas de quienes «han visto al Señor» (cf. Jn 20,25), de quienes han estado con Dios. Esto es lo esencial. No pierdan, entonces, tiempo y energías en las cosas secundarias, en las habladorías e intrigas, en los vanos proyectos de carrera, en los vacíos planes de hegemonía, en los infecundos clubs de intereses o de consorterías. No se dejen arrastrar por las murmuraciones y las maledicciones. Introduzcan a sus sacerdotes en esta comprensión del sagrado ministerio. A nosotros, ministros de Dios, basta la gracia de «beber el cáliz del Señor», el don de custodiar la parte de su heredad que se nos ha confiado, aunque seamos inexpertos administradores. Dejemos al Padre asignarnos el puesto que nos tiene preparado (cf. Mt 20,20-28). ¿Acaso podemos estar de verdad ocupados en otras cosas si no es en las del Padre? Fuera de las «cosas del Padre» (Lc 2,48-49) perdemos nuestra identidad y, culpablemente, hacemos vana su gracia. Si nuestra mirada no testimonia haber visto a Jesús, entonces las palabras que recordamos de Él resultan solamente figuras retóricas vacías. Quizás expresen la nostalgia de aquellos que no pueden olvidar al Señor, pero de todos modos son sólo el balbucear de huérfanos junto al sepulcro. Palabras finalmente incapaces de impedir que el mundo quede abandonado y reducido a la propia potencia desesperada. Pienso en la necesidad de ofrecer un regazo materno a los jóvenes. Que vuestras miradas sean capaces de cruzarse con las miradas de ellos, de amarlos y de captar lo que ellos buscan, con aquella fuerza con la que muchos como ellos han dejado barcas y redes sobre la otra orilla del mar (cf. Mc 1,17-18), han abandonado bancos de extorsiones con tal de seguir al Señor de la verdadera riqueza (cf. Mt 9,9). Me preocupan particularmente tantos que, seducidos por la potencia vacía del mundo, exaltan las quimeras y se revisten de sus macabros símbolos para comercializar la muerte en cambio de monedas que, al final, «la polilla y el óxido echan a perder, y por lo que los ladrones perforan muros y roban» (Mt 6,20). Les ruego por favor no minusvalorar el desafío ético y anti cívico que el narcotráfico representa para la juventud y para la entera sociedad mexicana, comprendida la Iglesia. La proporción del fenómeno, la complejidad de sus causas, la inmensidad de su extensión, como metástasis que devora, la gravedad de la violencia que disgrega y sus trastornadas conexiones, no nos consienten a nosotros, Pastores de la Iglesia, refugiarnos en condenas genéricas, sino que exigen un coraje profético y un serio y cualificado proyecto pastoral para contribuir, gradualmente, a entretener aquella delicada red humana, sin la cual todos seríamos desde el inicio derrotados por tal insidiosa amenaza. Sólo comenzando por las familias; acercándonos y abrazando la periferia humana y existencial de los territorios desolados de nuestras ciudades; involucrando a las comunidades parroquiales, las escuelas, las instituciones comunitarias, las comunidades políticas, las estructuras de seguridad; sólo así se podrá liberar totalmente de las aguas en las cuales lamentablemente se ahogan tantas vidas, sea la vida de quien muere como víctima, sea la de quien delante de Dios tendrá siempre las manos manchadas de sangre, aunque tenga los bolsillos llenos de dinero

sórdido y la conciencia anestesiada. Volviendo la mirada a María de Guadalupe surge una mirada capaz de tejer En el manto del alma mexicana Dios ha tejido, con el hilo de las huellas mestizas de su gente, el rostro de su manifestación en la «Morenita». Dios no necesita de colores apagados para diseñar su rostro. Los diseños de Dios no están condicionados por los colores y por los hilos, sino que están determinados por la irreversibilidad de su amor que quiere persistentemente imprimirse en nosotros. Sean, por tanto, obispos capaces de imitar esta libertad de Dios eligiendo cuanto es humilde para hacer visible la majestad de su rostro y de copiar esta paciencia divina en tejer, con el hilo fino de la humanidad que encuentren, aquel hombre nuevo que su país espera. No se dejen llevar por la vana búsqueda de cambiar de pueblo, como si el amor de Dios no tuviese bastante fuerza para cambiarlo. Redescubran pues la sabia y humilde constancia con que los Padres de la fe de esta Patria han sabido introducir a las generaciones sucesivas en la semántica del misterio divino. Primero aprendiendo y, luego, enseñando la gramática necesaria para dialogar con aquel Dios, escondido en los siglos de su búsqueda y hecho cercano en la persona de su Hijo. Jesús, que hoy tantos reconocen en la imagen ensangrentada y humillada, como figura del propio destino. Imiten su condescendencia y su capacidad de reclinarse. No comprenderemos jamás bastante el hecho de que con los hilos mestizos de nuestra gente Dios entretejió el rostro con el cual se da a conocer. Nunca seremos suficientemente agradecidos a este inclinarse. Una mirada de singular delicadeza les pido para los pueblos indígenas, para ellos y sus fascinantes y no pocas veces masacradas culturas. México tiene necesidad de sus raíces amerindias para no quedarse en un enigma irresuelto. Los indígenas de México aún esperan que se les reconozca efectivamente la riqueza de su contribución y la fecundidad de su presencia, para heredar aquella identidad que les convierte en una Nación única y no solamente una entre otras. Se ha hablado muchas veces del presunto destino incumplido de esta Nación, del «laberinto de la soledad» en el cual estaría aprisionada, de la geografía como destino que la entrapa. Para algunos, todo esto sería obstáculo para el diseño de un rostro unitario, de una identidad adulta, de una posición singular en el concierto de las naciones y de una misión compartida. Para otros, también la Iglesia en México estaría condenada a escoger entre sufrir la inferioridad en la cual fue relegada en algunos períodos de su historia, como cuando su voz fue silenciada y se buscó amputar su presencia, o aventurarse en los fundamentalismos para volver a tener certezas provisionarias, olvidándose de tener anidada en su corazón la sed del Absoluto y ser llamada en Cristo a reunir a todos y no sólo una parte (cf. *Lumen gentium*, 1, 1). No se cansen en cambio de recordarle a su Pueblo cuánto son potentes las raíces antiguas, que han permitido la viva síntesis cristiana de comunión humana, cultural y espiritual que se forjó aquí. Recuerden que las alas de su Pueblo ya se han desplegado varias veces por encima de no pocas vicisitudes. Custodien la memoria del largo camino hasta ahora recorrido y sepan suscitar la esperanza de nuevas metas, porque el mañana será una tierra «rica de frutos» aunque nos plantee desafíos no indiferentes (cf. Nm 13,27-28). Que las miradas de ustedes, reposadas siempre y solamente en Cristo, sean capaces de contribuir a la unidad de su Pueblo; de favorecer la reconciliación de sus diferencias y la integración de sus diversidades; de promover la solución de sus problemas endógenos; de recordar la medida alta que México puede alcanzar si aprende a pertenecerse a sí mismo antes que a otros; de ayudar a encontrar soluciones compartidas y sostenibles para sus miserias; de motivar a la entera Nación a no contentarse con menos de cuanto se espera del modo mexicano de habitar el mundo. Una mirada atenta y cercana, no adormecida. Les ruego no caer en la paralización de dar viejas respuestas a las nuevas demandas. Vuestro pasado es un pozo de riquezas donde excavar, que puede inspirar el presente e iluminar el futuro. ¡Ay de ustedes si se duermen en los laureles! Es necesario no desperdiciar la herencia recibida, custodiándola con un trabajo constante. Están asentados sobre espaldas de gigantes: obispos, sacerdotes, religiosos, religiosas y laicos, fieles «hasta el final», que han ofrecido la vida para que la Iglesia pudiese cumplir la propia

misión. Desde lo alto de ese podio están llamados a lanzar una mirada amplia sobre el campo del Señor para planificar la siembra y esperar la cosecha. Los invito a cansarse sin miedo en la tarea de evangelizar y de profundizar la fe mediante una catequesis mistagógica que sepa atesorar la religiosidad popular de su gente. Nuestro tiempo requiere atención pastoral a las personas y a los grupos, que esperan poder salir al encuentro del Cristo vivo. Solamente una valerosa conversión pastoral, y subrayo, conversión pastoral de nuestras comunidades puede buscar, generar y nutrir a los actuales discípulos de Jesús (cf. Documento de Aparecida, 226, 368, 370). Por tanto, es necesario para nosotros, pastores, superar la tentación de la distancia - y dejo a cada uno de ustedes el catálogo de las distancias que puedan existir en esta conferencia episcopal- del clericalismo, de la frialdad y de la indiferencia, del comportamiento triunfal y de la autorreferencialidad. Guadalupe nos enseña que Dios es familiar en su rostro, que la proximidad y la condescendencia -agacharse, acercarse- pueden más que la fuerza, que cualquier tipo de fuerza. Como enseña la bella tradición guadalupana, la «Morenita» custodia las miradas de aquellos que la contemplan, refleja el rostro de aquellos que la encuentran. Es necesario aprender que hay algo de irrepetible en cada uno de aquellos que nos miran en la búsqueda de Dios. Toca a nosotros no volvernos impermeables a tales miradas. Custodiar en nosotros a cada uno de ellos, conservarlos en el corazón, resguardarlos. Sólo una Iglesia que sepa resguardar el rostro de los hombres que van a tocar a su puerta es capaz de hablarles de Dios. Si no desciframos sus sufrimientos, si no nos damos cuenta de sus necesidades, nada podremos ofrecerles. La riqueza que tenemos fluye solamente cuando encontramos la poquedad de aquellos que mendigan y, precisamente, este encuentro se realiza en nuestro corazón de Pastores. El primer rostro que les suplico custodien en su corazón es el de sus sacerdotes. No los dejen expuestos a la soledad y al abandono, presa de la mundanidad que devora el corazón. Estén atentos y aprendan a leer sus miradas para alegrarse con ellos cuando sientan el gozo de contar cuanto «han hecho y enseñado» (Mc 6,30), y también para no echarse atrás cuando se sientan un poco rebajados y no puedan hacer otra cosa que llorar porque «han negado al Señor» (cf. Lc 22,61-62), y también ¿por qué no? para sostener, en comunión con Cristo, cuando alguno, abatido, saldrá con Judas «en la noche» (Jn 13,30). En estas situaciones, que nunca falte la paternidad de ustedes, Obispos, para con sus sacerdotes. Animen la comunión entre ellos; hagan perfeccionar sus dones; intégrenlos en las grandes causas, porque el corazón del apóstol no fue hecho para cosas pequeñas. La necesidad de familiaridad habita en el corazón de Dios. Nuestra Señora de Guadalupe pide, pues, únicamente una «casita sagrada». Nuestros pueblos latinoamericanos entienden bien el lenguaje diminutivo (una casita sagrada) y de muy buen grado lo usan. Quizá tienen necesidad del diminutivo porque de otra forma se sentirían perdidos. Se adaptaron siempre a sentirse disminuidos y se acostumbraron a vivir en la modestia. La Iglesia, cuando se congrega en una majestuosa Catedral, no podrá hacer menos que comprenderse como una «casita» en la cual sus hijos pueden sentirse a su propio gusto. Delante de Dios sólo se permanece si se es pequeño, si se es huérfano, si se es mendicante. El Protagonista de la historia de salvación es el mendigo. «Casita» familiar y al mismo tiempo «sagrada», porque la proximidad se llena de la grandeza omnipotente. Somos guardianes de este misterio. Tal vez hemos perdido este sentido de la humilde medida divina y nos cansamos de ofrecer a los nuestros la «casita» en la cual se sienten íntimos con Dios. Puede darse también que, habiendo descuidado un poco el sentido de su grandeza, se haya perdido parte del temor reverente hacia un tal amor. Donde Dios habita, el hombre no puede acceder sin ser admitido y entra solamente «quitándose las sandalias» (cf. Ex 3, 5) para confesar la propia insuficiencia. Este habernos olvidado de este «quitarse las sandalias» para entrar, ¿no está posiblemente en la raíz de la pérdida del sentido de la sacralidad de la vida humana, de la persona, de los valores esenciales, de la sabiduría acumulada a lo largo de los siglos, del respeto a la naturaleza? Sin rescatar, en la conciencia de los hombres y de la sociedad, estas raíces profundas, incluso al trabajo generoso en favor

de los legítimos derechos humanos le faltará la savia vital que puede provenir sólo de un manantial que la humanidad no podrá darse jamás a sí misma. Y siempre mirando a la madre, para terminar. Una mirada de conjunto y de unidad sólo mirando a la «Morenita», México se comprende por completo. Por tanto, les invito a comprender que la misión que la Iglesia les confía, y siempre les confié, requiere esta mirada que abarque la totalidad. Y esto no puede realizarse aisladamente, sino sólo en comunión. La Guadalupana está ceñida de una cintura que anuncia su fecundidad. Es la Virgen que lleva ya en el vientre el Hijo esperado por los hombres. Es la Madre que ya gesta la humanidad del nuevo mundo naciente. Es la Esposa que prefigura la maternidad fecunda de la Iglesia de Cristo. Ustedes tienen la misión de ceñir toda la Nación mexicana con la fecundidad de Dios. Ningún pedazo de esta cinta puede ser despreciado. El episcopado mexicano ha cumplido notables pasos en estos años conciliares; ha aumentado sus miembros; se ha promovido una permanente formación, continua y cualificada; el ambiente fraterno no faltó; el espíritu de colegialidad ha crecido; las intervenciones pastorales han influido sobre sus Iglesias y sobre la conciencia nacional; los trabajos pastorales compartidos han sido fructuosos en los campos esenciales de la misión eclesial como la familia, las vocaciones y la presencia social. Mientras nos alegramos por el camino de estos años, les pido que no se dejen desanimar por las dificultades y de no ahorrar todo esfuerzo posible por promover, entre ustedes y en sus diócesis, el celo misionero, sobre todo hacia las partes más necesitadas del único cuerpo de la Iglesia mexicana. Redescubrir que la Iglesia es misión es fundamental para su futuro, porque sólo el «entusiasmo, el estupor convencido» de los evangelizadores tiene la fuerza de arrastre. Les ruego, especialmente, cuidar la formación y la preparación de los laicos, superando toda forma de clericalismo e involucrándolos activamente en la misión de la Iglesia, sobre todo en el hacer presente, con el testimonio de la propia vida, el evangelio de Cristo en el mundo. A este Pueblo mexicano, le ayudará mucho un testimonio unificador de la síntesis cristiana y una visión compartida de la identidad y del destino de su gente. En este sentido, sería muy importante que la Pontificia Universidad de México esté cada vez más en el corazón de los esfuerzos eclesiales para asegurar aquella mirada de universalidad sin la cual la razón, resignada a módulos parciales, renuncia a su más alta aspiración de búsqueda de la verdad. La misión es vasta y llevarla adelante requiere múltiples caminos. Y, con más viva insistencia, los exhorto a conservar la comunión y la unidad entre ustedes. Esto es esencial hermanos, esto no está en el texto pero me sale ahora: si tienen que pelearse, peléense, si tienen que decirse cosas, se las digan, pero como hombres, en la cara y como hombres de Dios, que después van a rezar juntos, a discernir juntos y si se pasaron de la raya, a pedirse perdón pero mantengan la unidad del cuerpo episcopal. Comunión y unidad entre ustedes. La comunión es la forma vital de la Iglesia y la unidad de sus Pastores da prueba de su veracidad. México, y su vasta y multiforme Iglesia, tienen necesidad de Obispos servidores y custodios de la unidad edificada sobre la Palabra del Señor, alimentada con su Cuerpo y guiada por su Espíritu, que es el aliento vital de la Iglesia. No se necesitan «príncipes», sino una comunidad de testigos del Señor. Cristo es la única luz; es el manantial de agua viva; de su respiro sale el Espíritu, que despliega las velas de la barca eclesial. En Cristo glorificado, que la gente de este pueblo ama honrar como Rey, enciendan juntos la luz, cólmense de su presencia que no se extingue; respiren a pleno pulmón el aire bueno de su Espíritu. Toca a ustedes sembrar a Cristo sobre el territorio, tener encendida su luz humilde que clarifica sin ofuscar, asegurar que en sus aguas se colme la sed de su gente; extender las velas para que sea el soplo del Espíritu quien las despliegue y no encalle en la barca de la Iglesia en México. Recuerden que la Esposa, la Esposa de cada uno de ustedes, la Esposa, la Madre Iglesia, sabe bien que el Pastor amado (cf. Ct 1,7) será encontrado sólo donde los pastos son herbosos y los riachuelos cristalinos. La Esposa desconfía de los compañeros del Esposo que, alguna vez por desidia o incapacidad, conducen a la grey por lugares áridos y llenos de peñascos. ¡Ay de nosotros pastores, compañeros del

Supremo Pastor, si dejamos vagar a su Esposa porque en la tienda que nos hicimos el Esposo no se encuentra! Permítanme una última palabra para expresar el aprecio del Papa por todo cuanto están haciendo para afrontar el desafío de nuestra época representada en las migraciones. Son millones los hijos de la Iglesia que hoy viven en la diáspora o en el tránsito, peregrinando hacia el norte en búsqueda de nuevas oportunidades. Muchos de ellos dejan atrás las propias raíces para aventurarse, aún en la clandestinidad que implica todo tipo de riesgos, en búsqueda de la «luz verde» que juzgan como su esperanza. Tantas familias se dividen; y no siempre la integración en la presunta «tierra prometida» es tan fácil como se piensa. Hermanos, que sus corazones sean capaces de seguirlos y alcanzarlos más allá de las fronteras. Refuercen la comunión con sus hermanos del episcopado estadounidense, para que la presencia materna de la Iglesia mantenga viva las raíces de su fe, las razones de sus esperanzas y la fuerza de su caridad. No suceda que, colgando sus cítaras, se enmudezcan sus alegrías, olvidándose de Jerusalén y convirtiéndose en «exilados de sí mismos» (Sal 136). Testimonien juntos que la Iglesia es custodia de una visión unitaria del hombre y no puede compartir que sea reducido a un mero «recurso» humano. No será vana la premura de sus diócesis en echar el poco bálsamo que tienen en los pies heridos de quien atraviesa sus territorios y de gastar por ellos el dinero duramente colectado; el Samaritano divino, al final, enriquecerá a quien no pasó indiferente ante Él cuando estaba caído sobre el camino (cf. Lc 10,25-37). Queridos hermanos, el Papa está seguro de que México y su Iglesia llegarán a tiempo a la cita consigo mismos, con la historia, con Dios. Tal vez alguna piedra en el camino retrasa la marcha, y la fatiga del trayecto exigirá alguna parada, pero no será jamás bastante para hacer perder la meta. Porque, ¿puede llegar tarde quien tiene una Madre que lo espera? ¿Quién continuamente puede sentir resonar en el propio corazón «no estoy aquí, Yo, que soy tu Madre»?

VIAGEM APOSTÓLICA A SUDAMÉRICA EM JULHO DE 2015

ECUADOR

DISCURSO 04

DISCURSO EN EL ENCUENTRO CON EL CLERO, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS Y SEMINARISTAS EN EL SANTUARIO NACIONAL MARIANO EL QUINCHE. QUITO - Miércoles 8 de julio de 2015

Buenos días hermanos y hermanas:

En estos dos días, 48 horas que estuve en contacto con ustedes noté que había algo raro, perdón, algo raro en el pueblo ecuatoriano, todos los lugares donde voy, siempre el recibimiento es alegre, contento, cordial, religioso, piadoso, en todo lado, pero acá había en la piedad en el modo, por ejemplo, pedir la bendición desde el más viejo hasta la wawa, que lo primero que aprende es hacer así (manos juntas) había algo distinto, yo también tuve la tentación como el Obispo de Sucumbíos de preguntar ¿cuál es la receta de este pueblo? ¿Cuál es, no? y me daba vuelta en la cabeza y rezaba. Le pregunté a Jesús varias veces en la oración, qué tiene este pueblo, de distinto. Esta mañana orando se me impuso aquella consagración al Sagrado Corazón. Pienso que se los debo decir, como un mensaje de Jesús. Todo esto de riqueza que tienen ustedes, de riqueza espiritual, de piedad, de profundidad, vienen de haber tenido la valentía, porque fueron momentos muy difíciles, la valentía de consagrar la Nación al Corazón de Cristo, ese Corazón Divino y humano que nos quiere tanto y yo lo noto un poco con eso, divino y humano seguro que son pecadores, yo también, pero el Señor perdona todo

y, custodien eso. Y después, pocos años después, la consagración al corazón de María, no olviden, esa consagración es un hito en la historia del pueblo de Ecuador y de esa consagración siento como que le viene esa gracia que tienen ustedes, esa piedad, esa cosa que los hace distintos. Hoy tengo que hablarles a los sacerdotes, a los seminaristas a las religiosas, a los religiosos y decirles algo, tengo un discurso preparado pero no tengo ganas de leer, así que se lo doy al presidente de la conferencia de religiosos para que lo haga público después y pensaba en la Virgen, pensaba en María. Dos palabras de María, acá me está fallando la memoria pero no sé si dijo alguna otra ¿eh? Hágase en mí, bueno sí, pidió explicaciones, de que porqué la elegían a ella al ángel ahí, ese hágase en mí. Y otra palabra, hagan lo que él les diga. María no protagonizó nada, “discipuleó” toda su vida. La primera discípula de su Hijo y tenía consciencia de que todo lo que ella había traído al mundo era pura gratuidad de Dios, consciencia de gratuidad. Por eso, hágase, hagan que se manifieste la gratuidad de Dios, religiosos, religiosas sacerdotes, seminaristas, todos los días vuelvan, hagan ese camino de retorno hacia la gratuidad con que Dios los eligió. Ustedes no pagaron entrada, para entrar al seminario, para entrar a la vida religiosa. No se lo merecieron. Si algún religioso, sacerdote o seminarista o monja que hay aquí cree que se lo mereció que levante la mano. Todo gratuito. Y toda la vida de un religioso, de una religiosa, de un sacerdote y de un seminarista que va por ese camino y bueno, ya que estamos digamos, y de los obispos, tiene que ir por este camino de la gratuidad, volver todos los días Señor hoy hice esto, me salió bien esto, tuve esta dificultad, todo esto, pero todo viene de Dios, todo es gratis. Esa gratuidad, somos objeto de gratuidad de Dios. Si olvidamos esto lentamente nos vamos haciendo importantes, y mirá vos ¿eh? qué obras que está haciendo o mirá vos a este, lo hicieron obispo de tal lugar, qué importante, o a este lo hicieron monseñor o a este... y ahí lentamente nos vamos apartando de esto que es la base, de lo que María nunca se apartó, la gratuidad de Dios. Un consejo de hermano, todos los días, en la noche quizás es lo mejor, antes de irse a dormir, una mirada a Jesús y decirle: “Todo me lo diste gratis” Y volverse a situar, entonces cuando me cambian de destino o cuando hay una dificultad no pataleo porque todo es gratis no merezco nada, eso hizo María. San Juan Pablo II en la Redemptoris Mater y les recomiendo que la lean, sí agárrenla, léanla, es verdad, el Papa San Juan Pablo II tenía un estilo de pensamiento circular, profesor, era un hombre de Dios, entonces hay que leerla varias veces para sacarle todo el jugo que tiene y dice que quizás María, no recuerdo bien la frase, estoy citando o quiero citar el hecho, en el momento de la cruz de su fidelidad, hubiera tenido ganas de decir ¿y Éste me dijeron que iba a salvar a Israel? ¡Me engañaron! no lo dijo ni se permitió decirlo, porque era la mujer que sabía que todo lo había recibido gratuitamente. Consejo de hermano y de padre, todas las noches resitúense en la gratuidad y digan hágase, gracias porque todo me lo diste Vos. Una segunda cosa que les quisiera decir es que cuiden la salud, pero sobre todo cuiden de no caer en una enfermedad, una enfermedad que es media peligrosa o del todo peligrosa para lo que el Señor nos llamó gratuitamente a seguirlo o a servirlo. No caigan en el Alzheimer espiritual, no pierdan la memoria, sobre todo, la memoria de donde me sacaron. La escena esa del profeta Samuel donde es enviado a ungir al rey de Israel, va a Belén a la casa de un señor que se llama Jesé que tiene 7 u 8 hijos y Dios le dice que entre esos hijos va a estar el rey. Claro, los ve y dice debe ser este porque el mayor era alto grande, apuesto, parecía valiente y Dios le dice “no, no es ese” la mirada de Dios es distinta a la de los hombres y así los hace pasar a todos los hijos y Dios le dice, “no, no es” No sabe qué hacer el profeta entonces le pregunta al padre: “Ché, ¿no tenés otro?” Y le dice: “Sí, está el más chico ahí cuidando las cabras o las ovejas” “Mándalo llamar” y viene el mocosito que tendría 17, 18 años no sé y Dios le dice: “ese es” Lo sacaron detrás del rebaño. Y otro profeta cuando Dios le dice que haga ciertas cosas como profeta ¿y yo quién soy? si a mí me sacaron de detrás del rebaño. No se olviden de dónde los sacaron no renieguen las raíces. San Pablo se ve que intuía este peligro de perder la memoria y a su hijo más querido, el obispo Timoteo a quien él

ordenó le da consejos pastorales, pero hay uno que toca el corazón. Le dice: No te olvides de la fe que tenía tu abuela y tu madre. Es decir: no te olvides de donde te sacaron, no te olvides de tus raíces, no te sientas promovido. La gratuidad es una gracia que no puede convivir con la promoción y cuando un sacerdote, un seminarista, un religioso, una religiosa entra en carrera, no digo mal, carrera humana empieza a enfermarse de Alzheimer espiritual y empieza a perder la memoria de donde me sacaron. Dos principios para ustedes sacerdotes, consagrados y consagradas: Todos los días renueven el sentimiento de que todo es gratis el sentimiento de gratuidad de la elección de cada uno de ustedes, ninguno la merecimos y pidan la gracia de no perder la memoria de no sentirse más importante y es muy triste cuando uno ve a un sacerdote, a un consagrado o a una consagrada que en su casa hablaba el dialecto, o hablaba otra lengua, una de esas nobles lenguas antiguas que tienen los pueblos, que Ecuador cuántas tiene y es muy triste cuando se olvidan de la lengua, es muy triste cuando no quieren hablar, eso significa que se olvidaron de donde lo sacaron. No se olviden de eso. Pidan esa gracia de la memoria. Son los dos principios que sí que quisiera marcar. Y esos dos principios si los viven, todos los días ¿eh? es un trabajo de todos los días. Todas las noches recordar estos dos principios y pedir la gracia. Esos dos principios si los viven, les van a dar en la vida, los van a hacer vivir con dos actitudes. Primero el servicio. Dios me eligió, me sacó para qué, para servir. Y el servicio quien es peculiar a mí. “No, que tengo mi tiempo, que tengo mis cosas, que tengo esto, que no, que ya cierro el despacho, que esto, que sí, que tendría que bendecir la casa pero, no, estoy cansado, hoy pasan una telenovela linda por televisión, entonces, para las monjitas... y entonces servicio, servir, servir y no hacer otra cosa y servir cuando estamos cansados y servir cuando la gente nos harta, me decía un viejo cura que fue toda su vida profesor en colegios y universidad, enseñaba literatura, letras, un genio. Cuando se jubiló le pidió al provincial que lo mandara a un barrio pobre a un barrio, esos barrios que se forman de gente que viene que migran buscando trabajo. Gente muy sencilla. Este religioso una vez por semana iba a su comunidad. Y hablaba, era muy inteligente. La comunidad era una comunidad de Facultad de Teología, entonces hablaba con los otros curas de teología, al mismo nivel y pero un día le dice a uno ¿ustedes qué son?, ¿quién da el tratado de la Iglesia aquí? “profesor Tamayo”, “te faltan dos tesis”. El santo pueblo fiel de Dios es esencialmente olímpico, o sea hace lo que quiere y ontológicamente hartante, y eso tiene mucha sabiduría porque quien va por el camino de servir tiene que dejarse hartar sin perder la paciencia porque está al servicio, ningún momento le pertenece, ningún momento le pertenece, estoy para servir, servir en lo que debo hacer, servir delante del sagrario, pidiendo por mi pueblo, pidiendo por mi trabajo por la gente que Dios me ha encomendado. Servicio, mezclarlo con lo de gratuidad y entonces aquello de Jesús: “lo que recibiste gratis, dalo gratis. Por favor, por favor. No cobren la gracia. Por favor, que nuestra pastoral sea gratuita y es tan feo cuando uno va perdiendo este sentido de la gratuidad y se transforma en sí hace cosas buenas pero ha perdido eso. Y lo segundo, la segunda actitud que se ve en un consagrado, en una consagrada en un sacerdote que vive esta gratuidad y esta memoria, estos dos principios que dije al principio: gratuidad y memoria es el gozo y la alegría. Y es un regalo de Jesús ese y es un regalo que Él da, que Él nos da si se lo pedimos y si no nos olvidamos de esas columnas de nuestra vida sacerdotal o religiosa que son el sentido de gratuidad renovado todos los días y no perder la memoria de donde nos sacaron. Yo le deseo esto. Sí, Padre, usted nos habló que quizás la receta de nuestro pueblo era somos así por lo del Sagrado Corazón, sí, es verdad eso, pero yo les propongo otra receta que está en la misma línea, en la misma del Corazón de Jesús, sentido de la gratuidad. Él se hizo nada, se abajó, se humilló, se hizo pobre para enriquecernos con su pobreza, pura gratuidad, sentido de la memoria, rezando los salmos hacemos memoria de las maravillas que hizo el Señor en nuestra vida. Que el Señor les conceda esta gracia a todos, nos las conceda a todos los que estamos aquí y que siga, iba a decir premiando, y que siga bendiciendo a este pueblo ecuatoriano a quien ustedes tienen que

servir y son llamados a servir, los siga bendiciendo con esa peculiaridad especial que yo noté desde el principio al llegar acá, que Jesús los bendiga y la Virgen los cuide. Recemos todos juntos al Padre que nos dio todo gratuitamente y que nos mantiene en la memoria de Jesús con Nosotros. [Padre Nuestro] Y por favor, por favor, que recen por mí, porque yo también siento muchas veces la tentación de olvidarme de la gratuidad con la que Dios me eligió y de olvidarme de donde me sacaron. Pidan por mí.

PARAGUAY

DISCURSO 05

DISCURSO EN LA CAPILLA SAN JUAN BAUTISTA EN LA VISITA A LA POBLACIÓN DEL BAÑADO NORTE - Domingo 12 de julio de 2015

Queridos hermanas y hermanos. Buenos días:

Estoy muy alegre por visitarlos a ustedes esta mañana. No podía estar en Paraguay sin estar con ustedes, sin estar en esta su tierra. Nos encontramos aquí en esta Parroquia llamada Sagrada Familia y les confieso que desde que comencé a pensar en esta visita, desde que comencé a caminar desde Roma hacia acá, venía pensando en la Sagrada Familia y cuando pensaba en ustedes, me recordaban a la Sagrada Familia. Ver sus rostros, sus hijos, sus abuelos. Escuchar sus historias y todo lo que han realizado para estar aquí, todo lo que pelean para tener una vida digna, un techo. Todo lo que hacen para superar la inclemencia del tiempo, las inundaciones de estas últimas semanas, me trae al recuerdo, todo esto, a la pequeña familia de Belén. Una lucha que no les ha robado la sonrisa, la alegría, la esperanza. Una pelea que no les ha sacado la solidaridad, por el contrario, la ha estimulado y la ha hecho crecer. Me quiero detener con José y María en Belén. Ellos tuvieron que dejar su lugar, los suyos, sus amigos. Tuvieron que dejar lo propio e ir a otra tierra. Una tierra en la que no conocían a nadie, no tenían casa, familia. En ese momento, esa joven pareja tuvo a Jesús. En ese contexto, en una cueva preparada como pudieron, esa joven pareja nos regaló a Jesús. Estaban solos, en tierra extraña, ellos tres. De repente, comenzaron a aparecer pastores. Personas igual que ellos que tuvieron que dejar lo propio en función de conseguir mejores oportunidades familiares. Vivían en función también de las inclemencias del tiempo y de «otro tipo» de inclemencias. Cuando se enteraron del nacimiento de Jesús, se acercaron, se hicieron prójimos, se hicieron vecinos. Se volvieron de pronto la familia de María y José. La familia de Jesús. Eso es lo que sucede cuando aparece Jesús en nuestra vida. Eso es lo que despierta la fe. La fe nos hace prójimos, nos hace próximos a la vida de los demás. Nos aproxima a la vida de los demás. La fe despierta nuestro compromiso con los demás, la fe despierta nuestra solidaridad. Una virtud humana y cristiana que ustedes tienen y que muchos, muchos tienen y tenemos que aprenderlo. El nacimiento de Jesús, despierta nuestra vida. Una fe que no se hace solidaridad, es una fe muerta o una fe mentirosa. “Uy, yo soy muy católico, yo soy muy católica, voy a Misa todos los domingos”, pero díganme señor, señora, ¿qué pasa allá en los bañados? “¿Ah? no sé, sí, no, no sé, sí, sé que hay gente ahí pero no sé” Por más Misa de los domingos, si no tienes un corazón solidario, si no sabes lo que pasa en tu pueblo, tu fe es muy débil o es enferma o está muerta. Es una fe sin Cristo, la fe sin solidaridad es una fe sin Cristo, es una fe sin Dios, es una fe sin hermanos. Entonces viene ese dicho que espero recordarlo bien pero que pinta este problema de una fe sin solidaridad. Un pueblo, un Dios sin pueblo, un pueblo sin hermanos, un pueblo sin Jesús, esa es la fe sin solidaridad y Dios se metió en medio del pueblo que él eligió, para acompañarlo y le mandó su Hijo a ese pueblo para salvarlo, para ayudarlo. Dios se hizo solidario con ese pueblo y Jesús no tuvo ningún problema de bajar, humillarse, abajarse, hasta morir por cada uno de nosotros, por esa

solidaridad al hermano, solidaridad que nace del amor que tenía a su padre y del amor que tenía a nosotros. Acuérdense, cuando una fe no es solidaria, o es débil o está enferma o está muerta, ¡no es la fe de Jesús! Como les decía, el primero en ser solidario fue el Señor, que eligió vivir entre nosotros, que eligió vivir en medio nuestro. Y yo vengo como esos pastores que fueron a Belén. Me quiero hacer prójimo. Quiero bendecir la fe de ustedes, quiero bendecir sus manos, quiero bendecir su comunidad. Vine a dar gracias con ustedes, porque la fe se ha hecho esperanza y es una esperanza que estimula el amor. La fe que despierta Jesús es una fe con capacidad de soñar futuro y de luchar por eso en el presente. Precisamente por eso yo los quiero estimular a que sigan siendo misioneros de esta fe, a seguir contagiando esta fe por estas calles, por estos pasillos. Esta fe que nos hace solidarios entre nosotros con nuestro hermano mayor, Jesús y nuestra Madre la Virgen. Haciéndose próximos especialmente de los más jóvenes y de los ancianos. Haciéndose soporte de las jóvenes familias y de todos aquellos que están pasando momentos de dificultad. Quizás el mensaje más fuerte que ustedes pueden dar hacia afuera es esa fe solidaria, el diablo quiere que se peleen entre ustedes porque así divide y los derrota y les roba la fe. Solidaridad de hermanos para defender la fe y además que esa fe solidaria sea mensaje para toda la ciudad. Quiero rezar por su familia y rezar a la Sagrada Familia para que su modelo y su testimonio siga siendo luz en el camino, estímulo en los momentos difíciles y que nos dé la gracia de un regalo que lo pedimos juntos todos. Que la Sagrada Familia nos regale pastores, que nos regale curas, obispos, capaces de acompañar, de sostener y de estimular la vida de sus familias, capaces de hacer crecer esa fe solidaria que nunca es vencida. Los invito a rezar juntos y les pido también que no se olviden de rezar por mí y recemos juntos una oración a nuestro Padre que nos hace hermanos, nos mandó a nuestro Hermano Mayor, su Hijo Jesús, y nos dio una Madre que nos acompañara [Padrenuestro]... Que los bendiga Dios Todopoderoso El Padre, y el Hijo y el Espíritu Santo. Y sigan adelante ¡y no dejen que el diablo los divida!